

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Joana Catarina Gonçalves Grácio

***DETERMINANTES DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS
NOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DE COIMBRA***

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública, sob a orientação científica do Professor Doutor Vítor José Lopes Rodrigues e co-orientação do Professor Doutor António de Jesus Couto.

Coimbra

2009

Agradecimentos

Ao Professor orientador, Professor Doutor Vítor José Lopes Rodrigues, por toda a clareza, objectividade e entusiasmo transmitidos.

Ao Professor co-orientador, Professor Doutor António de Jesus Couto, pela sua disponibilidade, força motivadora e momentos de reflexão proporcionados.

À Professora Doutora Irma da Silva Brito, por todo o apoio e observações tão pertinentes e indispensáveis.

A todos os estudantes que aceitaram participar neste estudo por toda a disponibilidade e entrega demonstradas.

À Diana pela amizade, cumplicidade e partilha em todo este percurso, como em tantos outros da vida.

Ao João Paulo pelo afecto e apoio incondicional e inspirador.

Ao Ernesto e à minha família, pelo amor ilimitado, por acreditarem tanto em mim e pela aceitação das minhas ausências em virtude deste estudo.

À Luísa, ao Sr. Deniz e D. Olga por todo o carinho e força incentivadora.

Aos colegas do Serviço de Endocrinologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, por toda a compreensão e disponibilidade demonstradas que tornaram possível a comparecência nas aulas do Mestrado.

À Ana Galdes, pela preciosa ajuda na fase final da transcrição das entrevistas e revisão final da tese.

Ao Professor Doutor Aníbal Frias pelas elucidações e fornecimento de material tão profícuo para este estudo.

Resumo

O consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens em contexto académico é frequentemente abusivo e, por isso, constitui uma preocupação de Saúde Pública. Existem diversos estudos que incidem sobre os comportamentos de consumo dos estudantes do Ensino Superior, contudo, são escassos os que focam as vivências académicas e o contexto cultural em que estes jovens vivem e estudam. Este estudo procura contribuir para a compreensão da problemática, dado que se caracterizam os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra, relacionando-os com a sua cultura e vivências académicas. Insere-se no paradigma qualitativo e é um estudo exploratório-descritivo. A amostra é constituída por vinte e quatro participantes de três cursos superiores de Coimbra e inclui estudantes que frequentam do primeiro até ao último ano. O instrumento de colheita de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada e estes foram analisados de acordo com a abordagem hermenêutica-dialética, com auxílio do programa de investigação qualitativa QSR NVivo. As categorias analíticas foram organizadas com base no modelo PRECEDE-PROCEED. Os determinantes do comportamento de consumo de bebidas alcoólicas dividem-se em três grupos: factores predisponentes, factores facilitadores e factores de reforço. Nos factores predisponentes distingue-se a experiência prévia, através do contexto das primeiras saídas e dos primeiros consumos; a desinibição e divertimento, o convívio e o ambiente como principais motivos de consumo; a cerveja e o vinho como as principais opções de consumo; os limites de consumo, que diferem conforme a tipologia do consumidor(a); e a percepção do risco, mais associada aos riscos a curto prazo. Como factores facilitadores destacam-se a acessibilidade às bebidas alcoólicas, as barreiras, académicas e monetárias, às saídas e aos consumos e a resistência à pressão dos pares. Nos factores de reforço, as mães têm um papel fundamental no aconselhamento dos filhos e na repreensão perante os abusos, enquanto os pais incentivam ao consumo moderado e com gosto; os pares influenciam ao consumo quando o grupo bebe e quando dentro do grupo se bebe pouco ou nada favorecem a redução do consumo. O ambiente académico, através das vivências académicas, como a saída de casa e o percurso académico, e da cultura académica, através dos jantares, festas académicas e praxe, é também considerado como necessário para o desenvolvimento de actividades e condições que promovem melhor saúde. Entre as contribuições deste estudo inclui-se o facto de este poder facilitar o planeamento de programas de promoção em saúde, direccionados para os estudantes do Ensino Superior, nomeadamente o aperfeiçoamento das actividades do projecto “Antes que te Queimes”.

Palavras-chave

Consumo de bebidas alcoólicas; Ensino Superior; cultura académica; vivências académicas; PRECEDE-PROCEED.

Abstract

The consumption of alcoholic drinks by young people is a matter of public health. There are several studies focusing this kind of behavior in university students. Tough, there are few that focus directly the academic experiences and the cultural context in which these youngsters live and study. This investigation aims to contribute to the comprehension of this problematic. So, it is its first objective to characterize the determinants of the consumption of alcoholic drinks by university students, considering the academic culture and experiences. It follows the qualitative paradigm and it is an exploratory-descriptive study. Twenty-four participants of three superior courses of Coimbra are the sample of investigation and it includes students attending the first to the last year. The data collection instrument used was the semi-structured interview and the information was analyzed according the hermeneutic-dialectic boarding, according to the qualitative investigation program QSR NVivo. The analytic categories were organized by the PRECEDE-PROCEED model. The determinants are divided in three groups: predisposing factors, enabling factors and reinforcing factors. In the predisposing factors, we considered the previous experience: the first nights out with friends and colleagues and the first times the students have drunk; the inhibition and the fun factors, the lifestyle and the environment as the major consumption reasons; beer and wine as the most chosen options; the limits that can be different according the typology of the consumers; and the perception risk, more linked to the short term risks. As enabling factors we have highlighted the accessibility to alcoholic drinks, the academic and monetary barriers and the peer pressing resistance. In the reinforcing factors, investigation has shown that mothers have a central role in counseling children and in reprovig the abuse, while fathers encourage their children to experiment and to some tasty consumption; the colleagues encourage when the group drinks, but the friends' factor proved to be determinant to reduction or non-consumption when in the group there aren't regular consumers. The academic environment, as the academic experiences, staying at a rented home or at the academic path, as well as the university culture: diners, academic parties and praxe, is also considered as a factor to take into consideration when we are searching for the activities and conditions that produce a better health. The aim of this study is that it can contribute to the planning of health promotion programs focused on university students, and particularly to the improvement of the activities of the project "Before you Burn".

Key words

Consumption of alcoholic drinks; Higher Education; academic culture; academic experiences; PRECEDE-PROCEED.

INTRODUÇÃO	9
PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS LIGADOS AO ÁLCOOL	13
1.1 – FACTOS HISTÓRICOS	13
1.2 – TEORIAS DO CONSUMO E ABUSO DE ÁLCOOL	15
1.3 – EPIDEMIOLOGIA DO USO DE ÁLCOOL	17
1.3.1 – PREVALÊNCIA E PADRÃO DE CONSUMO	17
1.3.2 – MORBIMORTALIDADE	22
CAPÍTULO 2 - O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR	26
2.1 – DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL	26
2.2 – TRANSIÇÃO, ADAPTAÇÃO E VIVÊNCIAS ACADÉMICAS	31
2.3 – CULTURA ACADÉMICA: O CASO DE COIMBRA.....	36
CAPÍTULO 3 – O CONSUMO DE ÁLCOOL NOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR	45
3.1 – PREVALÊNCIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL	45
3.2 – FACTORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL	50
PARTE II – CONTRIBUTO PESSOAL	58
CAPÍTULO 4 – MATERIAL E MÉTODOS	59
4.1 – OBJECTIVO DO ESTUDO	59
4.2 – DESENHO DO ESTUDO	60
4.3 – PARTICIPANTES DO ESTUDO	61
4.4 – COLHEITA DOS DADOS	61
4.5 – ANÁLISE DOS DADOS	63
4.6 – PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	66
4.7 – CRITÉRIOS DE RIGOR	66
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS	68
5.1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	68
5.2 – AMBIENTE	70
5.2.1 – VIVÊNCIAS ACADÉMICAS	71
5.2.2 – CULTURA ACADÉMICA	74
5.3 – FACTORES PREDISPOANTES	84
5.3.1 – EXPERIÊNCIA PRÉVIA.....	84
5.3.2 – MOTIVOS DE CONSUMO	87
5.3.3 – OPÇÕES DE CONSUMO	92

5.3.4 – LIMITES.....	95
5.3.5 – PERCEPÇÃO DO RISCO	99
5.4 – FACTORES FACILITADORES.....	100
5.4.1 – ACESSIBILIDADE.....	100
5.4.2 – BARREIRAS ÀS SAÍDAS E AO CONSUMO.....	102
5.4.3 – RESISTÊNCIA À PRESSÃO DOS PARES.....	105
5.5 – FACTORES DE REFORÇO	106
5.5.1 – PARES	106
5.5.2 – FAMÍLIA.....	108
5.6 – INFORMADORES-CHAVE	110
CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO.....	114
6.1 – O CONSUMO DE ÁLCOOL E OS SEUS DETERMINANTES	114
6.2 – AMOSTRA	116
6.3 – AMBIENTE	117
6.4 – FACTORES PREDISPOANTES	126
6.5 – FACTORES FACILITADORES.....	134
6.6 – FACTORES DE REFORÇO	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	150
ANEXOS	164
ANEXO 1 – Guião da entrevista aos (às) participantes do estudo	165
ANEXO 2 – Consentimento Informado	167
ANEXO 3 – Guião da entrevista ao <i>Dux Veteranorum</i> de Coimbra	169
ANEXO 4 – Guião da entrevista ao Presidente da Associação Académica de Coimbra.....	170

Índice de Tabelas

TABELA 1 – Caracterização sócio-demográfica da amostra.	69
TABELA 2 – Frequência de consumo de bebidas alcoólicas.....	70

Índice de Figuras

FIGURA 1 – Esquema explicativo dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes do Ensino Superior de Coimbra.	115
---	-----

AAC – Associação Académica de Coimbra

ECAS – European Comparative Alcohol Study

EMCDDA – European Monitoring Center for Drugs and Drug Addiction

ESPAD – European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs

EUA – Estados Unidos da América

IAS – Institute of Alcohol Studies

IREFREA – Institut de Recherché European sur les Facteurs de Risque chez l'Enfant et l'Adolescent

INE – Instituto Nacional de Estatística

INME – Inquérito Nacional em Meio Escolar

INS – Inquérito Nacional de Saúde

INSA – Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge

MATA – Movimento Anti “Tradição Académica”

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMS – Organização Mundial de Saúde

PRECEDE-PROCEED – Predisposing, Reinforcing, and Enabling Constructs in Educational Diagnosis and Evaluation – Policy, Regulatory, and Organizational Constructs in Educational and Environmental Development

SMTUC – Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra

WDT – World Drink Trends

Calcula-se que o contacto do homem com o álcool remonte aos tempos pré-históricos. Os achados arqueológicos evidenciam o seu consumo, com destaque para o vinho, nas civilizações Suméria, Egípcia, Babilónica, Grega e Romana (Breda, 1994). A consagração desta bebida é sobejamente realizada pela Igreja Católica, cuja influência perdurou por séculos, revelando-se ainda hoje nos rituais sagrados. No entanto, os efeitos patológicos provocados pelo uso de bebidas alcoólicas eram lembrados já em tempos longínquos, quando Platão e Sócrates apelavam à sua moderação. Portugal, a par de alguns países da bacia mediterrânica como a Espanha, a França, a Itália e a Grécia, foi e continua a ser exímio produtor de vinho, promovendo o seu consumo moderado como parte integrante da dieta mediterrânica. A história tem um peso importante na determinação de padrões culturais e sociais e Portugal constitui um exemplo vivo da relevância destes factores na sociedade pois actualmente mantém-se a virtuosidade simbólica do álcool e a associação deste a actos sociais e festivos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que existam cerca de 2 mil milhões de pessoas em todo o mundo que consomem bebidas alcoólicas e 76,3 milhões com problemas ligados ao álcool (WHO, 2002). O consumo de álcool tem diversas consequências sanitárias e sociais, manifestadas pelas doenças crónicas que afectam os indivíduos após largos anos de consumo abusivo e pelos efeitos relacionados com o consumo agudo. As camadas jovens são as mais afectadas, pois o consumo de álcool tem um enorme contributo não só na mortalidade como na morbilidade das populações, o que leva ao aumento dos *anos de vida ajustados por incapacidade*. Portugal, apesar do decréscimo no consumo de bebidas alcoólicas, continua a ocupar posições de relevo a nível mundial e na prevalência de problemas ligados ao álcool. As faixas populacionais que mais preocupações têm gerado por parte das autoridades sanitárias são os jovens e as mulheres, não só porque se tem verificado um aumento do consumo de álcool e alteração dos padrões de consumo nestes grupos, mas também pela sua vulnerabilidade física.

A juventude é uma fase que se situa entre o final da adolescência e a idade adulta. Várias investigações têm vindo a apontar mudanças estruturais significativas, tanto psicológicas como sociológicas, nos anos que antecedem a idade adulta e que coincidem com os anos de frequência do Ensino Superior. Nesta etapa, marcada por novas experiências e expectativas, ocorre simultaneamente um processo de autonomização face à família. Para alguns autores, a adolescência corresponde a uma fase de descoberta do álcool e da

embriaguez, mas é na juventude que se elabora um sistema de justificação e racionalização das práticas de alcoolização (Freyssinet-Dominjon & Wagner, 2006).

O consumo de álcool nos estudantes do Ensino Superior tem sido tema de diversas investigações. Algumas sugerem que a experiência universitária pode proporcionar um contexto único para o consumo e abuso de bebidas alcoólicas (Carpenter et al., 2007; Glindemann & Geller, 2003; Wechsler & Nelson, 2008). Outras, mais escassas, estudam os comportamentos de beber dos estudantes relacionando-os com os ambientes universitários marcados por rituais festivos (Bocéno & Valognes, 2000; Clapp et al., 2006; Glindemann, Wiegand & Geller, 2007) e por usos e costumes e um forte espírito de *corpo* existente entre os estudantes (Chuche, 1990; Masse, 2002). Existem algumas investigações que se debruçam sobre os consumos dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra (Calvário et al., 1997; Barroso, 2003; Leite et al., 1998; Batista, 2004; Rodrigues, 2006). No entanto, nenhuma delas foca particularmente as vivências académicas dos estudantes de Coimbra, plenas de tradições, nem os contextos recreativos destes jovens, que mantêm uma relação estreita com a cultura académica. Não havendo muitos estudos nesta área, nomeadamente no que respeita à realidade coimbrã, considerou-se pertinente a realização desta investigação que vai ao encontro de uma das áreas de intervenção prioritárias do Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool: os jovens (IDT, 2009). Por outro lado, surgiu a inquietação em estudar esta problemática uma vez que a investigadora viveu e conviveu neste meio enquanto estudante, relevando, como tal, o consumo de álcool entre os estudantes. Tendo terminado o seu percurso académico recentemente e como elemento do projecto de educação pelos pares em contexto das festas académicas, “Antes que te Queimes”, sente-se numa posição privilegiada para compreender e dar significado ao tema em estudo.

Desta forma, optou-se pelo estudo exploratório-descritivo, propondo-se caracterizar os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra, relacionando-os com a sua cultura e vivências académicas. Para concretizar este objectivo foi escolhido o paradigma qualitativo ou interpretativo. Neste, o objecto de análise é elaborado com vista à acção e refere-se não só ao comportamento mas, igualmente aos significados atribuídos pelos actores. Na abordagem qualitativa há um interesse particular pelas *perspectivas participantes*, não sendo colocado ênfase na predição do comportamento humano como faz a metodologia quantitativa, mas sim na sua compreensão. Como tal, considerou-se ser através deste paradigma que melhor se compreende o modo como os estudantes dão sentido às suas experiências, ou seja, aos momentos de convívio e ao consumo de bebidas alcoólicas, o que implica perceber o que experimentam, o modo como o experimentam e a forma como estruturam o mundo social em que vivem e interagem. A amostra deste estudo é constituída por vinte e quatro estudantes de três cursos

superiores de Coimbra. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semi-estruturadas e a análise dos mesmos foi realizada através da abordagem hermenêutica-dialética, que faz a síntese dos processos compreensivos e críticos da realidade social.

A dissertação que se apresenta foi estruturada em duas partes: a revisão bibliográfica e o contributo pessoal. Na primeira, é realizada uma sistematização dos aspectos ligados ao álcool; dos aspectos relacionados com o desenvolvimento e vivências do estudante do Ensino Superior, contextualizando o ambiente cultural; e dos factores associados ao consumo de álcool, bem como da sua prevalência nos estudantes deste nível de ensino. Na segunda parte, inicialmente são expostos e explicados os materiais e métodos, a amostra, os procedimentos éticos e os critérios de rigor utilizados. Por último são apresentados e discutidos os resultados, sugerindo-se um esquema explicativo dos resultados encontrados.

Com este estudo pretende-se contribuir para a identificação e caracterização dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes do Ensino Superior, o que poderá ser utilizado na concepção e melhoria de intervenções de promoção da saúde especificamente para esta população.

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS LIGADOS AO ÁLCOOL

O consumo de substâncias por civilizações antigas pelos seus efeitos psicoactivos não é novidade. Porém, muitas vezes estes comportamentos eram associados a valores sócio-religiosos e marcavam rituais festivos e pontuais. A cultura europeia mediterrânica, influenciada pelas sucessivas religiões que atribuíam ao álcool e especialmente ao vinho virtudes divinas, fomentou o desenvolvimento vitivinícola no sul da Europa. Os ritmos de vida e a organização social e laboral vieram afectar os padrões de consumo das diferentes populações, apoiando o desenvolvimento de dois padrões dominantes: o mediterrânico e o anglo-saxónico. A Europa é o continente onde o consumo *per capita* de álcool é mais elevado, sendo que Portugal tem ocupado posições de destaque, nomeadamente no volume total consumido e de consumo de vinho *per capita*. Com a melhoria do poder de compra e a globalização dos costumes, associados a estratégias de marketing agressivas por parte das indústrias, ocorre a expansão das cervejeiras e das empresas de comercialização de bebidas destiladas, conduzindo a uma alteração progressiva nos hábitos de consumo entre os jovens e as mulheres. São indiscutíveis os riscos associados ao consumo de álcool, sendo estes dois últimos os grupos mais vulneráveis. A lista de problemas ligados ao álcool é extensa e as mortes e incapacidades provocadas por este trazem consequências importantes na saúde dos indivíduos e das populações e, conseqüentemente, na economia de um país.

Neste capítulo são desenvolvidos os temas que dizem respeito aos factos históricos, às teorias que explicam o consumo e abuso de álcool e aos dados epidemiológicos, destacando a prevalência e padrão de consumo e a morbimortalidade associada ao consumo de bebidas alcoólicas.

1.1 – FACTOS HISTÓRICOS

A relação entre o homem e o álcool nunca foi pacífica pois tem sido impregnada quer pela ritualidade e pelo sagrado, pela convivialidade e festividade, por aspectos fortificantes e curativos, quer por situações dramáticas, patológicas e mortíferas. Nos tempos pré-históricos o homem poderá ter tido conhecimento do álcool por acaso ao mesmo tempo que experimentou os efeitos da embriaguez, bebendo sumo de um fruto guardado em algum recipiente (idade da pedra talhada) e que terá fermentado. Após a era glacial o clima do planeta alterou-se e tornou-se propício para o cultivo das vinhas, principalmente na bacia

Mediterrânica. A partir de então vai nascendo a viticultura, confirmada por documentos e citações mitológicas da época.

Na antiguidade, todas as civilizações deixaram marcas (relatos, histórias, objectos de arte, entre outros) relativas à importância do álcool e da vinha. Existem diversas referências à vinha e ao vinho no velho testamento, no qual Israel é denominado “a vinha do Senhor”. Já nesta altura o álcool, e nomeadamente o vinho, era um elemento relevante nos rituais religiosos. É na Grécia Antiga que a arte da viticultura se desenvolve principalmente, sendo largamente nomeada na mitologia. No entanto, surgem também vozes de cautela que lembram os riscos do álcool, como Platão que apelava à moderação antes dos 40 anos de idade (Breda, 1994). Também na cultura romana o vinho tem um lugar de particular destaque, não só na gastronomia, mas exprimido ainda na figura mitológica de Baco, Deus do vinho e da folia, equivalente a Dionísio, Deus grego das festas, do vinho, do lazer e do prazer.

Na Bíblia aparecem várias referências ao vinho, que é considerado como um dom de Deus. No primeiro milagre de Jesus, descrito na Bíblia, este transforma a água em vinho. Este acto é significativo para entender como o vinho pode não ser malévolos, mas algo de celestial. A divinização do vinho surge também na Última Ceia quando Jesus se dirige aos apóstolos dizendo “bebei todos dele; porque isto é o meu sangue, o sangue do pacto, derramado por muitos em remissão dos pecados”. Desta forma, cria-se a aliança entre o Homem e Deus através do vinho, sendo ainda hoje usado na eucaristia, no ritual da comunhão. Ainda hoje a concepção do vinho como algo benéfico, incorporado na vida dos cristãos, está latente no discurso dos representantes da Igreja contemporânea. Na visita a Fátima, em 1996, o então cardeal, Ratzinger, no seu discurso, proferiu as seguintes palavras:

“Se o pão é símbolo do que o homem precisa, por seu lado, o vinho é o símbolo da superabundância da qual também temos necessidade. Ele é sinal da alegria, da transfiguração, da criação. Tira-nos da tristeza e do cansaço do dia-a-dia e faz do estar juntos uma festa. Alarga os sentidos e a alma, solta a língua e abre o coração, e transpõe as barreiras que limitam a nossa existência. Deste modo o vinho tornou-se símbolo dos dons do Espírito Santo.” (Ratzinger, 2005).

A utilização ecuménica do vinho por parte da Igreja nos rituais sagrados, numa aliança do homem com Deus, facilitou uma total aceitação e generalização aos rituais profanos. No entanto, nem sempre foi possível fazer a dicotomia entre sagrado e profano (Henriques et al., 2003).

No que concerne a Portugal, na Idade Média, a preservação da vinha esteve a cargo dos mosteiros, sendo que as grandes abadias medievais se encontravam na base do comércio

do vinho. O vinho evidencia-se pelo seu valor espiritual e como símbolo de hospitalidade. Também na época dos Descobrimentos o vinho teve um grande valor comercial. A região vinícola do Douro é a primeira região do mundo a ter sido demarcada, tendo o Marquês de Pombal criado a Real Companhia, medida que se mostrou crucial na ascensão do vinho do Porto a riqueza nacional e emblema de todo um país (Pinto, 2001). A tradição vitivinícola em Portugal exerceu, durante largas centenas de anos, influência no consumo do povo português, chegando a ser enaltecida pelas autoridades políticas na figura de Salazar, que afirmou: “beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses”. Apesar do declínio no seu consumo, ainda hoje tem um lugar de destaque na cultura do país.

No século XIX, o desenvolvimento de cafés, que acompanhou o desenvolvimento industrial, fez mudar os hábitos e os locais de consumo, bem como as motivações para beber. Vários historiadores têm demonstrado como sítios de consumo, as tabernas e, mais tarde, os cafés ajudaram a criar um espaço público onde as várias classes sociais podiam conviver, influenciar e até moldar a opinião do público (Holt, 2006).

Os actos sociais estão marcados pelo álcool e como refere Heath (2000), nas sociedades onde é permitido beber, muitas pessoas vêem o acto de beber como aceitável em muitas ocasiões. O facto de o álcool ser visto como uma parte integrante da cultura é dramaticamente reflectido na asserção popular de que é a bebida que faz frequentemente com que uma ocasião seja especial. Wilson (2005) é ainda mais abrangente ao afirmar que beber é a verdadeira essência de qualquer e, talvez, de todo o nível e tipo de cultura, estando implicado nos comportamentos, valores, ideologias e histórias destas culturas. Na essência, beber é cultural, não é tanto um exemplo de práticas nacionais ou outras práticas culturais, no sentido em que é uma performance de algo que vai mais profundamente na composição nacional ou étnica, sendo um alicerce das suas culturas. Como tal, é uma prática social integral, política e económica, uma manifestação das instituições, acções e valores da cultura.

1.2 – TEORIAS DO CONSUMO E ABUSO DE ÁLCOOL

A iniciação ao consumo de álcool depende da interacção de factores sociais, religiosos e psicológicos, embora também possa haver influências genéticas. Os factores que têm influência na decisão de beber ou os que contribuem para problemas temporários podem ser diferentes daqueles que levam ao risco de problemas severos e recorrentes na dependência do álcool (Kaplan & Sadock's, 2007). Tal como na maioria das substâncias aditivas, não há um factor isolado ou uma combinação de factores que permita predizer se indivíduos serão consumidores abusivos ou dependentes. Todavia, a compreensão dos

factores que influenciam o consumo de álcool é importante para perceber como se desenvolvem os problemas ligados a este, e como poderão ser prevenidos e controlados.

As **teorias psicológicas** são muito variadas, mas podemos identificar pelo menos três grandes correntes. As teorias psicodinâmicas explicam o consumo como resultado de experiências precoces e relacionamentos. As teorias cognitivas e comportamentais explicam-no como sendo um comportamento aprendido. Há ainda teorias que sugerem que algumas personalidades são particularmente vulneráveis, talvez devido à tendência de usar o álcool para lidar com o stress, ansiedade, depressão e outros problemas (Edwards, Marshall & Cook, 2003). A busca de sensações tem mostrado ser o traço da personalidade mais preditivo do uso de drogas e álcool em idades precoces (Zuckerman, 1994). O psiquiatra Allen Gomes (2003) refere ainda que, à semelhança do tabaco e do jogo, o álcool é um estratagema para reduzir a tensão e tornar suportável o insuportável. O problema reside no poder das sociedades de consumo em transformar estes elementos em algo estruturante do desenvolvimento psicossocial individual.

O álcool é um artefacto cultural, sendo que a forma e o significado de consumir bebidas alcoólicas é culturalmente definido. A forma como é usado é explicitamente estipulada, incluindo o tipo de bebida, a quantidade, o momento e o local, o ritual anexo, a idade e sexo do consumidor, o papel desempenhado pelo mesmo e o papel esperado (Isralowitz, 2002). As **teorias socioculturais** são habitualmente baseadas em extrapolações de grupos sociais que têm taxas baixas e elevadas de alcoolismo. Algumas culturas e sociedades promovem a abstinência total, como é o caso das culturas onde o Islamismo é a religião dominante. Outras são permissivas, como é o caso de alguns países mediterrânicos, onde o consumo de álcool é activamente aprovado (Edwards, Marshall & Cook, 2003). Apesar de estes factores serem difíceis de estudar, as atitudes culturais perante o beber, a embriaguez e responsabilidade pessoal pelas consequências são importantes para os problemas ligados ao álcool na sociedade.

As **teorias biológicas** baseiam-se em estudos que confirmam a predisposição familiar do alcoolismo, tendo começado com a documentação de que o risco para os filhos de pais alcoólicos é cerca de quatro vezes superior (Adès & Lejoyeux, 1997; Schuckit, 2006). Relativamente aos estudos em filhos de alcoólicos, algumas investigações desenvolvidas por Schuckit (2006) revelam que cerca de 40% dos filhos de alcoólicos, quando testados em jovens, demonstram efeitos menos intensos ao álcool. Outros estudos demonstram que os filhos de alcoólicos apresentam mais frequentemente efeitos positivos (alívio de stress, da hiperactividade e efeito calmante) após uma ingestão moderada de álcool (Adès & Lejoyeux, 1997). Nos estudos com gémeos (mono e heterozigóticos), apesar da partilha das condições ambientais e de educação, o risco de alcoolismo é pelo menos o dobro nos gémeos

monozigóticos (Schuckit, 2006). Relativamente aos estudos de adopção, estes revelam que existe uma maior frequência de alcoolismo na idade adulta nas crianças adoptadas com pais biológicos alcoólicos, do que naquelas em que só os pais adoptivos eram alcoólicos (Adès & Lejoyeux, 1997). No que diz respeito à relevância de determinados genes no alcoolismo existem alguns genes relacionados com as enzimas de metabolização do álcool, como o caso do primeiro metabolito, acetaldeído, que em concentrações mais elevadas no sangue, leva a reacções ao álcool mais exacerbadas (Schuckit, 2006).

As teorias psicológicas e sociais são, provavelmente, muito relevantes porque sublinham os factores que contribuem para o início do consumo, o desenvolvimento de dificuldades temporárias relacionadas com o álcool e até o alcoolismo (Kaplan & Sadock's, 2007). Os contextos ambientais, podendo incluir factores culturais, têm um peso de 40 a 50% no risco de alcoolismo (Kaplan & Sadock's, 2007; Schuckit, 2006). Os restantes 50% a 60% são explicados pela influência genética. Schuckit (2006) refere que o alcoolismo tem muitas semelhanças com a forma como a genética actua na diabetes no adulto, muitos tipos de cancro, hipertensão arterial e diversos distúrbios psiquiátricos. Desta forma, mesmo quando uma pessoa tem predisposição genética, só com a interacção do meio é que pode haver uma modulação e condicionamento da expressão dos riscos dos genes, bem como das formas de consumo de álcool (Adès & Lejoyeux, 1997).

1.3 – EPIDEMIOLOGIA DO USO DE ÁLCOOL

A informação epidemiológica acerca dos volumes e padrões de consumo de bebidas alcoólicas, a forma como afecta a saúde dos indivíduos e as populações e dos factores que a determinam tem um peso substancial no planeamento de programas de promoção de estilos de vida saudáveis e de prevenção de problemas ligados ao consumo de álcool. Embora nem todas as estimativas relativas a estes aspectos sejam consensuais, constata-se que o consumo de bebidas de álcool em Portugal tem vindo a verificar um ligeiro decréscimo nas últimas décadas.

1.3.1 – PREVALÊNCIA E PADRÃO DE CONSUMO

Para compreender a dimensão do problema de consumo de álcool em Portugal há que ter em consideração os principais resultados dos estudos e indicadores de evolução existentes. Algumas instituições a nível internacional fazem a recolha de dados sobre o comportamento de vários países em relação ao consumo de álcool, entre as quais o World Drink Trends (WDT), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e a

Organização Mundial de Saúde. A OCDE usa, no caso de Portugal, os dados do WDT como fonte total e a OMS usa-os como fonte parcial. No entanto, segundo o Observatório Português de Sistemas de Saúde (2003), face aos resultados de 2003 do WDT, Portugal foi considerado o único país com dados pouco fiáveis de entre os oito maiores consumidores mundiais. De facto, Portugal tem escassas fontes de dados e de informação acerca do consumo de álcool e continua a ser um dos países da União Europeia com menos estudos sobre o consumo de álcool e problemas ligados ao álcool. Por outro lado, a ausência a nível mundial de métodos consensuais para a monitorização do consumo de álcool, como por exemplo a falta de estimativas acerca da produção doméstica, acarreta dificuldades nas análises comparativas entre países e no estudo das tendências dos consumos *per capita* num determinado período.

Os dados fornecidos pelo **World Drink Trends (2005)**, relativos a 2003, colocam Portugal na 8ª posição do consumo mundial, numa estimativa de 9,6 litros de etanol *per capita*. Comparando com os dados de 2000, verifica-se uma descida substancial no consumo, já que nesse ano Portugal ocupava o 3º lugar no *ranking* mundial dos países mais consumidores, com 10,9 litros *per capita*. Em termos de consumo de vinho, esteve no 4º lugar a nível mundial, com 42 litros *per capita*. O consumo de cerveja aparece com um contributo maioritário, 58,7 litros *per capita*, o que se traduz num aumento considerável nas últimas décadas. Ainda assim, Portugal ocupa o 23º lugar no consumo desta bebida. Também nas bebidas destiladas se verifica uma subida relativamente aos anos anteriores, sendo que os 3,3 litros *per capita* colocam Portugal no 32º lugar (IDT, 2009).

Segundo a **Organização Mundial de Saúde**, em 1998 Portugal foi o 7º país mais consumidor de álcool a nível mundial, com um volume de 10,84 litros de álcool puro consumido, tendo passado para o 15º lugar com um consumo de 9,38 litros, atrás de países como Espanha (9,99 litros) e França (9,95 litros), em 2003. Em 1970, Portugal tinha um consumo de 9,87 litros *per capita*, tendo-se verificado um aumento substancial, que chegou a atingir os 14,27 litros *per capita*, nessa década. Desde 1990 que se regista um decréscimo gradual, sendo que em 2003 foi atingido o valor mais baixo desde 1970. Quanto ao consumo por bebida, as estatísticas da OMS não diferem muito das encontradas pelo WDT, colocando Portugal no 4º lugar dos países mais consumidores de vinho, no 21º no consumo de cerveja e no 27º no consumo de bebidas destiladas, no ano de 2003 (WHO, 2008).

Relativamente às fontes de dados nacionais, o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA) e o Instituto Nacional de Estatística (INE) fornecem, através do **Inquérito Nacional de Saúde (INS)** à população portuguesa, entre outros, dados relativos aos determinantes relacionados com estilos de vida, nos quais se insere o consumo de bebidas alcoólicas. De acordo com o IV Inquérito Nacional de Saúde 2005/2006 (INSA/INE, 2009),

no consumo de bebidas alcoólicas (incluídas nos grupos: vinho, cerveja, bagaço/aguardente/brandy, vinho do Porto/martini/licores e whisky/gin/vodka) nos últimos doze meses aumentou de 50,4% em 1998/1999 para 53,9% em 2005/2006, no continente. Este agravamento é mais evidente no sexo feminino, que correspondeu a 5,1% enquanto no sexo masculino houve uma subida de apenas 1,8%. A ingestão de qualquer bebida alcoólica aumenta até ao escalão etário 45-54 anos, grupo em que se verificam os consumos mais elevados. O vinho é a bebida mais consumida pelos portugueses, tendo passado de 44,1%, em 1998/1999, para 47,6%. O consumo de cerveja verificou crescimento idêntico, passando de 30,6% para 34,27%. Nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira os consumos são mais baixos, relativamente ao continente, sendo de 33,74% para o vinho e 26,3% para a cerveja. Quanto à percentagem de consumidores diários (pelo menos uma bebida alcoólica), o último INS revela que 23,9% da população residente adota este comportamento.

Em relação ao consumo na população jovem, de acordo com o INS 2005/2006 (INSA/INE, 2009), o número de jovens, com idades entre os 15 e os 24 anos de idade, que consumiu pelo menos uma bebida alcoólica, nos 12 meses antecedentes à entrevista, foi superior no sexo masculino. Em ambos os grupos a bebida mais consumida foi a cerveja, seguida do vinho, sendo que esta diferença é mais acentuada no homem. Na comparação com os dados do INS 1998/1999, verifica-se que houve um aumento no consumo de todos os tipos de bebidas alcoólicas, no sexo masculino desta faixa etária, em especial da cerveja (passou de 29,6% para 45,1%), vinho (de 17,5% para 26,6%) e do grupo “whisky, gin ou vodka” (de 11,9% para 22,2%). Um movimento idêntico é acompanhado pelo sexo feminino, em particular neste último grupo de bebidas, no qual se verificou a maior subida, cerca de 7%.

No II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa - 2007 (Balsa et al., 2008a), uma comparação entre a “população geral” e os jovens adultos, permite verificar que existe uma aproximação grande entre os dois grupos. O consumo ao longo da vida equivale a 74,3%, na faixa etária dos 15-24 anos, e 79,1%, entre os 15-64 anos, sendo de salientar que a percentagem de mulheres é igual em ambos os grupos (69,5%). A prevalência do consumo de bebidas alcoólicas no último ano corresponde a 70,6 % (15-64 anos) e 70,5% (15-34 anos), sendo no último mês 59,6 % (15-64 anos) e 56,7% (15-34 anos). Em relação à tipologia do consumo, cerca de 60% assume-se como consumidor corrente, enquanto os abstinentes representam cerca de um quinto. Neste grupo a maioria é do sexo feminino, registando-se contudo, uma forte presença de mulheres entre os consumidores recentes. Como razões mais frequentes para o início do consumo, os inquiridos referem a necessidade de ser mais sociável, a influência do grupo de amigos, a necessidade de se sentir alegre e o facto de o álcool ajudar a relaxar. Os motivos mais frequentemente alegados para o não consumo actual relacionam-se com o facto de muitos

dos consumidores beberem de forma esporádica, em ocasiões especiais ou pelo facto de não terem gostado no primeiro consumo (Balsa et al., 2008b).

Quanto ao consumo em meio escolar, de acordo com o **European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA)** de 2003, à excepção do tabaco e da cafeína, o álcool é a substância psicotrópica mais consumida pelos jovens na UE. A percentagem de alunos que com 15 e 16 anos se embriagaram alguma vez nas suas vidas varia entre os 36%, em Portugal, e os 89%, na Dinamarca (EMCDDA, 2003).

Os dados fornecidos pelo **Inquérito Nacional em Meio Escolar (INME)**, divulgado em 2006, relatam que nos alunos do Ensino Secundário, 88% já consumiu álcool pelo menos uma vez na vida, sendo a cerveja a bebida preferida por 79% dos adolescentes, logo seguida das bebidas destiladas com 75%. Nos consumos mais regulares (últimos 30 dias) houve um aumento nas percentagens dos consumidores de cerveja e vinho, nos estudantes do 3º Ciclo e Secundário, e dos consumidores de bebidas destiladas, nos alunos do Secundário, em relação a 2001 (Feijão, 2008).

O projecto **European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs (ESPAD)** de 2009 divulga que 60% dos alunos portugueses, entre os 15-16 anos, consumiu álcool nos últimos 30 dias (62% rapazes, 58% raparigas), 26% refere ter-se embriagado nos últimos 12 meses e 11% refere ter-se embriagado nos últimos 30 dias (Hibell et al., 2009). Comparando com os dados de 2003, é possível constatar que houve aumentos do consumo nos últimos 12 meses (Portugal e a Eslovénia foram os únicos países em que tal se constatou), nos últimos 30 dias (em Portugal e França houve um acréscimo de 12%), no consumo de cerveja (subida de 35% para 54%) e vinho (agravamento de 18%), diminuição da abstinência (de 21% para 16%) e nomeadamente no agravamento do fenómeno *binge drinking*.

Segundo o Eurobarómetro, no que diz respeito a Portugal, 14% dos indivíduos, com mais de 15 anos, afirmou ter consumido de forma *binge* várias vezes por semana, 6% declara tê-lo feito uma vez por semana e em igual percentagem uma vez por mês, sendo que a maioria (55%) alega nunca o ter feito (valor mais elevado na Europa dos 25) (Eurobarometer, 2007). O ESPAD revela alguns valores preocupantes neste contexto: cerca de 56% dos jovens portugueses consumiu cinco ou mais bebidas numa ocasião, nos últimos trinta dias, sendo este o terceiro valor mais elevado dos 35 países. Na separação por género é de salientar que 53% das raparigas teve este tipo de consumo, valor que se aproxima dos rapazes, 58% (Hibell et al., 2009).

Apesar destes agravamentos, Portugal surge com valores de consumo de álcool relativamente baixos, quando comparado com outros países da União Europeia. Face a este facto,

coloca-se a questão: porque será que Portugal apresenta dos valores mais elevados de consumo de álcool *per capita*, sendo por outro lado um dos países com menor prevalência de consumo entre os adolescentes?

Um dos segmentos em forte expansão no mercado actual e que muito tem atraído os mais jovens, são os *alcopops*, *shots* e misturas de bebidas energéticas com destiladas (por exemplo, Red Bull com vodka). Os *alcopops*, pelo seu aspecto visual e sabores doces e apazíveis, têm-se tornado numa fonte de atracção para os consumidores mais jovens, nomeadamente as raparigas. Os *shots* também têm impulsionado o consumo de bebidas alcoólicas, nomeadamente as mais graduadas, nesta faixa etária. São normalmente consumidos com o intuito de atingir a embriaguez de uma forma rápida, omitindo o prazer da degustação da bebida e surgindo muitas vezes em pacotes promocionais apelativos.

De facto, tem-se assistido a uma **mudança no padrão de consumo** em algumas populações e nas camadas mais jovens. Factores sociais e económicos poderão estar na base destas mudanças. Numa análise da nova ordem pós-moderna do consumo de álcool pelos jovens, o Institute of Alcohol Studies defende, à semelhança de alguns teóricos das Ciências Sociais, como Bauman e Featherstone, que as sociedades contemporâneas são sociedades de consumo (IAS, 2000). A identidade, particularmente na juventude, é formada na esfera do consumo. Assim, as sociedades consumidoras dependem do estímulo contínuo das necessidades e interesses, gerando uma procura constante de sensações e excitação, proliferando estilos e identidades consumistas. As sociedades são movidas pela gratificação instantânea, na qual os prazeres do consumo são tanto materiais como simbólicos. Do ponto de vista simbólico, o consumo é uma forma de marcar o estilo de vida, o status e a identidade, o que se torna na preocupação central da publicidade, que divide a população segundo as características do seu estilo de vida, mas também se esforça por vender produtos na base do seu significado potencial. No entanto, a nova ordem pós-industrial do consumo de álcool, na qual o mercado é livre de seduzir os jovens e de encorajar aos excessos do consumo hedonista, é a mesma que reprime e esconde os consumidores excessivos, dos olhos do público.

No que respeita às transformações de carácter social, Davies e Walsh relatam (1983) que as atitudes perante o álcool diferem culturalmente, sendo que no Sul da Europa (nomeadamente em França, Itália, Espanha e Portugal) o consumo de vinho tem sido tradicionalmente uma parte da arte culinária. No entanto, na Europa do Norte, a chamada cultura do beber tem levado ao consumo excessivo de cerveja e bebidas espirituosas, sem comida nem arte. Este facto é corroborado por Jernigan (2001), no relatório da OMS “Álcool e os jovens”, que afirma que as diferenças nas preferências das bebidas estão a convergir nos mais jovens, tendo como exemplo o caso do Sul da Europa, onde os jovens estão a colocar, cada vez

mais, a cerveja como bebida de eleição, no lugar do vinho. Marques-Vidal (2005), num estudo transversal com uma amostra representativa, de 0,5% da população residente em Portugal, verificou que apesar de o vinho ser a bebida mais consumida, obteve um decréscimo entre 1995/1996 e 1998/1999. O inverso ocorreu no consumo de cerveja, whisky e vinho do Porto nos homens e uma ligeira subida no consumo de cerveja nas mulheres. Em ambos os sexos, os participantes com menos de 50 anos revelaram uma tendência para consumir menos vinho e mais cerveja, whisky e vinho do Porto do que os participantes com idades superiores.

A prevalência da intoxicação (que tipicamente resulta do consumo de álcool fora das refeições), é mais baixa entre os adolescentes de países produtores de vinho, do que nos países anglo-saxónicos e nórdicos (Hibell et al., 2004). Contudo, tem-se verificado recentemente que os jovens dos países mediterrânicos começaram a consumir vinho noutros períodos que não só à refeição, bem como a beber até à embriaguez com maior frequência. Na opinião de Grosso (2004, citado por Ahlström & Österberg, 2005), estas observações sugerem que o consumo moderado e controlado nestes países está a ser substituído por um padrão mais irregular, que leva à ebriedade. Além disso, este comportamento tem-se tornado mais frequente em ocasiões festivas. Deste modo, o comportamento de consumo de álcool em jovens de países produtores de vinho começa a fazer lembrar o comportamento dos jovens de países como a Dinamarca, a Finlândia e o Reino Unido.

1.3.2 – MORBIMORTALIDADE

Num relatório apoiado pelo Banco Mundial e a OMS relativo ao Peso Global da Doença, comprova-se que as incapacidades têm um papel importante na determinação do estado geral de saúde da população. Constata-se que o álcool é responsável por 3,7% de todas as mortes e 4,4% do total de Anos de Vida Ajustados por Incapacidade (DALY – *Disability Adjusted Life Years*), no mundo. O álcool continua a causar maior incapacidade nos homens, sendo o peso da doença quatro vezes superior às mulheres. Em relação às mortes, as lesões intencionais foram a categoria mais importante, seguidas das doenças cardiovasculares e cancros. Os Anos Vividos com Incapacidade (YLD – *Years Lived with Disability*) é um índice que corresponde aos anos de vida saudável perdidos como resultado de uma incapacidade, sendo medido pela severidade da mesma. Assim, as repercussões do consumo inadequado de bebidas alcoólicas correspondem a 5.3% dos Anos Vividos com Incapacidade e encontra-se em 4º lugar na lista das principais causas (Lopez et al., 2006).

Diversos estudos, realizados no âmbito do projecto *European Comparative Alcohol Study* (ECAS), permitem afirmar que o aumento do consumo de álcool leva a um aumento na mortalidade por cirrose ou psicose alcoólica na totalidade dos países estudados; a um aumento na mortalidade por acidentes, homicídios e na mortalidade total em metade dos países; a um aumento na mortalidade por suicídio nos países nórdicos; a maiores efeitos na mortalidade nos países da Europa do Norte; e a nenhum aumento ou até diminuição na mortalidade por doença cardíaca. Estes dados apontam para a importância da cultura e dos padrões de consumo de bebidas alcoólicas na saúde das populações, nos diferentes países da Europa (Leifman, Österberg & Ramstedt, 2002).

A associação entre o consumo de álcool e as suas consequências depende de dois aspectos: o volume total de álcool consumido no país, cujo indicador é o consumo *per capita*, e o padrão de consumo; e nos mecanismos mediadores, ou seja os efeitos bioquímicos, intoxicação e dependência. Assim, a média de volume consumido está mais associado às consequências a longo termo, enquanto os efeitos agudos são melhor predizíveis pelo padrão de consumo.

O álcool está ligado às principais causas de morte, a lista é vasta mas destacam-se as doenças cardiovasculares, cirrose hepática, doenças oncológicas, acidentes e suicídios.

A relação entre alcoolismo e **suicídio** foi considerada num estudo que teve em conta o intervalo de anos desde 1931 a 1989, no qual foi concluído que 20% dos suicídios masculinos em Portugal podem ser atribuídos ao uso de álcool. Tendo em conta estes dados, o aumento de 1 litro no consumo *per capita* leva a uma subida na taxa de suicídio masculino de 1,9%. No sexo feminino não existe correlação significativa (Mello, Barrias & Breda, 2001). Num estudo prospectivo durante seis meses em 60 alcoólicos primários activos internados em enfermarias, os autores concluíram que os alcoólicos “dependentes” têm maior gravidade de depressão, de ideação suicida, de desesperança e de ansiedade que os doentes “abusadores”. Verificaram ainda que os alcoólicos “dependentes” ingerem maiores quantidades de álcool (>200 g/dia) e têm mais história familiar de etilismo do que os “abusadores”. Nestes resultados não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre estes grupos de doentes em relação à história prévia de suicídio e às doenças associadas (Vicente et al., 2001).

Os **acidentes de viação** são a principal causa de morte na faixa 10-24 anos (Prazeres & Laranjeira, 2005), constituindo uma fonte elementar de preocupação em termos de saúde pública. Infelizmente sabe-se que parte importante destes acidentes está ligada ao consumo de álcool, que contribui para a carga de morbilidade e mortalidade neste grupo etário, com a consequente perda de anos de vida potenciais e aumento da prevalência de incapacidade. São necessárias intervenções efectivas que retirem o nome de Portugal dos últimos lugares

da lista de vítimas mortais (por milhão de habitantes), na qual ocupa o 22º lugar, na Europa dos 25, embora tenha sido o segundo país com o decréscimo mais relevante, entre 2001 e 2005, com menos 27% de vítimas mortais (DGV, 2007).

Apesar de dois terços dos acidentes e vítimas se registarem durante o dia, é durante a noite ou a aurora que atingem maior gravidade. No que se refere aos grupos etários atingidos, é na faixa dos 20-29 anos que se assinalam mais vítimas, o que corresponde a 124 mortos por milhão de habitantes *versus* 72 mortos, nos restantes grupos etários. Quanto à condução sob o efeito de álcool, houve um aumento no número de infractores em relação a 2002, sendo de salientar a subida no número de infractores com taxa de alcoolemia superior ou igual a 1,2 g/l (de 3,2% para 7,3%). Nas idades entre os 21-29 anos a percentagem de infracção por teste foi de 7,5%, sendo o total de 7,3%. O número de mortes por acidentes de viação atribuíveis ao álcool (vítimas mortais de acidentes de viação autopsiadas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal, que tinham taxa de álcool no sangue igual ou superior a 0,5 g/l) tem vindo a decrescer, tendo sido referenciadas, em 2001, 750 mortes e, em 2008, 285 mortes (Alto Comissariado da Saúde, 2009).

O alcoolismo é importante causa de morbidade, levando o homem aos Hospitais Gerais em 90% dos casos de hepatopatias e cirrose e em 60% das pancreopatias. É igualmente elevada na doença cardiovascular, nos acidentes vasculares cerebrais e nos cancros, em que tem um papel *causal*, *co-causal* ou de *agravamento* da doença (Mello, Barrias & Breda, 2001).

O consumo moderado de álcool tem sido associado ao baixo risco de **doença coronária**, nomeadamente enfartes do miocárdio (Walsh et al., 2002). Uma meta-análise conduzida por Mukamal e Rimm (2001) levou a concluir que o consumo de duas doses diárias de álcool aumenta o nível do colesterol HDL, diminui os níveis de fibrinogénio, aumentando, ainda assim, os níveis de triglicéridos, que pode representar um risco mais elevado de complicações coronárias. Apesar disso, há ainda 27,5% de redução no risco do indivíduo vir a desenvolver doença coronária.

Por considerar os dados da associação entre doença coronária e o consumo elevado de álcool inconsistentes, Foerster et al. (2009) desenvolveu um estudo cujo objectivo foi avaliar o impacto do consumo excessivo de álcool no risco de doença coronária a dez anos, numa população com uma média elevada de consumo de álcool. Concluiu que o efeito protector do consumo de álcool desaparece nos consumidores abusivos já que o efeito benéfico da subida do colesterol HDL é compensado pela subida dos níveis de pressão arterial.

O fígado é dos órgãos mais susceptíveis aos malefícios do álcool já que é o principal local no organismo humano onde ocorre a metabolização desta substância. Devido às suas

dimensões e capacidade de regeneração, os sintomas relacionados com a lesão hepática originada pelo álcool podem não surgir até que esta seja de facto extensa. No sexo masculino a **doença hepática alcoólica** pode aparecer pelo consumo de cerca de 2 litros de cerveja, 1 litro de vinho ou 240 ml de bebidas destiladas, ingeridas diariamente num período de pelo menos 20 anos. No sexo feminino, basta entre um quarto e metade das doses referidas para provocar prejuízos semelhantes (Maher, 1997).

A relação entre o consumo de álcool e cirrose do fígado parece ser maioritariamente dependente do volume de álcool ingerido e independente do padrão de consumo, embora alguns investigadores apontem um potencial efeito de ocasiões de consumo abusivo (WHO, 2004). A mortalidade por doença alcoólica do fígado é geralmente aceite como um bom indicador da gravidade dos problemas crónicos ligados ao álcool. No ano de 2001 esta representou 63% das hospitalizações por doença hepática, em Portugal. Nos homens teve um peso de 69%, enquanto nas mulheres representou apenas 46% (Cortez-Pinto et al., 2004). No projecto ECAS-II, Portugal está entre os países com as taxas de mortalidade (por cem mil pessoas) ajustadas para a idade mais elevadas da Europa, para ambos os sexos: no sexo masculino significa 42,5, sendo na Áustria de 47,1 e a média nos países analisados de 22,3; no sexo feminino a Itália lidera com 15,8 e Portugal surge com 12,1, sendo a média global de 8,9 (Leifman, Österberg & Ramstedt, 2002). Segundo a Direcção Geral de Saúde (2004a) a doença crónica do fígado e cirrose representou 14,1 mortes por 100.000 habitantes, sendo mais assinalada nos homens (22,5) que nas mulheres (6,9). Os dados da OMS apresentam a cirrose do fígado como a 10ª causa de morte em Portugal, representando 2% do total de mortes e 3% dos anos de vida perdidos (WHO, 2006).

Alguns tipos de **cancro** têm sido associados ao consumo de álcool. À semelhança da cirrose do fígado, também nas doenças oncológicas o estado do conhecimento não sugere que o padrão de consumo tenha um papel importante na etiologia do cancro (WHO, 2004). Existe evidência suficiente para o efeito carcinogénico do acetaldeído (o principal metabolito do etanol) em estudos com animais. No que respeita ao ser humano, os estudos epidemiológicos indicam claramente que o consumo de bebidas alcoólicas está causalmente relacionado com os cancros da cavidade oral, da faringe (excluindo a nasofaringe), da laringe e do esófago, não existindo indicação que o efeito seja dependente do tipo de bebida (WHO, 1998). Em relação ao cancro do estômago, colo-rectal e ovários os resultados da maioria dos estudos são inconclusivos, embora algumas meta-análises recentes indiquem aumentos estatisticamente significativos para o risco existente (WHO, 2004).

CAPÍTULO 2 - O ESTUDANTE DO ENSINO SUPERIOR

O número crescente de jovens que frequenta o Ensino Superior tem suscitado o interesse e a reflexão em torno de um estágio que se situa entre a adolescência e a idade adulta – a *juventude*. Nos anos setenta, Keniston (1968, citado por Sprinthall e Collins, 2008) defendia que os estudantes do Ensino Superior não seriam nem adolescentes nem adultos, passando a designar este estágio, compreendido entre os 17/18 anos e os 21/22 anos, de “youth”. Na opinião de Coleman e Husén (1985, citados por Santos, 1996), o termo juventude designa simultaneamente o período pós-adolescência e as dificuldades sentidas pelo jovem ao sair deste estágio, na substituição da escola pelo trabalho ou por outra instituição de ensino e a casa onde viveu até aí, por outra, que muitas vezes em nada se assemelha ao seu lar.

A transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior confronta os jovens com uma série de novos e complexos desafios, que decorrem das exigências do novo contexto educativo e das implicações que esta transição poderá provocar nos vários domínios da sua existência. Este nível de ensino desempenha um papel importante na aprendizagem e no desenvolvimento saudável e equilibrado dos jovens que o frequentam. É um período de “grande turbulência”, uma vez que leva à realização de múltiplos ajustamentos e mudanças e é talvez um dos períodos mais significativos na vida dos jovens (Rebelo, 2002).

Neste capítulo é feita a abordagem do jovem estudante no seu desenvolvimento psicossocial, dando-se igualmente relevância ao processo de transição, adaptação e vivências académicas. Uma vez que o processo de ajustamento sofre influência da cultura institucional considerou-se relevante abordar a cultura académica de Coimbra, focando assim o contexto em que ocorrem as vivências destes estudantes.

2.1 – DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

Nas últimas décadas tem-se assistido ao emergir de novas teorias do desenvolvimento, que ao estudar o jovem no contexto do Ensino Superior, tentam explicar o impacto deste na formação da personalidade e promoção do desenvolvimento dos jovens.

As **teorias psicossociais** sustentam que o desenvolvimento do indivíduo se processa através de uma sequência de estágios que definem o ciclo de vida, realçando o processo de interação do indivíduo com a família, com as instituições sociais e com a cultura (Ferreira & Hood, 1990). Estes teóricos mencionam que em vários momentos ao longo da vida, vão surgindo diferentes preocupações, que se tornam desafios maiores que o indivíduo deve

resolver para prosseguir (Hamrick, Evans & Schuh, 2002). Os investigadores psicossociais, de uma forma geral, apoiam-se no modelo de Erik Erikson, cuja perspectiva do desenvolvimento da personalidade concede um lugar especial ao meio exterior e contexto social (Ferreira, 2003).

A **teoria de psicossocial de Erikson** é composta por oito estádios desenvolvimentais, numa sequência pré-determinada, com início no nascimento e *terminus* na morte. Esta sequência é influenciada por factores socioculturais que preparam o indivíduo para as modificações futuras, para o meio físico e social em que irá viver, tendendo a criar nele uma coerência estrutural em relação aos indivíduos pertencentes à mesma sociedade (Pereira citado por Ferreira, 2003).

É no decorrer dos anos em que o jovem frequenta o Ensino Superior que surgem estas disputas com o meio social e que incluem a saída de casa, tornar-se autónomo, decidir quem se é e o que se quer da vida (Ferreira & Hood, 1990). No desenvolvimento psicossocial do estudante do Ensino Superior têm particular interesse o quinto e sexto estádios, designados respectivamente por adolescência e jovem adulto.

No quinto estádio, “identidade *versus* confusão de identidade”, a relação com os outros, nomeadamente pais e pares, tem um papel essencial, uma vez que a definição das fronteiras do “eu” passa pelo progressivo processo de autonomia face aos pais e posteriormente aos amigos. O desenvolvimento da identidade, com os seus conflitos pessoais e sociais inerentes, como a escolha de uma profissão, de um estilo de vida, de um papel sexual, de um parceiro e outros compromissos que deseje ou sejam impostos, ocupa um lugar central não só na teoria de Erikson, como também nas restantes teorias psicossociais (Erikson, 1972).

No sexto estádio, “intimidade *versus* isolamento”, o indivíduo identifica-se consigo próprio, passando a ser autónomo e adquirindo a capacidade de se comprometer numa relação de intimidade. Esta capacidade para estabelecer relações íntimas e duradouras e compromissos nas relações de amor corresponde a uma das tarefas do jovem adulto (*ibidem*).

Sanford foi o primeiro autor psicossocial a debruçar-se sobre o desenvolvimento dos estudantes do Ensino Superior, sendo que, à época, era o único que tentava relacionar o desenvolvimento da identidade com as questões curriculares. No **modelo de Sanford**, o desenvolvimento é um processo de crescimento positivo, no qual o indivíduo se torna apto para lidar com experiências sucessivamente mais complexas (Hamrick, Evans & Schuh, 2002).

O autor defende que, no período de frequência do Ensino Superior, ocorrem três alterações importantes: a libertação dos impulsos, o esclarecimento da consciência e a diferenciação e integração do Ego. Na *libertação dos impulsos* a vida pulsional do estudante do primeiro ano é inibida e limitada pela própria estrutura da personalidade, pela ignorância relacionada com os modos de expressão dos sentimentos e pela constância de modos de expressão infantis. No entanto, à medida que os estudantes se desenvolvem durante os anos do Ensino Superior vão passando para uma fase de experimentação de emoções, que possibilita que a personalidade se vá tornando cada vez mais complexa e íntegra, em suma, com um maior controlo emocional. Outra alteração que ocorre é o *esclarecimento da consciência*. O estudante traz consigo um conjunto de valores que foram transmitidos pela família e comunidade na qual estava inserido. O confronto com um novo meio, onde emerge um novo conjunto de valores, leva a questionamentos pessoais, que podem conduzir a uma alteração da forma como o estudante opta por esses valores e como estes se repercutem na sua personalidade. Na *diferenciação e integração do Ego*, à medida que os impulsos vão encontrando formas de expressão mais confortáveis e socialmente aceites, o Ego deixa de ter a necessidade de manter defesas, podendo direccionar as suas energias para outros assuntos. Os estudantes vão-se desenvolvendo e a sua auto-estima vai estabilizando, tornando-se mais seguros, mais tolerantes à ambiguidade e mais preparados para enfrentarem situações mais desafiantes (Ferreira, 2003; Ferreira & Hood, 1990).

Chickering desenvolveu a **teoria dos sete vectores**, cuja tarefa principal é o desenvolvimento da identidade e para a qual contribui a riqueza dos contextos vivenciais. Apesar das críticas por inicialmente a pesquisa se ter realizado com estudantes brancos de classe média, num país multicultural como os Estados Unidos da América (EUA), no quadro das várias teorias do desenvolvimento psicossocial do estudante, é considerada bastante explicativa desta fase do ciclo de vida. Torna-se mais abrangente e holística quando interliga os vectores com os contextos académicos, possibilitando a compreensão do desenvolvimento do estudante enquanto tal e perspectivando-o no futuro (Ferreira, Medeiros & Pinheiro, 1997).

Chickering e Reisser consideram que o desenvolvimento se faz através de uma sequência gradativa de sete vectores. A resolução das tarefas próprias de um vector prepara o indivíduo para as tarefas de desenvolvimento seguinte. Estes vectores não surgem unicamente na fase do jovem adulto. No entanto, atingem a sua expressão máxima nos anos de frequência do Ensino Superior, dependendo o seu sucesso da integração de factores psicológicos, biológicos e sociais (Ferreira, Medeiros & Pinheiro, 1997).

Em relação aos factores que influenciam o desenvolvimento do estudante, estes incluem: a clareza da consistência dos objectivos institucionais, o tamanho da instituição, as relações

estudante-instituição, os currículos, as práticas pedagógicas, as comunidades de estudantes, o desenvolvimento de programas e serviços, a integração do trabalho e da aprendizagem (trabalhadores-estudantes), o reconhecimento e respeito pelas diferenças individuais e o reconhecimento da natureza cíclica da aprendizagem e desenvolvimento (Evans et al., citado por Ferreira, 2003).

Os vectores ao longo dos quais ocorre o desenvolvimento do jovem adulto são os seguintes: *tornar-se competente* (inclui competências intelectuais, destrezas físicas e manuais e competências interpessoais); *gerir as emoções* (implica o equilíbrio entre as emoções, de modo a que sejam congruentes com o que o indivíduo é e com aquilo em que se está a tornar); *desenvolver a autonomia em direcção à interdependência* (significa segurança, estabilidade e coordenação dos comportamentos com os ideais pessoais e sociais); *desenvolver relações interpessoais* (tem na base dois aspectos fundamentais: a tolerância e o respeito pelas diferenças individuais e a capacidade para a intimidade); *desenvolver a identidade* (principal tarefa do jovem adulto e refere-se ao *self* ou àquilo que a pessoa sente ser); *desenvolver um sentido de vida* (as questões que se colocam são “o que é que vou ser” ou “para onde vou”, o que implica formular planos de acção e estabelecer prioridades; e *desenvolver a integridade* (implica aumentar a capacidade de considerar a relatividade dos valores para integrar um conjunto de valores pessoais) (Chickering & Reisser, 1993).

A teoria de Chickering adverte para as questões que os estudantes enfrentam no Ensino Superior, fazendo sugestões para a estruturação deste ambiente de forma a facilitar o desenvolvimento dos estudantes (Hamrick, Evans & Schuh, 2002).

Os **modelos de impacto** ou modelos ambientais procuram explicar os factores do meio que interferem na maneira como os estudantes pensam e agem. Identificam um conjunto de variáveis influentes que estão relacionadas com o estudante (sexo, estatuto sócio-económico, grupo étnico), com a instituição (tamanho, selectividade) e com as características do ambiente institucional (clima social, cultural, académico e político). Os estudantes são considerados participantes activos no seu próprio desenvolvimento e o meio é visto como uma força dinâmica, que, para além de proporcionar oportunidade para a mudança, solicita também uma resposta do estudante (Ferreira, 2003).

O **modelo de envolvimento de Astin** é uma teoria desenvolvimentista diferente da maioria das teorias, na medida em que não sugere que o desenvolvimento ocorra em etapas hierarquicamente estabelecidas. A teoria centra-se principalmente na forma como os estudantes despendem o seu tempo e como diferentes processos institucionais e oportunidades facilitam o seu desenvolvimento (Harper & Quaye, 2008).

Foi um dos primeiros investigadores a propor um modelo de impacto designado por modelo I-E-O, que significa *input-environment-output*. *Input* refere-se às características do estudante no momento em que entra para o Ensino Superior; *environment* refere-se às políticas, programas e experiência educacional a que o estudante está exposto; e *output* às características que o estudante apresenta depois de estar exposto ao ambiente institucional. Neste sentido a mudança é determinada pela comparação entre as características que o estudante possui quando termina o Ensino Superior com as que possuía aquando da sua entrada. (Pinheiro, 2003).

Na perspectiva de Astin, um estudante altamente envolvido será aquele que despende muita energia a estudar, passa muito tempo no *campus*, participa activamente nas organizações estudantis e interage com colegas e membros da instituição. Uma das implicações desta teoria diz respeito à necessidade de construção de ambientes de aprendizagem mais eficazes, capazes de fomentar o envolvimento dos estudantes, otimizando o impacto do ambiente institucional no desenvolvimento individual. Um dos seus achados foi a importância do grupo de pares, que se revela como a principal fonte de influência no desenvolvimento dos estudantes, isto é, os valores, crenças e aspirações do estudante tendem a mudar em direcção aos valores, crenças e aspirações do grupo de pares. Considerou então a interacção estudante-estudante como promotora do desenvolvimento pessoal e intelectual, uma vez que estes, entre si, partilham e reforçam valores e comportamentos relacionados com o papel do estudante, desde o saber estudar, aprender e prosseguir uma carreira (Astin, 1993).

O **modelo de integração de Tinto** procura explicar o processo de abandono dos estudantes e compreender o papel desempenhado pela interacção entre variáveis individuais. Os conceitos centrais do seu modelo são os de *integração académica* e *integração social*, que podem ser definidos como o desenvolvimento de uma forte afiliação com o meio académico e social, respectivamente, quer dentro quer fora de aula. Estes conceitos estão positivamente ligados com a persistência no Ensino Superior, isto é, níveis elevados de integração em grupos sociais e académicos levam a níveis mais elevados de compromissos institucionais, o que por sua vez compele o estudante a continuar os seus estudos (Harper & Quaye, 2008).

Tinto considera que os estudantes entram para o ensino Superior com um conjunto de características (pessoais, familiares e académicas) que constituem o seu *background*, com objectivos pessoais e com expectativas em relação à sua frequência no Ensino Superior. Estas características prévias interferem e influenciam as metas educacionais auto-estabelecidas, que vão orientar o grau de desempenho e envolvimento intelectual que, por sua vez, orientam a integração académica (Pinheiro, 2003).

O **modelo institucional de Pascarella** parte das características estruturais da instituição e do envolvimento em geral, tendo como objectivo criar espaços que sejam atractivos e que conduzam os estudantes a níveis elevados de interesse e satisfação.

Pascarella sugere que o crescimento dos estudantes depende dos efeitos (directos e indirectos) de cinco conjuntos de variáveis. A primeira refere-se ao *background* dos estudantes, ou seja, às características anteriores à entrada no Ensino Superior (sócio-económicas, sociais e culturais); a segunda refere-se aos *aspectos estruturais e organizacionais* da instituição; a terceira ao *ambiente* do Ensino Superior; a quarta está relacionada com a qualidade e quantidade da *interacção* com os agentes da socialização, especialmente os colegas e os professores; a quinta variável é composta pela qualidade do *esforço* que é influenciado tanto pelo ambiente institucional como pelas interacções que estabelece (Ferreira, 2003; Pinheiro, 2003).

Neste modelo, o mais importante é o modo como os estudantes exploram os programas, pessoas, oportunidades e experiências que o Ensino Superior põe à sua disposição e não tanto o que este faz pelos estudantes. O papel do Ensino Superior não é tanto mudar as pessoas mas ancorar o seu desenvolvimento e prevenir possíveis regressões. Pascarella e Terenzini (1991) sugerem que as instituições devem prestar especial atenção ao primeiro semestre de frequência neste nível de ensino, já que este período corresponde a um momento de transição, que parece ter efeitos profundos nos níveis subsequentes de envolvimento e realização pessoal.

2.2 – TRANSIÇÃO, ADAPTAÇÃO E VIVÊNCIAS ACADÉMICAS

O ingresso no Ensino Superior implica para os jovens uma série de mudanças que se prendem em grande parte com todo o contexto educativo. Para muitos, significa também a saída de casa, a separação do núcleo familiar e do grupo de amigos, a deslocação para novos ambientes, o confronto com uma nova cidade e um meio desconhecido. Schlossberg (1999, citado por Silverman, Aliabadi & Stiles, 2008) alega que a transição não corresponde à mudança em si, mas à percepção individual da mudança. À medida que um estudante atravessa esta fase, o desafio é encontrar uma forma de equilibrar as novas actividades com outros aspectos da vida.

A maior parte dos estudantes vê no Ensino Superior uma nova etapa de vida associada a um maior sentido de exigência e responsabilidade, o que, na perspectiva de Rebelo (2002), demonstra o desejo e o esforço de se verem incluídos num grupo social mais respeitado. Uma das etapas mais difíceis para estes jovens corresponde ao primeiro ano, em que muitos destes confrontos são vivenciados pela primeira vez nas suas vidas. Como tal, há

questões que se salientam pela sua importância como sejam o estabelecimento de um sentido de identidade, o desenvolvimento de relações interpessoais mais maduras com os pares, os professores e a família, a exploração de papéis sociais e sexuais, a resolução de questões de intimidade e a construção de planos de vida (Almeida, Ferreira & Soares, 2000).

As investigações desenvolvidas por Santrock indicam que na transição para o Ensino Superior ocorre o *fenómeno top dog*, que consiste na mudança de uma posição de topo de um determinado nível (em que se frequenta o ano superior, em que se é o mais velho e se tem maior estatuto, como quando se frequenta o décimo segundo ano) para a posição de base do nível seguinte (a mais inferior, em que se é o mais novo ou um dos que se tem menos estatuto, primeiranista ou “caloiro”). Esta transição é difícil para os estudantes, havendo um investimento menos acentuado e menor satisfação nas relações com os colegas e professores (Pinheiro, 2003).

À frequência do nível mais baixo associa-se o “mito do primeiranista”, que está ligado a expectativas irrealistas e a um elevado optimismo em relação aos aspectos da vida académica, o que subsequentemente pode desencadear um processo de desilusão (Pinheiro, 2003). Muitos estudantes fazem projecções fantasiosas e por vezes arriscadas, como por exemplo “não vale a pena estudar”, “isto não é para fazer, é para se ir fazendo”. Expectativas irrealistas, como as referidas, podem levar ao abandono precoce da vida académica, como revelam alguns estudos (Rebelo & Lopes, 2001). Na opinião de Rebelo (2002), as vivências académicas podem servir como forma de desculpa socialmente aceite para se ser irresponsável, antes de se tornar adulto. Esta contradição relativamente aos objectivos de aprendizagem dá suporte aos relatos de que o primeiro ano funciona como um período de adaptação, sem obrigações académicas, e que não tão raras vezes servem de justificação para o insucesso escolar.

Este insucesso é uma preocupação actual de diversas instituições do Ensino Superior, que pode ser explicado por atitudes e comportamentos adversos, desajustados ou inapropriados às tarefas e exigências dos novos contextos de aprendizagem. Estes factores influenciam o processo de ajustamento e o percurso escolar dos jovens, interpondo-se na qualidade dos desempenhos e sucessos futuros (Rebelo, 2002).

Para que a adaptação ao Ensino Superior possa ocorrer da forma mais positiva e construtiva para os jovens é importante que sejam estabelecidas redes de suporte social. O envolvimento social e académico é fundamental para o sucesso, já que parece haver uma associação entre o sentimento de pertença e as interacções positivas e significativas com o meio circundante (Rebelo & Lopes, 2001).

Uma dessas fontes de suporte é o **grupo de pares**, constituído por amigos e colegas de curso, e que tem impacto no processo de transição, adaptação e sucesso académico, pessoal e social do estudante. Segundo Chickering e Reisser (1993), o Ensino Superior corresponde a um tempo em que os novos estudantes procuram grupos para desenvolver relações maduras com os seus pares, muitas vezes pautados por ideais e valores comuns. Também Astin (1993) sustenta que o grupo de pares é a fonte mais potente de influência no desenvolvimento durante os anos de frequência do Ensino Superior, acrescentando que os valores dos estudantes, ideais e aspirações tendem a mudar na direcção dominante do grupo.

Os pares desempenham um papel substancial na autonomização face à família, no alcance dos objectivos escolares, no desenvolvimento e treino das aptidões sociais, no divertimento e actividades culturais, no reforço e orientação de valores e inclusivamente na decisão da carreira (Pinheiro, 2003). As interacções com outros estudantes, que inicialmente são unicamente recreativas, podem promover a adaptação ajudando-os a familiarizar-se com uma cultura de escola, ao mesmo tempo que se identificam com o seu papel de estudante (Ferreira, 2003).

Outra fonte de apoio para os jovens estudantes é a **família**. A transição para o Ensino Superior proporciona uma série de alterações no relacionamento entre pais e filhos, em que ambos se vêem obrigados a reformular a natureza e as regras do seu relacionamento. Os estudantes anseiam pela sua independência, com a procura de novos contextos e novas experiências, enquanto os pais ao mesmo tempo que almejam o sucesso dos filhos, temem pelo corte afectivo provocado pela separação.

Assim, para aqueles cuja entrada neste nível de ensino significa a saída de casa, surge uma situação de conflito: por um lado emerge o desejo de autonomia e a quebra dos laços de dependência, por outro a ameaça da separação das figuras de protecção parental. Na opinião de Rebelo (2002), o facto dos estudantes deslocados vivenciarem os processos de separação e autonomia em simultâneo faz com que haja uma tolerância progressiva do distanciamento, ao mesmo tempo que o sentimento de proximidade emocional e a qualidade do tempo vivido em família aumenta. Fleming (1992) aponta ainda a questão económica, quando menciona que se a separação física facilita a autonomização, já a dependência económica reforça a ligação ao meio familiar.

Para os estudantes não deslocados a construção da autonomia é feita na presença do subsistema parental, o que pode suscitar a ocorrência de alguns incidentes relacionais que resultam da dificuldade de ajustamento às regras. A construção de um novo grupo de pares e as “exigências” sociais do contexto académico, com propostas de saídas nocturnas ou convites para integrar grupos académicos, conduz a um dilema de “proximidades” entre o

grupo de pares e a família. Por um lado, têm consciência que a recusa constante dos convites sociais dos amigos os afasta de um espaço importante para a solidificação das relações; por outro, sabem que o envolvimento continuado em eventos extra-curriculares os afasta do espaço familiar, que demanda a sua presença. O risco e concomitantemente, o desafio é conseguir conciliar e construir um equilíbrio entre estes dois intervenientes (Rebello, 2002).

De acordo com Fleming e Aguiar (1992), estes sentimentos de proximidade, associados à aquisição de autonomia, caracterizam o desenvolvimento psicossocial do jovem saudável. O encorajar da autonomia, por parte dos pais, facilita e estimula a exploração, a experimentação e a exposição à frustração e ao insucesso. Possibilita também sentimentos de gratificação e de satisfação pela realização de tarefas sem a ajuda parental, o que reforça a auto-estima. No entanto, este processo não implica ruptura, mas sim uma transferência que reacende a comunicação entre os dois participantes, importante para a manutenção das relações e o que pressupõe a existência de um vínculo seguro. Desta forma, a autonomia nesta etapa da vida deve ser encorajada por atitudes parentais que combinem uma definição clara dos limites e uma relação calorosa de aceitação (Fleming, 1992).

O **compromisso institucional** é outro factor importante na adaptação dos jovens ao Ensino Superior. Na perspectiva de Pinheiro (2003), assumir que se faz parte integrante de uma instituição, bem como estabelecer um compromisso sólido de concluir o curso são os elementos que assinalam a ligação à instituição e a permanência no mesmo curso.

Astin (1993) considera que o ambiente institucional fornece ao estudante um conjunto vasto de oportunidades para interagir com outras ideias e pessoas, que o estudante deve explorar. Na sua opinião, o grau de satisfação com a instituição depende mais do ambiente da instituição do que das características pessoais. Um estudo desenvolvido por Soares et al. (2006) parece contrariar esta concepção, uma vez que os resultados obtidos indicam que a intensidade do envolvimento académico na vida universitária pode não significar mais ganhos na aprendizagem ou a nível pessoal. O autor sugere também a consideração do tipo de envolvimento: um forte envolvimento curricular pode levar a ganhos mais consistentes na aprendizagem, enquanto um envolvimento forte com os pares, ainda que tenha vantagens na socialização e no desenvolvimento de competências sociais, pode roubar tempo e energia para a consecução das actividades curriculares.

Schuh e Kuh (1991) mencionam a cultura organizacional como sendo um conjunto de crenças socialmente definidas e partilhadas entre os vários elementos intervenientes do sistema, que ajuda os novos elementos a compreenderem o significado de determinados eventos e a desenvolver um sentimento de pertença. A integração no novo meio pode ser dificultada quando estes não absorvem e/ou não aceitam essa cultura. Fullan (2001, citado

por Kuh, 2006) também atribui uma especial relevância ao aspecto da cultura institucional quando conclui, dos seus estudos sobre performance escolar, que a cultura é o único elemento mais importante que deve ser alterado e gerido de forma a mudar o que uma instituição ou organização vale e como actua. A lição imediata que se pode retirar é que os esforços para melhorar o ajustamento dos estudantes estão destinados a falhar a não ser que se adaptem à cultura ou que a cultura possa ser modificada para suportar a inovação.

A qualidade do ambiente de aprendizagem também influencia o investimento dos estudantes no curso e a forma como se sentem nele, bem como na vida universitária. A qualidade dos relacionamentos com os professores e os colegas, na sala de aula, e ainda a qualidade da organização e funcionamento do curso tem um papel central no entendimento da qualidade da experiência universitária (Soares et al., 2006). Santos (2000), num estudo realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Superior, concluiu que a adaptação institucional, dentro do envolvimento na vida académica, foi maior em alunos cuja frequência de espaços ou serviços do *campus* foi maior, ainda que associada a mais dificuldades na gestão dos recursos económicos. Em relação às condições físicas da instituição, Rebelo (2002) concluiu no seu estudo que estas influenciam a satisfação dos estudantes, na medida em que a existência de espaços de convívio, lazer e estudo facilitam o relacionamento interpessoal e a coesão da comunidade estudantil. Verificou ainda que para além da interferência com a satisfação pessoal, o espaço físico permite criar um clima social favorável ao bem-estar.

Relativamente ao ajustamento dos estudantes, Kuh (2006) nomeia dois componentes, em que o primeiro corresponde à quantidade de tempo e esforço dedicados aos estudos e outras actividades que conduzem ao sucesso do estudante. O segundo componente prende-se com a questão institucional, na medida em que as instituições designam e organizam os seus recursos, oportunidades de aprendizagem e serviços para induzir os estudantes a participar e a beneficiar de tais actividades. O mesmo autor cita Pascarella e Terenzini (2005), que numa síntese dos resultados de milhares de estudos, relacionados com o desenvolvimento dos estudantes, concluíram inequivocamente que o esforço individual ou o ajuste são os determinantes críticos do impacto da universidade nos estudantes, pelo que é importante focar a forma como as instituições podem moldar as suas ofertas académicas, interpessoais e extra-curriculares, para encorajar o ajuste dos estudantes.

2.3 – CULTURA ACADÉMICA: O CASO DE COIMBRA

A Universidade, ou Estudo Geral, tal como foi inicialmente denominada, foi fundada em 1290 pelo Rei D. Dinis, com a aprovação do Papa Nicolau IV. Na versão mais corrente, o Estudo Geral foi instalado no bairro de Alfama em Lisboa e em 1537 é fixada definitivamente em Coimbra, por D. João III (Lamy, 1990).

Coimbra tem sido marcada ao longo dos séculos pela presença de uma grande instituição de formação superior. E ainda hoje, apesar da pulverização geográfica de estabelecimentos de Ensino Superior por todo o país e da democratização do mesmo, a dimensão universitária continua a marcar a vida e o funcionamento da cidade. Tal como afirma Alberto de Pratt, Coimbra não seria o que é se não fosse o grande edifício da Universidade (1899, citado por Prata, 2002).

No entanto, esta instituição não se resume à sua função académica. É também um local de aprendizagens para o saber-fazer, o saber-estar e o saber-ser. Com todas as vivências sociais que proporciona, constitui um tempo de desenvolvimento pessoal, de preparação para a vida. Tal como afirma Prata (2002, p. 142), Coimbra, distante dos pais e das famílias, será para os jovens estudantes “um tempo e um espaço de emancipação”. Esta vertente da Universidade é reforçada pela sua própria história. Estanque (2008) menciona que ao longo dos séculos, têm sido promovidos em torno desta, costumes e hábitos de vida estreitamente relacionados com os estudantes, tendo esta população de jovens letrados permitido o debate e a participação colectiva na vida política e académica. Esta tradição apadrinou a arquitectura de uma identidade estudantil, auxiliada pelos diversos rituais académicos sempre assinalados pelo clima de festa e irreverência própria dos estudantes.

E é a **tradição**, com todos os aspectos sociais que lhe estão associados, reflectindo-se na vida das pessoas e da cidade, que actualmente continua a ser uma das embaixadoras de Coimbra no país e no mundo. Odiada por muitos, principalmente por aqueles que nela vêem actos de violência personificados na *praxe* académica, e venerada por aqueles que querem perpetuar uma ligação com o passado, estando ou não em declínio, continua a marcar a vida daqueles que em Coimbra passam alguns anos da sua vida a estudar.

Peixoto (2006) afirma que algumas tradições perduram por várias décadas como organizadores da vida quotidiana e tendem a ser tão mais tradicionais quão ténue é a sua exibição, de tão banal que se torna. Este autor destaca que a tradição é o fenómeno pelo qual práticas e valores culturais consistentes sustentam o compromisso de manter o sentido e a relevância de um modo de vida ou de uma comunidade. Neste sentido, as tradições universitárias, através das suas variadíssimas formas de exibição, agregam modos compartilhados e mais ou menos padronizados de pensar e de agir, e particularmente os

espaços onde esses hábitos e costumes acontecem. Numa universidade com séculos de existência, a tradição torna-se numa espécie de memória colectiva, que permite manter uma relação permanente com o passado.

Para Balandier (1980, citado por Lopes, 1982), o tradicionalismo como fundamento assegura valores da organização social e cultural, transmitidos pelas gerações anteriores. A imortalidade do sistema hierárquico, no fundo a ideologia, revela uma extensa e forte coesão já que quando ocorrem modificações no seu seio não se produzem quebras na estrutura interna.

Estanque (2008) refere ainda que a tradição e o conjunto de rituais académicos espelham o modo como a universidade interage com as transformações socioculturais. Nesta perspectiva, as tradições académicas (incluindo a *praxe*) resultam dessa relação, por um lado devido à hierarquização dentro da própria Universidade e da necessidade que esta tem de as manter; por outro, pelo crescimento de culturas comunitárias que nascem do contacto entre a população estudantil e a população local.

Frias (2003) corrobora que a Academia seja influenciada por “contributos” externos, sejam universitários ou populares. Esta especificidade torna a *praxe* filha da Universidade e desta relação extrai a coerência da sua estrutura, bem como parte substancial dos seus elementos materiais e das suas condutas rituais e festivas. Na análise deste antropólogo alguns usos desajustados da “tradição” podem fazer dela única e eterna, o que a análise sócio-histórica pode desmistificar.

A palavra *praxe* surge em alguns textos por volta de 1860. No entanto, muitas mudanças ocorreram desde os finais do século XIX até aos dias de hoje, no que respeita à Universidade e suas cerimónias e, conseqüentemente, à *praxe*. Segundo o Código da Praxe Académica da Universidade de Coimbra (p. 2; 2007), esta consiste no “conjunto de usos e costumes tradicionalmente existentes entre os estudantes da Universidade de Coimbra e os que forem decretados pelo Conselho de Veteranos da Universidade de Coimbra”.

Numa entrevista a Figueiredo (2006) como contributo para a sua investigação, Artur Ribeiro (Director do Museu Académico, em Coimbra) descreve a *praxe* como um conjunto de costumes que, por se repetirem e passarem entre os estudantes de geração em geração, se transformam em tradição, traduzindo-se num *modus faciendi*. A *praxe* é assim um conjunto de leis, direitos e deveres de pessoas dentro de uma sociedade, neste caso a Sociedade Académica de Coimbra, cuja transmissão e respeito constituem contributos para manter a tradição da própria sociedade, enquanto grupo.

Cruzeiro (1979) remete para a origem epistemológica da palavra, que designa prática, execução de uma acção, sendo que não se resume ao *modo como se procede*, mas

também ao *modo como se deve proceder*. A autora descreve as *praxes* como “práticas sociais recorrentes, sujeitas a um grau apreciável de codificação que com muita frequência as aproxima de práticas rituais” (p. 800, 1979).

A relevância deste facto em Coimbra concretiza-se no sentido em que as suas manifestações se reflectem nas atitudes dos estudantes. Segundo Lopes (1982), a *praxe* como esquema normativo, resultante de um estilo social, concebia a crença, a moral, o direito e as competências ou hábitos específicos do estudante como autor e transmissor de cultura. Desta forma, os usos e costumes, na sua maioria codificados, subentendem um mecanismo orientador do indivíduo em sociedade, daí todo um comportamento resultante de esquemas culturais.

Estanque (p. 18, 2008) refere que este fenómeno pode ser observado de três formas distintas, numa perspectiva dos próprios estudantes. Numa visão tradicional, “a *Praxe Académica* é um conjunto de tradições geradas entre estudantes universitários e que há séculos vêm a ser transmitidas de geração em geração. É um *modus vivendi* característico dos estudantes”. Na visão crítica, “a *praxe* tem vindo a desenvolver-se e a crescer sem controlo ou limite [...] em que já ninguém sabe como agir para retomar a ‘boa e velha *praxe*’. [...] O aluno ‘caloiro’ suporta a *praxe* porque tem a ideia de que num futuro próximo vai poder exercer esse mesmo ‘poder’. [...] As queixas de hoje são diferentes das queixas do passado, mas o que se verifica é que só mudaram os motivos pelos quais se queixa porque de resto continuam a queixar-se”. Na visão moderada, “a *Praxe* não pode nunca ser sinónimo de humilhação ou de actos de violência barata levados a cabo por uns quantos frustrados que não sabem o que são as tradições académicas e só usam um traje para se pavonearem na esperança de serem notados”.

A *praxe*, simbolizada através da capa e batina, funciona como um conjunto de rituais que servem para acolher os recém-chegados no mundo universitário, ajudá-los a criar amizades e desenvolver laços de camaradagem. Os jogos, as tarefas em que os “caloiros” são postos à prova e as canções são tidos, para os seus defensores, como formas de integração neste novo mundo. Para Cruzeiro (1979), constitui uma forma de socialização devido à aprendizagem dos valores e ao carácter probatório e doloroso do rito iniciático. Este só se torna suportável e, como tal, permitido, pela promessa de compensações futuras concedidas com a progressão na hierarquia, das quais se destaca a possibilidade de fazer aos próximos aquilo que os próprios “sofreram”.

É através da *praxe* que o estudante desenvolve sentimentos de amor e orgulho pela instituição que frequenta, que pode ser vista como uma segunda casa. Tem ainda por objectivo reforçar os laços que unem os diversos elementos da Academia e conservar o espírito académico ao longo do tempo, ligando gerações. Da visão tradicional pode ainda

retirar-se que, para os estudantes a *praxe* abarca, não só as relações entre “caloiros” e “doutores”, mas tudo o que diz respeito à vida académica em geral (Prata, 2002).

Uma perspectiva mais crítica vê nestes costumes o conservadorismo, a culpabilização, o maniqueísmo, através do uso da força e da humilhação. Estes abusos são documentados a par da história da Universidade, tendo mesmo levado a que o rei D. João V decretasse a suspensão dos rituais, em 1727, por motivo de investidas mortais, com uma quase impunidade dos estudantes (Lamy, 1990).

Mais recentemente têm surgido movimentos anti-*praxe* que enfatizam os excessos que se praticam em nome desta. Na opinião dos opositores, esta atenta contra direitos humanos como a liberdade, a igualdade e a integridade física e psicológica. Assim, propõem uma integração baseada em relações de igualdade, que não comprometam nem a autonomia pessoal de cada um, nem o espírito crítico e livre das próprias faculdades. O M.A.T.A. (Movimento Anti “Tradição Académica”) é uma organização que sustenta que a Universidade não necessita da *praxe*, mas antes de outras formas de convívio sem imposições e competições. Tiago Gillot, elemento do MATA, declara que constitui “uma divisão e posição hierárquica, ou seja, há sempre quem mande e quem obedeça, quem é considerado superior e tenha poderes sobre os outros” (Matos & Pinto, 2003). Assim, defende a transformação, no lugar da repetição de cerimónias de passagem, e a imaginação e diferença, em vez da reprodução de tradições, na sua óptica, inventadas.

Uma das questões amplamente censurada é a dos abusos praticados com o escudo da hierarquia. Os “caloiros” que aceitam entrar nos rituais praxistas têm de obedecer, numa forma submissa (muitas vezes sem retirar os olhos do chão) e absoluta, às ordens decretadas pelos estudantes numa posição hierárquica superior.

Na sociedade, o poder político organizou a soberania legítima ao criar uma hierarquia própria, respondendo ao postulado de que não há sociedades sem poder político, nem poder sem hierarquias e sem relações desiguais estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais (Lopes, 1982). O mesmo sucede na sociedade académica em que, sob regulamentação do Código da *Praxe*, os seus elementos se movimentam de acordo com regras explícitas e bem definidas, fundamentadas em lógicas de poderes. A *praxe*, com os seus códigos, regras e imperfeições, orienta um modo de estar na Universidade e, na opinião de alguns autores, também na vida, pois determina o respeito por normas e pelos hierarquicamente superiores. Na opinião de Figueiredo (2006), os rituais de iniciação e progressão a que os “caloiros” e “doutores” são sujeitos são uma imagem do que se passa na Sociedade Civil.

Neste sentido, convém lembrar o que Peixoto (2006) refere acerca das tradições: estas são uma espécie de memória colectiva na medida em que se anunciam como a matéria-prima necessária para no futuro se possa fazer algo de menos cruel que no passado.

Numa visão moderada da *praxe* pode vislumbrar-se o carácter simbólico da mesma. A *praxe*, através da capa e batina, tem identificado os estudantes de Coimbra ao longo de gerações e foi, em momentos cruciais, o símbolo de um grupo, como na crise de 1969. Para Lamy (1990), a *praxe* tem uma dimensão simbólica de identificação do grupo através do traje, comportamentos peculiares e estrutura própria. Estanque (2008), refere que o traje académico (com os seus diferentes adornos, cores, insígnias), os títulos, os padrinhos, os anéis de curso, entre outros, tem como função a classificação e a imposição de condutas de distinção social. Acrescenta ainda que a simbologia de demarcação dos estudantes, representada nos seus códigos, ritos e provas aplicadas aos mais novos, é sustentada pela instituição através dos seus rituais de passagem que marcam os momentos de transição entre as diversas etapas da carreira académica. Nesta corrente, Frias (2003) afirma que, ao ser ligada aos estudantes, a *praxe académica* é a parte mais visível de actos cerimoniais da comunidade universitária, que se assumem como reproduções “sacralizadas” e de ostentação, marcando assim as hierarquias de poder.

Em Coimbra, é a partir das inscrições dos alunos nos respectivos cursos, até antes do início das aulas, que as *praxes* têm início. A maioria das *praxes* ocorre no mês de Outubro, embora estas possam estender-se durante o ano lectivo até ao início da Queima das Fitas. Como tal, correspondem a um fenómeno regular (cíclico) e periódico. Estes rituais iniciais funcionam como **rito de passagem** e obedecem às três sequências lógico-temporais estabelecidas por Van Gennep: “ritos de margem (isolamento, morte social), ritos de pôr à prova (provas ‘escolares’, aprendizagens, iniciações, resistência física ao álcool) e ritos de integração (apadrinhamento, baptismo, comensalidades)” (Frias, p. 101, 2003).

Van Gennep, primeiro autor a interessar-se pelo estudo dos rituais, designou os ritos de passagem como “conjuntos cerimoniais que acompanham, facilitam ou condicionam a passagem de um dos estádios da vida a outro ou de uma situação social a outra” (p. 155, 2004). Influenciado pelo anterior, o antropólogo Victor Turner (p. 207, 1969) salienta que o “ritual, na verdade, tem o efeito a longo prazo de salientar de maneira mais decisiva as definições sociais do grupo”. Deste modo, têm a função de assinalar a transição entre estados sociais diferentes, produzindo uma transformação de estatuto, e mesmo de identidades, consagrando-as e legitimando-as socialmente (Ribeiro, 2001).

A fase de *separação* corresponde à ruptura com o mundo anterior dos “caloiros”, ou seja com o mundo familiar, o grupo de amigos, a cidade de origem. A separação da casa familiar (frequente para muitos estudantes) e a liberdade que lhe está inerente e que a vida de

estudante permite, são, na opinião de Ribeiro (2001), traduzidos pelas constantes referências à iniciação sexual e pela iniciação na boémia nocturna. Nesta altura, o “caloiro” é um ser inferior, que nada sabe, devendo aprender as normas e os usos e costumes tradicionais.

A segunda etapa é a fase de *margem*, segundo Van Gennep (2004), ou *liminar*, denominação construída por Turner, a partir da anterior. É o período que equivale à *praxe* dos “caloiros”, que constituem o alvo do trabalho de despojamento e homogeneização, sendo no interior do seu grupo que se constrói a *communitas*. É a “terra de ninguém”, em que já não se é o que era, nem se é ainda o que se vai ser (Ribeiro, 2001). O campo universitário é um espaço de transição e autonomia, situando de um lado a juventude, por vezes despreocupada e inquieta, e de outro o mundo dos adultos, que na simbologia ritual separa os “caloiros”, jovens, dos veteranos e estudantes dos últimos anos da Universidade, nos quais se realiza a transição. Assim, a iniciação dos “caloiros” faz-se em direcção à cultura da instituição e às tradições (*praxe*) (Frias, 1998).

A última fase, a de *agregação*, é marcada pelo baptismo material dos “caloiros”, na Festa das Latas que, de uma forma pública, marca a integração dos recém-ingressados no grupo dos estudantes. Segundo Prata (2002), a Queima das Fitas, para além de uma manifestação de alegria, pode identificar-se como um acto de ascensão e de promoção. Como imagem de triunfo, simboliza a entrada para o último ano do curso. Para os “caloiros” é o fim do tempo de *margem*, de *probação*, uma vez que, segundo a *praxe*, atingem a sua emancipação. Este é um dos momentos mais importantes do processo de integração. É concomitantemente um ritual de separação, na medida em que academicamente testemunha a condição passageira da qualidade de ser-se estudante, e de *agregação*, quando afirma a continuidade da sociedade estudantil.

Assim, o ciclo completo da *praxe*, concretizado na festa do final do ano, vai desde o primeiro ao último ano do curso. Estes comportamentos estereotipados serão renovados e alargados ao longo do curso universitário, até ao ritual de expulsão do *rasganço*, que assinala o fim dos estudos, do estatuto de estudante, e a entrada no mundo “real” dos adultos e na vida social (Frias, 1998).

Apesar de haver um crescente afastamento dos estudantes em relação à *praxe*, o mesmo não se passa relativamente às **festas académicas**. Segundo o estudo desenvolvido por Figueiredo (2006), 29% dos estudantes discorda em parte que a *praxe* propicie o estabelecimento de relações de amizade entre os estudantes e 71% manifesta o seu acordo parcial ou total relativamente à afirmação de que os excessos praticados “em nome” da *praxe* devem ser evitados. Por outro lado, cerca de 66% dos estudantes inquiridos referem que a Queima das Fitas dignifica a academia e a cidade, 58% refere que as Latadas são

momentos de convívio e diversão e que as Serenatas e Festivais de Tunas e Cortejos são os melhores eventos da academia. Os resultados da investigação coordenada por Estanque e Bebiano (2007), com uma amostra de 2.862 indivíduos, revelam que as percentagens mais elevadas de importância são atribuídas às actividades mais mediatizadas da academia: noites do parque (62%), cortejo da Latada (65%) e cortejo da Queima das Fitas (78%). Em relação às atitudes perante a *praxe* académica cerca de 72% dos estudantes assume que esta devia ser facultativa e respeitar quem não queira aderir, 67% considera que esta deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica e 51% concorda que deve ser revista de forma a receber melhor os novos alunos.

As festas académicas, sobretudo a Queima das Fitas, oferecem aos estudantes componentes lúdicas e festivas únicas, interrompendo a rotina e o quotidiano dos estudantes. A Festa das Latas, mais conhecida como Latada, tem a sua origem no século XIX e acontecia no final do ano lectivo. Octaviano Sá (1993, citado por Prata, 2002) documenta que o nome de “Latadas” deriva do facto de os “caloiros”, sob a batuta dos “doutores”, arrastarem pelas ruas da cidade “quantos objectos de lata podiam haver à mão, desde a avantajada banheira à pequena almotolia”. Simboliza a imposição das insígnias (ou seja, do grelo, que se trata de uma fita com as cores do curso) e tem por objectivo dar as boas vindas aos novos estudantes, acontecendo actualmente, e desde os anos 50/60, no início do ano lectivo. No final do cortejo, em que os “caloiros” fantasiados com as cores das respectivas faculdades e instituições e transportando mensagens críticas de carácter político e social, desfilam por algumas ruas da cidade, são baptizados no Rio Mondego pelos respectivos padrinhos de *praxe*: “*Ego te baptizo in nomine solemnissima praxis*”.

A Queima das Fitas, que terá tido como antecessores as “Festas do Ponto”, é alicerçada pelo “Centenário da Sebenta” (1899) e pelo “Enterro do Grau” (1905). Foi o IV ano de Direito que originou este acto simbólico, quando queimaram as fitas que serviam para atar os livros. No entanto, o que se queima não são as fitas, mas sim o grelo (Lamy, 1990). Esta festa tem vindo a acontecer desde então, com algumas reformulações ao longo dos anos, tendo comemorado no ano de 2009 o 110º aniversário. Aquando da crise de 1969, com a greve estudantil e o encerramento da Universidade, devido à repressão do antigo regime sobre os dirigentes associativos e os próprios estudantes, o Conselho de Repúblicas decreta o luto académico (traduzido no abandono das festas académicas e do uso da capa e batina), que perdurou até ao início dos anos 80. É nesta altura que a *praxe* e as festas académicas começam a ser relançadas, apesar de alguns conflitos e contradições políticas e ideológicas (Estanque, 2008).

Actualmente, a semana da Queima das Fitas decorre num período de nove noites, que são dedicadas a cada Faculdade da Universidade: Letras, Direito, Medicina, Ciências e Tecnolo-

gias, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação e Educação Física e Ciências do Desporto. Para além das noites do parque, os festejos incluem outras actividades tradicionais como a Serenata Monumental, o Sarau de Gala, o Baile de Gala, a Garraizada, a Venda da Pasta, o Chá Dançante, a Queima do Grelo e o Cortejo dos Quartanistas. Um dos momentos altos deste evento é o Cortejo, em que os estudantes do penúltimo ano do curso desfilam em Carros alegóricos com as cores do curso, figurando o agradecimento à cidade pelos momentos proporcionados ao longo da sua vida académica. À frente dos Carros seguem os estudantes do último ano, exibindo a sua cartola e bengala, numa personificação do final da sua jornada enquanto estudantes.

A festa da Queima das Fitas permite materializar determinados elementos simbólicos de uma comunidade (como o traje, os cânticos, o cortejo, as insígnias, entre outros), através de um processo que a torna, simultaneamente, representação e representativa de uma cultura. Para Esteves (2008), conjuntamente com uma rede de significados atribuídos pelos intervenientes na cerimónia ritual, a partilha de um imaginário colectivo para além de transmitir um sentimento de pertença à comunidade académica, permite uma apropriação única dos símbolos retratados durante a Queima das Fitas. Desta forma, é reforçada uma consciência do que se é, do que os liga uns aos outros e do que os faz membros de uma comunidade e não de outra. Estas performances pretendem caracterizar e sugerem uma distinção da comunidade académica em relação a outros grupos sociais.

Apesar de ser definida como uma festa de estudantes e para estudantes, hoje, a Queima das Fitas é vista como uma festa que também abarca a cidade de Coimbra, sendo muitas vezes definida como o expoente máximo da Academia e o símbolo da cidade. Para além da importância que representa para os estudantes de Coimbra, atrai milhares de jovens, vindos de todos os pontos do país, constituindo fonte de investimentos e interesses comerciais múltiplos.

Tem-se tornado intrínseco o consumo abusivo de álcool nestes eventos académicos, facto amplamente explorado pela comunicação social. Augusto Pinto afirma que nos últimos anos é exponencial o consumo desta substância nos jovens, nomeadamente em ambientes universitários e de forma particular e intensificada nas festas académicas. Pelo seu efeito desinibidor e enquanto elemento presente em diversos rituais académicos, catalisa a integração no meio (Delille & Ramos, 2004). Esta opinião é reforçada pelos cânticos entoados pelas ruas e tascas de Coimbra em apelo a que “se beba este copo até ao fim, se se quer ser cá da malta”. Analogamente, nos Cortejos académicos, é comum ouvirem-se “gritos” que escorregam das gerações anteriores, incentivando assim à beberragem, usando o “caloiro” e o curso como escudos numa competição por vezes desmesurada.

Embora as festas académicas incluam outras actividades, as noites do parque são as que mais atraem participantes. As cervejeiras como patrocinadores oficiais das festas assumem uma atenção majorada por parte da organização que faz questão que estas apresentem as suas propostas. Em relação ao consumo efectivo nestes acontecimentos, os dados escasseiam. No entanto, em 2007 Basílio Dinis, então assessor da Sociedade Central de Cervejas (à qual pertence a “Sagres”), admitiu a comercialização de 55 mil litros de cerveja à concessionária da Festa das Latas (Antunes, Ferreira & Picanço, 2007).

À parte destes momentos de comemoração efémeros, não se podem esquecer os lugares de culto existentes nos meandros da Universidade, que renascem sempre a cada pôr-do-sol. Tratam-se das tradicionais tascas e tabernas tão acarinhadas pelos estudantes, que lhes dão vida e nome. Segundo Antunes et al. (2005), a “Casa de Trás-os-Montes”, a “Tasca do Zé”, o “Bigorna”, o “Moelas”, o “Couraça” ou a “Tasca do Pintos” partilham agora o espaço da alta de Coimbra com os novos espaços que vão surgindo. É nestas que têm lugar os tradicionais *peddy-tascas*, que são percorridos em forma de peregrinação e nas quais os estudantes cumprem provas, sempre pautadas pelo consumo de bebidas alcoólicas. Anualmente, é ainda realizado o *Peddy-Tascas* como parte integrante da Queima das Fitas, inserido no Pelouro da Cultura, que se assume como promotor das tradições e história estudantis (Malho, 2009). Na Praça da República o leque de escolhas é alargado e ainda perduram espaços como o “Cartola”, o “Académico”, o “Tropical”, tendo o Bar da Associação Académica de Coimbra (AAC) vindo a ganhar notoriedade entre a população estudantil.

Os dias da semana em que estes e outros espaços de convívio têm maior afluência da comunidade estudantil correspondem às terças e quintas-feiras, podendo começar pelos jantares de curso e alargando-se pelos Convívios de estudantes ou pelas discotecas (Galhardo, Cardoso & Marques, 2006).

CAPÍTULO 3 – O CONSUMO DE ÁLCOOL NOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

O consumo de bebidas alcoólicas está profundamente enraizado nas tradições culturais dos povos mediterrânicos. Portugal mantém desde longa data um compromisso estreito com o álcool, evidenciado em última instância pelos lugares cimeiros que ocupa nas tabelas mundiais de consumo *per capita*. Nas últimas décadas tem-se assistido ao aumento de comportamentos potencialmente aditivos por parte dos jovens, dos quais se destaca o consumo de álcool. Pela sua vulnerabilidade física e psicológica, este grupo constitui um dos principais alvos de preocupação e intervenção das autoridades sanitárias. O Plano Nacional de Saúde (DGS, 2004b) preconiza que estas medidas se foquem no incentivo à adopção de estilos de vida saudáveis e padrões de comportamento que tenham repercussões positivas na saúde futura. Um dos *settings* prioritários de actuação diz respeito aos jovens estudantes universitários, já que grande parte do seu tempo é vivido neste espaço de aprendizagem.

Alguns estudos focados nestes jovens demonstram que o facto de estudar no Ensino Superior pode constituir um factor de risco, sendo apontado por alguns inquéritos de grande escala prevalências mais elevadas de consumo de álcool que os homónimos não estudantes. As investigações nesta área parecem demonstrar que o ambiente do Ensino Superior e outros factores associados ao estatuto de estudante desempenham um papel activo no aumento do consumo de álcool.

Como tal, neste capítulo é abordada a prevalência do consumo de álcool e os factores associados ao uso desta substância.

3.1 – PREVALÊNCIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL

O consumo de álcool pelos estudantes do Ensino Superior é uma realidade que deve ser entendida à luz do seu passado. Segundo o relatório da OMS sobre o álcool e os jovens, a idade de **iniciação ao consumo** de álcool é importante por dois aspectos. Quanto mais cedo um indivíduo começar a consumir álcool, maior a probabilidade de ter distúrbios relacionados com o álcool (Dawson et al., 2008). Aqueles que começam a consumir na adolescência estão também mais propensos a sofrer danos não intencionais (tais como acidentes rodoviários, quedas, queimaduras e afogamentos). Em segundo lugar, as tendências na idade de iniciação são um indicador que pode ser usado para monitorizar mudanças no padrão de consumo ao longo da juventude (Jernigan, 2001).

Um estudo realizado em Espanha divulga que a idade de início do consumo de bebidas alcoólicas é em média de 14,3 anos, sendo que os rapazes (13,9 anos) o fazem um ano antes das raparigas (14,8 anos). Nesta amostra de jovens a maioria declarou ter começado a ingerir álcool antes da idade legalmente permitida, os dezasseis anos. De notar que o início precoce, antes dos catorze anos, alcança um em cada quatro indivíduos. O grupo de jovens que se inicia em idades ainda mais prematuras (antes dos doze anos) é muito mais numeroso que o grupo de início tardio, numa relação de três para um (Ruiz & Llera, 1998). O mesmo estudo, realizado em dez áreas rurais de Aragão, revela que o início do consumo ocorre mais frequentemente em festas do povo, ao que se seguem os bares e discotecas, as comemorações entre amigos e mais escassamente em celebrações familiares.

Os dados relativos à população portuguesa mostram que aos 11 anos, 56% dos rapazes e 43% das raparigas já tinham experimentado alguma bebida alcoólica, aos 13 anos esta percentagem tinha subido para 79% nos rapazes e 74% nas raparigas e aos 15 anos apenas 6% e 12% dos adolescentes, respectivamente, não tinha ainda consumido qualquer bebida alcoólica (Settertobulte, Jensen & Hurrelmann, 2001).

Cunha et al. (2005) constataram que numa amostra de 362 alunos do Ensino Secundário, a maioria dos inquiridos teve a primeira ingestão de álcool entre os 12 e os 17 anos de idade, sendo que para cerca de 18% dos jovens esse primeiro contacto ocorreu entre os seis e os 11 anos e ainda 3% antes dos 5 anos. A maioria encontrava-se em casa acompanhada da família ou por amigos, aquando da primeira ingestão

Relativamente ao **padrão de consumo** em idades jovens os dados fornecidos por relatórios oficiais são mais copiosos até ao fim do Ensino Secundário. Ao contrário de outros países, em Portugal, a população do Ensino Superior não é abrangida por estudos nacionais, ou pelo menos distinguida enquanto tal, ficando sujeita ao interesse dos investigadores que pretendam dedicar-se ao seu estudo. Dado que o consumo desta substância psicoactiva se inicia, na maioria das vezes, antes da entrada no Ensino Superior, deve ser tida em consideração a informação relativa aos comportamentos e atitudes dos jovens nesta matéria.

Assim, segundo um estudo realizado em duas instituições do Ensino Secundário da região do Porto, a maioria dos estudantes ingeriu pelo menos uma bebida nas quatro semanas anteriores à entrevista, sendo as bebidas mais consumidas, a título mensal, as bebidas longas, as bebidas destiladas e os *alcopops*. As razões mais nomeadas para o consumo são para se divertirem mais, porque os amigos também bebem, porque gostam do sabor e para fugir ou esquecer os problemas. Os locais preferidos para o fazerem são os bares, seguidos do domicílio (para os estudantes de meio rural) e das discotecas (para os

estudantes do meio urbano). A maioria refere fazer estes consumos na companhia dos amigos (Cunha et al., 2005).

Herdeiro (1996) partilha de conclusões semelhantes numa investigação conduzida numa Escola Secundária da Beira Interior, quando revela que os amigos assumem uma grande importância na vivência dos jovens, que partilham consumos em bares, na casa dos amigos e ou em festas.

Yu e Shacket (2001) desenvolveram uma investigação em que examinaram o efeito dos comportamentos de consumo de álcool no Ensino Secundário, no seu uso no Ensino Superior. Os resultados indicaram que tanto a frequência como a quantidade de álcool consumido no Secundário afectam significativamente e positivamente o consumo de álcool no Ensino Superior.

No que respeita à realidade do Ensino Superior, o *National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions* de 2001-2002, realizado nos EUA com uma amostra representativa da população jovem entre os 18 e os 24 anos, revela que existe uma prevalência mais elevada de consumo e consumo de risco, do que no grupo dos não estudantes. Os estudantes a tempo inteiro consomem álcool mais frequentemente, apresentam mais episódios de consumo abusivo, de embriaguez e de condução depois de ingerirem três ou mais bebidas. Os estudantes a tempo parcial apresentaram os valores mais baixos e os não-estudantes apresentaram-se a um nível intermédio (Chen, Dufour & Yi, 2005).

A Universidad Complutense de Madrid inquiriu estudantes de Direito e Medicina com o objectivo de conhecer o padrão e as características do consumo de álcool. Os resultados do estudo revelaram que 72,4% dos inquiridos se define como bebedores ocasionais e 17,2% como bebedores habituais. O padrão de consumo da maioria é ao fim-de-semana, em espaços públicos. Em relação ao género, constataram diferenças acentuadas, com consumos muito inferiores nas mulheres, embora o número de bebedores excessivos seja semelhante nos homens e mulheres (Rábago & Navarro, 2001).

Aquando da realização duma investigação sobre o consumo de álcool e drogas ilícitas (haxixe e marijuana) na população estudantil da Universidade do Minho, Fonte e Manita (2003) verificaram que a maioria dos estudantes iniciou o seu consumo com os amigos, alguns no Ensino Secundário e outros após a entrada na Universidade, sendo os estudantes do sexo masculino aqueles que referem ter ficado mais vezes embriagados. Os contextos nos quais ocorre maior consumo são os bares, as discotecas, as festas privadas e as festas académicas.

Relativamente ao espaço universitário de Coimbra, Leite et al. (1998) averiguaram que, numa amostra de estudantes de Ciências Farmacêuticas, 7% dos homens e 37% das

mulheres nunca se embriagaram e mais de 30% dos homens e 8% das mulheres já se embriagaram mais de 20 vezes. A cerveja e as bebidas destiladas são as bebidas preferidas fora das refeições, em ambos os sexos. E os locais preferidos de consumo são os *pubs* e as discotecas, seguidos de casa dos amigos.

Galhardo, Cardoso e Marques (2006) verificaram, numa amostra de 517 estudantes do Ensino Superior de Coimbra, que 71,8% consome álcool, o que corresponde a 85,1% dos rapazes e a 64,6% das raparigas. A frequência de consumo com maior expressão é “duas vezes por semana” (dias úteis) (39,6%), seguida de “ao fim-de-semana” (27,2%), nos rapazes, e “uma a duas vezes por mês” (38,5%), seguida de “ao fim-de-semana” (26%), nas raparigas.

Os motivos mais alegados para o consumo de álcool abrangem o melhor desfrutar dos gostos e da noite, o efeito de relaxamento e desinibição, o divertimento e o prazer (Barroso, 2003; Galhardo, Cardoso & Marques, 2006; Leite et al., 1998). Este último sobressai noutro estudo, em relação à pressão social, à ansiedade ou stresse (Webb et al., 1996).

Segundo Karam, Kypri e Salamoun (2007), a maioria dos estudos publicados mostra que o consumo problemático de álcool (consumo excessivo e dependência) nos estudantes do Ensino Superior tem uma prevalência similar na América do Norte, Australásia, Europa e América do Sul, e uma prevalência inferior na África e na Ásia. Foram identificados factores de risco semelhantes, tais como o género masculino, estatuto socioeconómico elevado, nível educacional da família elevado e atitudes negativas da família ou dos pares em relação ao consumo excessivo de álcool. As autoras nomeiam ainda que o consumo de álcool tem uma associação positiva com os níveis de ansiedade, fumar tabaco, uso de outras substâncias e a condução sob efeito de álcool.

Uma investigação irlandesa, de metodologia mista, que incluiu 3450 estudantes inquiridos através de questionário e 32 participantes em grupos *focus*, estudou a percepção do consumo excessivo de álcool nos estudantes do Ensino Superior. Esta revelou que os factores que mediam o excesso incluem o optimismo sobre as trajectórias futuras de consumo, percepção de diferenças individuais na tolerância, momentos de celebração (férias, aniversários e celebrações do fim dos exames), falta de conhecimentos sobre as consequências para a saúde, partilha de experiências com os pares e a crença de que o consumo excessivo de álcool faz parte da tradição irlandesa e do ser-se estudante (Delaney et al., 2007).

Um conceito largamente associado ao consumo excessivo de álcool é o ***binge drinking***. A definição de *binge drinking* não é ainda consensual em todos os países, no entanto, a que

aponta para a ingestão de 60g de álcool para os homens e 40g para as mulheres, num período de cerca de duas horas, é a mais utilizada nos estudos e relatórios consultados.

Para compreender melhor este fenómeno é necessário observar o seu contexto social. Num estudo qualitativo, baseado em depoimentos de jovens que praticam este tipo de consumo, a principal explanação é que este constitui uma parte integrante do seu cenário social, do qual desfrutam, não considerando ser um problema em si. Os motivos mencionados para a prática do *binge drinking* e da embriaguez incluíam ter divertimento, conformidade com as normas do grupo de pares, escapar do dia-a-dia (deixar-se ir e esquecer as frustrações do dia), e como forma de encontrar auto-confiança para lidar com situações sociais. Neste grupo os episódios de risco e desordem que acompanham este consumo são frequentemente vistos como parte da excitação de ficar embriagado com os amigos (IAS, 2007).

Noutro estudo baseado em 16 grupos focais (com um total de 123 participantes), relativamente às atitudes e motivações, a maioria dos jovens entrevistados tinha um grande desejo em desafiar os limites numa grande saída à noite, pelo que usavam técnicas para ficarem mais embriagados (misturar bebidas e beber rapidamente). Contudo, muitos jovens referiam ter dificuldade em julgar os seus limites, ficando mais embriagados numa noite do que inicialmente tinham previsto. Os grupos com quem saíam e bebiam eram vistos como influentes no comportamento de *binge drinking*, tanto na quantidade que bebiam como no comportamento adoptado aquando do consumo. O excesso de confiança, segundo estes jovens, poderia encorajar a comportamentos imprudentes devido ao falso sentido de segurança. Uma das justificações dadas para os comportamentos desajustados consistia na ideia de que a embriaguez é uma desculpa aceitável que mitiga a responsabilidade individual pelos seus actos (Engineer et al., 2003).

O *College Alcohol Study* foi um estudo desenvolvido pela Escola de Saúde Pública de Harvard sobre o consumo de álcool em meio universitário, entre os anos de 1993 e 2001, que abarcou cinquenta mil estudantes. Em 1993 o primeiro estudo revelou que o *binge drinking* era uma actividade prevalente entre os estudantes universitários norte-americanos. Dois em cada cinco estudantes (44%) a frequentar cursos de quatro anos nos Estados Unidos bebem álcool a este nível ou superior, sendo que esta taxa se manteve estável nos quatro estudos. Os resultados, publicados em 1999, mostraram que os estudantes que bebem de forma *binge* consumiram 91% de todo o álcool que os estudantes referiram ter bebido, e 68% do álcool foi consumido por consumidores *binge* frequentes (Wechsler & Nelson, 2008).

Apesar de cerca de metade dos estudantes que consomem dentro deste padrão já o fazerem antes da entrada para a Universidade, uma percentagem igual passou a fazê-lo depois do seu ingresso. As relações dos estudantes e os seus ambientes circundantes

constituem determinantes importantes para o início do consumo (Wechsler & Nelson, 2008). Reifman e Watson (2003) desenvolveram uma investigação sobre o consumo de álcool pelos estudantes do primeiro ano, no primeiro semestre. Concluíram que, entre os estudantes que no Ensino Secundário consumiam de forma não *binge*, havia preditores significativos da adopção do consumo *binge* na Universidade: expectativa de prazer social e físico do álcool, consumo excessivo na rede social de colegas, sentir que era importante participar em festas, percepção de aprovação pelos amigos de vários comportamentos de consumo (ou pelo menos não desaprovação total) e ser-se mulher. Entre os estudantes que consumiam de forma *binge* no Secundário, os preditores da persistência do consumo *binge* na Universidade incluíam o consumo na rede social e a importância das festas.

Por outro lado, viver numa casa de fraternidade (residência de estudantes universitários comum nos Estados Unidos), ter a crença de que a maioria dos amigos também consome de forma *binge*, beber para se integrar, o baixo preço do álcool e pertencer a uma Universidade com taxas elevadas de *binge drinking* são factores independentes associados a este tipo de consumo nos estudantes do primeiro ano. Quanto ao local de residência, os dados demonstram que estudantes menores de idade a viver em casa com os seus pais tinham as taxas mais baixas de *binge drinking* de todos os estudantes universitários. Em contrapartida, os estudantes a viver fora do *campus* e longe dos seus pais, bem como os estudantes a residir em fraternidades tinham as taxas mais elevadas (Weitzman, Nelson & Wechsler, 2003).

3.2 – FACTORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL

Os jovens estudantes são influenciados por factores que tanto podem proteger como favorecer o consumo de bebidas alcoólicas. Nos **factores psicossociais** é analisada a importância da família, do grupo de pares, a percepção do risco e as expectativas em relação ao álcool.

Na maioria dos casos, a introdução ao consumo de álcool tem lugar na **família**, principalmente em aniversários, casamentos e nascimentos. Contudo, a continuação deste comportamento está dependente duma série de factores familiares, que são tanto de risco como de protecção. Alguns estudos sobre a influência familiar têm demonstrado que esta tem influência na infância e, com algum grau de latência, determina a afinidade para o uso de álcool na adolescência. O uso de álcool pelos pais é um co-determinante decisivo do seu uso pelas crianças. Desta forma, quando os pais bebem álcool habitualmente, as bebidas alcoólicas estão mais disponíveis. O álcool é consumido de forma mais frequente nestas

famílias, pelo que as crianças têm mais possibilidades de experimentar (Settertobulte, Jensen & Hurrelmann, 2001).

White, Johnson e Buyske (2000) afirmam que os jovens modelam o seu comportamento de acordo com os padrões de consumo dos pais, o que inclui quantidade e frequência. Durante o desenvolvimento do jovem, o controlo parental diminui e, como tal, os pais passam a ter menos influência nos padrões de consumo que os pares. Contudo, as relações com os pais continuam constituir um papel de protecção. Por outro lado, quando as relações dos adolescentes com os seus pais são boas e marcadas pela verdade e respeito mútuo, o consumo de álcool pelos adolescentes é mais baixo do que em famílias onde estas relações são negativas e perturbadas (Matos, 2008; Settertobulte, Jensen & Hurrelmann, 2001; White & Jackson, 2005).

Camacho, Matos e Diniz (2008) constataram num estudo com adolescentes que aqueles que referem ter conversas abertas no seio familiar, e cujos pais sabem muito sobre os seus amigos, a forma como gastam o dinheiro, onde vão depois das aulas, as saídas à noite e a maneira como ocupam os tempos livres, correspondem àqueles que apresentam menores índices de consumo de bebidas alcoólicas, tabaco e drogas. Em relação à figura parental, verificam que as raparigas dizem que a mãe sabe muito sobre os amigos e saídas à noite, enquanto os rapazes nomeiam o pai como a pessoa que mais sabe sobre o dinheiro gasto, onde estão depois da escola e ocupação nos tempos livres.

A qualidade da relação com a mãe é determinante. Estudantes franceses dependentes economicamente revelaram, de forma estatisticamente significativa, tendência a qualificar mais frequentemente a sua relação com as mães de conflituosa: 7,49% dos abstinentes, contra 18,18% dos adictos têm estado numa relação conflituosa (Beynier & Pelissier, 2000).

Calafat et al. (2003) desenvolveram uma investigação sobre o divertimento nocturno espanhol, no qual averiguaram que 69,5% dos filhos de pais consumidores de álcool eram também consumidores, ao invés de 48,7% filhos de pais não consumidores. Calvário (1997) constatou que 64,72% duma amostra de estudantes da Universidade da Beira Interior refere a existência de hábitos de consumo de bebidas alcoólicas na família. Não é possível dizer se existe uma associação entre o consumo de bebidas alcoólicas dos alunos e o consumo dos familiares em suas casas, no entanto, parece haver menos hábitos de consumo nos estudantes cujas famílias não consomem álcool.

Cunha et al. (2005) verificaram que cerca de 79% dos estudantes do meio rural e 60% do meio urbano afirma que o pai tem por hábito beber bebidas alcoólicas em casa, o que é francamente superior ao consumo pelas mães, cerca de 40% e 37%, respectivamente.

Salienta-se ainda o facto de cerca de 20% dos estudantes referirem ter tido ou ter familiares com problemas de dependência alcoólica.

Durante a juventude, o **grupo de pares** passa a representar um papel mais activo que os pais. Sendo uma droga com efeitos sociais, o álcool é parte integrante da convivialidade dos adultos, modelo cultural esse que é imitado pelos jovens e seus grupos (Settertobulte, Jensen & Hurrelmann, 2001). No processo de ajustamento ao ambiente escolar, no qual os jovens desenvolvem a sua identidade, a interacção com os pares é fundamental, já que estes funcionam como modelos e constituem uma oportunidade de socialização. O álcool é parte integrante da cultura escolar e está presente em muitas actividades sociais e em muitas das interacções entre os jovens. Como já foi referido, o início do consumo de álcool ocorre na adolescência, em situações sociais, sobressaindo a influência dos pares no seu início e continuação (Matos, 2008).

Um estudo epidemiológico desenvolvido no Concelho de Matosinhos, com estudantes entre o 7º e o 11º ano, revelou que o grupo de pares, para além de ser o contexto predominante de iniciação (40%), parece influenciar os níveis relatados de consumo de bebidas alcoólicas. Assim, os consumidores excessivos percebem um número mais elevado de amigos consumidores de álcool, em relação aos consumidores não excessivos. Acrescenta-se ainda o facto dos consumidores de bebidas alcoólicas mostrarem atitudes tendencialmente mais favoráveis face ao álcool por parte dos amigos, em comparação com os alunos não consumidores (Negreiros, 1997).

Amico e McCarthy (2006) verificaram, num estudo com adolescentes entre os 10 e os 15 anos, que o uso de substâncias como o álcool, marijuana e tabaco no Outono, estava associado ao aumento do seu uso na Primavera. Da mesma forma, a percepção do uso de álcool e marijuana pelos pares, no Outono, foi associada ao aumento no consumo individual dos mesmos, na Primavera.

Borsari e Carey (2001, citados por White & Jackson, 2005) referem que as pessoas que ingressam no Ensino Superior podem estar especialmente vulneráveis à influência dos pares devido à sua necessidade de fazer amizades, pelo que podem aumentar o seu consumo de álcool de forma a facilitar as interacções.

Pertencer a um grupo no qual a maioria dos seus membros consome álcool frequente e consideravelmente, leva a que o indivíduo tenda a adoptar este comportamento. Orford et al. (2004) confirmaram, num estudo misto com estudantes do Ensino Superior do Reino Unido, a hipóteses de que os consumidores excessivos interagem mais com uma rede social composta por pessoas com um padrão de consumo excessivo, do que os bebedores leves. Também houve evidências que permitiram afirmar que os consumidores excessivos

recebem mais encorajamento para beber de pessoas significantes nas suas vidas, do que os consumidores leves. Isto sugere que não só se bebe mais dentro das redes sociais dos consumidores excessivos, mas também que as opiniões e comportamentos das pessoas desses círculos influenciam os colegas.

O optimismo é um traço universal entre os jovens. Devido a este viés, muitos jovens adultos não se sentem vulneráveis a consequências negativas que podem decorrer do consumo de álcool, tais como os acidentes de viação, comportamentos sexuais de risco ou até a dependência do álcool. Como tal, os jovens estão mais susceptíveis a correr riscos e a beber excessivamente. Na Suécia foi utilizado um estudo cruzado em adolescentes para analisar os determinantes da **percepção do risco** do uso de álcool e como estas percepções se relacionavam com o comportamento de beber. Foram desenhadas três grandes conclusões: os indivíduos subestimam os riscos de alcoolismo, estas percepções do risco diminuem com a idade e a educação sobre álcool e outras drogas leva os indivíduos a perceberem mais correctamente os riscos e a ter menos crenças sobre estes. Outra conclusão prende-se com o facto dos sujeitos com percepções dos riscos mais elevadas estarem menos sujeitos a consumir álcool (Lundborg & Lindgren, 2002).

Investigadores portugueses que estudaram a percepção do risco em estudantes do Ensino Superior concluíram que a maioria se situa na categoria de risco normal (Barroso, 2003; Sequeira, 2006). A primeira autora adianta também que os problemas relacionados com o consumo de álcool estão associados à tipologia do consumo, ou seja, os consumidores regulares (semanal/mensal) têm um índice de problemas relacionado com o consumo de álcool maior que os indivíduos que bebem ocasionalmente (menos de uma vez por mês) ou que os abstinentes.

Apesar da percepção do risco ser um factor psicológico relevante nos comportamentos dos jovens face ao álcool, segundo Goldberg, Halpern-Felsher e Millstein (2002) a decisão de beber é mais influenciada pela percepção dos benefícios de beber, isto é, as **expectativas** positivas dos efeitos do álcool.

Barroso (2000), comparando amostras de estudantes de uma Escola Profissional e uma Escola Superior, aferiu os estudantes do sexo masculino como tendo níveis de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool mais elevados que as suas congéneres. Outro resultado obtido revela que os estudantes mais jovens (Escola Profissional) apresentam expectativas acerca do álcool mais elevadas. Os itens que apresentaram valores mais elevados neste estudo são os que se relacionam com a crença de que o álcool apresenta efeitos positivos nas interações e nas relações com os outros. Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Oliveira, Soibelman e Rigoni (2007) numa população de estudantes universitários brasileiros, que sugerem que esta população faz uso do álcool

com o objectivo de diminuir ou evitar emoções negativas, facilitar a actividade, o humor e a avaliação de si mesmos. Para os mais jovens, a diferença na expectativa dos efeitos globais positivos e da facilitação das interações sociais é significativamente mais importante.

Kidorf et al. (1995) estudaram as expectativas do álcool e as alterações no consumo de cerveja em estudantes do primeiro ano, tendo verificado que as expectativas dos efeitos do álcool durante a primeira semana de frequência da Universidade estão positivamente relacionadas com o consumo de cerveja. As expectativas de que o álcool favorece a afirmação social e promove mudanças positivas estiveram associadas ao aumento do consumo de cerveja durante os dois primeiros meses, mas apenas nos homens.

Às expectativas positivas opõe-se a representação do alcoólico, que é marcada por imagens negativas. Segundo Batista (2004), os estudantes figuram a pessoa dependente do álcool através de indicadores como as alterações físicas e psicológicas, a existência de conflitos (agressividade e violência) e a falta de controlo de si. Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) referem que o alcoólico não é caracterizado de forma negativa pela ebriedade, facto raramente condenado pelos estudantes, mas antes pela solidão e dependência (definida pelo consumo diário).

Nos **factores sócio-demográficos** é tido em consideração o estatuto sócio-económico da família, o género, a cultura do álcool em meio académico e a acessibilidade ao mesmo.

Relativamente ao **estatuto sócio-económico**, Marques-Vidal (2005) constatou, num estudo com uma amostra representativa da população portuguesa, que níveis mais elevados de educação estão relacionados com frequências mais elevadas de consumo de álcool.

Silva et al. (2006) constatou, na sua investigação com estudantes universitários, que o uso de álcool e drogas ilícitas, nos últimos doze meses, estava relacionado com o vencimento familiar mais elevado. Num estudo realizado em 21 países desenvolvidos e em desenvolvimento, incluindo Portugal, a estudantes universitários entre os 17 e os 30 anos de idade, constatou-se que o consumo excessivo de álcool estava associado ao viver longe de casa, ter um bom ambiente familiar e ter pais com uma boa educação. (Dantzer et al., 2006).

Beynier e Pellisier (2000) mencionam que ser filho de pais trabalhadores, empregados ou agricultores protege do abuso de substâncias, enquanto a filiação dos socialmente mais favorecidos incita ao consumo. Estes aspectos são confirmados por uma investigação desenvolvida no mesmo país, França, igualmente com estudantes do Ensino Superior, na qual as coordenadoras do estudo afirmam que a forma de beber mais típica no mundo estudantil é impulsionada pelos jovens de classes superiores que, ainda que não sendo os

únicos a ter acesso à Universidade, continuam a ter um papel proeminente na imposição de modelos e estilos de vida dominantes (Freysinet-Dominjon & Wagner, 2006).

Tal como tem sido exposto, o consumo de álcool no que respeita ao **género** revela-se superior nos estudantes do sexo masculino. Numa amostra de estudantes do Ensino Superior de Coimbra, Rodrigues (2006) confirmou os achados ao concluir que os indivíduos do sexo masculino consomem de forma mais regular vinho e cerveja, enquanto o sexo oposto o faz de uma forma ocasional. Relativamente à embriaguez no último ano, averiguou que esta ocorreu de forma regular maioritariamente nos homens.

Preto (2002) desenvolveu um estudo com 450 estudantes do mesmo nível de ensino em Bragança, no qual verificou que o número de embriaguezes varia consoante o sexo e os padrões de consumo de álcool. Desta forma, as médias da primeira variável são mais elevadas no sexo masculino e nos padrões de consumo “potencialmente perigosos”.

Também Freysinet-Dominjon e Wagner (2006) corroboram destes resultados já que 43% das estudantes são não bebedoras ou pequenas bebedoras, comparativamente com 37% dos estudantes. São igualmente mais numerosas quando afirmam nunca ter conhecido a embriaguez (38% das raparigas, 21% dos rapazes) ou a emitir mais julgamentos negativos sobre o álcool (45% *versus* 31%, respectivamente).

Uma investigação levada a cabo nos EUA na qual foram realizadas avaliações de alcoolemia, recorrendo a alcoolímetros, revelou que em festas de estudantes universitários, os rapazes atingem níveis de intoxicação mais elevados que as raparigas. De facto, 55,9% de todos os participantes nas festas apresentaram valores de alcoolemia iguais ou superiores a 0,8 mg/dl, sendo 59,7% do sexo masculino e 50,4% do sexo feminino, dados que ilustram um problema de comportamento relacionado com o ambiente (Glindemann & Geller, 2003).

Apesar de haver predominância do consumo de álcool por parte dos estudantes, a tendência é convergente, mesmo nos problemas ligados ao álcool. Ainda assim, os rapazes continuam a reportar mais problemas no domínio público (agressões físicas, problemas legais e situações que colocam os outros em perigo) que as raparigas estudantes (White & Jackson, 2005).

Não se poderá colocar de parte a possível existência de uma **cultura de álcool no meio académico**, constituindo um factor que alicia os estudantes a consumir álcool. Muitos estudantes do Ensino Superior encontram-se num período de transição, no qual são livres de escolher a sua conduta, sem que tenham consciência das consequências a longo prazo.

A Universidade de Leeds está situada dentro de uma população que apresenta as estatísticas mais elevadas de consumo *binge* no Reino Unido. Carpenter et al. (2007) desenvolveram um estudo, baseado em grupos focais, em que um dos objectivos consistia em explorar as perspectivas do *binge drinking* nos estudantes do sexo feminino. Estas demonstraram haver a percepção de que o álcool facilita os relacionamentos sociais e as torna mais agradáveis. As jovens do primeiro ano acreditam que ficarem embriagadas ajuda a integrarem-se. As estudantes revelaram ainda indiferença relativamente a este fenómeno, principalmente porque vêem-no como uma fase da Universidade. A influência da cultura de estudante nos comportamentos de consumo de álcool é um achado importante. A cultura de beber pode variar de universidade para universidade mas, parece ser uma parte integrante da vida do estudante, na medida em que é uma forma dos estudantes se relacionarem e criarem redes sociais. Outro aspecto que ressalta é a pressão para beber a par dos colegas do sexo masculino.

Relativamente à vida relacional e à socialização dos estudantes, Beynier e Pellissier (2000) explicam que os estudantes que consomem substâncias têm tendência a sair mais à noite, a participar em festas em casa com os amigos e a frequentar mais bares. Esta socialização é fortemente endógena, já que 82% dos estudantes escolhe principalmente os seus amigos da Universidade.

Nos EUA, a existência de casas de fraternidade (o que de mais próximo existe na realidade coimbrã serão as Repúblicas e algumas residências de estudantes), é associada ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Glindemann e Geller (2003), na investigação já referida, constataram que os estudantes apresentavam níveis significativamente mais elevados de alcoolemia e estavam mais propensos a ficar legalmente intoxicados em festas de fraternidades do que em festas privadas.

Clapp et al. (2006), depois de estudarem a influência das festas no consumo dos estudantes, concluíram que a presença de muitas pessoas embriagadas num local onde se bebe álcool contribui significativamente para a variação do consumo, a utilização de jogos de álcool também auxiliou na predição do consumo e as festas onde os estudantes levavam a sua garrafa estiveram associados ao consumo excessivo. Em relação aos jogos de álcool, Polizzoto et al. (2007) desenvolveram um estudo misto, no qual verificaram que a maioria dos consumidores de álcool referiu ter participado em pelo menos um jogo de álcool, sendo as motivações mais comuns o aborrecimento, a pressão e o constrangimento social. Os estudantes reconheciam a associação entre o consumo abusivo e os possíveis riscos (metade relatou um resultado adverso subsequente à participação), mas tal não afectou a decisão de jogar.

Os ambientes circundantes à universidade cumpliciam com esta cultura ao facilitar a **acessibilidade** e ao fomentar o uso do álcool através das inúmeras festas dirigidas aos estudantes (muitas vezes atingindo públicos mais específicos como é o caso das raparigas com as *ladies night*), promoções apelativas (*packs* de cerveja e *shots* a preços reduzidos, *litradas* de bebidas destiladas) ou ofertas de produtos de *merchandising* (bonés, t-shirts, entre outros). Os locais de consumo firmam-se por vezes nos arquétipos que anunciam, acabando por ficar associados a estes, o que facilita a selecção dos consumidores, em função do seu padrão de consumo.

Em relação ao preço do álcool os resultados do estudo de Kuo et al. (2003) indicam que aquilo que designaram de “ambiente molhado” em torno dos *campus*, que inclui preços baixos, mais promoções e publicidade ao álcool em estabelecimentos para consumo próprio ou de retalho, estava relacionado com taxas mais elevadas de consumo *binge* nos meios universitários. Constataram ainda que este ambiente estava directamente associado ao número de bebidas consumidas pelos estudantes nos últimos 30 dias. Os autores descobriram que quanto mais baixo o preço da cerveja na comunidade circundante, mais elevado era o consumo *binge*. Examinando a relação entre o ambiente e o consumo por estudantes do Ensino Secundário que não consumiam de forma *binge*, esta sugere que poderá ser o “ambiente molhado” que rodeia as universidades, e não a escolha dos estudantes das respectivas instituições, a base para o aumento do consumo de álcool.

PARTE II – CONTRIBUTO PESSOAL

Neste capítulo é realizada a clarificação da investigação com a apresentação do seu objectivo, seguindo-se o desenho do estudo, no qual se explana a opção do paradigma científico. Posteriormente, é feita alusão aos participantes do estudo, descreve-se a colheita de dados e a análise dos resultados, terminando com os procedimentos éticos e os critérios de rigor.

4.1 – OBJECTIVO DO ESTUDO

As bebidas alcoólicas têm um peso cultural marcante no Ocidente, estão carregadas de virtudes simbólicas que se descobrem ainda em vários mitos enraizados na sociedade e fazem parte integrante dos rituais e celebrações religiosas, dos momentos de convívio e festividades.

O consumo de bebidas alcoólicas nos jovens surge como um processo de socialização, no qual se destacam a influência da família e do grupo de pares, bem como a importância de factores emocionais e afectivos. A pertença a um grupo, no qual a maioria dos elementos consome álcool frequentemente, leva a situações em que o indivíduo também tende a adoptar este comportamento. Sendo uma droga social, o álcool é uma parte integrante da convivialidade entre adultos. Os comportamentos dos jovens reflectem as atitudes e práticas dessa sociedade adulta e indicam a transição para a vida adulta (Sequeira, 2006; WHO, 2001).

A entrada dos estudantes no Ensino Superior confronta-os com novas realidades. As experiências vividas ao longo do percurso académico são marcadas pela cultura académica, tão distinta na cidade de Coimbra. Os momentos de socialização que o Ensino Superior proporciona são vários, desde as festas académicas, convívios organizados por estudantes, jantares de curso, noites temáticas nos bares e discotecas, *peddy-tascas*, aos quais se associa o consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Durante as festas académicas, as tradições culturais e o marketing relacionado com as bebidas alcoólicas fomentam o consumo e são uma potencial barreira para a adesão a comportamentos responsáveis pelos estudantes, ou seja, o controlo dos seus consumos.

Os consumos estão cada vez mais relacionados com as vivências académicas dos estudantes do Ensino Superior. Não havendo muitos estudos nesta área, nomeadamente no que respeita à realidade coimbrã, considerou-se pertinente a realização desta investigação

que vai ao encontro de uma das áreas de intervenção prioritárias do Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool: os jovens.

Desta forma, definiu-se como **objectivo** do estudo:

- Caracterizar os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra, relacionando-os com a sua cultura e vivências académicas.

4.2 – DESENHO DO ESTUDO

O estudo insere-se no paradigma qualitativo ou interpretativo. Este privilegia a compreensão e a inteligibilidade, como propriedades específicas dos fenómenos sociais. Ao abordar a subjectividade assegura que a sociedade é resultado da reciprocidade das acções existentes entre os seus actores (Minayo, 2007). Desta forma, o objecto de análise é elaborado com vista à acção, que concerne não só o comportamento mas os significados atribuídos pelos actores e por aqueles que interagem com ele. É através da cultura que se constroem significados, que, parecendo ter interpretações semelhantes, ocultam muitas vezes uma diversidade subjacente. Na abordagem qualitativa, há um interesse particular pelo modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, pelas *perspectivas participantes*, o que leva a um enfoque na dinâmica interna das situações, que é diversas vezes invisível ao observador exterior (Erickson, 1986, citado por Bogdan & Biklen, 1994). Assim, não é colocada ênfase na predição do comportamento humano como faz a metodologia quantitativa, mas sim na compreensão do fenómeno.

A escolha desta corrente do pensamento detém-se no facto de se considerar ser a melhor forma de descrever os momentos de convívio dos estudantes e do seu consumo de bebidas alcoólicas, pois as suas experiências são únicas e só têm sentido se interpretadas e re-interpretadas por quem as vivencia. Compreender implica interpretar, estabelecer relações e extrair conclusões em todas as direcções. Como tal, compreender os significados que os estudantes atribuem aos momentos de convívio, ao consumo de bebidas alcoólicas e as suas motivações para as acções (consumir ou não consumir), implica perceber o que experimentam, o modo como o experimentam e a forma como estruturam o mundo social em que vivem e interagem. Optou-se pelo estudo exploratório-descritivo, devido à escassez de investigações na área.

4.3 – PARTICIPANTES DO ESTUDO

Do estudo fizeram parte 24 participantes de instituições do Ensino Superior de Coimbra. Como critérios de inclusão iniciais considerou-se: ser estudante de uma instituição do Ensino Superior de Coimbra e ter idade entre dezoito e trinta anos.

O método de amostragem utilizado foi a amostragem por redes ou “em bola de neve”. Foram constituídas três redes, correspondentes a três cursos diferentes: Engenharia Informática (curso incluído no Ensino Politécnico), com 12 participantes; Bioquímica, com 7 participantes; e Engenharia Electrotécnica e de Computadores, com 5 participantes (cursos integrados no Ensino Universitário).

Todas as redes foram iniciadas com estudantes reconhecidos por colegas como sendo consumidores regulares. Inicialmente foi composta uma rede em que houve superioridade de estudantes de anos intermédios e de consumidores regulares. Por este motivo, a segunda rede a ser constituída teve como critérios preferenciais ter hábitos de consumo de bebidas alcoólicas menos frequentes, se possível não consumidores, e ter apenas uma matrícula no Ensino Superior. Devido à ausência de finalistas, a terceira rede teve como critério de inclusão frequentar o último ano do curso. Tanto na primeira como na última rede houve a preocupação em incluir estudantes do sexo feminino, o que se verificou uma tarefa difícil pois nos cursos de Engenharia existe predominância do sexo masculino.

Desta forma, as redes dos participantes foram constituídas tendo em conta as redes sociais de amigos/colegas, abrangendo estudantes do primeiro ano, anos intermédios e último ano. O tamanho da amostra foi determinado pela saturação na recolha de dados por entrevista, ou seja, a colheita de dados terminou quando foi considerado haver redundâncias e duplicação de ideias, significados e experiências nos relatos dos participantes.

4.4 – COLHEITA DOS DADOS

A fonte de dados mais utilizada em estudos qualitativos é a entrevista pois esta torna possível iluminar os temas centrais nas experiências e sentimentos de um grupo sobre um assunto ou circunstância particular (Hutchinson & Wilson, 2007). A entrevista fornece informações que acolhem as reflexões do próprio participante sobre a realidade que vivencia, como ideias, formas de actuar, condutas, projecções, razões conscientes ou inconscientes e determinadas atitudes e comportamentos. Devido ao seu carácter subjectivo, tais informações só podem ser adquiridas com a contribuição da pessoa. A modalidade escolhida foi a entrevista semi-estruturada que, segundo Minayo (2007), ao

aliar perguntas fechadas e abertas, permite ao participante a oportunidade de discursar sobre o tema não dependendo da questão apresentada.

Para facilitar a condução da entrevista foi elaborado um guião (Anexo 1), no qual foram colocados os temas, aos quais correspondiam vários indicadores essenciais e suficientes em forma de tópicos, facilitando também a emergência de novos temas e questões relevantes trazidas pelos participantes. Previamente à realização do trabalho de campo foi realizado um pré-teste do guião, com quatro participantes-chave, estudantes da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, o que permitiu clarificar e precisar a lista de indicadores a serem abordados nas entrevistas.

O guião da entrevista é composto por duas partes, em que a primeira diz respeito à caracterização dos participantes e contém os dados sociodemográficos (inclui a Escala de Graffar Abreviada por Fonseca de 1990 e citado por Costa (2000), que fornece informação acerca da situação socioeconómica das famílias dos participantes, sob quatro critérios: profissão dos pais, nível de instrução, origem do rendimento familiar e tipo de habitação) e dados relativos ao padrão de consumo. A segunda parte, de uso exclusivo da investigadora, compreende os temas a serem abordados ao longo da entrevista. As entrevistas foram iniciadas com uma questão de partida baseada nas respostas às perguntas sobre o “Padrão de Consumo”, com referência ao tempo e contexto em que o participante iniciou o consumo de bebidas alcoólicas.

A realização e transcrição das entrevistas decorreram entre 7 de Maio de 2008 e 13 de Março de 2009. O local e dia das entrevistas foi definido de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes, tendo como única preocupação da parte da investigadora a placitude do local escolhido, de forma a assegurar a confidencialidade dos dados colhidos. As entrevistas tiveram uma duração que variou entre os 15 e os 110 minutos.

Utilizou-se a gravação em registo áudio para que houvesse um registo completo e fiel de todos os dados fornecidos pelos participantes. Apesar de ter sido referida e explicada a pertinência da utilização do gravador, houve um participante que se mostrou desconfortável e apreensivo relativamente ao uso do mesmo. Foi tranquilizado quanto aos seus receios e foram reforçadas as garantias de confidencialidade e anonimato, o uso da informação apenas para fins científicos e sob responsabilidade da investigadora, e a possibilidade de colocar dúvidas em qualquer momento ou desistir no decurso da entrevista, ao que deu o seu consentimento para a realização da entrevista, de forma livre e esclarecida. No final da entrevista mostrou interesse em saber se as informações dadas iam ao encontro das informações fornecidas pelos outros participantes. Após análise da entrevista, considerou-se que os dados fornecidos demonstravam uma inquietude camuflada, que não facilitou a livre

expressão dos seus sentimentos e experiências. De forma a garantir a máxima protecção do participante e a credibilidade dos resultados, decidiu-se pela anulação deste registo.

Durante as entrevistas houve a preocupação de criar um clima de simpatia, confiança e harmonia, que permitisse a expressão natural e espontânea dos participantes, de forma a atingir o máximo de profundidade sobre o fenómeno em estudo.

4.5 – ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada tendo por base a abordagem hermenêutica-dialética. A hermenêutica é considerada a arte da compreensão, do entendimento com o outro, a capacidade do ser humano se colocar no lugar do outro. Segundo Gadamer (2004), a hermenêutica, como teoria filosófica, diz respeito à totalidade do nosso acesso ao mundo. A linguagem é o seu núcleo central, sendo que é o diálogo que suporta não só o entendimento entre os homens como sobre as coisas que constam no mundo. Esta teoria apoia-se nas análises de contexto e da *praxis*, o que pressupõe saberes e entendimento concretos do presente, enquanto condição do futuro, mas também da história enquanto determinação concreta do presente.

A dialética é a arte do estranhamento e da crítica, é a ciência e a arte do diálogo, da pergunta e do debate, buscando nos factos, nos símbolos e na cultura os pontos menos claros e contraditórios, para formular uma crítica fundamentada sobre estes (Minayo, 2007). Foi no diálogo entre Habermas e Gadamer que nasceu a controvérsia entre as duas abordagens que, na opinião de Mardones (2004), se apoiou na tomada de consciência histórica e na possibilidade de distanciamento crítico do que surge como natural e óbvio, denunciando a assunção acrítica da tradição. Habermas articulou as duas ao considerar que do ponto de vista do pensamento, a hermenêutica-dialética faz a síntese dos processos compreensivos e críticos da realidade social. No entanto, é Minayo (2007) quem oferece uma proposta operativa. Na opinião da autora os indivíduos que vivem uma determinada realidade, ao pertencer a grupos, classes e segmentos diferentes, são influenciados pelo momento histórico, podendo ter interesses comuns que os unem e interesses exclusivos que os distinguem e opõem. Na perspectiva dialética é essencial fazer a crítica das ideias resultantes dos produtos sociais, procurando nas suas particularidades históricas, a ligação estreita com o seu tempo; e nas diferenciações internas, a sua contribuição para a vida, para o conhecimento e para as transformações.

Minayo aponta dois pressupostos deste método de análise. O primeiro refere-se à ideia de que “não há consenso e nem ponto de chegada no processo de produção de conhecimento”. O segundo diz respeito ao facto de que “a ciência se constrói numa relação

dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge da realidade” (Gomes, 1998, p. 77).

A autora propõe dois níveis de interpretação. O primeiro reporta-se ao contexto sócio-histórico do grupo em estudo, constituindo o marco teórico-fundamental para análise. Este é o plano da totalidade (sempre parcial) ou do contexto, sendo que, quando se procede à interpretação dos dados, se refere tanto às determinações como ao recurso interpretativo, através do qual se procura saber as ligações entre a experiência empírica e as relações essenciais. As determinações fundamentais, que são enquadradas neste nível, advêm da prática social e da acção humana, ser humano esse que tem vivências, pensamentos, sentimentos e reflexões do mundo. Neste nível fez-se a análise do consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes do Ensino Superior, buscando-se enquadrar as vivências e o contexto histórico e cultural no qual os participantes desenvolvem as suas práticas.

O segundo momento da análise corresponde à confrontação com os factos empíricos. É necessário encontrar nos relatos dos participantes o sentido, a lógica interna, as interpretações e as projecções. Como tal, nesta etapa foram contempladas as entrevistas dos estudantes. Esta interpretação exige a elaboração de *categorias analíticas*, trabalhadas desde o início da investigação, e de *categorias empíricas e operacionais*, formadas a partir do material de campo.

As *categorias analíticas* foram organizadas tendo por base o modelo de intervenção em promoção da saúde PRECEDE-PROCEED (Green & Kreuter, 1991, citado por Brito, 2008). As estratégias de promoção da saúde implicam a combinação do apoio educacional e/ou ambiental elementar para o desenvolvimento de actividades e condições promotoras de melhor saúde. Como tal, é necessário analisar os factores do ambiente físico e social que podem estar relacionados com os comportamentos e estilos de vida. Segundo este modelo, os determinantes dos estilos de vida, que influenciam a prática de comportamentos preventivos, podem ser classificados em três grandes grupos: factores predisponentes, factores facilitadores e factores de reforço.

Os factores predisponentes dizem respeito aos conhecimentos, crenças, valores e às necessidades/habilidades que estão relacionadas com a motivação de uma pessoa ou de um grupo para agir. Sendo na maioria do domínio psicológico, constituem antecedentes do comportamento que podem facilitar ou dificultar a mudança comportamental e podem ser alterados através da Educação para a Saúde. Neste grupo foi incluída a “experiência prévia”, os “motivos de consumo”, as “opções de consumo”, os “limites” e a “percepção do risco”.

Os factores facilitadores correspondem às condições ambientais que coadjuvam na mudança de comportamentos de indivíduos, grupos e/ou organizações. Estes incluem a disponibilidade, acessibilidade e a existência de serviços de saúde e de recursos comunitários. Incluem-se as novas competências que os intervenientes têm de desenvolver para que haja mudança de comportamentos e as barreiras criadas pela pressão social ou pelas organizações. Estes factores podem facilitar ou impedir a mudança de comportamentos. A “acessibilidade às bebidas alcoólicas”, as “barreiras às saídas e aos consumos” e a “resistência à pressão dos pares” são abrangidos por este grupo.

Os factores de reforço são a resposta que o meio (por exemplo família, pares, trabalho, meios de comunicação) oferece à concretização do comportamento esperado, que pode encorajar ou não a manutenção do comportamento de saúde. Se a resposta for positiva há tendência para reforçar esse comportamento. Se for negativa dificulta a adopção de um novo padrão de actuação. A “família” e os “pares” são enquadrados neste grupo.

Após a constituição das *categorias analíticas*, Minayo (2007) sugere que sejam seguidas três fases:

1. *Ordenação dos dados*: transcrição dos registos áudio, revisão das entrevistas transcritas e organização dos relatos.
2. *Classificação dos dados*: pressupõe uma leitura horizontal e exaustiva dos textos, na qual se apreendem as estruturas de relevância dos actores sociais, as ideias principais que tentam transmitir, os momentos-chave e as suas posturas sobre o tema em estudo. Assim, vão sendo construídas as *categorias empíricas*, que mais tarde serão confrontadas com as *categorias analíticas*, buscando as inter-relações e interconexões. Segue-se a leitura transversal, na qual se faz o recorte das entrevistas em “unidades de sentido”, “estruturas de relevância”, “tópicos de informação” ou “temas”; ao que se segue a junção das partes semelhantes, tentando perceber as suas relações e reunindo-as em códigos ou gavetas. Após estes processos é realizado um refinamento da classificação, no qual as diversas gavetas são reagrupadas dentro de categorias centrais, pressupondo uma lógica unificadora.
3. *Análise final*: as etapas anteriores dão lugar a um movimento circular entre o material empírico e o teórico, nas duas direcções, que alterna entre o concreto e o abstracto, procurando as riquezas do particular e do geral. É construída uma nova aproximação do objecto, em que o pensamento antigo encontra outros limites e se organiza dentro do momento presente. Ou seja, “o novo contém o antigo, incluindo-o numa nova perspectiva” (p. 356), que é desenvolvida na discussão deste trabalho.

No que se refere ao tratamento dos dados correspondentes à primeira parte do guião, foi utilizado o programa estatístico SPSS (Versão 17.0), através do qual foram realizadas técnicas e medidas de estatística descritiva (frequência absoluta, frequência relativa, média, moda e desvio padrão). O instrumento utilizado na análise dos relatos dos participantes foi o programa QSR NVivo (Versão 7.0).

4.6 – PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As investigações realizadas com seres humanos colocam em evidência os direitos e liberdades das pessoas que nelas participam, sendo necessário tomar todas as medidas que visem a sua protecção. Em pesquisas qualitativas, os fenómenos sociais são construídos e negociados através das interacções entre o investigador e as pessoas, pelo que é importante que estas relações sejam participadas, transformativas e recíprocas.

No estudo foram assegurados os seguintes princípios éticos: direito à autodeterminação, direito à intimidade, direito à protecção contra o desconforto e o prejuízo e direito a um tratamento justo e equitativo. No consentimento informado (Anexo 2), que foi verbalmente explicado numa linguagem simples e acessível e entregue a todos os participantes, foram tidas em conta as recomendações do Código de Helsínquia (Osswald, 2001), constando aspectos como o tema em estudo, os seus objectivos, o procedimento utilizado na colheita dos dados e o modo de armazenamento dos mesmos. A confidencialidade da informação foi garantida através do acordo estabelecido entre ambas as partes quanto à utilização dos dados e o anonimato foi conservado através da utilização de códigos conhecidos apenas pela investigadora.

Foi ainda salvaguardada a participação voluntária, informando os participantes que teriam toda a liberdade de desistir em qualquer momento ou de esclarecer dúvidas, interrompendo a entrevista sempre que julgassem necessário.

4.7 – CRITÉRIOS DE RIGOR

Os estudos qualitativos têm sido muitas vezes criticados pela falta de critérios de avaliação, nomeadamente a fidelidade e a validade dos dados. De forma a tentar aumentar a precisão dos dados, muitos investigadores têm utilizado critérios quantitativos na apreciação de dados qualitativos. Na opinião de Leininger (2007) é fundamental o uso de critérios dentro de cada paradigma, uma vez que os paradigmas quantitativo e qualitativo têm premissas, finalidades e raízes diferentes, sendo que se estas não forem compreendidas, respeitadas e

mantidas corre-se o risco de haver uma enorme redução do desenvolvimento de resultados creíveis e válidos. Como tal, foram tidos em conta os critérios recomendados pela autora, em investigações qualitativas.

A *credibilidade* refere-se à “verdade” dos resultados, tal como é conhecida, experienciada ou sentida profundamente pelas pessoas. Para garantir a credibilidade foram realizados alguns procedimentos:

- Depois da transcrição das entrevistas foi pedido a cada participante que validasse a sua, acrescentando qualquer observação ou rectificando afirmações se achasse pertinente;
- A construção das *categorias empíricas*, das *categorias analíticas* e suas inter-relações e interconexões foram validadas por três peritos, sendo dois os orientadores da tese.

A *confirmabilidade* diz respeito à obtenção de afirmações directas e repetidas com frequência e às evidências do ponto de vista dos informantes acerca dos resultados ou interpretações do investigador. Após a análise de conteúdo, os resultados foram validados pelos mesmos peritos e foram recolhidas opiniões junto de três estudantes (um do primeiro ano, um de um ano intermédio e um do último ano) relativamente à análise dos resultados. Na opinião de Van den Hoonaard (2002, citado por Lima, 2006) enviar apenas o relatório final aos participantes não se trata de um procedimento muito ético, pois significa que estes foram omitidos de todo o processo que termina nesse relatório.

O *significado no contexto* é um dos critérios mais utilizados no ramo da hermenêutica e reporta-se a situações, acontecimentos de vida ou experiências com significados próprios que são do conhecimento das pessoas no seu ambiente. Tal como já foi referido, a abordagem escolhida tem em consideração o contexto sócio-histórico no qual os actores sociais se movimentam.

A *padronização* recorrente diz respeito às experiências, manifestações, acontecimentos ou acções repetidas, que tendem a ser padronizados, o que foi cumprido através da categorização dos dados de forma exaustiva.

Por último, o critério de *saturação* refere-se à pesquisa exaustiva do fenómeno em estudo, pelo que a colheita de dados terminou quando foi considerado haver redundâncias e duplicação de ideias, significados e experiências nos relatos dos participantes.

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados que materializam o objectivo do estudo: caracterizar os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra, relacionando-os com a sua cultura e vivências académicas. Inicialmente é feita a caracterização da amostra e em seguida prossegue-se com a análise dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas.

5.1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A caracterização da amostra inclui os dados sócio-demográficos e o padrão de consumo.

A amostra em estudo é constituída por vinte e quatro estudantes, dos quais sete são do sexo feminino (29,2%) e dezassete do sexo masculino (70,8%). As suas idades variam entre os 18 e os 30 anos, sendo a média de 22,17 anos ($\pm 3,24$ anos).

Metade dos participantes pertence ao curso de Engenharia Informática, do Ensino Politécnico. Os restantes 50,0% pertencem ao Ensino Universitário: sete frequentam o curso de Bioquímica (29,2%) e cinco o curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores (20,8%).

No que respeita ao número de matrículas, quatro estudantes (16,7%) têm uma matrícula, nove estudantes (37,5%) têm entre duas e três, cinco estudantes (20,8%) entre quatro e cinco e seis estudantes (25,0%) têm seis ou mais matrículas. No que concerne ao ano de frequência, seis estudantes encontram-se no primeiro ano, treze em anos intermédios (segundo, terceiro ou quarto) e cinco no último ano.

Em relação ao estatuto de mobilidade, dezanove estudantes são deslocados (79,2%), ou seja, tiveram que ter alojamento distante da casa dos pais para vir estudar em Coimbra, e cinco são não deslocados (20,8%). No primeiro grupo, a maioria vive em apartamentos com outros estudantes (dezassete estudantes), sendo que apenas um estudante vive numa residência universitária e um numa casa de familiares.

Através da caracterização sócio-económica, obtida pela Escala de Graffar Adaptada, verifica-se que cerca de um terço da amostra pertence à classe média (33,3%), metade inclui-se na classe média-alta (50,0%) e a restante amostra corresponde à classe alta (16,7%).

TABELA 1 – Caracterização sócio-demográfica da amostra.

	N	%	Moda
Curso			
Engenharia Informática	12	50	Engenharia Informática
Bioquímica	7	29,2	
Engenharia Electrotécnica e de Computadores	5	20,8	
Número de Matrículas			
1	4	16,7	2 a 3 matrículas
2 a 3	9	37,5	
4 a 5	5	20,8	
6 ou mais	6	25,0	
Ano de frequência			
1º Ano	6	25,0	Anos intermédios
Anos intermédios (2º, 3º ou 4º)	13	54,2	
Último ano	5	20,8	
Estatuto de Mobilidade			
Deslocado	19	79,2	Deslocado
Não-deslocado	5	20,8	
Nível sócio-económico			
Médio	8	33,3	Médio-alto
Médio-alto	12	50,0	
Alto	4	16,7	

Os dados referentes ao padrão de consumo incluem a idade de consumo da primeira bebida alcoólica e o contexto em que aconteceu, a idade da primeira embriaguez e o seu contexto e a frequência com que ingere bebidas alcoólicas. Relativamente à frequência de consumo de bebidas alcoólicas, vinte e um estudantes (87,5%) afirma consumir bebidas alcoólicas e apenas três (12,5%) não o faz, sendo estes participantes do sexo feminino. Dentro do grupo dos consumidores, seis fazem-no “mensalmente ou menos”, oito bebem entre “duas a quatro vezes por mês”, quatro entre “duas a três vezes por semana”, dois consomem “quatro ou mais vezes por semana” e apenas um refere que “já bebeu mas deixou de beber”.

TABELA 2 – Frequência de consumo de bebidas alcoólicas.

Sexo	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Frequência de consumo						
Nunca	0	0,0	3	12,5	3	12,5
Já bebeu mas deixou de beber	1	4,2	0	0,0	1	4,2
Mensalmente ou menos	3	12,5	3	12,5	6	25,0
Duas a quatro vezes por mês	8	33,3	0	0,0	8	33,3
Duas a três vezes por semana	4	16,7	0	0,0	4	16,7
Quatro ou mais vezes por semana	1	4,2	1	4,2	2	8,3
Total	17	70,8	7	29,2	24	100,0

Cinco estudantes ingeriram a primeira bebida alcoólica com 10 ou menos anos de idade, onze fizeram-no entre os 11 e os 15 anos e oito quando tinham 16 ou mais anos. Os contextos em que tal aconteceu foram junto da família (20,8%), com os amigos (29,2%), em alguma festividade (incluem-se as referências a “festa”, “festa de aniversário” ou “passagem de ano”) (37,6%) ou sozinho (12,5%).

A primeira embriaguez acontece mais tarde, pois apenas dois estudantes afirmam ter ocorrido com 10 ou menos anos, sete relatam este acontecimento entre os 11 e os 15 anos, dez embriagaram-se com 16 ou mais anos e cinco estudantes nunca passaram por esta experiência, todos do sexo feminino. Os contextos em que ocorre são maioritariamente com amigos (33,3%), em alguma festividade (33,3%), na viagem de finalistas do Ensino Secundário (4,2%) ou sozinho (8,4%).

5.2 – AMBIENTE

A cidade de Coimbra brinda todos os neófitos na vida académica com uma riquíssima variedade de lugares e experiências que marcam as vivências dos estudantes. O meio académico em que estes jovens estão inseridos oferece-lhes uma excelente oportunidade de investimento na sua formação. No entanto, todo o ambiente social que os rodeia demonstra exercer influências importantes nos seus comportamentos e estilos de vida, mais especificamente no consumo de bebidas alcoólicas.

5.2.1 – VIVÊNCIAS ACADÉMICAS

O ingresso no Ensino Superior significa para a maioria dos estudantes a saída de casa, com o inevitável afastamento físico da família e dos amigos. Para muitos, provenientes de meios rurais, implica o confronto com uma realidade citadina, repleta de novidades e encantos que os estudantes têm sede em explorar. A este aspecto acrescenta-se o facto de a cidade de Coimbra, conhecida por todos como a “cidade dos estudantes”, proporcionar uma panóplia de eventos e locais de diversão que apelam à participação de toda a comunidade estudantil.

A **saída de casa** dos pais corresponde a um grande desafio na transição e adaptação ao Ensino Superior (N=10, dos quais um corresponde a uma estudante). Estar sozinho traz experiências positivas como a descoberta de um mundo diferente, cheio de novas oportunidades. Contudo, estar longe dos pais pode trazer sentimentos de tristeza. Coloca os estudantes frente a frente com uma nova vida, na qual têm que resolver os seus problemas e fazer a gestão das suas tarefas de forma autónoma, o que aumenta o sentido de responsabilidade, como se pode verificar no seguinte relato:

“No princípio estamos sempre habituados estar com os pais e de repente temos que nos virar por nós próprios. E acho que isso aí é que é diferente, é nós termos que nos virar por nós próprios. É resolver os nossos problemas, não estar a contar com ninguém, termos que tratar do nosso dinheirinho, das nossas coisas. Acho que houve um aumento substancial das responsabilidades. Completamente... um aumento grande da responsabilidade.” (Estudante 1A)

Por outro lado, o facto de o controlo dos pais ser substancialmente menor dá oportunidade aos estudantes de saírem quando querem ou de convidarem os amigos para convívios em casa, o que significou para alguns o aumento do consumo de bebidas alcoólicas.

“Os meus pais nunca gostaram que eu bebesse. Às vezes eu beber uma cerveja em frente deles já era o cúmulo. E então, desde que vim para Coimbra, como não estou com eles, estou com os meus amigos, já tenho mais aquela liberdade, e então acabo por beber mais.” (Estudante 2C)

Dentro do percurso académico, o **primeiro ano** (N=19, sendo cinco do sexo feminino; quatro são do primeiro ano, dez de anos intermédios e cinco do último ano) é assinalado como um período de grande intensidade de experiências, nomeadamente nas saídas nocturnas. Para a maioria dos estudantes as saídas passam a ser muito mais frequentes (relativamente ao Secundário) e até tarde, implicando por vezes a não frequência das aulas, que na maioria das vezes não são de presença obrigatória, como exemplifica este estudante de um ano intermédio:

“As noites nos primeiros tempos eram... era até ser dia. Depois dormir, depois no outro dia noite, dormir, noite... no início quase não punha os pés na escola.” (Estudante 1G)

Numa fase mais inicial, que corresponde ao primeiro semestre, o conhecimento da cidade e dos locais de diversão nocturna são tarefas impreteríveis. Estas saídas funcionam também

como forma de integração ao possibilitar o convívio entre os colegas de curso, que se esforçam para passar mais tempo juntos, e facilitar o conhecimento de outras pessoas.

“Sair cá em Coimbra, conhecer novos amigos, basicamente foi por isso que eu saí ao início. Tentar conhecer o pessoal do meu curso, integrar. Agora é mais por diversão.” (Estudante 2B)

O “ano de caloiro” traz o entusiasmo da entrada no Ensino Superior, com expectativas elevadas para muitos estudantes, que anseiam por aproveitar ao máximo, bem explícito nas palavras de um estudante do último ano, quando se refere às expectativas que tinha quando entrou: “vai ser de caixão à cova”. O ambiente exterior está repleto de oportunidades para usufruir todos os dias (para além das saídas, existem inúmeros convívios organizados por estudantes e jantares de curso), estando associado a uma “cultura de beber”, marcada pela forte presença da Universidade.

“Se calhar enraizou-se mais a cultura de beber, talvez seja por ser Coimbra ou por estarmos aqui perto da Universidade e tudo...” (Estudante 1A)

Os estudantes de anos intermédios e alguns finalistas, ao recordar o que foi o seu primeiro ano, referem que este foi muito marcado pelas saídas nocturnas, consumo de álcool e embriaguezes.

“Na minha transição para Coimbra mudou muita coisa. Eu quando vim estudar para Coimbra, no meu ano de ‘caloiro’ saía cinco, seis vezes por semana. E dessas cinco, seis vezes que saía por semana, bebia todos os dias, praticamente sem excepção. Desses cinco, seis dias, bebia em demasia quatro, cinco. O que era uma coisa que não acontecia antes de entrar na faculdade, porque para além de ser tudo muito diferente, quando estamos no décimo segundo temos que acordar às sete...” (Estudante 3B)

Já os estudantes do primeiro ano nomeiam mais o primeiro semestre sendo que, a partir da época de frequências e exames, houve uma redução acentuada. Um estudante (ano intermédio) faz ainda referência à importância do álcool como forma de integração neste novo meio:

“Quando entrei foi diferente porque é aquele mito que se cria em torno do ano de ‘caloiro’, poder-se dar largas ao consumo do álcool e de extravasares as tuas atitudes porque se permite tudo, entre aspas. E aí consumia mais. Mas, também nunca, tirando um dia no Cortejo e um dia na Queima das Fitas, foi nada de extraordinário em termos de consumo. O ano de ‘caloiro’ é especial sobretudo pelo impacto e por uma pessoa desconhecer certas coisas e a forma de integração no Ensino Superior se fazer também um bocado dessa forma. As pessoas mais velhas, de certa forma, também incitam um bocado ao consumo.” (Estudante 1E)

Com a passagem para o segundo ano e progressão no curso¹ acontecem alterações nas vivências dos estudantes. De acordo com os relatos destes (N=12, sendo um do sexo

¹ Os estudantes com duas ou mais matrículas, independentemente de frequentarem o primeiro ou segundo ano, foram incluídos no grupo dos estudantes de anos intermédios pelo facto de já terem passado pela experiência de integração no Ensino Superior e de, tendo em conta o Código da Praxe, poderem trajar e praxar os estudantes recém-ingressados.

feminino; nove pertencentes a anos intermédios e três ao último ano), nos **anos intermédios** há um grande decréscimo nas saídas, que para muitos se tendem a resumir a jantares de curso e festas académicas ou em dias seleccionados antecipadamente para esse fim, de acordo com as tarefas escolares. As amizades são agora mais cimentadas e os convívios mais restritos. As saídas passam a ser mais curtas e é dada preferência à convivência em casa, em cafés ou bares, em detrimento das discotecas, sendo salientado um maior apreço pelo descanso. Neste sentido, a par com a redução nas saídas, ocorre um declínio no consumo, nomeadamente no abusivo.

“Agora já é diferente. No início, quando entrei era mais, também queria mais festa e agora prezo mais o meu espaço e estar ali com o meu grupo de amigos, estarmos assim a conversar um bocadinho e a beber um copo. Continuo na mesma a frequentar festas, discotecas e afins... mas prefiro mais estar num barzinho com o meu pessoal, a falar, a beber, a tomar a nossa cervejinha.” (Estudante 1A)

Para muitos estudantes os anos que sucedem ao primeiro são mais calmos. Para alguns, após experiências menos positivas em termos de desempenho escolar, há um esforço em tentar conciliar dois elementos importantes nas suas vidas (o divertimento e o curso), sendo que a sensatez passa a ser crucial nas suas decisões. Assim, trata-se de uma fase de investimento no curso. Agora os objectivos são outros, é uma altura de reflexão sobre o passado que vai permitir planear o futuro.

“Há uma idade própria para experienciar certas coisas, a idade da adolescência. Agora, quando uma pessoa está a acabar um curso, ou mais de meio do curso, não é a melhor altura para se andar a embebedar todos os dias. Ou depois de ter uma vida estável não é a melhor altura para começar a beber todos os dias. Porque esta devia ser a altura em que devíamos estar a tomar consciência daquilo tínhamos feito antes. É um problema grande que se tem. É agora que nós decidimos o que queremos fazer da nossa vida, é nesse sentido.” (Estudante 1F)

Com a aproximação do final do curso, as vivências dos estudantes ficam marcadas pelo sentimento de saudade gerado pelo afastamento de alguns colegas que vão acabando os cursos e voltam às terras de origem. Os momentos de convívio partilhados por todos, como os jantares feitos em casa com os amigos mais próximos, também geram o mesmo sentimento, o que não se revela tão evidente em relação às festas e saídas nocturnas. Para os estudantes do **último ano** (N=5, todos do sexo masculino) este é também assinalado por um aumento de trabalhos que, associado a um desejo ambivalente de terminar o curso e ingressarem no mundo do trabalho, leva os estudantes a aplicarem-se com empenho, pelo que referem um maior sentimento de responsabilidade.

“Eu já não gosto muito disto. Quer dizer, não é não gosto muito disto, eu já sei, já vivi, já cheguei aqui e... Eu já nem saio para convívios porque, nem é não achar piada, acho piada, mas é sempre a mesma coisa. Ter que sair daqui é normal. A minha vontade é ir trabalhar. Fico triste, mas não há stress, acho que a vida não acaba aqui. Ou se calhar até começa.” (Estudante 3F)

Numa retrospectiva do seu percurso académico, um estudante cogita sobre o peso de ser estudante no consumo de bebidas alcoólicas e, principalmente, o facto de estudar em Coimbra, por tudo o que a cidade coloca ao dispor dos estudantes:

“O facto de ser estudante tem influência, tenho a certeza que sim. E leva a um maior consumo. O facto de estudar aqui em Coimbra julgo que também e terá mais influência que o facto de ser estudante. Eu digo isto também porque conheço outras cidades onde tenho amigos, onde tenho algum contacto com eles e com a sua vida académica e julgo que o nosso espírito aqui em Coimbra e aquilo que temos ao nosso dispor, todos os convívios, todas as festas, não é uma coisa geral de todo o país, pelo menos das cidades que conheço. Nós temos em muito mais quantidade, muito mais dias diferenciados e tudo o mais, que é uma coisa que não acontece noutras cidades.” (Estudante 3B)

Apesar de o estatuto de estudante aparecer com relevância no discurso dos estudantes, atravessando diversas categorias, estes admitem que ao longo dos anos que têm passado a estudar em Coimbra há uma tendência decrescente nas saídas e nos consumos, iniciada nos anos que se seguiram ao primeiro. Neste sentido, afirmam que da mesma forma que houve uma redução no número de saídas, estas também se tornaram menos longas. Foi sendo dada primazia a convívios mais limitados, sendo que nesta etapa preferem, no lugar dos grandes jantares de curso, jantares com amigos mais próximos, cujo objectivo principal é a convivência e partilha e não o consumo abusivo como no passado.

“Mudou a qualidade do vinho e da comida também. Por norma, o pessoal com quem eu saio gosta muito de beber bem, mas também de comer bem. Por isso agora não é aqueles jantares de nos juntarmos só para nos juntarmos, para estar o pessoal todo, sairmos e embebedarmos, mas sim um jantar para convivermos, para estarmos unidos durante algum tempo, é mais por aí. Não são aqueles jantares ‘ai agora vamos sair todos e vamo-nos embebedar’, já não é essa a ideia.” (Estudante 3C)

A alteração no consumo de álcool e os excessos estão, para alguns estudantes, associados à idade, não sentindo nesta altura necessidade de provar nada a ninguém. Por outro lado, o facto de estarem a acabar o curso tem uma influência positiva neste aspecto, isto é, há uma reflexão sobre o tempo decorrido e os abusos que, relacionada com os objectivos finais a cumprir, conduz a uma redução no consumo. Todo o percurso académico encontra fortes raízes na cultura associado ao facto de cursarem numa “cidade de estudantes”.

5.2.2 – CULTURA ACADÉMICA

A oportunidade de pertencer à comunidade académica permite a estes jovens usufruírem de experiências únicas, muitas vezes carregadas de simbolismos resultantes da interacção entre uma imagem colectiva e as representações individuais.

Apesar de o objectivo principal da frequência do Ensino Superior ser a aquisição de competências que permitam o desempenho de uma profissão e a obtenção de um grau académico

superior, as vivências destes estudantes incluem também **momentos de convívio** que vão marcar a vida de quem por aqui passa alguns anos a estudar.

Um desses momentos, a que os estudantes dão muita importância, são os **jantares de curso**, vividos logo desde a chegada a Coimbra e que os acompanham ao longo do seu percurso académico (N=18, dos quais cinco são do sexo feminino; quatro são do primeiro ano, nove de anos intermédios e cinco finalistas). Com a participação da maioria dos estudantes, o ambiente nestes jantares é descrito como de união, de festa, farra e animação entre todos, onde se canta e dança, também se come e, para muitos, onde essencialmente se bebe. Muitos estudantes referem-se à fraca qualidade da comida nos espaços onde se realizam os jantares e especialmente do vinho, mencionado por alguns como “zurrapa” e “vinagre”, o que associados facilitam o inebriamento, já que apesar de tudo os estudantes não abdicam do consumo desta bebida, muitas vezes desregradamente.

“O álcool nos jantares é só para animar, para alguém se rir. Nesses jantares é por isso. Portanto, o vinho é miserável, só pode ser por isso. Eu gosto de vinho, mas esse é vinagre. Nós bebíamos sem gostar mas, acho que isso é normal. Misturava-se às vezes um bocadinho de gasosa ou de Seven-up, para a enganar. Fica mais docinho.” (Estudante 3D)

Neste espaço, por vezes partilhado por jantares de outros cursos, o álcool constitui um contributo para o convívio. Os estudantes juntam-se para beber e descontraír das aulas, dos trabalhos, para libertar do stresse. Para alguns, desde que haja álcool faz-se a festa, sendo até difícil imaginar estes jantares sem a sua presença. Há ainda quem afirme que o álcool nos jantares de curso é uma tradição, pois em Coimbra existe o hábito de beber nestes, especialmente vinho e traçadinho (mistura de vinho com gasosa).

“Jantar só com estudantes sem álcool é difícil, é difícil mesmo. É difícil não porque sinto falta, também depende da altura, mas porque é uma contribuição. O pessoal quando se junta é para beber uns copos, é para descontraír, para se esquecer das aulas, mesmo para a festa. E então o álcool ajuda, o pessoal está habituado e é quase tradição. Não é tanto porque alguém tem algum problema e então está sempre a beber ou porque tem necessidade de beber para fazer a festa, não é essa a necessidade. Mas ajuda, está presente e é quase “jantar, álcool, ponto”. Não, uma coisa sem outra não conjuga porque é mesmo assim.” (Estudante 1F)

Nesta convivência, que um estudante do último ano compara a casamentos pela sua dimensão, é habitual a realização de brindes. Estes podem ser gerais, em que os estudantes se levantam, na sala toda, por ciclos que se vão repetindo durante o jantar, ou mais restritos, que acontecem numa mesa, com os colegas mais próximos ou direccionado especificamente a alguém. Para alguns estudantes é uma forma de beber em sociedade, de alegrar o momento, de festejar ou de dedicar a um colega. Para outros serve de pretexto para beber mais uma vez ou mesmo para chegar mais facilmente à embriaguez, já que é comum fazerem-no de *penalti* (de uma só vez). Os incentivos são continuados, tornando-se difícil resistir aos cânticos tão habituais como “se quer ser cá da malta tem de beber este

copo até ao fim” ou as “ondas”, em que todos os estudantes se levantam e bebem o seu copo, num movimento sincronizado, em analogia a uma onda.

“No jantar de curso há diferença em relação aos jantares na casa dos meus amigos. Há muito mais gente, é outro ambiente, é um ambiente de festa, depois há aqueles cânticos habituais ‘se quer ser cá da malta’, e vai um copo e vai outro brinde... E depois a certo ponto já se está a começar com álcool no sangue, já se bebe mais, já se bebem mais copos seguidos, canta-se mais e aí... o vinho tem mais álcool que a cerveja, também é mais fácil de se ficar embriagado.” (Estudante 2A)

Desta forma, os excessos são condição comum, referidos por todos os estudantes, na primeira ou na segunda pessoa. Alguns referem que é quase obrigatório ficar embriagado nos jantares, pois torna-se difícil controlar após algum consumo, agravado ainda pelos apelos constantes e a disponibilidade de bebidas alcoólicas. A existência de vinho, geralmente à descrição, é aproveitada por muitos, uma vez que, após o jantar, a noite prolonga-se em convívios ou discotecas o que evita que os estudantes tenham que gastar mais dinheiro em bebidas alcoólicas. Contudo, estes aspectos facilitam a ocorrência de situações abusivas que por vezes obrigam os estudantes a regressar a casa mais cedo ou em algumas situações mais graves a ter que recorrer a ajuda hospitalar.

“Nos jantares de curso é quase condição ficar embriagado. Não há hipótese. Podemos curtir, podemos se calhar não dar tanto nas vistas, não encher tanto o copo. Isso se calhar, mas é difícil, naquele ambiente de festa, acaba por não se controlar.” (Estudante 1M)

Ocasionalmente são realizados jantares mais pequenos com colegas de vários anos (referidos pelos estudantes de Engenharia, cujos cursos contêm muitos alunos). Tratam-se de jantares mais descontraídos, nos quais por vezes nem vão trajados (o que raramente acontece nos jantares de curso), mais tranquilos e com menos agitação (os estudantes falam dos jantares de curso como sendo muito ruidosos). Os desafios são menores e as diferenças entre “caloiros” e “doutores” são diluídas, ficando todos ao mesmo nível.

“Havia jantares de curso mais pequenos. Às vezes nem íamos trajados ou era só ocasional. Aí nem sequer se punha essa questão ‘doutores’ ou ‘caloiros’. Acabava quase por ser, não era que fosse de amigos, amigos, mas de colegas de curso, que nos juntávamos e íamos jantar. Era diferente dos jantares com todo o curso. Para já era mais calmo, não havia aquela barafunda toda. Depois eventualmente aquelas picardias que pudessem acontecer eram em muito menor escala. Os jantares de curso mesmo oficiais eram mais brutos, mais agressivos, havia uma maior picardia entre as pessoas. Naqueles que fazíamos, como acabavam por ser quase grupos de colegas, amigos, ainda que se calhar também bebêssemos, julgo que não bebíamos tanto como nesses, julgo que não atingia os níveis que atingia nos jantares de curso normais, oficiais.” (Estudante 3B)

A percepção dos estudantes finalistas, à semelhança do que relatam no seu percurso académico, é que nos jantares do primeiro ano não havia limites, não só pelo facto de os “caloiros” beberem bastante como forma de provar a si e aos outros que são capazes, mas também pela pressão exercida pelos “doutores” de *praxe*, que nem sempre é unilateral, pois

estes por vezes também aceitam os desafios dos “caloiros”. Nos últimos anos do curso, para além de se comer melhor, os jantares são mais calmos e os brindes ingeridos de uma só vez não são tão recorrentes.

Em contraponto aos jantares de curso surgem os **jantares em casa de amigos** (N=9, sendo dois do sexo feminino). Nestes, o ambiente é familiar, mais pacato, com amigos próximos com quem se vai criando uma maior cumplicidade. A aquisição dos alimentos é feita em estabelecimentos comerciais e o jantar é feito por todos. Esta opção fica muito mais económica, tanto pelos custos da refeição como das bebidas, aspecto relevante para o orçamento dos estudantes. A qualidade da comida é substancialmente melhor, permitindo que o consumo de bebidas alcoólicas, mesmo que abusivo, não cause sensação de mal-estar com tanta facilidade como acontece nos jantares de curso.

“O facto de fazermos jantares em casa é capaz de ter um bocado de influência porque o jantar em casa sai sempre mais barato, por isso come-se sempre mais, bebe-se sempre mais. Apesar de que nos restaurantes também fazem à descrição, mas sai sempre um bocado mais caro. Em casa, é sempre mais barato. E isso é capaz de influenciar um bocado também.” (Estudante 11)

Os brindes nestes jantares não são tão frequentes, mas, para alguns estudantes, há uma maior disposição para beber, não só porque estas noites ficam mais baratas mas porque estão numa atmosfera caseira capaz de acolher aqueles para quem a noite termine mais cedo. Nem sempre uma noite iniciada com um jantar em casa significa que se prolongue num bar. Alguns estudantes referem ser habitual no final do jantar ficarem em casa a jogar cartas, *poker* ou monopólio, sendo que por vezes o álcool funciona como moeda de troca, constituindo assim mais uma forma de beber.

As **saídas à noite** são um dos momentos de convívio a que os estudantes dão continuidade depois do ingresso no Ensino Superior (N=19, dos quais cinco são do sexo feminino). Todavia verificam-se alterações no contexto e temporalidade das saídas, tanto ao fim-de-semana como durante a semana.

Para os estudantes deslocados que regressam a casa no final da semana, o fim-de-semana é reservado para as saídas com os amigos das terras de origem. O mesmo acontece com os estudantes não deslocados, que optam por sair com os amigos fora do contexto académico nesta altura da semana. Com a transição para o Ensino Superior, as *saídas ao fim-de-semana* deixam de ser tão periódicas e longas como até então. É dada preferência ao convívio em cafés e pequenos bares, sendo que as noites passadas em discotecas passam a ser mais escassas. Da mesma forma, também para muitos estudantes o consumo de bebidas alcoólicas diminui e os abusos passam a ser mais fortuitos, pois tal como refere um estudante nesta altura da vida o objectivo já não é ficar alegre como seria antigamente.

“Sair todos os sábados como no secundário, isso não, sempre na terrinha, é muito raro. Talvez, uma vez de três em três meses, no máximo. Mudou bastante. Se formos até à cidade é para ir comer qualquer coisa ou ao MacDonald’s ou MacDrive. Agora para os bares e isso não... já não vamos.” (Estudante 1G)

Para os estudantes que têm amigos que não prosseguiram estudos a nível superior e que com eles mantêm contacto, existem diferenças relativamente ao seu padrão de consumo, pois consideram que estes ingerem quantidades de bebidas alcoólicas muito superiores, nomeadamente aqueles que exercem profissões de maior desgaste físico, como os trabalhadores da construção civil.

“Os meus colegas da terra saem e eu saio com eles, as pessoas gostam. Há outros que vieram estudar, como eu. E há uma diferença entre mim e os outros que não estudaram. [...] já bebem todos mais. Em geral, bebem todos mais. Os que vieram para aqui trabalhar, para trabalhos pesados, bebem dez vezes mais.” (Estudante 3 D)

Se até à entrada para o Ensino Superior as saídas à noite ocorriam ao fim-de-semana, nesta fase passam a acontecer *durante a semana*. Geralmente ocorrem mais à noite, embora alguns estudantes refiram encontrar-se com os colegas depois das aulas. Assim, relativamente à temporalidade, as noites mais concorridas são as terças e quintas, consideradas pelos estudantes como as melhores noites de Coimbra. É nestes dias que as saídas se prolongam até mais tarde e quando se consomem mais bebidas alcoólicas, como se pode verificar no relato deste estudante não deslocado:

“Em Coimbra passei a sair à semana. Os meus colegas ao fim-de-semana costumam ir embora, para casa. Mas durante a semana, à terça e à quinta são as melhores noites aqui em Coimbra. Passámos a sair assim, nesses dias e... assim consumimos mais.” (Estudante 2A)

Relativamente ao contexto das saídas, os estudantes referem um percurso semelhante ao longo da noite, àquilo a que um estudante designa de “percurso” ou “ritual académico”. Estas iniciam-se com o jantar, geralmente em casa, após o qual prosseguem num café perto de casa ou numa zona mais central, como a Praça da República. O propósito final nem sempre é a discoteca, assim como nem sempre o consumo de álcool é o objectivo principal. Desta forma, quando se trata de saídas curtas podem ter aqui o seu fim. Alguns estudantes consideram que o café é um local aprazível para conversar e conviver com os colegas e conhecer melhor as pessoas.

“As saídas até ao café são diferentes porque as pessoas quando vão para os cafés vão para ficar a conversar. É mesmo para se conhecerem umas às outras. Ir sair para os bares e beber, isso aí já é mais para nos divertirmos. A saída de ir ao café é diferente. Numas vamos mesmo com aquele espírito para brincar e para estar tudo bem. Nas outras vamos mais para conversar e para estar a por a conversa em dia e falar sobre a faculdade, que é o assunto do dia...” (Estudante 2B)

Para quem opta por dar continuidade ao trajecto, os bares correspondem à próxima paragem, cuja localização é preferencialmente junto à Praça da República, onde a diversidade

de cafés e bares é grande. Estes espaços são ideais para os estudantes se descontraírem, divertirem, ouvirem música, dançarem (no caso dos bares dançantes) e beberem. As discotecas, que se encontram na zona circundante, ou os convívios organizados por estudantes são reservados para o culminar da noite. Na escolha dos espaços de convívio e consumo são ponderados aspectos como o ambiente do local e, para os consumidores, as bebidas que servem e os preços que praticam.

“O que costumamos beber depende dos sítios também. Às vezes, cerveja, vodka, Safari, Malibu. Há sítios mais caros, outros mais baratos. Outros em que o consumo mínimo é mais elevado, outros em que é menos. Nós também temos tendência a ir a sítios um bocado mais baratos, sítios mais caros vamos lá uma ou duas vezes e já não vamos mais. Nos sítios mais baratos bebe-se mais, é diferente, paga-se menos.” (Estudante 1I)

Os convívios organizados pelos estudantes em discotecas e especialmente na zona da Universidade, nos Departamentos de Química e Física e na Faculdade de Medicina, são locais bastante frequentados pelos estudantes e por vezes em substituição das discotecas. Os primeiros são ao ar livre, pelo que se tornam atractivos. O facto de serem frequentados maioritariamente por estudantes, onde se encontram pessoas de diversos cursos, e de disporem de bebidas alcoólicas a baixo preço, nomeadamente a cerveja, são aspectos convidativos.

“Os convívios a que eu ia eram especialmente de Medicina e do ISEC também. E sempre fomos a convívios com muita gente e muito animados. Até porque se nós chegássemos e não houvesse muita gente íamos embora. Nesses convívios acabávamos por encontrar pessoas conhecidas da nossa zona, que estavam noutros cursos. Uma vez até com combinação prévia, outras vezes por mero acaso, acabávamos por nos encontrar. Em relação a horas acabávamos por ir para os convívios mais ou menos à mesma hora que iríamos para discotecas, duas da manhã, mais ou menos à hora em que deixávamos o café ou o bar. Em relação aos convívios em si, eram sempre animados, já se sabe, também da nossa parte com consumo de bebidas, claro.” (Estudante 3B)

Na altura das festas académicas, o percurso inicia-se com o jantar, sendo nesta altura habituais os jantares de curso. Associadas a estes jantares estão por vezes as tascas, onde os estudantes se encontram para beber o traçadinho ou para levar para consumir nos jantares que fazem em casa com os amigos. Depois destes, seguem para cafés, que em determinados locais estão abertos até mais tarde e onde se concentram muitos jovens, como é o caso da zona da Portagem. Para quem quer assistir aos concertos a noite continua no recinto das festas e para aqueles que apreciam mais o ambiente e som dos *disc jockeys* das barraquinhas prolonga-se um pouco mais nos cafés e só mais tarde prossegue no recinto.

A palavra **tradição** surge, ao longo dos relatos, associada às vivências académicas e ao consumo de bebidas alcoólicas. Na integração dos estudantes é dado um relevo especial

aos usos e costumes tradicionais existentes entre os estudantes do Ensino Superior de Coimbra, o que em alguns casos inclui a presença de álcool. Um dos expoentes máximos da tradição, carregado de simbolismos, é a Queima das Fitas, muitas vezes associada ao consumo e abuso desta substância. A importância da questão surge espelhada nos discursos dos estudantes, nos quais é evidente, pela sua constância, a associação à cidade em que estudam.

As **festas académicas**, nomeadamente a Queima das Fitas, são vistas como parte integrante das vidas dos estudantes entrevistados (N=22, sendo seis do sexo feminino; três são do primeiro ano, catorze de anos intermédios e cinco do último ano). A Festa das Latas, mais conhecida e designada pelos estudantes como “Latada” é tida como uma festa menos envolvente pelo que nos relatos são mais constantes as referências à Queima das Fitas. Esta é encarada como sendo a festa de e para os estudantes, razão pela qual é intensamente vivida e aproveitada. Corresponde a uma altura privilegiada para partilhar com os amigos, que são o elemento principal da festa, pelo que o espírito de união e entreajuda marca esta ocasião.

“O que eu sinto, o espírito... saímos para conviver e por mim, o espírito é de união, estamos todos juntos. É aquela vontade de divertir. Agora consegues aproveitar, depois vêm aí os exames também tenho de estudar, não posso sair assim à noite.”
(Estudante 2A)

Para quem participa pela primeira vez, a festa tem momentos altos, como a Serenata Monumental e o Cortejo. Neste, o ambiente é de euforia e extravasamento, sendo os baptizados com cerveja frequentes. No final do dia, o sentimento de saudade atinge até os estudantes mais novos quando se depararam com a separação dos colegas que mudaram de curso.

“O dia do cortejo foi mesmo muito engraçado. Andámos o cortejo todas encharcadas, depois éramos baptizadas com cerveja. E chegámos ao final do cortejo e começámos todos a chorar porque temos muita gente que vai mudar de curso, para Medicina e para Farmácia. E muitas pessoas são do nosso grupo e então começámos todos, já um bocadinho empurrados pelo álcool, a chorar todos ali que nem uns perdidos.”
(Estudante 2C)

Para os estudantes do último ano as recordações do ano em que foram no Carro e de Cartola, para quem já foi Cartolado, são inolvidáveis. O ano do Carro é o mais marcante e inesquecível por todo o trabalho de equipa que envolve, desde os encontros para organização e realização do Carro, a aquisição de patrocínios e a elaboração de flores de papel que o cobrem. É um ano desgastante, em que até a Queima das Fitas começa mais cedo, mas ao mesmo tempo recompensador pelo convívio e união entre os colegas de curso. É no Cortejo que estes estudantes se tornam no centro das atenções, momento que é partilhado pela família habitualmente presente neste ano tão especial.

“No ano do carro foi diferente no dia do cortejo porque não fomos sair antes. Aproveitei, foi melhor o cortejo, diverti-me e não sai de lá mal disposto. Por isso é que foi diferente.

Foi o único cortejo que eu não estive mal disposto. Fui para lá de manhã. Foi dos melhores, foi bastante bom. Só que nesse dia, como eu queria estar bem-disposto, ‘deixa-me ficar em casa hoje’ que tem que se fazer o carro, que acho que é o mais fixe. Foi fixe pelo grupo. [...] Ninguém estava lá pelo trabalho, é pelo convívio basicamente, para estar na brincadeira. O nosso curso é enfadonho mas, ao mesmo tempo nós somos muito bem-dispostos uns para os outros, então andamos sempre a rir. Pelo menos no nosso carro era. Tivemos a semana toda para montar o carro. Depois tivemos as semanas em que nos juntámos para fazer flores, andávamos sempre juntos. Foi um ano em que nos unimos bastante e que foi divertido.” (Estudante 3D)

Se por um lado os estudantes recebem mais atenção no Cortejo em que vão no Carro, no ano em que vão Cartolados os olhares recaem para estes no queimódromo (recinto onde se realizam as festas académicas). As três pancadinhas na cartola, com a bengala, almejam felicidade e boa-sorte para a nova etapa que se avizinha. Este elemento transforma-se num vínculo entre estudantes, pois ninguém fica alheio a esta tradição, o que leva a estabelecer contactos com muitos estudantes. A Cartola é o símbolo do final de uma etapa de alguns sacrifícios e pela qual lutaram todos estes anos. Figura a despedida da vida de estudante, o que alimenta um sentimento de saudade por tudo o que viveram, sentido em cada dia que abandonam o parque. A Queima das Fitas, personificando todo o espírito de tradição, homenageia quem termina a jornada da vivência coimbrã. No entanto, nem sempre leva a um maior consumo de álcool, pois o sentimento que se eleva é o do final de uma caminhada que não tem que ser extravasada em álcool mas sim em sentimentos que ficarão vincados na vida destes estudantes.

“No ano em que fui Cartolado ficou um sentimento de saudade de cada dia que se abandona o parque. E depois, se calhar ainda mais sentida, é aquela fase do fim da noite, já se bebeu uns copos e normalmente está-se acompanhado pelos amigos e um fala e o outro fala e não há dúvida que fica provavelmente esse sentimento da saudade, do que vamos sentir falta, vamos recordar para sempre. Acho que são os sentimentos que mais vêm ao de cima nesta fase.” (Estudante 3B)

A importância e dimensão da Queima das Fitas fazem com que seja muito frequentada por quem estuda em Coimbra, atraindo também amigos de fora, estudantes de outras cidades e até a própria população da cidade. A semana da Queima é assim considerada como uma “semana santa”, reservada para festejar o esforço empreendido nos estudos. É a festa dos estudantes, que estes fazem questão em aproveitar para se libertarem e conviverem, uns mais intensamente que outros.

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, os estudantes consideram que a Queima das Fitas influencia as pessoas a beber. A própria festa ajuda ao consumo pois as pessoas tendem a sair mais de casa para se encontrarem com os colegas, mesmo que a noite não prossiga no recinto. Neste ambiente o álcool funciona como contributo para a diversão. O consumo de bebidas alcoólicas é encarado com naturalidade no contexto das festas e sendo um espaço onde se concentram muitas pessoas a beber, alguns estudantes credi-

tam que a associação do álcool e dos consequentes excessos às festas académicas seja por esse facto e não necessariamente por se tratarem das festas dos estudantes.

“Já se instituiu a ideia que na altura da Queima das Fitas o pessoal anda bêbado sempre. E é o que acontece. Já era assim quando eu vim para cá. Associa-se a Festa a exageros. E é mesmo o que acontece em todo o lado. Festas, exageros. Não tem a ver obrigatoriamente com a Queima, mas como também tem muito mais gente concentrada no mesmo espaço, se calhar se notam-se mais os exageros que se cometem nessa altura.” (Estudante 3C)

Na opinião dos estudantes, existem alguns aspectos que facilitam as saídas e os consumos, como o cartaz de concertos, que oferece a oportunidade de ver alguns artistas do agrado dos estudantes. A inexistência de aulas durante essa semana e a benesse dada por alguns professores, que não exigem trabalhos ou marcam provas escolares para a semana seguinte, deixa os estudantes mais disponíveis para usufruírem em pleno da festa. Por outro lado, a disponibilidade e variedade de bebidas alcoólicas existentes no queimódromo, onde até chega a ser difícil comprar água, constitui um factor de atracção.

Os consumidores regulares relatam que o seu consumo nas festas académicas é diário e superior a qualquer outra altura do ano, com tendência para ir aumentando à medida que a semana avança. Relatam alguns dias de excessos, nomeadamente no Cortejo. Para estes estudantes é uma semana energeticamente vivida, em que se anda de “cabeça feliz e o corpo desfeito”, como descreve um estudante do último ano.

“Na Queima o consumo de álcool é elevado, muito elevado. [...] Acabamos por jantar assim todos juntos. Já o fazíamos fora disso algumas vezes e então na Queima, acabamos sempre por ter jantares. E depois nas noites do parque é um consumo de álcool muito grande. E além de ser muito grande, com alguma variedade.” (Estudante 3B)

A percepção dos não consumidores e dos consumidores esporádicos é que o ambiente é diferente das outras festas existentes durante o ano. Nesta semana os colegas vivem para a cerveja e embriaguez e como alguns se limitam mais durante o ano, na Queima das Fitas acabam por “beber o que não beberam o resto do ano”, como refere este estudante:

“Na época da Queima para mim não muda absolutamente nada. Só acho natural em relação aos outros colegas. Aparentemente, durante o resto do ano não bebem ou se beberem, bebem muito pouco. Chega a altura da Queima bebem de mais... às vezes passam a noite enrolados na capa.” (Estudante 1L)

Uma estudante não consumidora adianta ainda que algumas pessoas bebem porque pensam conseguir aproveitar melhor a noite e divertirem-se mais. Mas, no seu ponto de vista, os concertos podem ser aproveitados sem álcool já que dá importância a pormenores da musicalidade e dos instrumentos que muitos colegas não valorizam.

A *praxe*, como forma intensificadora das tradições, tem como um dos propósitos o acolhimento dos recém-ingressados no Ensino Superior, fazendo por vezes uso do álcool nos seus rituais de integração (N=9, dos quais dois são do sexo feminino; um é do primeiro ano, quatro de anos intermédios; e quatro do último ano). Nas actividades praxistas, que se verificam com maior frequência no início do ano lectivo, os estudantes referem haver o incentivo ao consumo de álcool. Para os estudantes mais velhos trata-se de rituais realizados quando foram “caloiros” e, como tal, repetidos a partir do momento que segundo a hierarquia lhes é permitido fazer o mesmo, como se pode constatar no seguinte excerto de um estudante finalista, referindo-se ao seu percurso numa Tuna Académica:

“Quando era ‘caloiro’, se calhar era pior porque os outros só diziam para eu beber, mas agora como fui caminhando para a fase final, de topo da Tuna, agora ninguém me diz para eu beber, é normal.” (Estudante 3F)

Uma das actividades realizadas em época de *praxe* é o percurso das tascas na Sé Velha, em que os “doutores” conduziam os “caloiros” de tasca em tasca, nas quais todos bebiam. Estas, com o seu ambiente característico, juntavam sempre muitos grupos de estudantes. Também aqui os mais velhos incitavam os mais novos a beber cantando músicas conhecidas que apelam ao consumo entre os estudantes. Na opinião de um estudante de um ano intermédio, estes chamamentos eram reiterados pelas pessoas com hábitos de consumo maiores:

“Eu conheci um grupo, depois arranjei um padrinho. Depois com esse grupo havia mais colegas e eles incitavam a beber mais um copo. Nesse convívio, consumia-se mais do que a regra. As pessoas mais velhas puxavam mais pelos ‘caloiros’. Não eram todas as pessoas mas, algumas que também tinham alguns hábitos maiores de consumo incitam também essas pessoas a ter o mesmo procedimento, a consumir mais. Não sei se é para fazer uma pessoa à sua semelhança e imagem, se é uma forma de integrar.” (Estudante 1E)

Este aspecto surge indirectamente no relato duma estudante do primeiro ano, quando refere que no seu curso é habitual a atribuição de categorias para “caloiros” e “doutores”. A madrinha desta jovem enquanto caloira terá sido eleita a “caloira mais bêbeda”, feito que repetiu numa fase posterior conquistando o rótulo de “doutora mais bêbeda”, passando o legado à sua afillhada que alcançou o mesmo título. Para esta jovem as saídas com a madrinha eram sempre animadas pois aceitava de bom grado os seus apelos para consumir bebidas alcoólicas.

Nós no curso fazemos aquelas categorias de o ‘caloiro mais inteligente’, o ‘caloiro mais esperto’, o ‘caloiro mas bêbedo’. E eu ganhei a ‘caloira mais bêbeda’. Mas, esta categoria não é de eu andar todos os dias bêbeda, é mesmo porque bebo, bebo... [...] A minha madrinha, já é do quarto ano, e ela ganhou também a ‘caloira mais bêbeda’ e agora ganhou a ‘doutora mais bêbeda’. (Estudante 2C)

Apesar de todos os estudantes concordarem com a existência de uma pressão implícita na *praxe* dos estudantes do primeiro ano, mais evidente nos jantares de curso, alguns também

afirmam que por vezes os mais experientes não têm que imprimir muito esforço nos seus incentivos pois os “caloiros” participam de livre vontade, bebendo por iniciativa própria. Nestas circunstâncias são aqueles que optam por não beber ou beber pouco os mais sacrificados.

“Os ‘doutores’ puxavam por nós mas, não precisavam de puxar muito. Não precisavam de puxar mais, pelo que eu me lembro... pelo menos, há sempre o ‘caloiro’. Facilmente, a primeira ou segunda vez e depois os ‘doutores’ já nem dão luta. Já nem dizem mais nada. O ‘caloiro’ que não está a beber ou não quer beber é que é o sacrificado. Vão perguntar ‘então já bebeu? quem é que está ao pé dele? quem é que está a tomar conta dele? já o fizeram beber?’. Os outros bebem, para que é que eu estou agora a picar por ele. Não vale a pena. Ele já bebe sozinho, não vale a pena estar a puxar por ele.” (Estudante 3D)

Ainda assim, existe a preocupação de alertar para os abusos, supervisionando os mais novos, aspecto apenas aludido por uma estudante do sexo feminino.

Para aqueles que estudam numa instituição onde a cafetaria vende bebidas alcoólicas a *praxe* de grupo começa à tarde, com o estímulo ao consumo, continuando pela noite dentro em saídas conjuntas entre “caloiros” e “doutores”. Em algumas alturas, devido a estas actividades, faltavam às aulas ficando sob a “tutela” dos “doutores”. Nestas *praxes* os estudantes mais velhos perguntavam aos “caloiros” se queriam beber ou solicitavam coercivamente que estes fossem buscar bebidas. Os estudantes afirmam que os “doutores” não obrigavam ninguém a beber. No entanto, os “caloiros” tinham tendência a acompanhar pois não tinham coragem de dizer “não” ou não queriam ficar na cauda do pelotão sob o olhar atento dos mais velhos.

5.3 – FACTORES PREDISPONENTES

Embora as relações entre o comportamento e os construtos atitudes, crenças e valores não estejam exactamente definidos, considera-se haver associação bastante para os garantir como factores predisponentes. Na organização de um padrão comportamental confluem a auto-eficácia, baseada nas experiências prévias e a intenção de comportamento através da motivação para agir.

5.3.1 – EXPERIÊNCIA PRÉVIA

O consumo de álcool surge nos relatos dos estudantes como algo que já conheciam antes da entrada no Ensino Superior, pelo que não constitui novidade para nenhum deles. A experiência prévia envolve assim o contexto do primeiro consumo e embriaguez e as questões

de “onde” e “quando” (contexto e temporalidade) destes primeiros consumos. Por outro lado, surge a consciência dos limites associados aos consumos.

O **contexto do primeiro consumo** (N=24) surge em três circunstâncias diferentes: com os amigos, com a família ou sozinhos. O contacto mais precoce acontece antes dos dez anos, em actos solitários que os estudantes recordam vagamente, histórias que são mais enriquecidas em pormenores quando evocadas pela família. Todas as situações (referidas apenas pelo sexo masculino) foram facilitadas pelo facto de as bebidas estarem ao alcance das crianças e por falta de supervisão dos pais.

“Estávamos em casa dos meus avós, os meus pais estavam na conversa e entretanto eu retirei-me para outra sala, onde os meus avós têm um bar e comecei lá a provar as bebidas e então fiquei. Nesse momento estava sozinho e eles estavam na conversa e eu retirei-me e pronto... notou-se e eu adormeci, dormi. Não me lembro bem mas, foi um acidente, não é? Não me lembro de nada...” (Estudante 1H)

O consumo feito na companhia dos amigos acontece em festas de aniversário, passagens de ano, festas nas aldeias ou outros momentos de convívio, que não correspondem a festividades (em casa dos amigos, no futebol ou escuteiros). Quando o momento envolve a família ocorre em celebrações como Natal e Passagem de Ano, ou à refeição, como oferta dos pais.

“A primeira bebida alcoólica que bebi foi com catorze anos, numa passagem de ano. Basicamente são aquelas primeiras vezes quando estamos com os pais e queremos experimentar e os meus pais, a minha mãe nunca me proibiu de fazer nada, seja em relação ao tabaco ou a bebidas alcoólica. [...] Partiu da minha mãe, os miúdos têm curiosidade e ela sabe isso e preferiu ser ela a dar-me do que apanhar uma bebedeira eu sozinho. Bebi um bocado, nada de especial. (Estudante 1F)

A vontade de experimentar, a procura ou a curiosidade são as justificações que os participantes mais dão para o primeiro consumo. Referem que a idade da adolescência e a influência dos amigos, nomeadamente os mais velhos, são factores relevantes.

“Foi na casa de uma colega minha, se não me engano, foi aí que nós bebemos uns copinhos. E ficámos assim contentes, não foi nada assim de mais. Mas, foi mais por essa razão, por influência dos amigos, coisa parecida. Sei lá, parvoíce da idade, talvez.” (Estudante 1B)

Em relação ao **contexto da primeira embriaguez**, os estudantes (N=9, dos quais apenas um é do sexo feminino), à excepção de um que refere que a primeira vez que ingeriu alguma bebida coincidiu com a primeira embriaguez, os amigos são os únicos elementos presenciais. As circunstâncias mais mencionadas correspondem às saídas com estes, festas de aniversário e festas nas aldeias. É feita referência, em alguns relatos, ao controlo sem predeterminação do resultado final.

“A primeira vez que me embriaguei foi no meu aniversário, não foi festa em casa. Saímos para uns bares, metemo-nos nos copos. Ficámos todos bastante alegres. Mas

não aconteceu nada de especial. Ficámos um bocado mais alegres que o normal.” (Estudante 3C)

De salientar que apenas um participante descreve a sua experiência de embriaguez como tendo sido em contexto universitário, na sua primeira festa académica, com os colegas da Tuna Académica à qual pertence.

As saídas na época do Ensino Secundário são diferenciadas dos momentos que virão em relação ao seu **contexto e temporalidade** (N=22, dos quais quatro são do sexo feminino). Os participantes relatam que as saídas antes do ingresso no Ensino Superior eram pouco frequentes e limitadas aos fins-de-semana e férias de Verão, devido às obrigações escolares. O consumo de álcool não é apresentado como o objectivo das saídas, sendo que as referências à conversa como forma de distração e aos jogos como o snooker, cartas e matraquilhos são frequentes. Situam estes momentos de convívio em dois momentos diferentes: antes e durante o Ensino Secundário.

Até aos catorze/quinze anos, as saídas são escassas e curtas, à tarde ou até à meia-noite e têm lugar em garagens, nos cafés perto da escola ou nas aldeias e em locais onde ocorrem matinés.

“As saídas com quinze, dezasseis anos eram curtas. Eram até à meia-noite. Nada de especial, sentava no café, não falava muito, também não consumia muito. Em relação às bebidas alcoólicas, também era só às vezes. Consumia às vezes, mas não ia para lá com a ideia que ia beber alguma coisa.” (Estudante 3E)

A partir dos dezasseis/dezassete anos a frequência aumenta, a hora de chegada a casa é alargada e os locais escolhidos já passam pelos bares, no início da noite, e discotecas, onde a noite termina.

“Com dezasseis anos comecei a sair mais. Dezasseis, já um colega meu tirou a carta e já começamos a sair todos os sábados, que é noite de sair. Primeiro até um barzinho, até à meia-noite, uma da manhã. E depois a discoteca até dar, até nos mandarem embora. Era todos os fins-de-semana.” (Estudante 1G)

Os estudantes que vivem em zonas rurais sentem alguns obstáculos no seu intuito de sair à noite. Nas aldeias onde vivem as alternativas são diminutas e restringem-se mais aos cafés, onde todos se juntam. O único meio de transporte que torna possível a saída para a cidade mais próxima é o carro. Como tal, só quando existem amigos mais velhos com carta de condução é que as saídas para os bares e discotecas começam a acontecer. Para alguns, a carta de mota também vem possibilitar o acesso a festas e bailes nas aldeias mais próximas.

No que respeita aos **limites** dos consumos, antes da entrada no Ensino Superior (N=14, sendo dois do sexo feminino), as experiências relatadas vão em dois sentidos diferentes.

Para dez estudantes o consumo era esporádico e reduzido. Nas saídas era frequente o consumo de café, água, sumos e por vezes alguma bebida alcoólica, sendo a cerveja a bebida de eleição. É uma fase de descoberta de outros sabores e tipos de bebidas como as destiladas e os *shots*. Os abusos são ocasionais e o nível entendido como limite último, de beber até cair, ir para o hospital ou ficar inconsciente, não é bem aceite e nem sequer alcançado.

“Bebíamos mas, nada de exagerado, tipo um copo... mesmo só para estar naquele local a consumir qualquer coisa. Mas nada de beber até cair ou assim qualquer coisa do género.” (Estudante1E)

Para outro grupo de estudantes, quatro participantes, cujas saídas são mais regulares, os consumos são superiores. Estes acontecem nas festas das aldeias ou saídas longas (até à discoteca), em que o grupo de amigos se junta para se divertir e beber. Os momentos são escolhidos em função de tarefas que exigem concentração e discernimento (condução, trabalhos ou testes escolares). A embriaguez é aceite de forma natural mas, as suas consequências podem levar à reflexão e à mudança de comportamentos, como descreve uma estudante:

“Eu, a pior bebedeira que tive foi há três anos, aquelas festas em que bebi muito mesmo, nesse dia abusei. Não conseguia, fartei-me de vomitar, vomitei dezassete vezes, eu até me lembro porque foi uma coisa tão má, dezassete vezes. [...] Esse dia foi um bocado complicado. Aliás, eu jurei para a minha vida que nunca mais bebia. Mas, depois acabei por não cumprir. [...] Mas, eu a partir desse dia comecei a pensar vamos aqui por um travão, que isto não pode ser assim. Então, a partir desse dia comecei a moderar mais. Comecei a beber mais, mas mais distribuído. Esse dia foi mesmo para esquecer, nem me quero lembrar... dos meus dezassete anos, credo.” (Estudante 2C)

Os relatos dos estudantes, até ao final do Ensino Secundário, correspondem, para alguns, aos primeiros ensaios de divertimento nocturno com os amigos e em que as bebidas alcoólicas surgem por acréscimo. Para os estudantes cujas saídas são frequentes o contacto com o álcool é uma constante, sendo que quando ocorre a transição para o nível de ensino seguinte já experienciaram várias situações de consumo excessivo.

5.3.2 – MOTIVOS DE CONSUMO

Ao se analisarem os motivos que levam os estudantes a ingerir bebidas alcoólicas identificam-se diversas razões. Alguns dos motivos estão mais associados a aspectos pessoais tais como beber por gostar ou pelo insucesso ou evasão do quotidiano. Outros estão mais associados ao grupo como a desinibição e divertimento, o consumir pelo convívio, pelo ambiente ou como forma de afirmação.

Quando é alegada a **desinibição e divertimento** como motivo de consumo (N=15, dos quais quatro são do sexo feminino) são muito frequentes as referências à libertação, desinibição, extroversão e euforia que o álcool propicia. Os estudantes associam o álcool à socialização, o que se revela um aspecto favorável, especialmente para aqueles que se consideram tímidos, já que se sentem mais à vontade para falar com os colegas e até para interceptar pessoas desconhecidas. A diversão sob o efeito do álcool é para estes estudantes um dos objectivos, quando admitem que o seu consumo “ajuda à festa” e a aproveitar melhor a noite. Neste sentido, o álcool funciona como aliciante, justificando que, por esse motivo, se festeje com álcool e não com sumo ou água. Para alguns estudantes torna-se difícil equacionar uma noite sem álcool alegando que há menos diversão e não se colocam os preconceitos de parte.

“As pessoas tendem a ligar a diversão ao álcool, acham se calhar que o álcool... é aquela velha história, fica-se mais desinibido, se calhar se isso partir logo de uma pessoa. Se se pensar que se pode estar desinibido, que é só uma questão de pensar doutra forma ou assim, se calhar nem era necessário beber tanto álcool, ou não beber álcool para nos divertirmos, mas pronto. É como uma tradição ou assim.” (Estudante 2A)

O **convívio** é igualmente uma das razões mais assinaladas (N=13, sendo quatro do sexo feminino). Da mesma forma que o grupo exerce influência, também a questão do convívio tem relevância no aspecto em que o álcool é associado a um factor de comunicação, pelo que os estudantes dizem não gostar de beber sozinhos. Mais uma vez, o contexto surge em destaque. Se é pelo convívio que bebem, necessariamente sobrevêm os momentos em que tal acontece, como nas saídas à noite ou nos jantares, em que admitem que faz já parte da vida dos estudantes.

“Acho que o álcool faz parte. Nem sempre, portanto é relativo. Em geral, nos jantares se calhar não se bebe água. Agora, por hábito bebe-se, mas com tempo. Faz parte dos hábitos do estudante... Ir a um jantar com os nossos amigos, mesmo que não sejam do mesmo curso, são os nossos amigos daqui da Universidade, então faz parte do hábito, quando isso acontece, vamos jantar e bebemos uma cerveja.” (Estudante 3E)

O álcool é entendido como fazendo parte da socialização universal, o que leva a um aumento do consumo. Está enraizado na nossa cultura ao que os estudantes recordam que, se saem com um amigo para conversar e conviver não bebem água, se recebem convidados em casa não lhes oferecem sumo, quando comemoram algo é com álcool que o fazem. É ainda culturalmente aceite o consumo à refeição e fora dela também.

“Nunca bebo sozinho. Não tem piada beber sozinho. Porque aquilo é só mesmo bebida, acho que não é mais que um factor de comunicação social. Acho que entre a nossa sociedade isso é mesmo levado a sério. Por exemplo, quando levamos alguém a casa, não oferecemos um chá, não oferecemos um sumo. ‘Olha, queres vir ali tomar um copo? Um Vinhozinho do Porto’. Acho que isso está tão enraizado na nossa cultura.” (Estudante 1A)

O próprio **ambiente** torna-se propício ao consumo (N=12, sendo apenas dois do sexo feminino). Festa e grupo são condições indissociáveis, proporcionando comportamentos entusiastas, que a festa justifica. O ambiente universitário, com todas as festas e jantares de curso que fazem parte da vida académica, funciona como incentivo. A quantidade de momentos de convívio, que a cidade de Coimbra oferece, impede que qualquer estudante lhes fique alheio. No entanto, a atmosfera destes locais também condiciona, ou seja, se a festa estiver enérgica, houver grande afluência e as pessoas estiverem animadas há uma maior predisposição para beber bebidas alcoólicas e vice-versa.

“O incentivar à bebida é o ambiente, claro. É o ambiente, é o próprio convívio universitário... As pessoas normalmente, em Coimbra pelo menos, aquilo que eu passei... normalmente toda a gente bebe... [...] no fundo bebia porque também gostava e para estar junto dos amigos e para ter aquele espalhafato todo e às vezes porque é festa é para gritar, é para saltar, é para fazer tudo e mais alguma coisa, figuras tristes como as pessoas dizem. Mas são as figuras que nós fazemos que ficam às vezes para mais tarde recordar. Era mesmo isso, e isso eu senti bem desde que nós somos ‘caloiros’.” (Estudante 2D)

Beber apenas por **gostar** é um motivo substancialmente menos apontado que os anteriores (N=7, dos quais um é do sexo feminino). Para os estudantes que o fazem existe o prazer em apreciar a bebida, por exemplo um bom vinho. A maioria aponta o facto de “saber bem” como a principal razão, pois se não soubesse não o fariam. Sempre que é possível escolhem a bebida da sua preferência, o que nem sempre acontece, como é o caso dos jantares de curso, cujos restaurantes oferecem na maioria das vezes vinho, bebida que nem sempre é da melhor qualidade.

“A mim dá-me prazer beber um bom vinho enquanto estou a jantar. Já outro estilo, acho que já é um extra, é beber um digestivo depois do jantar. O vinho não, o vinho é porque gosto mesmo de beber um bom vinho.” (Estudante 3C)

Beber como **forma de afirmação** é descrito apenas por estudantes dos anos intermédios e um do último ano (N=6, todos do sexo masculino; cinco dos cursos de Engenharia). Esta forma de impressionar os outros surge em dois sentidos: dos mais novos para os mais velhos e entre rapazes. Em relação aos primeiros, os estudantes vêem nos mais novos a tentativa de uma emancipação precoce, querendo mostrar uma maior adultez através do acto de beber. Esta é mais sublinhada no caso dos “caloiros”.

“Acho que as pessoas mais novas agora começam a emancipar-se mais cedo. Acho que não vivem aquele espaço que devem viver.” (Estudante 1A)

Por outro lado, a afirmação perante os outros surge entre rapazes, demonstrando uma certa masculinidade, na opinião dos estudantes. Os relatos evidenciam que os rapazes bebem para mostrar que são capazes, para testar limites, vendo quem tolera mais o álcool. É entendido que os rapazes são fortes e por isso têm que demonstrar que bebem mais.

Este acto torna-se bastante visível nos jantares de curso, em que os brindes são frequentes, sendo que, nestas circunstâncias, o estudante não pode revelar fraqueza.

“O facto de estarem muitos rapazes juntos faz com que haja uma maior tendência para consumir. É o que se vê. E acho que sim, que é isso que acontece. São mais brutos, faz parte de mostrarmos alguma coisa. É uma forma de mostrar que somos rapazes e estamos aqui para ver quem é que aguenta mais.” (Estudante 3E)

Beber devido ao **insucesso ou evasão do quotidiano** é ainda apontado por alguns estudantes (N=5, dos quais três são do sexo feminino). Não ter a nota que esperavam num trabalho ou frequência, uma apresentação que não correu como planeado pode levar ao consumo de álcool para esquecer o fracasso. Contudo, é mais constante a alusão ao consumo como maneira de aliviar, num intervalo ou no final do estudo, de desconstrair do stresse dos trabalhos e exames ou como fuga da rotina do dia-a-dia.

“Muitas vezes tem acontecido agora no final de estudar, vamos aí beber um copo para desanuviar um bocado. E é mais nesse sentido que vamos. Estamos juntos, é mesmo desanuviar um bocado e mais nada.” (Estudante 1A)

Se por um lado surgem os motivos que levam ao consumo, por outro também advêm referências aos motivos pelos quais alguns estudantes optam por **não consumir**. Esta opção surge especialmente associada a estudantes que referem beber esporadicamente ou que se assumem como não consumidores, sendo na sua maioria raparigas (N=10, seis são do sexo feminino). Por outro lado, os motivos para o não consumo são antagónicos em relação aos motivos para consumir, em especial o não gostar e o divertimento e desinibição, que na opinião destes estudantes é possível sem a presença de álcool. Fica também evidente que a escolha pessoal também influencia o motivo de não consumo, nomeadamente a capacidade de poderem escolher não beber, que surge muitas vezes associada à percepção subjectiva de saúde.

O **divertimento e desinibição sem álcool** (N=7, dos quais cinco são do sexo feminino) não só é um acontecimento exequível para os consumidores como é a realidade que as não consumidoras vivenciam quando estão com os amigos e colegas. Assim, não é necessário beber para se divertirem e o facto de não haver álcool não significa que não haja festa. Para alguns estudantes (sexo feminino) o divertimento significa estar com os amigos, conviver, conversar, dançar e rir. Para um dos estudantes, a diversão tem a ver com o ambiente, pois se estão todos em sintonia o álcool torna-se dispensável.

Como já foi referido anteriormente, o grupo de amigos destas estudantes também não bebe álcool ou fá-lo de uma forma moderada, pelo que compartilham esta forma de estar. Esta concepção, a que se acrescenta uma ideia romanceada e intimista preconcebida de Coimbra, na qual prevalecem representações associadas à tradição e espírito académico,

levou à desilusão de uma estudante do primeiro ano, que quando chegou à cidade se deparou com um conceito de diversão que se prende com o consumo abusivo e sem limites:

“Tinha aquela ideia de Coimbra... se calhar assim muito romanceda, muito intimista também, das pessoas saírem e irem a um barzinho, sei lá a uma casa de fados, não sei, tinha essa ideia. Acaba por não ser desilusão porque eu até tive muita sorte nas pessoas que encontrei. Porque convivo bastante como eu gosto. Mas se calhar aquela ideia romanceda da cidade, dos barzinhos e das casas de fado, onde as pessoas se divertem, estão ali, cantam e convivem e falam, se calhar não é tanto isso que eu encontro. Porque as pessoas às vezes juntam-se nos bares e é só beber. Outras vezes fazem cenas que não se gosta, mesmo para as pessoas que estão em volta, não são muito correctas. Então, uma pessoa acaba por se sentir assim... é desilusão nesse aspecto. Temos uma ideia preconcebida, chegamos aqui é um bocado diferente.” (Estudante 2F)

Da mesma forma que gostar é uma das razões que leva os estudantes a beber, **não gostar** também o é para quem não bebe (N=4, todos do sexo feminino). Os sabores e cheiros não são agradáveis na opinião destas estudantes e, após diversas experiências, decidem não consumir. Trata-se de uma opção que se torna consistente nos diversos contextos em que convivem, apenas com a excepção dos jantares de curso.

“Não bebo porque não gosto. Já experimentei, obviamente. Não gosto, não consigo, não consigo mesmo beber.” (Estudante 1J)

De salientar o facto de este motivo ter sido apontado por quatro estudantes, quando só três se assumiram como abstinentes. Através da análise do conteúdo das entrevistas foi possível compreender que, embora não apreciando bebidas alcoólicas, o grupo tem um peso preponderante nos comportamentos dos jovens, já que três destas estudantes apenas bebem, mesmo que em quantidades mínimas, no contexto de jantares de curso.

O **não querer** beber advém da necessidade de estabelecer limites devido a consumos abusivos anteriores ou perante os colegas (N=2, do sexo masculino, consumidores regulares). O facto de não apetecer beber num determinado momento é motivo suficiente para estes estudantes não o fazerem, pois constitui uma escolha autónoma e reflectida, como relatada no seguinte excerto:

“Não bebi porque não me apetecia, porque se calhar aquelas duas noites anteriores também tinha ultrapassado um bocadinho aquilo que é o limite, porque não me apetecia mesmo. Estava ali era mesmo para aproveitar um bocadinho o ambiente e também porque é engraçado ver as situações em que as pessoas ficam.” (Estudante 1B)

Por último o não consumo associado à **condição física** (N=2, um do sexo feminino e um do sexo masculino, consumidores esporádicos), ocorre quando esta condição desfavorável se manifesta de forma momentânea, pelo facto de se estar doente e sob medicação; ou de forma permanente, quando a pessoa reconhece que consumir determinadas bebidas lhe farão mal devido a uma fragilidade do seu organismo.

“Estava no jantar, na mesma a falar com os meus colegas mas, não estava a beber. Estava a tomar medicamentos, por isso é que não quis abusar com nada que pudesse beber e interferir com a medicação.” (Estudante 2D)

Os diversos motivos apontados pelos estudantes são determinantes para a decisão de consumir ou não consumir. Contudo, também as diferentes circunstâncias em que os estudantes convivem vão influir naquilo que escolhem consumir.

5.3.3 – OPÇÕES DE CONSUMO

As opções de consumo dos estudantes, intrinsecamente ligadas aos seus valores pessoais, são marcadas essencialmente pelas suas preferências e acessibilidade física e monetária às bebidas. A cerveja e o vinho são as mais ingeridas, sendo as bebidas destiladas e os *shots* substancialmente menos referidos. Ao longo das entrevistas vão emergindo os significados atribuídos às bebidas alcoólicas.

A **cerveja** é a bebida mais consumida pelos estudantes (N=19, dos quais dois são do sexo feminino). Os contextos em que o fazem são em convívios (por falta de diversidade), em bares, em festas académicas (onde fazem promoções de *packs* de seis cervejas por cinco euros, sendo as bebidas destiladas bastante dispendiosas), às refeições (com os amigos) e esporadicamente em cafés (à tarde em dias quentes).

O principal fundamento desta escolha deve-se ao facto de ser uma bebida económica, inclusivamente mais barata que a água e alguns sumos nos bares e recintos das festas académicas. É fresca e fácil de ingerir, ao que se acrescenta outro motivo, diversas vezes apontado, que se prende com o teor alcoólico da bebida. Tendo esta uma percentagem inferior à maioria das bebidas comercializadas, permite prolongar o estado de sobriedade. Alguns estudantes referem que preferem manter-se alegres por mais tempo, evitando estados mais avançados da embriaguez, pois não toleram bem a sensação que estes provocam. Por outro lado, é a bebida mais consumida dentro do grupo de amigos.

“Nas festas académicas bebo mais cerveja por vários motivos. Porque a cerveja é mais barata, porque a cerveja é menos alcoólica e porque a cerveja também não bate tanto e eu não gosto muito da sensação que as bebidas com álcool, com alto teor alcoólico, provocam.” (Estudante 1E)

A cerveja é considerada a bebida mais consumida pelas pessoas que, ao longo do tempo, tem visto o seu custo ser bastante reduzido, tornando-a mais acessível. Este aspecto conduz os estudantes a vislumbrar uma influência culturalmente construída, que transforma a cerveja em “bebida do povo”. Neste sentido, é sinalizado o facto de ser uma bebida que se ingere em qualquer ocasião, pois tal como “bebida de café” é bem aceite e generalizado o seu consumo, o que faz com que seja a única bebida a ser ingerida num acto solitário. É

ainda reconhecido o peso da sociedade, que transforma o acto de beber num hábito socialmente inculcido, imitado pelos mais novos no seu ritual de iniciação ao consumo de bebidas alcoólicas e neste caso da cerveja.

“O fino para mim é bebida de café, também não vou para o café beber vinho. Também não sei... são vícios sociais que se ganham ou que se vêem e acabamos por imitar ao começar.” (Estudante 3D)

À semelhança da cerveja, o **vinho** é também uma bebida bastante consumida pelos estudantes (N=14, dos quais três são do sexo feminino). No entanto, surgem diferenças no contexto em que é ingerido, relativamente à anterior, ou seja, enquanto a cerveja é bebida em qualquer momento e em diversos locais, o vinho é ingerido apenas à refeição. O vinho tem lugar à mesa nos jantares com os amigos, nos jantares de curso ou em ocasiões especiais, para comemorar, que ocorrem em casa própria ou em casas de pasto (restaurantes e tascas). No entanto, este nem sempre é de boa qualidade, o que se verifica mais nos jantares de curso. Assim, os brindes habituais nestes momentos de convívio são ingeridos de *penalti*, de forma a não saborear a bebida e atingindo em alguns casos a embriaguez mais rapidamente.

“Não gostar da bebida é a bebida ser de fraca qualidade, por exemplo. Estou a falar no caso do vinho, cerveja, no geral costuma ser boa. O vinho é que, por vezes, não é de grande qualidade. Então não é a mesma coisa que beber um bom vinho. Se for um vinho mau, não sabe tão bem, a pessoa se tentar beber o copo em dois ou três goles não lhe sabe tão bem. Assim se beber de *penalti*, como a finalidade é também ficar embriagado, é para isso que se quer, então se calhar compensa, compensa não, mas se calhar custa menos beber tudo de uma só vez. Quando não é bom não dá tanta vontade de beber devagar, bebe-se mais, mais de uma vez só...” (Estudante 2A)

O prazer de desfrutar sabores agradáveis, como a comida e um bom vinho, é uma das razões apresentadas para o seu consumo. Os estudantes que apreciam vinho fazem a sua escolha em função da refeição, tendo em conta o carácter organoléptico desta bebida. Para alguns estudantes, a aprendizagem da degustação do vinho surgiu com a idade, afirmando que os seus gostos têm vindo a mudar desde a sua entrada no Ensino Superior.

Actualmente a frequentar anos intermédios ou o último ano deste nível de ensino, revelam nos seus relatos a preferência por esta bebida relativamente a outras, nomeadamente quando fazem jantares com amigos. Um estudante do último ano reflecte sobre a redução do consumo de álcool desde que começou a beber vinho em detrimento da cerveja, o que está relacionado não só com a ingestão à refeição, mas também com um olhar diferente sobre a vida e sobre os consumos.

“À medida que vamos tendo outra idade, vamos ligando um bocadinho menos ao álcool, até por sabermos que nos faz mal, porque acabamos por olhar doutra maneira para aquilo que bebemos e para aquilo que fazemos. E então aí é que acabamos por descobrir o vinho, já com outra idade, porque também vemos a relação que temos com o álcool de maneira diferente.” (Estudante 3B)

Para as raparigas que fazem esta opção, o vinho nem sempre é a bebida do seu agrado. Nestes casos o traçadinho torna-se mais agradável, o que repetido nos jantares e festas académicas se vai tornando cada vez mais tolerável e habitual. Em Coimbra existem locais onde a venda de traçadinho é já um distintivo que dá nome às tascas, pelo que os estudantes as procuram em nome da tradição estudantil, como se pode constatar no seguinte relato:

“Nós só bebemos traçadinho na Latada e na Queima, que é aquela tradição. Aliás, se uma pessoa passar ali no Pintos durante o ano não vê lá ninguém, na Latada e na Queima aquilo está completamente a abarrotar. E é sobretudo nessas alturas, ou às vezes quando temos jantares de curso. Vamos buscar garrafas lá e é sobretudo nessas alturas.” (Estudante 2C)

Se com outras bebidas há a constatação de danos para a saúde, no caso do vinho brotam mais as referências ao benefício que o seu consumo moderado traz, denotando-se uma maior aceitação deste em relação a outras bebidas alcoólicas.

“Acho que por exemplo, o vinho tinto faz bem. E se for bebido com moderação faz muito bem à saúde. Muito bem, não deve ser muito bem, mas algum bem.” (Estudante 2D)

As **bebidas destiladas** e **shots** (N=11, sendo dois do sexo feminino) partilham algumas características que funcionam ora como atracção ora como repulsão. As bebidas destiladas são mencionadas como sendo dispendiosas, o que dificulta o acesso a estas. O facto de tanto estas como os *shots* serem mais agressivas para o organismo e não tão bem toleradas, são motivos pelos quais alguns estudantes limitam o seu consumo. No entanto, se para alguns o elevado teor alcoólico resulta na repulsa, para outros esta característica fornece a oportunidade de um inebriamento fácil e mais rápido. No caso dos *shots*, que são ingeridos num curto espaço de tempo, o objectivo é a euforia rápida pelo que são escolhidos os considerados mais fortes. A presença dos *shots* conduz à animação, despertando os estudantes para noites extasiantes, sendo até considerada uma droga social.

“Se íamos meio mortos, os *shots* eram para animar. Claro que o pessoal ia despertar, ia começar a dizer mais baboseiras, claro que era para animar. Já sabíamos o que é que ia acontecer. É uma bebida social, é a nossa droga social, pelo menos aqui em Portugal, outros países têm outras. Agora se for ingerida nas quantidades certas, nos momentos certos, acho que não tem mal nenhum. Acho que se for em quantidades suficientes, não é por isso que vai ter problemas de fígado.” (Estudante 3D)

Tanto os *shots* como as bebidas destiladas são consumidos à noite, num bar, nas festas académicas e no caso dos digestivos e licores, depois da refeição. Os estudantes estão conscientes dos efeitos adversos destas bebidas e, como tal, nunca as consomem de dia ou à tarde. O facto de algumas bebidas serem adocicadas também constitui um atractivo para alguns estudantes. É ainda referido o factor idade como influente nesta escolha. À

semelhança do vinho, começam a gostar de outros sabores, que anteriormente não eram aprovados, como é ilustrado por este estudante de um ano intermédio:

“A bebida que eu preferia era cerveja. Agora, actualmente é licores. Mas, na altura do secundário, na discoteca era sempre cerveja. Era, a bebida que eu e os meus amigos considerávamos como a favorita. Agora, quando saio à noite é principalmente licores, algumas bebidas espirituosas. Beber cerveja é mais à tarde, com os amigos, num dia de calor. Acho que o que influencia mais é a idade. Vamos ficando mais velhos e começamos a gostar de outros aromas.” (Estudante 1H)

No decorrer dos discursos verifica-se que os estudantes têm, na sua maioria, alguns conhecimentos sobre o teor alcoólico das bebidas, o que pode condicionar as suas escolhas. Neste sentido, as opções a par das razões revelam-se preponderantes no consumo, interagindo simultaneamente com a percepção dos limites pessoais.

5.3.4 – LIMITES

A noção dos limites, que surge associada à percepção de auto-eficácia, é observada em ângulos diferentes, consoante a atitude adoptada perante o consumo de bebidas alcoólicas. Ao longo dos relatos destacam-se as percepções pessoais e as perspectivas exteriores, isto é, a forma como os estudantes vêem o consumo e os excessos dos que os rodeiam.

Para compreender melhor as diferentes percepções dos estudantes, foram divididos os seus relatos de acordo com os padrões de consumo (pergunta realizada na primeira parte do guião). Os não consumidores correspondem aos que afirmaram “nunca” beber bebidas alcoólicas; os consumidores esporádicos aos que responderam beber “mensalmente ou menos”; e os que declararam beber “duas a quatro vezes por mês”, “duas a três vezes por semana” ou “quatro ou mais vezes por semana” foram considerados os consumidores regulares.

Para as **não consumidoras** (N=3, do sexo feminino) a percepção dos limites é construída numa perspectiva exterior. Estas, apesar de já terem ingerido algumas bebidas alcoólicas, nunca passaram pela experiência da embriaguez. Desta forma, desconhecem a sua resistência, não demonstrando interesse em conhecer os seus limites, já que o próprio estado de embriaguez lhes causa um sentimento de rejeição.

“Uma vez provei whisky-cola com amigos e não gostei. Mas quando provei também tinha a consciência que se não gostasse não ia beber, não ia beber até chegar a um ponto lastimável, não.” (Estudante 2F)

Neste sentido, nos seus relatos aparece a perspectiva que têm dos limites dos outros. As estudantes revelam uma atitude de aceitação, afirmando que cada pessoa é livre de fazer

as suas escolhas. Independentemente da atitude que decidiram tomar perante o consumo de álcool, não criticam os comportamentos alheios, optando por uma posição neutra.

No entanto, este consentimento pressupõe o compromisso implícito de que o abuso de álcool não venha a interferir com o espaço do outro. Isto é, desde que quem opta por beber o faça com moderação, tendo consciência dos limites pessoais e das suas acções e desde que estas não se interponham com a diversão de quem fez a opção inversa. Daqui advém uma atitude individualista, declarada por uma estudante, que afirma sentir-se responsável pelos seus actos, reconhecendo nos outros um dever semelhante dessa mesma responsabilidade individual.

Para além do embaraço que as situações de embriaguez provocam, surge ainda a preocupação com o bem-estar do outro, nomeadamente com o acompanhamento durante a noite ou até casa e com a condução sob o efeito de álcool.

“Quando são colegas assim mais chegados eu tenho sempre o cuidado de pensar. Mas, é muito complicado porque a gente tem que andar connosco e com eles, atrás de nós. Mas, cada um é livre de fazer o que quer. Mesmo às vezes a gente diz ‘oh, tem atenção’, às vezes bebem na mesma. É um bocadinho chato porque depois há sempre aquela situação de ter de levar a casa ou a preocupação de conduzir. Enfim, às vezes não pensam, digo eu.” (Estudante 1J)

Quando o consumo de álcool não é abusivo e provoca um efeito de euforia, o clima é de alegria e de folia e facilmente as estudantes se adaptam ao ambiente, ao que uma delas afirma que existe mais diversão quando algumas pessoas estão sob o efeito de álcool do que se estivessem totalmente sóbrias. O mesmo já não acontece quando existe descontrolo, já que dificulta o convívio das pessoas que não se encontram em estados semelhantes, provocando ainda sentimentos de desconforto e deslocamento.

Para os **consumidores esporádicos** (N=6, sendo metade do sexo feminino), os limites que os levam a cessar o consumo num determinado momento passam pela sensação de satisfação, de lucidez, de controlo das próprias acções e de segurança de si. Para alguns estudantes a fronteira faz-se a partir do momento em que surge a sensação de embriaguez. Os estudantes falam também de sinais de alerta que os levam a abrandar ou a parar como a falta de equilíbrio, de raciocínio, a dificuldade em socializar ou o cansaço.

Os relatos de embriaguez nestes estudantes são pouco frequentes, sendo que duas estudantes alegam nunca terem experienciado esta condição. Para quem já passou pela experiência, obteve os efeitos adversos como o ter que regressar a casa mais cedo que o previsto ou o mal-estar decorrente do abuso. Destas consequências resultam aprendizagens, sendo que estes estudantes admitem o arrependimento não só pela ressaca do dia seguinte, como também pela diversão que acabaram por não usufruir.

“Bebia o suficiente até ficar satisfeito, até uma altura que eu dizia, bem já chega, já estou a ficar embriagado, já estou a ficar bêbedo. Chegava a um determinado patamar, acho que já não estou a ficar em condições, é melhor parar. Nessa altura, eram jantares de curso, que no curso de história era todas as semanas, curiosamente no bar das Medicinas, que é um sítio muito frequente. É o único limite, beber sim mas até determinado ponto, tenho que estar lúcido.” (Estudante 1L)

A percepção dos limites dos outros surge apenas nos relatos das estudantes. À semelhança das estudantes não consumidoras, sustentam que cada pessoa tem a liberdade de tomar as suas decisões, mas com consciência das suas limitações. Tal como ilustra uma estudante, da mesma forma que não quer que tomem conta dela, também não quer ter que se responsabilizar por cuidar de alguém o resto da noite. Estas estudantes consideram importante o reconhecimento do momento de parar o consumo, o que nem sempre acontece, levando ao que consideram situações extremas como o “beber até cair” ou até recorrer ao hospital. É nestas circunstâncias que, mais uma vez, sobrevém a preocupação com o outro pois os que estão sóbrios acabam por ter a iniciativa de vigiar aqueles que consideram não estar em condições de o fazer sozinhos, criando uma situação incómoda para quem procura divertir-se numa noite livre de preocupações.

“Em relação aos meus amigos beberem, acho que as pessoas podem beber e também bebo, são experiências. Mas, há que saber quando parar. E acho que a maior parte das pessoas hoje em dia não sabe parar. Muitas vezes bebem até cair e acho que isso não pode nem deve ser assim. Há que saber respeitar os outros, até mesmo o organismo, saber quando é que devem parar.” (Estudante 1K)

Para os **consumidores regulares** (N=14, sendo um do sexo feminino), os relatos de consumos abusivos são mais constantes. Para estes existe a percepção das fronteiras pessoais, reconhecidas e estabelecidas pelos estudantes, sendo que apesar disso nem sempre são respeitadas. No entanto, o descontrolo não ocorre com facilidade pois consideram “saber beber”, fazendo-o de uma forma gradual para que os limites não sejam rapidamente ultrapassados. A percepção da iminência deste acontecimento, que na opinião dos estudantes não é exequível pela contagem do número de bebidas ingeridas, acontece através de sintomas físicos como a dormência dos lábios, visão turva, cefaleias, tonturas, desequilíbrio, má disposição e vontade de vomitar. Nestas circunstâncias alguns estudantes adoptam estratégias para evitar exceder os seus limites como beber água, abrandar o consumo ou até parar. Quando existe um jantar bem regado, há quem opte por fazer uma refeição mais reforçada.

O fenómeno de tolerância ao álcool, na opinião de alguns estudantes, eleva a fasquia do limite, permitindo que possam beber grandes quantidades de álcool sem se sentirem excessivamente embriagados. A única estudante deste grupo adianta ainda que bebe em comparação com as suas colegas, considerando-se ao mesmo nível dos rapazes, como demonstra o seguinte excerto:

“Eu acho que bebemos todos mais ou menos o mesmo. Pronto, eu se calhar bebo um bocadinho mais do que os outros... Mas, normalmente bebemos sempre a mesma quantidade. Das raparigas eu sou a que bebe mais. Eu bebo quase tanto se calhar como os rapazes. Por isso é que às vezes os rapazes até querem sair para beber, em casa dizem ‘ai, não vamos’ e eu acabo por ir com eles porque também quero e porque também aguento bem o álcool.” (Estudante 2C)

A percepção do abuso leva, tal como aos consumidores esporádicos, à consciencialização de que se não tivessem ingerido tantas bebidas alcoólicas não teriam regressado a casa tão cedo, podendo aproveitar melhor a noite ou, como refere um estudante do último ano, ter-se divertido na mesma, não exagerando tanto.

Determinados episódios de embriaguez levam os estudantes a reflectir sobre as suas condutas levando-os à alteração de alguns comportamentos, como o facto de não voltar a ingerir determinadas bebidas ou à redução do consumo em situações posteriores. A preocupação pelo estado final é ainda manifestada, não só pelo desconforto físico mas também pelo transtorno causado aos colegas que partilham os momentos de convívio.

“Aconteceu-me uma vez que fiquei um bocado mal, fiquei bastante mal. Não gosto de aturar as bebedeiras dos outros, portanto também não gosto que aturem as minhas e fiz asneiras. Estava bêbedo, fiz asneiras e arrependi-me. E deixei de beber porque pus-me a beber muito rápido, aquilo não ficou lá bem dentro e teve que sair tudo cá para fora e pensei ‘bem, desta ou pelo menos nos próximos tempo não’. E bebo sem qualquer problema, mas não daquela maneira. Deixei de beber porque... não me sentia bem com o que tinha feito. Porque acho que já somos todos grandinhos e há coisas que não se fazem. É uma questão mais de estares bem contigo próprio” (Estudante 1F)

Este facto, ilustrado na primeira parte do excerto anterior, é transversal a todos os estudantes quer se assumam como abstinente ou não. Os estudantes prezam os momentos de diversão com os colegas, sendo que em muitos a presença de álcool é uma constante e os excessos admissíveis; o que no entanto, não significa que considerem toleráveis algumas situações de consumo abusivo que levam à subversão desses momentos de convívio.

Na opinião de alguns consumidores regulares existem colegas que “não sabem beber”, o que é evidenciado pela forma desregrada como o fazem ou por comportamentos como beber antes de comer. Na opinião destes, cada pessoa tem os seus limites, que é necessário conhecer para que não ocorram situações evitáveis como beber até cair ou ter que recorrer ao hospital. Tal como relata um estudante de um ano intermédio, é devido a esta falta de reconhecimento ou porque nunca estabelecerem balizas pessoais, que alguns estudantes chegam a situações extremas de coma alcoólico:

“Eu vejo que as pessoas mais novas que eu encaram a bebida como uma maneira de afirmação e se calhar esses comas alcoólicos é por não saberem onde é que é o limite. Ou porque nunca beberam antes, se calhar, pode acontecer isso, ou então só conseguem parar quando desligam. Não sei, não consigo perceber isso. Para mim é mesmo uma situação ainda mais radical do que aquela em que um colega me perguntou se queria beber uma bebida às oito da manhã. Essa para mim, do coma

alcoólico, é ainda pior. Uma pessoa não conseguir controlar... acho que é muito mau.”
(Estudante 1B)

Segundo os relatos dos consumidores esporádicos e regulares, é importante saber reconhecer os limites pessoais para que a exposição ao risco seja reduzida.

5.3.5 – PERCEPÇÃO DO RISCO

A percepção do risco é algo que surge relacionado com as experiências prévias, na maioria das vezes na adolescência. Nessa idade os participantes alegam que já tinham consciência que o consumo de bebidas alcoólicas poderia prejudicar de alguma forma a saúde. No entanto, nesta fase de maior maturidade estão muito mais conscientes dos riscos que correm e sentem-se mais capazes de tomar decisões de forma reflectida e autónoma (N=9, dos quais três são do sexo feminino).

Os riscos a curto prazo são os mais mencionados e os que mais preocupam os estudantes. As consequências a nível cognitivo são uma das fontes de preocupação, nomeadamente a capacidade de raciocínio e memória a curto prazo. Conduzir sob o efeito de álcool é também percebido como um comportamento de risco, pelo que tende a ser evitado. O consumo de bebidas com elevado teor alcoólico é igualmente entendido como algo prejudicial não só em termos gástricos como também pela perda de capacidades de avaliação dos perigos.

“Os malefícios a nível cognitivo preocupam-me. O subconsciente faz logo uma interacção com a perda de memória. Isso preocupa-me. Não sei se indirectamente ou directamente mas, a estares a consumir álcool de uma forma exagerada noto que perco um bocado as capacidades de raciocínio... não sei se tem alguma ligação directa mas, sinto isso. Posteriormente tenho mais dificuldade. Acho que é em termos de memória curta. Por exemplo, dizerem-me uma coisa e esquecer-me com maior facilidade, tentar memorizar e esquecer-me com grande frequência. Mas, também não é uma coisa que seja a longo prazo. Nos dias imediatos a isso é que já me aconteceu.”
(Estudante 1E)

Relativamente às consequências a longo prazo os estudantes têm consciência de que o consumo de álcool pode levar a alguns problemas de saúde, o que os leva a reflectir sobre os seus consumos, tal como se pode verificar no seguinte excerto:

“Conheço pessoas, isto parece mal-estar a dizer, mas conheço pessoas que bebiam uma grade de cerveja por dia, a trabalhar. E é habitual, uma por dia. Portanto, não tem nada a ver, na universidade nós podemos fazer isso na semana da Queima, depois parou, fazemos isso uma semana por ano. Há pessoas que eu conheço, com a minha idade, que estão proibidas pelos médicos, é colesterol e ácido úrico, estão a ficar todos arruinados. Saem muito mais, é mais propício a isso. Quem trabalha numa aldeia, é hospitaleiro, é normal um vizinho, alguém passa, oferecer sempre um copo. E parece mal se não o beber. Depois, criam-se hábitos, embora já bebam menos. Antes, no tempo dos meus pais, bebiam bem mais ainda.” (Estudante 3D)

A percepção que estes estudantes têm dos riscos a que ficam sujeitos devido ao consumo de álcool leva-os a pensar sobre as suas posturas, podendo em alguns casos funcionar como limitador de excessos ou até como barreira em determinadas circunstâncias.

5.4 – FACTORES FACILITADORES

A adopção de determinados comportamentos pressupõe a existência de habilidades e recursos/instrumentos que facilitem a prática repetida destes comportamentos. Se por um lado as condições ambientais facilitam a performance dos indivíduos, por outro as circunstâncias de vida podem representar barreiras à acção. Neste grupo enquadram-se também as competências desenvolvidas pelo sujeito para que haja alteração comportamental.

5.4.1 – ACESSIBILIDADE

Os aspectos relacionados com o acesso fácil às bebidas alcoólicas foram apontados por alguns estudantes (N=9, dos quais dois são do sexo feminino). Pelos relatos dos participantes constata-se que a acessibilidade envolve as oportunidades de consumo antes da idade legal, nas instituições de ensino, as ofertas, as promoções existentes nos locais de consumo e a publicidade às bebidas.

As referências à acessibilidade **nas instituições** são feitas por estudantes da mesma instituição, na qual existe um bar dentro do *campus* que vende bebidas alcoólicas, tornando fácil o acesso às bebidas em qualquer momento. O bar é um local onde os estudantes se juntam a conviver e a consumir cervejas. Um dos estudantes questiona-se se apesar de os jovens terem idade legal para beber, dezoito anos será a idade correcta para tomarem essa decisão:

“[...] realmente será que dezoito anos será a altura correcta para se beber? Não. Mas, era fácil a qualquer hora sair da aula, se te apetecesse, um exemplo, saías da aula, bebias uma mini, voltavas para a aula e depois saías outra vez, a qualquer hora. Era muito fácil, é muito fácil o acesso à bebida na faculdade, na minha opinião.” (Estudante 1B)

Outros estudantes (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino) descrevem situações em que a **oferta** de bebidas facilitou e/ou ditou o seu consumo. Duas situações aconteceram no contexto das festas académicas, uma em Coimbra, outra no Porto, referidas pelas estudantes do sexo feminino. Em Coimbra, o facto de os estudantes terem estabelecido uma relação privilegiada com o barman fez com que pudessem consumir de forma gratuita.

Na Queima das Fitas do Porto, em que os espaços de venda das bebidas (denominadas de “barraquinhas” na gíria estudantil) são geridos pelos estudantes dos cursos e não pelas marcas, como acontece em Coimbra, o facto de ter colegas a trabalhar nestas facultas o acesso. Como diz uma estudante, em Coimbra a mesma situação não acontece:

“No Porto é diferente em relação às bebidas. No Porto há uma coisa que aqui não há, é que as barracas não são tendas de bebidas, são tendas de curso. Ou seja, as pessoas conhecem-se, as pessoas vão às barracas do seu curso e conhecem as pessoas que estão a dar as bebidas, aí já há muito mais facilidade de comprar ou de não comprar. Oferecer bebidas e beber à pala, como se diz. Bebi algumas coisas porque me deram, porque não paguei nada. Simplesmente porque conheço pessoas dos cursos e ia às barraquinhas. E eles “ah, então está tudo bem? há muito tempo”, porque eu estive lá e conhecia as pessoas, então elas acabavam por oferecer alguma bebida ou uma cerveja. Depois iam perguntar o que é que eu queria. E aí já pedia para vir qualquer coisa. Mas pronto, aqui já não, aqui já ninguém oferece nada a ninguém, por isso nem arriscamos.” (Estudante 2D)

Um dos estudantes do sexo masculino faz alusão ao Cortejo da Queima das Fitas, em que são oferecidas bebidas alcoólicas pelos estudantes que vão nos Carros dos cursos.

“Aproveitamos, como os carros dão as bebidas nós pedimos sempre bebidas brancas, se calhar para ficarmos embriagados mais cedo ou assim, que a cerveja demora mais tempo.” (Estudante 2A)

Outro estudante, membro de uma Tuna Académica, refere-se à disponibilidade de bebidas depois das actuações, providenciadas pelos anfitriões dos eventos para os quais a Tuna é convidada a actuar.

Em relação às **promoções e publicidade** os estudantes fazem alusão a três contextos diferentes: numa instituição de ensino (já referida), em locais de venda habitual (como o café) e no queimódromo. No que diz respeito ao primeiro, as promoções de cerveja (“minis”) funcionam como um incentivo ao consumo. Apenas um estudante demonstra uma atitude crítica em relação aos preços reduzidos das bebidas alcoólicas, questionando-se porque é que não fazem promoções de leite e bolos, no lugar de anunciar a descida do preço da cerveja. Em relação aos locais concessionados, como os cafés, estes são escolhidos em função do preço que praticam. Um estudante descreve um local onde o ambiente de farra e os “preços muito em conta” convidavam a entrar. O próprio ambiente académico é mencionado como influenciador. As promoções feitas no queimódromo, nas barraquinhas geridas pelos patrocinadores de bebidas, aliadas a estratégias de marketing (como oferta de brindes) e publicidade apelativas, convidam ao consumo, como retrata o seguinte excerto de um estudante do último ano:

“Acho que o ambiente académico influencia a consumir bebidas alcoólicas. Em todo o lado, aquelas promoções, a caneca, o litro de cerveja e aquelas coisas que ninguém bebe, dois litros de cerveja. Acho que tudo isso incentiva ao consumo de bebidas alcoólicas.” (Estudante 3C)

Em Portugal a venda de bebidas alcoólicas **antes dos dezasseis anos** é proibida, embora olhos atentos verifiquem que esta norma é muitas vezes ignorada. A restrição é mencionada apenas por um estudante que faz a comparação com a actualidade, considerando haver maior acessibilidade nos estabelecimentos comerciais.

“Mas, na minha opinião era mais complicado do que agora. Acho que agora as crianças com muito mais facilidade bebem bebidas alcoólicas num bar. Mesmo o bar, na minha terra, antes dificultavam e agora acho que há mais facilidade, não há tanto aquela preocupação ‘olha desculpa lá, então e a tua idade, é que não me parece que possas beber’. Estás a entender, acho que agora está pior nesse sentido.” (Estudante 1B)

Apesar do acesso às bebidas alcoólicas aparecer por vezes facilitado, surgem outros determinantes do consumo que possibilitam que o estudante tenha uma decisão mais independente, como é o caso dos motivos e das opções de consumo.

5.4.2 – BARREIRAS ÀS SAÍDAS E AO CONSUMO

Se por um lado os estudantes falam de algumas situações em que o acesso às bebidas alcoólicas se torna facilitado, por outro é mais frequente mencionarem os obstáculos que lhes são interpostos (vinte e três dos vinte e quatro estudantes já sentiu o efeito de pelo menos uma barreira). Identificam diversas barreiras que dificultam ou impedem os momentos de convívio com os colegas de curso e amigos e, conseqüentemente, o consumo de bebidas alcoólicas (para os consumidores). Dentro destas, as mais nomeadas são as barreiras académicas e as monetárias, seguidas das laborais, da imagem da pessoa alcoólica, da condução e dos transportes.

As actividades **académicas** surgem nos relatos como impedimentos aos momentos de convívio, nomeadamente às saídas nocturnas (N=12, dos quais três são do sexo feminino). Nestes emergem duas ideias centrais: a diminuição da regularidade das saídas do primeiro para o segundo ano (nos estudantes dos anos intermédios) e a diminuição do consumo relacionado com as aulas.

Se no primeiro ano as saídas são mais regulares e até mais tarde, no segundo tal já não acontece com os estudantes que referem ter sentido essas barreiras. A exigência do curso, a tomada de consciência da necessidade de frequentar as aulas e de terminar o curso mais cedo levou a essa mudança.

Alguns estudantes referem que a implementação do Processo de Bolonha trouxe alterações na estrutura dos cursos, que são concretizadas na passagem de semestres para trimestres, com mais trabalhos e frequências, o que aumenta a intensidade da dedicação às tarefas académicas.

“Senti diferença nas saídas de um ano para o outro, completamente. A culpa não é nossa. Foi o próprio processo de Bolonha que nos trouxe mais trabalho. Se não houvesse Bolonha eu penso que seria diferente porque provavelmente teria saído mais vezes [...] Mas, por exemplo, quando havia esse tipo de saídas à noite, mesmo depois das aulas, eu se calhar se fosse no ano passado tinha saído, mas, como sabia que tinha coisas para fazer, tinha testes para estudar, tinha montes de coisas que o ano passado não tinha, era tudo um bocado organizado por mim, o estudo... já não consegui sair. Eu pelo menos tenho as minhas prioridades e à frente da saída ponho o estudo. Acabei por não sair muitas vezes e depois não beber tantas vezes. Se calhar também é esse o objectivo de Bolonha, não sei.” (Estudante 2D)

A diminuição do consumo, em situações mais pontuais, é mencionada quando existem tarefas que requerem maior rendimento e grau de concentração como é o caso de algumas aulas (de presença obrigatória ou de cadeiras de maior exigência) e frequências ou exames.

Apesar das dificuldades com que os estudantes se deparam, tentam encontrar formas de as superar sem que para isso tenham que anular os momentos de convívio, como por exemplo, a preferência por beber ao fim-de-semana, uma vez que podem descansar no dia seguinte, ou a opção por saídas mais curtas, como por exemplo até ao café.

A questão **monetária** surge como dificultadora das saídas e do consumo de bebidas mais caras (N=11, dos quais três são do sexo feminino). Os bilhetes de acesso às noites das festas académicas são na opinião dos estudantes dispendiosos, o que leva à diminuição da comparência a estas noites para alguns estudantes. A este aspecto acrescenta-se o facto de as bebidas no geral, mais especificamente as destiladas, serem muito caras tanto no recinto como nos bares e discotecas. A opção da cerveja, por ser mais barata, em detrimento de outras bebidas, é diversas vezes referida:

“Vejo muito mais gente a beber cerveja, a beber finos lá em baixo, do que a beber bebidas brancas. Para nós estudantes, se comprarmos o bilhete geral para ir todas as noites bebemos muito mais cerveja do que bebidas brancas. Não há dinheiro para estarmos todos os dias a beber bebidas brancas.” (Estudante 2A)

Outra alternativa adoptada é o consumo antes da saída nocturna ou da entrada no recinto, o que passa muitas vezes por comprar bebidas nos supermercados e consumi-las em casa. Este comportamento permite que quando saem já se encontrem de certa forma embriagados não tendo assim que gastar tanto dinheiro.

“Não bebemos muito porque também é caro, vamos sempre para as bebidas brancas às terças e quintas... Nós agora o que fazemos é, como as bebidas são um bocado caras, compramos garrafas no supermercado, dividimos por todos, acaba por ser mais barato, e temos mais para beber. E mesmo jantares em casa fazemos isso também. Compramos por exemplo duas garrafas de vodka, uma de martini e outra coisa qualquer, compramos sumo para misturar e acaba por nos sair mais barato e em vez de irmos para os bares consumir estamos ali em casa todos a brincar ou a jogar um jogo e estamos a beber. Às vezes acabamos por nem sair, ficamos em casa logo, sai mais barato, e nós agora temos que andar a contar os trocos que isto é complicado.” (Estudante 2C)

As barreiras **laborais** foram reconhecidas por quatro participantes (N=4, todos do sexo masculino), dos quais três são trabalhadores-estudantes. Todos eles referem este factor como condicionante do seu consumo e das suas saídas durante a semana. Um dos aspectos mencionados é a indisponibilidade para sair tantas vezes quanto os seus colegas estudantes a tempo inteiro. O sentido da responsabilidade de ter que trabalhar no dia seguinte é referido igualmente por um estudante do último ano, ainda que não tenha iniciado a sua actividade profissional. Estes jovens dão também importância ao facto de terem que estar em plenas capacidades físicas e psíquicas para desempenhar as suas funções. Para um dos estudantes o factor idade é contributivo, referindo que muitos dos seus colegas partilham do mesmo estatuto, para os quais existem outras preocupações e objectivos de vida.

“O facto de trabalhar condiciona porque se calhar já têm uma outra idade e já vale a pena reflectir. Eu já trabalho, não tenho aquela disponibilidade em que só estudo. Ora bem, se não estou a estudar estou a beber, já não passa por aí, já temos uma outra organização de vida completamente diferente. Beber socialmente sim e o objectivo não é durante aquele período de tempo vou ingerir o máximo de álcool que eu puder. Não passa pela cabeça de ninguém, isso é impensável... [...] Mas agora, nesta altura, com trinta anos... Eu nunca fiz isso e os colegas que eu tenho, nesta altura pelo menos nessa faixa etária, o objectivo de vida deles não é esse. Completamente fora de questão. Porque já deve ter a ver com o facto de eu trabalhar. Já não é diversão, diversão, diversão. Já temos outros objectivos.” (Estudante 1L)

Outro aspecto que dificulta as saídas à noite é a distância, concretizada na falta de **transportes** (N=3, do sexo feminino). Para estes estudantes, a dependência dos transportes públicos (cujos horários nocturnos são pouco alargados), nomeadamente para o regresso a casa, funciona como impedimento.

“No ano passado, eu no meu primeiro ano estive a morar bastante longe e nem sequer, ou poucas vezes, saía por causa dos transportes e assim era sempre mais complicado.” (Estudante 2E)

A **condução** (N=4, do sexo masculino) após um momento de convívio no qual pode haver consumo de álcool é um factor condicionante. Perante esta situação surgem diversas atitudes que passam pelo consumo moderado (os estudantes assumem não beber mais que duas cervejas) ou a abolição do consumo, preferindo bebidas não alcoólicas como sumos. O facto de transportar pessoas também constitui uma fonte de preocupação.

“Ainda me lembro perfeitamente, tive três amigos à espera e fui soprar para ver e tinha zero quarenta e oito. Já estava dentro da lei e essa vez fez-me apanhar uma grande lição de quando se conduz não se bebe. E não só por essa questão, iam mais pessoas no carro e já não é a questão ‘ah e tal, acho que estou bem’. E se eu bato em alguém e se alguém bate em mim, eu tinha álcool. Uma pessoa podia ter ou não, nunca se sabe o que pode acontecer. Então achei que quando conduzir não bebo. Mesmo pensando ‘ah e tal, tudo bem’, é melhor não arriscar e sermos ponderados.” (Estudante 1B)

A **imagem da pessoa alcoólica** surge como barreira, em circunstâncias diferentes (N=4, do sexo masculino). Os estudantes que vivenciam o problema do alcoolismo no seio familiar encaram-no como sendo desgastante para as famílias, o que provoca sentimentos negativos. A imagem do familiar alcoólico (nos dois casos o avô) leva a uma reflexão sobre os próprios consumos, o que se traduz na moderação ou restrição. São comportamentos que recriminam e que trazem alterações na dinâmica familiar.

“Em relação ao facto de o meu avô e bisavô serem alcoólicos são comportamentos que eu recrimino porque são situações que são desgastantes para as famílias. E também se calhar por isso restrinjo-me um bocado. Como tenho um exemplo negativo, se calhar quando consumo, nem sempre terei isso presente mas, quando me recordo disso se calhar restrinjo-me um bocado e penso que não devo ter esse comportamento porque já tenho um exemplo negativo.” (Estudante 1E)

Para os estudantes que não vivem esta experiência de uma forma tão próxima, a pessoa alcoólica é vista como aquela que tem necessidade de beber álcool, que consome em grandes quantidades e todos os dias. Se se tentar fazer a restrição do álcool durante um dia terá repercussões no estado de humor da pessoa, que fica irritada e entra em síndrome de abstinência. Na perspectiva de um estudante, beber é o que a faz a pessoa alcoólica sentir-se normal, afirmando que se afasta deste padrão pois bebe para se sentir diferente, para ficar mais desinibido. À semelhança dos primeiros estudantes, a construção desta imagem leva ao afastamento e repulsa das condutas que censuram. São situações que incomodam, provocam um sentimento de pena, levam à violência e a uma vida infeliz.

“Já sabia que se devia beber com moderação porque via situações, acontece muito pessoas mais velhas alcoólicas e eu dizer ‘oh pá, eu quero beber, divertir-me mas nunca quero chegar a uma situação assim’.” (Estudante 1B)

Como se pode verificar, emergem várias barreiras expressas nos relatos dos estudantes, que dificultam e em alguns casos impedem o consumo de bebidas alcoólicas. Ainda assim, não são o único factor facilitador da adopção de comportamentos saudáveis pois, como se poderá aferir, também a adopção de competências como a capacidade de resistir à pressão dos pares pode constituir um contributo para a promoção da saúde individual.

5.4.3 – RESISTÊNCIA À PRESSÃO DOS PARES

A influência dos pares é um dos factores que mais contribui para o consumo de bebidas alcoólicas na população estudada. Para contrariar a pressão exercida pelos colegas/amigos, os estudantes adoptam algumas soluções que permitem evitar comportamentos que vão contra a sua vontade (N=13, dos quais 4 são do sexo feminino). Desta forma, relativamente à resistência à pressão há uma tentativa de definir limites em relação aos colegas, que em

alguns casos se revelam de forma intransigente. Para muitos esta oposição passa unicamente por dizer “não”, como refere esta estudante não consumidora:

“Não me faz confusão o facto de não beber ao pé dos meus colegas, nem me sinto de qualquer forma mal ou constrangida ou a ter que beber para me sentir melhor no grupo e eles gostarem de mim. Não, nunca tive essas ideias e acho que nem sequer tem alguma coisa a ver. Eles vão gostar de mim por aquilo que eu sou e não por eu beber ou não. Por isso eu consigo manter a minha postura e dizer ‘olha não, não quero, não gosto’. E eles aceitam completamente, não me influenciam, não me obrigam a fazer nada que eu não queira. (Estudante 2F)

Outros contornam a situação encontrando mecanismos de evitamento como comendo bem antes de beber, deixando o copo meio cheio, evitando o *penalti*, tentando passar despercebidos, dizendo que estão a tomar medicamentos, bebendo água ou ameaçando com o vómito. O seguinte excerto corresponde a um estudante finalista que recorda um episódio decorrido num jantar de curso no primeiro ano, no qual conseguiu resistir à pressão de um colega mais velho:

“Quando os ‘doutores’ insistiam e eu não queria, não bebia. Não conseguia, não bebia, tão simples quanto isso. Não aguentava mais, ia-me vomitar, não bebo. Querem que eu vomite, não bebo, eu vomito. ‘Então olha, esquece, então metes aqui o teu copo, vais vomitar, depois vais comer’. Eles ficavam chateados, porque eu não bebo. Sabiam nos dias em que eu bebia com tudo. Nos dias em que eu não bebia, queria que acreditassem em mim. E era verdade.” (Estudante 3D)

Enquanto a acessibilidade às bebidas alcoólicas dificulta a adopção de comportamentos saudáveis, as barreiras e a resistência à pressão exercem o efeito contrário e podem facilitar a mudança destes, com mais-valias para a saúde e bem-estar dos estudantes.

5.5 – FACTORES DE REFORÇO

As redes de apoio e referência como a família e os amigos podem influenciar positivamente e fortalecer a adesão à mudança comportamental. No entanto, também podem funcionar como reforço negativo, como por exemplo a influência exercida pelos pares para consumir bebidas alcoólicas.

5.5.1 – PARES

A influência dos pares foi a razão que mais emergiu ao longo das entrevistas para beber (N=20, dos quais treze são do sexo masculino). Esta “pressão” é exercida de diferentes formas, consoante os amigos ou colegas bebam mais ou menos, pelo que se pode separar a influência dos *amigos que bebem* daquela dos *amigos que não bebem ou bebem pouco*.

No primeiro caso, os **amigos que bebem**, o grupo é preponderante para o consumo pois os estudantes manifestam a necessidade de estar em sintonia com os colegas e acompanhá-los nos seus consumos. Quando alguns elementos do grupo começam a beber, facilmente o gesto é repetido pelos restantes, ao que um estudante denomina de “efeito avalanche”. Dizem não se sentir pressionados, já que os colegas nunca obrigam a beber, do que advém a distinção entre influência e pressão, sendo que a primeira deixa uma janela aberta para o estudante decidir quando deve parar. O tamanho do próprio grupo é valorizado, sendo que quando este é numeroso existe uma tendência para o aumento do consumo, o que não acontece quando este é reduzido pois como dizem os estudantes “não há tanta festa”.

“Depende do grupo beber mais ou menos. É quase totalmente dependente disso. Se for um grupo de colegas que queiram ir sempre e embriagar-se sempre, nós somos influenciados por isso. Vamos com eles e acabamos por entrar também nesse jogo. E se o grupo for diferente, se houver sempre vários elementos que não o façam, nós também somos influenciados e não entramos nisso. Colegas e grupos são muito importantes.” (Estudante 1D)

Quando não existe qualquer companhia alegam nunca ou raramente beber sozinhos e jamais se terem embriagado nesta situação, como refere este estudante finalista, com larga experiência no consumo de bebidas alcoólicas:

“Em geral, não bebo sozinho, dificilmente. Se beber é um copo, um fino, uma cerveja, mas não... nunca bebi e me deixei ficar bêbado sozinho.” (Estudante 3D)

Outro factor que interfere na influência dos pares é o contexto em que se bebe. Nos convívios alguns estudantes (todos do sexo masculino) falam do hábito de comprar cervejas para os elementos do grupo com quem estão, sendo usual revezarem-se no pagamento de “rodadas”. Nos jantares de curso, os cânticos habituais, com chamamentos, levam a que até as estudantes que se assumem como não consumidoras bebam vinho, apesar de admitirem não gostar. É feita alusão à influência dos “doutores” de *praxe* que, nas saídas nocturnas se juntam aos colegas mais novos, motivando-os por vezes a beber, como relata uma estudante:

“Nós, ‘caloiros’, saímos com os ‘doutores’. Como é um curso pequeno, as pessoas conhecem-se todas, basicamente. E então, o segundo ano começou a praxar-nos no início do ano, mas depois combinavam outras coisas connosco ‘olha, vamos sair’, ou ‘vamos estudar juntos’ porque eles agora com Bolonha têm muitas cadeiras com o primeiro ano. Então às vezes até parece que somos todos do primeiro ano. Acabámos por ter uma boa relação com eles. E eles começaram a conhecer-nos e pagavam-nos bebidas e começaram-se a aperceber quem é que bebia mais, quem é que bebia menos. E nós por eles é recíproco.” (Estudante 2C)

A influência dos **amigos que não bebem ou bebem pouco** funciona de forma antagónica. Quando os estudantes se encontram num grupo cuja maioria bebe pouco nunca ocorrem abusos, da mesma forma que se a maioria dos elementos do grupo não beber bebidas alcoólicas, os restantes elementos também não o farão. Os estudantes que não consomem

ou que o fazem de forma esporádica não sentem pressão por parte dos pares uma vez que verbalizam que o seu grupo de amigos tem um padrão de consumo semelhante ao seu, o que valorizam.

“O facto do meu grupo de amigos não beber muito pode influenciar, claro, acho que sim. Se estiver num café, está toda a gente à minha volta a beber finos, também sou capaz de beber, nem que seja um, mas bebo. Se estiverem todos a beber sumos e águas e coca-colas, eu não vou ser o único a beber. Acompanhar aquelas coisas que os outros estão a fazer. De maneira que se o grupo todo for jogar setas, eu vou com eles. Acho que é um bocado por aí.” (Estudante 3E)

Desta forma, é possível perceber a importância do grupo de amigos no qual o estudante se insere, que pode reforçar positiva ou negativamente determinados comportamentos.

5.5.2 – FAMÍLIA

Nas entrevistas, todos os estudantes relatam o consumo de álcool aludindo à família. Deste modo, constata-se que também na família existe ingestão de álcool. Por outro lado, reflectem sobre a forma como na família é encarado o seu consumo, relevando a importância da parentalidade em relação às suas experiências.

Na atitude dos pais perante o consumo dos filhos (N=24), no que respeita aos *primeiros consumos*, é a mãe que desempenha o papel de educadora, podendo ter uma atitude negativa e de repreensão ou uma postura de escuta activa e compreensão. Em ambos os casos, para os estudantes as conversas com as mães ajudaram a compreender que o consumo de álcool pode ser prejudicial ou serviram como forma de quebrar barreiras, permitindo uma relação dialógica no futuro.

“Uma vez lembro-me de chegar a casa e a minha mãe estava cá, estava na cozinha ainda, e eu [...] já vinha assim um bocado, já vinha a falar mais, cada vez mais faladora, então a minha mãe era assim ‘a noite foi longa’, e eu ‘foi, foi’, e ela ‘então como é que foi?’, e eu disse ‘olha, experimentei não sei o quê’, contei-lhe o que é que tinha bebido e a minha mãe ‘ah está bem, então vai já dormir’. Foi preciso eu ir dormir. Mas por exemplo, a partir daí foi quebrar o gelo, a partir daí contei tudo, nunca tive problemas nenhuns.” (Estudante 2D)

Dois estudantes relatam experiências nas quais ocorreram falhas na supervisão por parte dos adultos. Numa das situações a criança de três anos ingere de uma garrafa de sumo contendo uma bebida alcoólica, que é deixada ao seu alcance, noutra é permitido que adolescentes de catorze anos tenham acesso a bebidas, sem controlo por parte dos responsáveis adultos. Transparece o sentimento de culpa sentido pelos adultos, que não responsabilizaram as crianças pelo seu comportamento, tendo este acontecimento funcionado como ensinamento para o futuro, para as duas partes intervenientes.

Num segundo tempo, dos relatos dos estudantes emergem as suas percepções sobre as atitudes dos pais perante os *consumos actuais*. Nesta fase da vida dos jovens os pais aceitam que estes consumam bebidas alcoólicas, ou porque compreendem que é uma experiência que faz parte do processo de desenvolvimento, ou porque já deram provas de responsabilidade (demonstraram saber beber com moderação ou reconhecer os seus limites).

“Eles dizem que se deve beber com moderação. Então, na medida em que nós já somos responsáveis, temos que saber parar. Nisso, os meus pais sempre nos deixaram muito à vontade. Quando éramos mais pequeninas impunham-nos regras, mas eles chegaram a um ponto ‘vocês já são maiores de idade, já sabem o que podem e não podem fazer’.” (Estudante 1K)

No entanto, nem todos os pais incluem este tema nas suas conversas com os filhos. Nas famílias em que o assunto é abordado, a mãe surge com um papel mais activo, tanto ao nível de aconselhamento (é a figura que mais alerta para os perigos), como de consciência crítica (é a que mais critica as situações de consumo abusivo) ou ainda de confidente. O pai adquire um papel secundário, não demonstrando tanta preocupação, ao mesmo tempo que se revela mais tolerante (alguns estudantes falam na questão de o pai ter passado por experiências idênticas quando tinha a mesma idade que os filhos). Os conselhos e avisos são frequentes para os estudantes deslocados, mesmo para as estudantes não consumidoras. Os mais comuns incluem os riscos para a saúde, o consumo moderado e a condução sob efeito de álcool.

“Se eu beber demais ou qualquer coisa, quando falo ao telemóvel ou vou lá a casa, eu digo abertamente, não tenho problemas... Tenho mais confiança nesses assuntos com a minha mãe. O meu pai não se importa. A minha mãe diz para eu ter cuidado porque a vida é para ser levada com alegria mas é preciso ter calma na mesma. Mas, não tenho problemas em admitir ‘olha na Queima das Fitas bebi, até me embebedei dois ou três dias’. Ela, pronto sabe que é festa, sabe que também não sou nenhum anjinho.” (Estudante 1H)

Na atitude perante a embriaguez as opiniões dividem-se. Alguns estudantes sentem que os pais consentem esses comportamentos, desde que não sejam sistemáticos e alguns até brincam com a situação. Contudo, para a maioria a reacção dos pais é habitualmente negativa, com repreensões frequentes para que a situação não se repita e como forma de alertar para os erros cometidos. Para os estudantes com problemas de alcoolismo na família, a posição dos pais é marcadamente de reprovação. Apesar de alguns estudantes nunca se terem apresentado embriagados na presença dos pais, a atitude é semelhante à daqueles que já experienciaram essa situação. Ou seja, fazem os possíveis para que a condição não aconteça, não só pela inevitável censura, mas também como forma de não desiludir ou entristecer os pais.

O facto de estudar em Coimbra é também aludido nos relatos. Para os filhos que abordam estas questões com a família, este ponto não constitui novidade, inclusive porque algumas já assistiram a Cortejos (nomeadamente dos finalistas) e conhecem a realidade das festas académicas. Todavia, sejam mais ou menos falados, os pais não sabem de tudo, até porque como alegam alguns estudantes, há factos que não é necessário saberem, como se pode constatar no seguinte excerto de um estudante do primeiro ano:

“A minha mãe preocupa-se com aquilo que pode acontecer em Coimbra, por isso é que ela me telefona várias vezes a perguntar se eu estou bem, como é que eu estou. E claro que não chegou a saber que fui para a Cruz Vermelha na Latada! Porque se não... agora se soubesse também não tinha mal. Mas, ainda hoje levava um raspanete. Há coisas que também não é preciso saber.” (Estudante 2B)

Quanto aos **princípios e hábitos de consumo** (N=15, dos quais cinco são do sexo feminino) os estudantes referem que a bebida de eleição é o vinho, ingerido apenas à refeição, principalmente pelo pai e de uma forma moderada, à excepção de uma estudante que menciona que o pai bebe cerveja à refeição. No que respeita ao consumo dos filhos existem os que o fazem com a família regularmente à refeição, os que bebem esporadicamente (em festividades como o Natal, Passagem de Ano ou aniversários, ou para provar um vinho) e os que não bebem. Em relação aos primeiros este hábito é consentido pela família. No caso de um estudante, proveniente de um meio rural, beber vinho à refeição com moderação é uma tradição de família extensível às crianças a partir dos doze anos. Para os segundos, é vulgar o incentivo à prova de um vinho diferente, de qualidade superior, para aprender a apreciar, ou de uma bebida para brindar numa situação festiva, o que também acontece com as estudantes que assumem perante os pais não gostar de bebidas alcoólicas.

“Às vezes bebo à refeição com o meus pais e o meu pai às vezes até me incentiva a provar alguns vinhos. Ele incentiva-me a beber mas é de outra maneira, é assim mais incentivar o gosto não é beber até cair. É aprender a gostar de certos vinhos.” (Estudante 2B)

A análise dos relatos permitiu perceber a importância da parentalidade, principalmente da figura materna, no controlo do consumo por parte dos estudantes, não só pelas posições que assumem perante os consumos dos filhos, como pelos princípios que adoptam em relação à bebida alcoólica dentro do seio familiar.

5.6 – INFORMADORES-CHAVE

Uma vez que o presente estudo é do tipo exploratório-descritivo considerou-se pertinente realizar entrevistas a informadores-chave, também eles estudantes, de forma a contribuir para a compreensão do fenómeno.

Pelo valor histórico que a *praxe* tem na cidade de Coimbra e influência que continua a ter na integração dos estudantes no Ensino Superior foi entrevistado o ***Dux Veteranorum*** da Universidade de Coimbra (guião da entrevista no Anexo 3). Este estudante é o representante supremo dos estudantes da Academia de Coimbra como expoente máximo da *praxe* académica.

Segundo este estudante, a Universidade de Coimbra possui uma característica única: a tradição, simbolizada em última instância pela capa e batina. Esta funciona como elo comum entre os estudantes, permitindo a integração dos “caloiros” dentro da comunidade universitária. Os jantares de curso e convívios são manifestação dessa tradição e operam na integração dos estudantes do primeiro ano. Uma destas manifestações consiste na utilização do traje por todos os estudantes nos jantares de curso, que promove um sentimento de igualdade entre os estudantes e demonstra a pertença ao grupo. Estes símbolos da *praxe* são igualmente aceites com alarde pelos estudantes que trajam pela primeira vez, geralmente no dia da Serenata Monumental da Queima das Fitas. Desta forma, considera que as tradições na Universidade de Coimbra constituem um dos aspectos mais importantes daqueles que chegam pela primeira vez à Universidade.

Em relação ao facto de nestes momentos alguns estudantes poderem consumir álcool em excesso, o *Dux* não considera que este seja um problema associado ao facto de se ser estudante, mas trata-se antes de um problema social. O consumo de álcool pelos estudantes está, na sua opinião, localizado no tempo: na recepção aos “caloiros”, no início do ano, na Queima das Fitas e em dias específicos em que as pessoas saem para conviver e beber. É natural que se vão criando rituais, no entanto, os fenómenos também sofrem uma evolução, que exemplifica com os dias em que se saía mais à noite em Coimbra há quinze anos atrás, segundas e quartas-feiras, sendo agora as terças e quintas-feiras os dias mais concorridos.

Sustenta que o consumo de álcool é anterior à entrada na Universidade, estando relacionado com a educação recebida em casa. Se há cerca de dez anos, Coimbra podia ser um local de iniciação ao consumo de álcool, actualmente o mesmo não acontece pois a maioria dos jovens já consome quando ingressa no Ensino Superior. Nos dias de hoje, é comum encontrar adolescentes de catorze/quinze anos a frequentar discotecas e já com consumos abusivos.

O álcool é parte integrante da cultura portuguesa. Neste sentido não se trata de um problema dos estudantes, mas constitui antes um reflexo da educação e evolução em termos sociais, já que o mundo destes jovens não é estanque em relação ao que se passa à sua volta. Esta ideia é ilustrada ao referir que até a própria Queima das Fitas tem sofrido alterações a par com o que se passa na sociedade, pois outrora era servido vinho e

espumante no Cortejo, o que tem vindo a ser substituído por cerveja e mais recentemente pelas bebidas brancas. Por outro lado, os próprios espaços na cidade não permitem a conversa e o convívio das pessoas pelo barulho, fumo e ausência de lugares sentados. Desta forma, apesar de admitir que a integração através do álcool também seja uma realidade, não considera que este possa ser um problema exclusivo dos estudantes universitários.

Em relação à promoção de actividades praxistas nas quais é incluída a presença do álcool, confirma que o incentivo ao consumo de álcool por parte dos estudantes mais velhos faz parte dos rituais de partilha, tal como o beber em grupo ou muitas outras acções. A posição do Conselho de Veteranos, ao qual o *Dux* preside, assenta na ideia que as pessoas se devem divertir independentemente do que façam, seja a beber ou em recreações próprias da *praxe*. O importante é haver um espírito de camaradagem. Compete às partes intervenientes, “doutores” e “caloiros”, estabelecer limites, o que se trata de uma questão individual, pois as pessoas têm que saber até onde podem ir em termos de consumo. Outro aspecto essencial é a capacidade de dizer “não” e quando esta não está presente reitera que é um problema que vem de trás.

É generalizada a repetição das práticas, o que inclui as relacionadas com o incentivo ao consumo de álcool. Apesar de haver quem pressione os “caloiros”, o *Dux* é da opinião que quando estes acompanham os “doutores” são livres de parar quando assim o entenderem. A maioria dos jovens quando ingressa no Ensino Superior já atingiu a maioridade e, como tal, tem responsabilidades em termos sociais. Cabe a estes saberem defender-se, mas não exclui que os estudantes mais velhos apelem aos mais novos para que estes saibam reconhecer os seus limites. No entanto, esta é uma atitude de responsabilidade individual, que muitas vezes não é tida em conta já que os estudantes não se querem controlar. E, segundo este informador, trata-se de um acontecimento que se tem vindo a tornar cada vez mais visível nas noites de Coimbra, quando os “caloiros” não utilizam o álcool como instrumento de convívio mas com o objectivo de se embriagarem, ingerindo o máximo de bebidas possível em curtos espaços de tempo.

A Associação Académica de Coimbra é o órgão que representa os estudantes da Universidade de Coimbra e defende os seus interesses. Como tal, considerou-se útil a inclusão dos pareceres fornecidos pelo **presidente da Direcção Geral da AAC** (guião da entrevista no Anexo 4).

O Cortejo da Queima das Fitas representa um dos eventos mais comemorados pelos estudantes depois de um ano de trabalho. No entanto, é muitas vezes associado a excesso

de álcool. O presidente da AAC confirma a existência de alguns abusos, no entanto, considera que a comunicação social faz muitas vezes uma cobertura errada do que acontece na festa, passando uma imagem exagerada e negativa do consumo e dos estudantes. Na sua opinião, teria todo o interesse que a comunicação social assinalasse outros momentos de forma a dar uma perspectiva global da Queima das Fitas, como actividades de cariz social, das quais são exemplo a Venda da Pasta, a Verbena ou o Baile de Gala. Este grande evento conta já com 110 anos de história e existem diversos aspectos que deveriam ser mais valorizados e noticiados, como o carácter de entreajuda e camaradagem que envolve todo o Cortejo, através da realização dos Carros.

É indiscutível a associação do álcool às festas académicas que, segundo este informador, deve fazer parte deste tipo de festejos. Contudo, há que fazer a distinção entre o consumo responsável e o consumo excessivo, sendo essa barreira o importante a definir e a ter em consideração.

Relativamente ao facto de as festas académicas serem patrocinadas pelas Cervejeiras, o Presidente da AAC alega que estas fazem o seu papel de marketing e promoção do produto. Ainda assim, este ano juntaram-se à AAC numa campanha conjunta com o objectivo de promover o consumo de álcool responsável, através da qual premiavam as melhores ideias para fazer face a esta problemática. Desta forma, considera que o caminho traçado pelas Cervejeiras tem vindo a melhorar pois estas têm tido noção da responsabilidade social que as empresas devem ter.

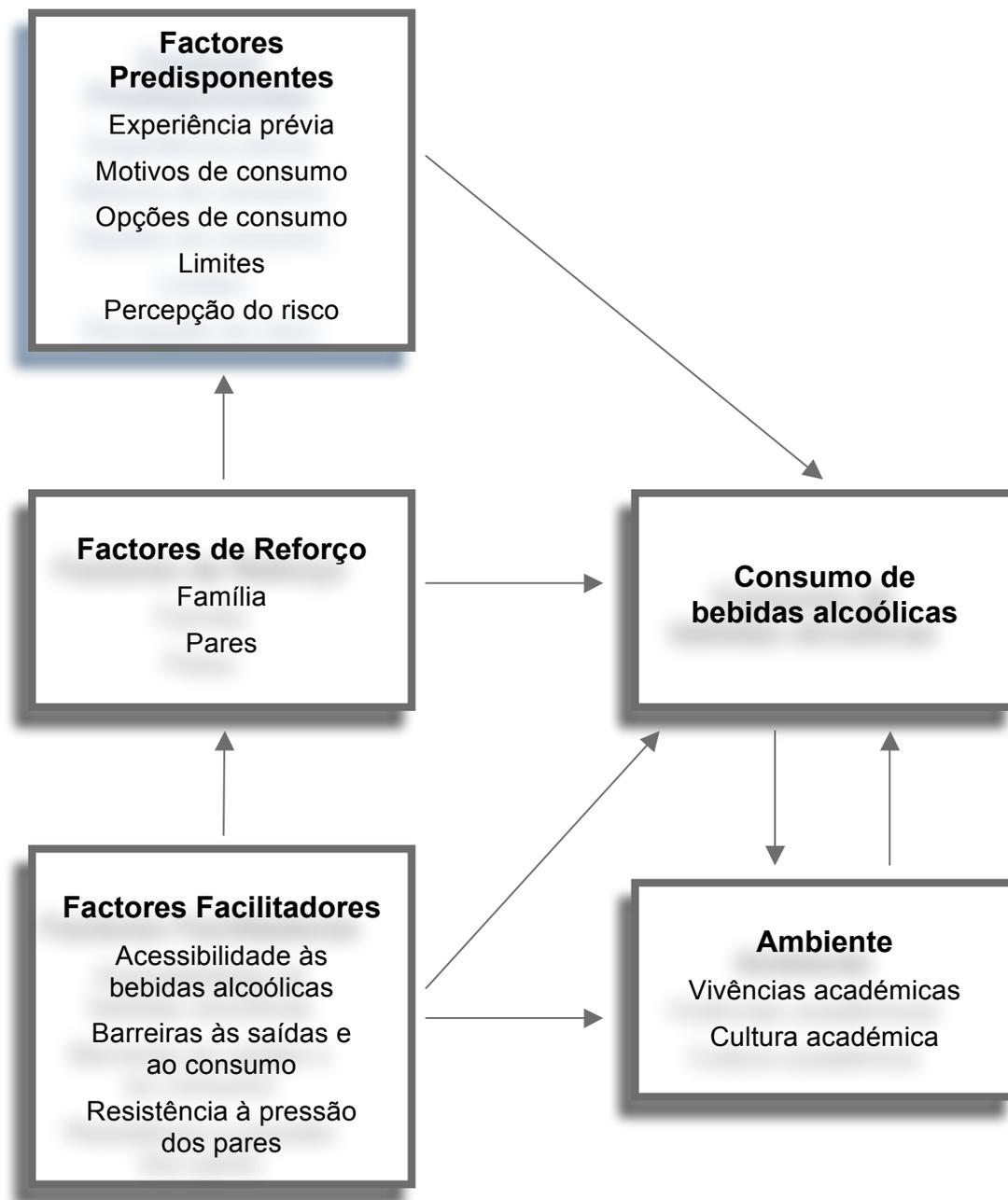
A própria AAC tem vindo a desenvolver acções dentro do projecto “Descobre outros Prazeres” com o objectivo de alertar para o consumo excessivo de álcool e os seus malefícios. Têm sido realizadas palestras, acções de sensibilização de rua, distribuição de panfletos e presença em convívios e no bar da AAC, para além da já conhecida barraquinha de batidos e granizados sem álcool nos recintos das festas académicas. Trata-se de um projecto consistente, com um carácter contínuo ao longo do ano para marcar uma presença assídua junto das pessoas.

Neste capítulo é realizada a discussão dos resultados tendo como fio condutor a organização do capítulo anterior. Como tal, inicialmente é apresentada uma proposta de um esquema explicativo dos resultados encontrados e das suas inter-relações. Segue-se a discussão dos resultados relativos à caracterização da amostra e os determinantes do consumo de álcool divididos em ambiente, factores predisponentes, factores facilitadores e de reforço, num movimento circular entre o material empírico e o teórico.

6.1 – O CONSUMO DE ÁLCOOL E OS SEUS DETERMINANTES

Através dos discursos dos estudantes é possível reconhecer não só os determinantes do consumo, mas a forma como estes se articulam entre si. Deste modo, desenvolveu-se um esquema explicativo que procura compreender todas as dimensões do consumo e as dinâmicas que se estabelecem entre elas. Uma das primeiras premissas para esta análise foi o facto de se perceber a interligação existente entre os determinantes do consumo, o que permite elucidar alguns comportamentos de consumo de bebidas alcoólicas.

FIGURA 1 – Esquema explicativo dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes do Ensino Superior de Coimbra.



A identificação dos factores predisponentes, de reforço e facilitadores, são um dos aspectos fulcrais do modelo de intervenção e promoção na saúde PRECEDE-PROCEED. Assim, foram identificados e analisados, para o comportamento de consumo de bebidas alcoólicas, os factores que o influenciam predispondo, facilitando ou reforçando, em interacção com o ambiente no qual os estudantes se desenvolvem e interagem.

6.2 – AMOSTRA

Relativamente à caracterização sócio-demográfica da amostra, verifica-se que a maioria dos estudantes é do sexo masculino, o que se deve ao facto de os cursos de Engenharia serem predominantemente constituídos por rapazes. Em relação ao estatuto de mobilidade constata-se que a maioria dos estudantes é deslocada, o que está em consonância com Ferreira e Hood (1990), que constata que o ingresso no Ensino Superior significa a saída de casa para muitos estudantes. A escolha do local de residência em tempo de aulas foi, para a maioria dos estudantes, apartamentos onde vivem outros estudantes, o que é confirmado pelo inquérito realizado por Albergaria (2000) a estudantes do Ensino Superior de Coimbra. Quanto ao estatuto sócio-económico verifica-se que a percentagem mais significativa dos estudantes pertence à classe média-alta, indo ao encontro do estudo de Batista (2004). A existência de uma percentagem considerável de estudantes da classe média poderá estar relacionada com uma das justificações que Pinheiro (2003) encontra para a democratização do Ensino Superior em Portugal, que diz respeito ao desenvolvimento de uma classe média com fortes aspirações de valorização pessoal e progressão social.

No que respeita à caracterização da amostra em relação ao padrão de consumo, verifica-se que a maioria dos estudantes afirma consumir bebidas alcoólicas, sendo que os abstinentes são apenas do sexo feminino. Estes resultados estão em conformidade com aqueles encontrados por Galhardo, Cardoso e Marques (2006), tanto no que se refere à maioria dos consumidores como à maioria de abstinentes do sexo feminino. Dentro do grupo de consumidores os grupos mais expressivos correspondem aos que afirmam beber “mensalmente ou menos” e “duas a quatro vezes por mês”. Contudo, se for tida em consideração a tipologia utilizada na análise dos resultados (consumidor esporádico *versus* consumidor regular), constata-se que a percentagem de consumidores regulares é bastante elevada, 58,3% do total da amostra, o que é igualmente confirmado por Sequeira (2006), em que 51,7% da sua amostra era constituída por esta tipologia de consumidores.

A idade do primeiro consumo é nesta amostra mais expressiva na categoria dos 11 aos 15 anos, não sendo de descurar que cerca de 20% experimentou a primeira bebida antes dos 11 anos (todos rapazes), o que é consistente com os resultados apresentados por Cunha et al. (2005) que refere que 21% da sua amostra consumiu a primeira bebida com onze ou menos anos. O contexto em que tal aconteceu foi maioritariamente em festividades, o que reitera a importância do álcool como elemento indispensável em actos comemorativos. Família e pares surgem também em destaque, o que os confirma como modelos privilegiados de aprendizagem de comportamentos sociais.

A primeira embriaguez acontece para a maioria dos participantes depois dos dezasseis anos. Destaca-se o facto de cinco das sete estudantes participantes neste estudo nunca

terem passado pela experiência de embriaguez, o que reafirma o dado apresentado por diversos estudos de que as raparigas são menos numerosas que os rapazes tanto a não beber e a ser consumidoras esporádicas, como a não conhecer a embriaguez. Em relação ao contexto, para além da importância dos momentos festivos e dos amigos, salienta-se a não inclusão da família como participante neste acontecimento, resultados que dão força à importância que o álcool tem como facilitador da convivialidade e socialização entre os jovens.

6.3 – AMBIENTE

No estudo de qualquer comportamento de saúde/doença é essencial ter em consideração o meio em que estes sucedem. Tendo em conta que o ambiente pode ou não favorecer determinados comportamentos, importa saber em que medida o contexto académico de Coimbra pode para o consumo de bebidas alcoólicas.

A fase ou estágio que antecede a idade adulta traz para a maioria dos estudantes do Ensino Superior alterações profundas nas suas vivências, fortemente marcadas pelo seu estatuto de estudantes. Um dos aspectos que causa mais impacto na vida destes jovens é a **saída de casa** dos pais para estudar numa cidade por vezes distante e desconhecida. A maioria dos jovens da amostra (79,2%) pertence à categoria de “deslocado” quanto ao estatuto de mobilidade. Para alguns destes jovens esta condição trouxe experiências enriquecedoras como a descoberta de realidades diferentes e desafiantes, que implicam frequentemente o desenvolvimento do sentido de responsabilidade de forma a resolver as tarefas e problemas do seu dia-a-dia. No entanto, a separação dos pais é também acompanhada de alguns momentos de tristeza. Segundo os autores consultados, para os jovens que têm que procurar alojamento distante dos pais para poderem estudar é uma fase marcada pelo conflito que coloca de um lado o desejo da autonomia e de outro o afastamento das figuras parentais, que até então protegiam e apoiavam o jovem de perto. Para Rebelo (2002), o facto dos jovens vivenciarem estes processos concomitantemente, leva a uma tolerância progressiva do distanciamento, o que faz com a separação física seja mais dolorosa numa fase inicial.

Alguns estudantes entrevistados mencionaram que o facto de residirem longe das localidades de origem levou a uma diminuição do controlo parental que, em última instância, levou a um sentimento acentuado da liberdade, utilizado na exploração do consumo de bebidas alcoólicas, muitas vezes marcado por excessos. Este resultado é sustentado por diversos estudos que verificam que os estudantes que vivem longe dos pais apresentam taxas mais elevadas de consumo abusivo, como por exemplo a investigação desenvolvida

por Dantzer et al. (2006) em 21 países a nível mundial (incluindo Portugal) com uma amostra de 17 728 estudantes do Ensino Superior. White et al. (2006), numa investigação longitudinal, concluiu que o sair de casa e o ingresso no Ensino Superior estavam significativamente relacionados com o aumento do consumo de álcool durante o período imediatamente a seguir ao Ensino Secundário, embora a saída de casa fosse um preditor mais forte que a frequência do Ensino Superior.

Como se pode constatar, as **vivências académicas**, como a saída de casa com o conseqüente confronto com um novo ambiente social e a liberdade acrescida vão possibilitar, a par do percurso académico, diversas e numerosas oportunidades de consumo de bebidas alcoólicas. O primeiro ano, considerado pelos autores como uma das etapas mais difíceis, foi para muitos dos estudantes desta investigação um período de grande intensidade de saídas nocturnas, que aumentaram substancialmente em comparação com a fase de escolarização anterior. As grandes expectativas dos estudantes em relação ao contexto da noite e dos consumos leva-os por vezes a amplificar o consumo de álcool, levando frequentemente à embriaguez. O aumento do consumo de álcool no primeiro ano é apoiado por diversos estudos, nomeadamente no que respeita ao *binge drinking*. Um estudo desenvolvido em diversas universidades dos EUA permitiu concluir que os estudantes do primeiro ano têm mais tendência a beber, que bebem em maiores quantidades e mais frequentemente que os estudantes mais velhos (CSACU, 1994).

Uma das conseqüências amplamente relatada destes comportamentos é o absentismo escolar, que levou em muitos casos ao insucesso no primeiro ano. Segundo uma investigação conduzida pelo Gabinete de Acompanhamento Psicopedagógico dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, cerca de um terço dos universitários portugueses inquiridos admitiu já ter faltado às aulas ou ao trabalho devido a uma ressaca, o que se verifica bastante superior aos inquiridos de Macau (7%) e dos EUA (14,7%) (Santos, 2003). Este aspecto pode associar-se ao que alguns autores chamam de “mito do primeiranista”, que está ligado a expectativas irrealistas e de grande optimismo em relação à vida de estudante (Pinheiro, 2003). Para muitos estudantes, este é um ano de adaptação, sem obrigações académicas, podendo funcionar como escudo para comportamentos irresponsáveis e para o insucesso escolar.

Após um ano repleto de experiências, muitas das quais iniciáticas como o sair e beber sem controlo dos pais, verifica-se um decréscimo nas saídas no segundo ano e subseqüentes. Desta forma, os momentos de convívio passam a ser escolhidos de forma mais criteriosa e a qualidade dos mesmos aumenta, sendo partilhados com os colegas com quem foram estabelecendo laços mais fortes ao longo do curso. Estudantes dos anos intermédios e do último ano assumem de forma preempatória a necessidade de investir mais tempo no curso,

o que terá tido repercussões no número de saídas e nos consumos de álcool. Os resultados do *National Survey of Student Engagement* referentes ao Estado de Boise, nos EUA, estão de acordo com os resultados encontrados neste estudo quando concluem que os estudantes do primeiro ano despendem o mesmo tempo a relaxar e a socializar do que a preparar as aulas, quando comparados com os estudantes mais velhos, que passam mais tempo a estudar (Belcheir, 2000). O aumento da dedicação nos anos seguintes ao período mais crítico, que corresponde ao primeiro, é confirmado pelas teorias e modelos do desenvolvimento psicossocial do estudante do Ensino Superior. Chickering e Reisser (1993) apresentam como um dos sete vectores da sua teoria o *desenvolver um sentido de vida*, no qual se torna necessário resolver as questões “o que é que vou ser?” ou “para onde vou?”, o que implica formular planos de acção e estabelecer prioridades. Estas questões são perfeitamente ilustradas por um dos participantes quando afirma: “Porque esta devia ser a altura em que devíamos estar a tomar consciência daquilo tínhamos feito antes. É um problema grande que se tem. É agora que nós decidimos o que queremos fazer da nossa vida, é nesse sentido.”. Para além das obrigações académicas que funcionam como barreira às saídas e ao consumo, o próprio desenvolvimento psicossocial do estudante leva a que este se envolva mais e imprima mais esforço individual de forma a atingir os seus objectivos.

Assim, considera-se que as saídas têm tendência a decrescer ao longo dos anos, bem como o consumo de bebidas alcoólicas e os excessos, que tendem a ser mais espaçados. Segundo a *Commission on Substance Abuse at Colleges and Universities* (1994) o consumo de álcool declina a cada ano que o estudante passa na escola. Este facto é também constatado por Batista (2004), na amostra de estudantes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e pela análise de Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) no que se refere aos estudantes “cessantes”, para os quais o estilo de vida muda, sendo as saídas para os bares e discotecas substituídos pelos serões com pequenos grupos de amigos em casa. A convivência nesta fase da vida exclui a ideia da embriaguez sistemática, mas não implica o fim do consumo de álcool. Neste sentido, poderá equacionar-se a possibilidade de uma trajectória do consumo de álcool que tende a aproximar-se um pouco da fase antes da entrada para o Ensino Superior.

A cidade de Coimbra, encabeçada pela Universidade e abraçada por todas as instituições de Ensino Superior que têm vindo a surgir ao longo das últimas décadas, com a expansão deste nível de ensino, é um local de desenvolvimento de competências pessoais e escolares, oferecendo simultaneamente diversos estágios que facultam aprendizagens para a vida, nomeadamente no “saber beber”. De facto, o contexto histórico, social e cultural certifica esta localidade de características únicas que se entendem como favorecedoras da

convivialidade estudantil e em última instância do consumo de substâncias associadas à sociabilidade, como é o caso tão distinto do álcool. Coimbra tem uma parga de pontos de convívio, que muralham a própria Universidade e atraem os estudantes com festividades e promoções apelativas e constantes. Os diversos **momentos de convívio** são identificados pelos participantes como parte integrante de uma cultura académica, muitas vezes marcados pela tradição.

Os jantares de curso são exemplo de um desses momentos que envolvem a presença da maioria dos estudantes. São ocasiões em que os estudantes se reúnem em torno de uma mesa para conviver, descontraír das aulas e se divertirem, verificando-se a atribuição ao álcool de um carácter de sociabilidade. Pode aqui vislumbrar-se a aceitação do consumo como um acto social, tão explorado na nossa sociedade. Por outro lado, os estudantes entrevistados encaram o álcool nos jantares de curso como uma manifestação da tradição académica que, como foi explorado anteriormente, é parte integrante da cultura académica. Este facto é explorado por alguns autores que fazem referência a esta substância como fazendo parte de uma cultura, quando é ela que faz com que uma ocasião seja especial (Heath, 2000), ou mesmo como a verdadeira essência e alicerce ao estar envolvido nos comportamentos, valores, ideologias e histórias destas culturas (Wilson, 2005).

Considera-se que o consumo de bebidas alcoólicas para alguns estudantes poder-se-á incluir na fase de *separação* dos rituais de passagem, em relação à fase adolescente, em que os consumos são mais esporádicos e menos abusivos. Assim, a par da transição para o Ensino Superior, marca a passagem para a vida adulta, em que há mais autonomia e se desenvolvem comportamentos de consumo crescentes. Os estudos relativos ao consumo de álcool relacionados com a cultura académica são escassos. Em França foi realizada uma investigação sócio-antropológica sobre o consumo de álcool em três *Grandes Écoles* da cidade de Paris. Este tipo de escolas são consideradas como locais de forte alcoolização, nas quais a competição, incluindo o “saber beber” faz parte da consolidação do espírito de *corpo*. Masse (2002) relata que a transição para o Ensino Superior leva a uma transmutação radical dos valores do nível de ensino antecedente, sendo que a moral ascética é substituída por uma estética hedonista onde a festa e a convivialidade são aspectos muito valorizados. Este facto é reforçado pelos cientistas sociais que referem que as sociedades contemporâneas são movidas pelo prazer instantâneo, sendo do ponto de vista simbólico uma forma de marcar o estilo de vida, o status e a identidade, aspectos que são explorados pelas indústrias de bebidas alcoólicas que tentam atrair os jovens, encorajando-os a esse consumo hedonista.

Estes jantares constituem manifestações entusiásticas e bem regadas do que é ser-se estudante, de ordem quase cerimonial (“lembram casamentos”), em que a ebriedade é

condição comum e para alguns quase obrigatória. Como autênticos ritos de comensalidade, em que se come, bebe, canta e dança, pode manifestar-se para quem é principiante um eco de iniciação e integração na vida académica. Apenas uma estudante refere ter provado a sua primeira bebida alcoólica neste contexto. No entanto, não se crê ser um ritual de iniciação ao consumo de bebidas alcoólicas pois da mesma forma que a maioria dos estudantes entrevistados já o fazia antes do ingresso, também os estudos epidemiológicos confirmam esta realidade.

Envoltos num clima de união e fraternidade entre os elementos de um grupo, em que todos se regem por condutas e usos semelhantes (salienta-se o uso do traje pela maioria dos estudantes nestes jantares), os jantares de curso, a par de outras manifestações da tradição, constituem um elemento simbólico que reforça o sentimento de pertença a um grupo. Esta questão é explorado por Masse (2002), que afirma que os ritos de alcoolização não valem apenas por si mesmos e pelo prazer que proporcionam, mas são acima de tudo simbólicos, são os emblemas da identidade de um grupo que representa os indivíduos que o compõem. Constituem assim o garante, a reafirmação e a identidade do grupo.

Os jantares em casa de amigos são um tipo de jantar com características que se assemelham a um ambiente mais familiar. São ocasiões de convívio mais restritas, com amigos mais próximos. A refeição é o mote de socialização, sempre acompanhado do consumo de álcool, característica comum dos países mediterrânicos. Para alguns dos participantes deste estudo, os jantares realizados em casa levam a um maior consumo de bebidas alcoólicas, sendo um dos motivos apontado a questão económica. Pensa-se que outro motivo poderá ser pelo facto de serem refeições mais demoradas, que implicam a confecção dos alimentos, pelo que os relatos de embriaguez neste contexto não são tão frequentes já que o consumo, mesmo que possa ser mais elevado, é mais espaçado no tempo. Segundo Bocenó e Valognes (2000), se os estudantes são adeptos fervorosos das saídas até aos cafés e casa de amigos, o volume de bebidas ingerido é diferenciado consoante o local, bebendo mais, em média, numa noite entre amigos que nas noites de estudantes e francamente menos se forem a um café.

Um aspecto mencionado por alguns estudantes, em associação aos jantares em casa, são os jogos de álcool. Trata-se de uma forma de beber com um pretexto lúdico e na maioria das vezes de forma *binge*. Não constitui novidade no campo do uso de álcool entre os jovens e diversos estudos têm-se debruçado sobre esta matéria. O estudo realizado por Polizzoto et al. (2007) aferiu que a maioria dos estudantes consumidores de álcool referiu ter participado em pelo menos um jogo de álcool. Clapp et al. (2006) verificou que a existência deste tipo de jogos contribui na amostra em estudo para a predição do auto-relato de consumo.

Outro momento de convívio, ao qual é atribuído bastante relevo, são as saídas à noite. Verificam-se alterações com a entrada no Ensino Superior, não só em relação às saídas ao fim-de-semana, que para os estudantes deslocados acontece nas terras de origem, como durante a semana, que até então eram inexistentes. Assim, apura-se que o factor ambiental é determinante na alteração do contexto e temporalidade das saídas. Em relação às saídas ao fim-de-semana a transição de saídas longas (incluem a passagem por discotecas) para saídas curtas (cingidas principalmente aos cafés e bares), a par da diminuição da sua constância e ainda do consumo de bebidas alcoólicas e das embriaguezes, poderá estar relacionado com a passagem da experimentação e aprendizagem da alcoolização, e para alguns da posterior procura dos limites, para um período de abrandamento dos excessos e estabilização. Por outro lado, pode equacionar-se o facto de as experiências oferecidas pela frequência do Ensino Superior serem por si suficientes para satisfazer a curiosidade dos jovens iniciantes no mundo das saídas e dos consumos. Outra condição que poderá reforçar a diminuição das saídas e dos consumos são as obrigações escolares que, com o aumento da exigência do ensino, obrigam os estudantes a dedicarem-se mais aos estudos. Os resultados acima referidos são consistentes com aqueles encontrados por Galhardo, Cardoso e Marques (2006) na sua investigação com estudantes do Ensino Superior de Coimbra quando a percentagem de estudantes de ambos os sexos que afirma beber mais vezes durante a semana se verifica superior aos que o fazem ao fim-de-semana.

As saídas durante a semana, até então inexistentes, passam a realizar-se para alguns estudantes durante diversos dias da semana (maioritariamente no primeiro ano), mas para a maioria acontece às terças e quintas-feiras, o que é corroborado pelo estudo de Galhardo, Cardoso e Marques (2006), sendo o consumo maior. Pela análise dos relatos constata-se que existe um padrão nestas saídas. O desenrolar da noite pode acontecer em quatro momentos distintos: começa pelo jantar em casa ou numa tasca ou restaurante, prossegue num café (onde os jovens conversam e convivem), ao que se seguem os bares ou os convívios de estudantes (onde se ouve música e se descontraí) e, para quem escolhe as discotecas em detrimento dos convívios, a noite termina aqui (local eleito principalmente para dançar). Nem sempre as saídas implicam este percurso, como nem sempre implicam o consumo de bebidas alcoólicas ou excessos, nomeadamente quando os estudantes optam pelas saídas curtas, que terminam no café ou bar. Os locais preferidos para o consumo são coincidentes com os dados apresentados por Leite et al. (1998) e Batista (2004), no que respeita aos bares e discotecas, sendo que a primeira autora acrescenta ainda a casa dos amigos. Os convívios de estudantes, organizados pelos mesmos, são comuns na cidade de Coimbra, sendo incluídos pelos participantes no grupo de locais de convívio e consumo privilegiados. Uma das razões apontadas é o facto de concentrarem muitos estudantes de

diversos cursos, o que reforça os achados de Beynier e Pellissier (2000), quando referem que a socialização dos estudantes universitários é essencialmente endógena.

Um das manifestações mais exuberantes da tradição académica, que coincide com dois dos momentos mais altos da comemoração estudantil, são as **festas académicas**. Os participantes neste estudo demonstram maior interesse pela Queima das Fitas, festa que os marca pelas vivências académicas e o consumo de álcool. O Cortejo é um dos pontos mais importantes da comemoração, ao qual os estudantes associam sentimentos de partilha, união, convívio e saudade, principalmente para aqueles que abandonam a vida de estudante. É materializado por alguns elementos como o traje, os cânticos, os Carros, a cartola e a bengala, que são representativos do grupo e valorizados pelos estudantes entrevistados. As práticas deste ritual fortalecem o vínculo entre os estudantes e demonstram a importância da partilha de elementos simbólicos. Estes aspectos surgem explanados por alguns dos autores consultados, como Esteves (2008) que refere que a partilha deste imaginário colectivo permite uma apropriação dos símbolos retratados na Queima das Fitas e transmite um sentimento de pertença à comunidade académica e distinção em relação a outros grupos sociais. Também Masse (2002) considera que os ritos festivos, como as festas de integração dos “caloiros”, as noites dos estudantes e os espectáculos, têm um papel fundamental na coesão do grupo já que os ritos são um lugar de afirmação e reafirmação da adesão dos estudantes às práticas características do *corpo* e agregam os estudantes e evitam o desenvolvimento de clivagens.

Mas, a Queima das Fitas não é só marcada pelos seus rituais tradicionais. Os ritos de alcoolização são também parte importante da festa. São exemplos o próprio Cortejo e as noites do queimódromo. Esta semana de culto máximo para muitos participantes, organizada em nove noites, é considerada como influente para o consumo de bebidas alcoólicas, o que chega a ser apoiado pelas próprias instituições de ensino quando interrompem a semana de aulas para os festejos. Por outro lado, esta festa académica acontece antes da época de exames de Maio/Junho, pelo que é uma altura óptima para os estudantes se divertirem antes de mais um período de interregno. Para alguns participantes é o tipo de festa que leva os estudantes a beber e a cometer excessos, pois é pautada pelo convívio e diversão entre as pessoas. Mais uma vez, se destacam os aspectos da socialização e da convivialidade, que podem ser corroborados por um estudo conduzido com estudantes do Instituto Politécnico de Viseu, no qual cerca de dois terços afirma que “beber é uma das formas mais agradáveis de festejar” (Cabral, Farate & Duarte, 2007). Uma investigação decorrida no Politécnico de Virgínia, nos EUA, concluiu que ter um motivo para comemorar conduz a consumos de álcool superiores. Os investigadores fizeram avaliações

de alcoolemia em dias de celebrações como o *Halloween* e o *St. Patrick's Day*, tendo verificado que, nestes dias, independentemente do motivo de celebração, os participantes que comemoravam estavam mais intoxicados que aqueles que não comemoravam nada em especial (Glindemann, Wiegand & Geller, 2007).

O facto de os participantes consumidores relatarem a comemoração dando ênfase ao facto de ser uma festa de e para os estudantes é também salientado num estudo desenvolvido na *École des Arts et Métiers*, fortemente marcada por tradições. Nesta Escola Superior de Engenheiros existe uma forte valorização das embriaguez colectiva, que está directamente ligada à convivialidade entre os estudantes, apelada pela divisa da escola: a fraternidade. Apesar destas alcoolizações serem limitadas no tempo e no espaço, à semelhança das festas académicas, é a participação nos ritos de beber em colectivo que marca uma boa integração na comunidade dos *Gadzarts* (nome dado aos alunos da escola referida) (Chuche, 1990). Outro grupo de participantes associa o consumo de álcool e os excessos nesta festa à grande concentração de pessoas a beber. Este facto é apoiado por Clapp et al. (2006) numa investigação em que procurou estudar a influência das festas no consumo dos estudantes e na qual concluiu que a presença de muitas pessoas embriagadas num local onde se bebe álcool contribui significativamente para a variação do consumo.

Esta festa marca um período de transição para os estudantes, simbolizando mudanças na posição hierárquica da *praxe*, o que condiciona os próprios rituais da *praxe*. Ainda que estes marquem a entrada dos estudantes no Ensino Superior e se possam estender até à Queima das Fitas, é no início do ano que se realizam com mais intensidade. Funcionam como autênticos rituais de passagem que salientam as definições sociais do grupo dos estudantes e produzem uma transformação de estatuto. O “caloiro” “que nada sabe da vida” é ensinado sobre os usos e costumes tradicionais, o que inclui a iniciação à boémia nocturna e ritos de pôr à prova, nomeadamente ligados ao consumo de álcool e que implicam provas de resistência física. Estes ritos, tal como foi referido pelos participantes, são protagonizados pelos estudantes mais velhos, reforçando a forte hierarquização da *praxe* e que, segundo alguns autores, replica o modo de estar na vida através do respeito pelos hierarquicamente superiores. A integração dos recém-chegados é concretizada também através do álcool. Os participantes referem que enquanto “caloiros” eram incitados, nos jantares de curso ou na peregrinação pelas tascas da Sé Velha, a participar nestes jogos de consumo. Os estudantes mais velhos fazem assim questão de transmitir as práticas de alcoolização como fazendo parte da vida dos estudantes. Os “doutores” mais experientes neste campo demonstram os bons costumes de beber para que os mais novos lhes sigam os passos, ao ritmo das canções dos estudantes que lembram as virtudes do álcool e a sua importância na vida académica. Estes factos são reforçados pelo estudo de Masse (2002) nas *Grandes Écoles* de Comércio e Engenharia e por Rivière (2004) que afirma que estes ritos de *praxe*

aplicados aos “caloiros”, que são incessantemente renovados, visam sobretudo analisar o carácter, as qualidades e defeitos dos mais novos, transmitir o espírito da instituição, fazer aceitar a ordem definida pelos mais velhos e favorecer a construção rápida de uma identidade de grupo.

Embora os estudantes refiram que os “doutores” não obrigam ninguém a beber, os relatos demonstram que estes se sentem coagidos a fazê-lo em diversas situações, facto que ainda assim é desvalorizado por um dos representantes máximos dos estudantes, o *Dux Veteranorum*. Neste sentido, considera-se que a hierarquia da *praxe* favorece o uso de práticas baseadas em relações de poder que compelem os mais novos a cumprir as tarefas que lhes são decretadas, entre as quais o consumo de bebidas alcoólicas. Se for tido em consideração que 67% dos estudantes considera que a *praxe* deve repudiar qualquer forma de violência física ou simbólica e que 51% concorda que esta deve ser revista de forma a receber melhor os novos alunos (Estanque et al., 2007), dever-se-ia reflectir sobre o uso da *praxe* como forma incentivadora do consumo de álcool entre os estudantes mais novos. Contudo, existem situações em que estas relações parecem diluir-se, como nas saídas à noite e nos jantares informais. É na noite que “caloiros” e “doutores” se misturam e, por momentos, o peso das insígnias é esquecido. A posição hierárquica dá lugar a uma relação de pares, pois todos não são mais que estudantes do Ensino Superior.

A análise dos relatos permite verificar que apesar da tipologia dos consumidores, as modalidades dos momentos festivos interferem com o consumo de álcool. Ou seja, embora os estudantes pareçam ter um comportamento regular, para um mesmo grupo e para o mesmo indivíduo o consumo de bebidas alcoólicas parece alterar-se em função do tipo de convívio. A saída em forma de “ritual” pelos cafés, bares e discotecas, os serões em casa dos amigos, os jantares de curso, os concertos e noites das festas académicas, remetem para toda a diversidade possível da festa. Como já foi explanado anteriormente, o consumo de bebidas pode ser mais reduzido nas saídas curtas e exacerbar-se em momentos altos da comemoração estudantil como a Queima das Fitas (facto aludido tanto pelos consumidores como pelos estudantes abstinentes). Assim, cada tipo de festa pode estar mais ou menos fortemente associada a certos consumos de álcool e igualmente às modalidades particulares em termos de quantidade e duração.

Outro aspecto que ressalta do discurso dos estudantes é a importância dada às vivências académicas, tão intrinsecamente ligadas à tradição coimbrã. Os momentos de convívio são indissociáveis de toda a cultura estudantil, fortemente enraizada nesta cidade. O consumo de álcool pelos estudantes do Ensino Superior, devido às suas proporções e padrões de consumo, que se têm vindo a modificar, é um problema de Saúde Pública emergente. No entanto, não se podem separar os comportamentos de saúde do ambiente em que ocorrem.

Alguns estudos reforçam a ideia da influência da cultura do ser estudante nos comportamentos de consumo de álcool, considerando que a cultura de beber parece surgir como parte integrante da vida do estudante. O caso específico de Coimbra acrescenta o facto de a Universidade ser uma das mais antigas da Europa e como tal ter fortes raízes num passado, que apesar das transformações sofridas, continua iluminar as práticas actuais. As oportunidades para conviver e beber, ou seja todo o contexto recreativo da noite e das festas, proporcionadas pela cidade de Coimbra, e das quais a Queima das Fitas constitui um exemplo magno, são favorecedoras de aprendizagens por parte dos estudantes (nomeadamente dos mais novos) no que diz respeito aos comportamentos festivos e de consumo. Considera-se que estes contextos, imbuídos duma cultura favorecedora do consumo de bebidas alcoólicas, podem ser um dos determinantes do défice de autocontrolo nos estudantes do Ensino Superior.

6.4 – FACTORES PREDISPOENTES

Na análise dos resultados verificou-se que existem factores que predispõem o estudante para a acção e que tanto podem facilitar como dificultar a motivação para a mudança comportamental.

Na categoria da **experiência prévia** surgem os contextos do primeiro consumo, já analisados anteriormente. O facto de se tratar de uma investigação de carácter qualitativo permite o aprofundamento de questões que ficam por compreender se forem analisadas apenas do ponto de vista quantitativo. Importa assim fazer a ressalva para os contactos com bebidas alcoólicas ocorridos antes dos dez anos de idade. Em três relatos, os estudantes fazem referência a contextos semelhantes em que para além da acessibilidade às bebidas alcoólicas, houve falta de supervisão dos pais. Estas situações mais não são que comportamentos de aprendizagem social, mais conhecidos por modelação, conceito introduzido por Bandura. A experiência indirecta por observação dos outros pode influenciar a auto-eficácia, tal como explicam Green e Kreuter (1991, citados por Brito, 2008), com base no modelo introduzido por Bandura. Estas são considerações a ter em conta quando se planeiam intervenções em saúde, nomeadamente quando estas são direccionadas para agentes que reforçam os comportamentos e estilos de vida saudáveis, como é o caso da família, professores e profissionais de saúde.

De salientar que, dentro dos motivos alegados para o primeiro consumo, para além da curiosidade e a procura, características da fase da adolescência, alguns estudantes referem a influência dos amigos, principalmente os mais velhos, o que reforça a importância do grupo de pares como modelos e na socialização dos jovens. A este respeito Matos (2008)

refere que o álcool faz parte da cultura escolar e que o início do seu consumo ocorre na adolescência em ocasiões de socialização, nas quais se salienta a influência dos amigos.

No que diz respeito ao contexto da primeira embriaguez, acrescenta-se apenas a referência feita por um estudante, ao contexto da Festa das Latas, o que sustenta a importância do ambiente nos consumos dos jovens, não se devendo descurar as iniciações ao consumo e aos excessos em ambiente universitário.

Em relação ao contexto e temporalidade das saídas antes da entrada no Ensino Superior, verifica-se que são mais limitadas, ocorrendo principalmente ao fim-de-semana e durante as férias. À semelhança do que acontece com as saídas à noite, também o consumo de bebidas alcoólicas nesta fase da vida dos jovens ocorre num tempo limitado, o que é demonstrado por outros estudos (Cunha et al., 2005; Ruiz & Llera, 1998). O contexto nocturno aparece associado ao consumo de álcool (circunstância bem documentada no estudos do Institut de Recherché European sur les Facteurs de Risque chez l'Enfant et l'Adolescent - IREFREA), ainda que em idades mais precoces (catorze/quinze anos) não seja apenas o objectivo da saída. Os dados do INME (Feijão, 2008) sustentam a ideia de que o consumo de bebidas alcoólicas aumenta entre o Ensino Preparatório (59% em 2006) e o Ensino Secundário (88%). Este aspecto irá repercutir-se nos hábitos e comportamentos de beber futuros, já que no Ensino Superior a socialização entre os jovens, excluindo o tempo que passam no *campus*, acontece maioritariamente à noite, que é o período do dia em que os jovens maioritariamente bebem. Os resultados de Yu e Shacket (2001), numa investigação desenvolvida com uma amostra de 813 estudantes no estado de Nova Iorque, vão ao encontro do que é afirmado já que constatam que a frequência de consumo e a quantidade de bebidas alcoólicas ingeridas no Ensino Secundário afectam positiva e significativamente o consumo no Ensino Superior. As noites passadas nos bares e discotecas só passam a acontecer mais tarde (dezasseis/dezassete anos). Um aspecto que reforça este acontecimento, para os participantes provenientes de meios rurais, é a ausência de transportes que permitam a deslocação para a cidade mais próxima. A partir dos resultados encontrados poder-se-á colocar a hipótese de que o confronto com uma realidade citadina repleta de uma imensa variedade de locais de convívio pode também predispor os jovens a explorar mais intensamente o contexto da noite.

É na fase da adolescência que ocorre a descoberta do álcool e muitas vezes da embriaguez. O ultrapassar dos limites nesta altura da vida pode assim funcionar como uma fase de experimentação. Para os estudantes cujos consumos são esporádicos e reduzidos, o ultrapassar dos limites é ocasional e ténue e os estados mais avançados de embriaguez não têm grande aceitação. Para quem bebe mais regularmente, as provas à resistência pessoal são mais constantes, sendo que, para estes, a ebriedade já é aceite de forma

natural. No entanto, poderá haver condições que conduzam os jovens a moderar o seu consumo. Assim, o ultrapassar dos limites e as consequências decorrentes podem constituir uma sugestão para acção que leve o jovem a sentir a necessidade de modificar o seu comportamento, como se comprova em alguns relatos. Este ponto é essencial já que a Educação para a Saúde pode propiciar a sugestão para a acção se as crenças forem devidamente identificadas e as intervenções apropriadamente construídas.

Como já foi referido os antecedentes do comportamento podem facilitar ou dificultar a mudança comportamental, daí que a experiência prévia constitua um factor predisponente a ter em consideração em qualquer programa de saúde construído para a uma população jovem.

Os **motivos** que levam os jovens a consumir bebidas alcoólicas em determinadas situações é outro factor relevante para a compreensão dos factores que conduzem ao **consumo**. A maioria das razões surge ligada ao grupo, embora alguns estudantes encontrem motivações para beber assentes em valores pessoais.

Um dos motivos mais apontados é a desinibição e divertimento, ou seja, o álcool é procurado pelos efeitos de euforia e extroversão que provoca, permitindo que os mais tímidos se sintam mais à vontade para conviver. Este é um dos motivos mais apontados em investigações com estudantes de Coimbra (Barroso, 2003; Batista, 2004; Leite et al., 1997). Por outro lado, o álcool ajuda a aproveitar melhor a noite e a festa pelo que, para quem o bebe por estes motivos, se torna difícil imaginar uma noite sem álcool, o que vai de encontro aos dados encontrados por Calvário (1997) que revelam que cerca de 37% dos estudantes consideram as festas sem álcool “chatas”.

Beber pelo convívio e pelo ambiente são igualmente razões bastante apontadas. Nesta amostra de estudantes emergem os significados da comunicação e socialização ligados ao álcool. É um elemento que faz parte da vida dos estudantes, sendo incentivado pelo próprio ambiente de Coimbra. Novamente, surge a ideia do consumo ligado à convivialidade estudantil. O não gostar de beber sozinho reforça o princípio de que o álcool só é legítimo quando assenta numa prática de sociabilidade, facto encontrado no estudo de Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006). A influência cultural nos consumos, aludida por alguns estudantes, reitera a ideia de que o álcool é símbolo de hospitalidade e comemoração entre as pessoas.

Outro motivo ligado à interacção grupal é o beber como forma de afirmação. Os estudantes mais velhos vêm nos “caloiros” uma tentativa de se emanciparem através do consumo de álcool e de se afirmarem perante os “doutores”. Estas opiniões são fortalecidas pelo que já

foi exposto relativamente aos rituais de separação com o mundo anterior do recém-chegado e dos ritos de resistência ao álcool incentivados pelos estudantes mais velhos. O beber num grupo de rapazes para se mostrar que é capaz, para testar os limites e demonstrar quem tolera melhor o álcool, constituem provas de masculinidade, fonte de orgulho viril. De salientar que estas referências são feitas maioritariamente por estudantes de Engenharia, cujos cursos são bem conhecidos pelo universo masculino que os compõe. O trabalho desenvolvido na *École de Arts et Métiers*, com estudantes de Engenharia, partilha de achados semelhantes, pelo que Cuche (1990) afirma que o consumo de álcool pelos *Gadzarts* tem como objectivo exaltar a virilidade e reforçar o espírito de *corpo*.

Um dos motivos de ordem pessoal mencionado trata-se de beber por gostar, ou por prazer, como é descrito em alguns trabalhos. “Saber bem” são as palavras que mais surgem nos relatos o que demonstra o prazer que os jovens tiram da bebida, principalmente dos bons vinhos. No entanto, é uma razão substancialmente menos referida, resultado apoiado por Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) que concluem, da análise das entrevistas realizadas a 226 estudantes, que os jovens apreciam mais o álcool pelos seus efeitos que pelo seu sabor.

Beber devido ao insucesso ou evasão do quotidiano, igualmente pouco mencionado, coincide com uma das razões menos apontadas por outros estudos (Batista, 2004; Leite et al., 1997). Os participantes que alegam esta razão referem que o álcool lhes permitem esquecer do fracasso escolar, descontrair do stress das tarefas escolares e fugir da rotina diária. Também Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) expõem que alguns estudantes, de origem operária, relatam muitas vezes o álcool como forma de evasão para esquecer as dificuldades ou as contrariedades do dia-a-dia, bem como Cucho (1990) que descreve esta prática no sentido de libertação da monotonia do quotidiano e da austeridade da vida da Universidade.

Em síntese, os motivos alegados pelos participantes consumidores para ingerirem bebidas alcoólicas surgem ligados aos momentos de festa e divertimento, o que parece ser razão suficiente para manter estes comportamentos já que o álcool é peça importante das festividades e da vida destes jovens enquanto estudantes. Mantém ainda uma associação estreita com aspectos da convivialidade e socialização, que patenteiam as origens culturais destes comportamentos e possivelmente raízes fortes nos hábitos e princípios familiares.

Os não consumidores e os consumidores esporádicos fazem parte do grupo de estudantes que convivem em contextos recreativos, embora não lhes seja atribuído um papel relevante. São de certa forma grupos invisíveis mas que coexistem com o grupo que consome álcool. Para além de poderem enriquecer a compreensão de grupos que merecem toda a atenção, podem auxiliar, do ponto de vista preventivo, a retirar lições que podem ser úteis em

intervenções futuras sobre o grupo de consumidores. Desta forma, **não consumir** deve ser um aspecto relevante a ter em consideração no planeamento de programas de promoção da saúde.

Verifica-se que os participantes com os referidos padrões de consumo partilham os mesmos espaços e possuem ideias similares quando frequentam bares, discotecas e festas: estão com os amigos, gostam de ouvir música, de dançar e conversar. As não consumidoras e os consumidores esporádicos tentam atingir os seus objectivos individuais e sociais em termos de entretenimento sem que o álcool seja um elemento necessário. Segundo um estudo elaborado pelo IREFREA em nove cidades europeias (incluindo Lisboa), não consumir substâncias psicoactivas para os não consumidores pode ser ainda mais divertido (Calafat et al., 2003). Estes estudantes, na sua maioria raparigas, consideram ter as habilidades necessárias para aproveitarem os momentos de partilha e de recreação com os colegas e amigos sem necessitarem de recorrer a esta substância psicoactiva. Outra questão que ressalta é a percepção que as não consumidoras têm do divertimento e a forma como esta colide com a realidade que as rodeia. A ideia de que muitos estudantes bebem de uma forma desregrada para se divertirem, também manifestada em relação às festas académicas, pode ser fonte de desilusão. Para as estudantes não consumidoras, outro facto que justifica o não consumo e que só por si parece ser motivo suficiente, é o não gostar dos sabores e cheiros das bebidas alcoólicas. A compreensão das crenças e atitudes relativamente a um fenómeno são uma tarefa essencial no desenho de intervenções, pelo que não deve ser descurada a perspectiva dos não consumidores, sobretudo para identificar os factores que podem contrariar a tradição.

Para os consumidores esporádicos a condição física pode ser uma razão para não consumir, o que parece estar intimamente ligado à percepção do risco, já que em função de determinadas circunstâncias os estudantes crêem retirar mais benefícios para a sua saúde se não consumirem do que se adoptarem o comportamento contrário. Já para os consumidores regulares, não querer beber demonstra a necessidade de modificar o comportamento, baseada na reflexão sobre os custos e os benefícios dessa acção.

Na organização de um padrão comportamental converge a intenção do comportamento através da motivação para agir. Assim, como se pôde verificar, os diversos motivos aludidos são factores determinantes para a acção, podendo ser ela protectora ou de risco para a saúde dos jovens.

Sobre as **opções de consumo** são escassos os estudos que exploram os significados atribuídos às bebidas alcoólicas. Mas, no que respeita à prevalência do consumo, constata-

-se que, à semelhança de outros estudos, a bebida mais consumida pelos participantes é a cerveja: nas faixas etárias mais baixas o INME demonstra que 79% dos adolescentes preferem a cerveja (Feijão, 2008); nos jovens, os dados do INS 2005/2006 revelam que na faixa etária dos 15 aos 24 anos é a bebida mais ingerida (INSA/INE, 2009); nos estudantes do Ensino Superior a situação mantém-se nos resultados obtidos por Calvário et al. (1997) e Leite et al. (1998). Relativamente aos significados atribuídos, do ponto de vista social, é a bebida mais consumida pelo grupo de amigos, pelo que se denota a importância do grupo de pares nas escolhas pessoais. É igualmente considerada como uma bebida muito ingerida pelas pessoas em geral, devido ao seu baixo custo e por ser associada a um hábito social, como por exemplo beber no café. Do ponto de vista individual trata-se de uma bebida leve, fácil de ingerir e barata (razão mais apontada). É a única que os estudantes referem ingerir em qualquer situação, sendo mesmo legitimado o seu consumo num acto solitário, dado confirmado pela investigação de Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006). Pelo que é apresentado, considera-se que a cerveja, por ser culturalmente bem aceite e cada vez mais difundido o seu consumo, leva à justificação do consumo isolado, apesar de os estudantes reforçarem em outros momentos das entrevistas que nunca bebem sozinhos. Esta expansão do consumo de cerveja entre os jovens é apoiada pelas Cervejeiras que patrocinam a Queima das Fitas, pelo que podem predispor ao seu consumo não só agora como no futuro. Estes dados revelam a importância que deve ser dada às preferências dos estudantes pois o padrão de consumo actual pode prolongar-se no tempo para além da juventude e dificultar a mudança de comportamentos.

O vinho surge como a segunda bebida mais consumida pelos estudantes. Ao contrário da cerveja, o vinho é ingerido apenas à refeição, com a família ou os amigos. Novamente surge em destaque a vertente socializante que especialmente em Portugal, por se tratar de um país mediterrânico com tradições vitivinícolas, reforça e perpetua o comportamento de beber, principalmente à refeição. Um estudo desenvolvido em diferentes regiões francesas chegou à conclusão que, apesar das diferenças relacionadas com a residência dos estudantes, existe uma representação social comum do vinho que está associada ao apreciar da comida, à convivialidade e à transmissão de conhecimentos e hábitos (Simonnet-Toussaint, 2004). Como se pode comprovar pela análise dos resultados, o ambiente académico de Coimbra surge mais uma vez associado ao acto de beber pois é nos jantares com os colegas/amigos e na altura das festas académicas, nas tascas, que os participantes mais bebem vinho. Alguns também referem que com o avançar da idade começaram a saber apreciar melhor esta bebida e a preferi-la em detrimento de outras para acompanhar a refeição. Apreciar o vinho é entendido como um sinal de maturidade no consumo, pelo que beber reverte-se num verdadeiro prazer. Poderá colocar-se a hipótese

da aprendizagem do “saber beber” se realizar também num contexto académico, para além da aprendizagem no seio familiar já explorada por outros autores.

Às bebidas destiladas e *shots* são atribuídos significados com carácter negativo, como o facto de serem bebidas dispendiosas e agressivas para o organismo pelo elevado teor alcoólico, o que revela que apesar de as virtudes que os jovens vêem no álcool, também percebem o risco associado ao consumo deste tipo de bebidas. Ainda assim, a graduação alcoólica pode ser um factor de atracção, que é procurada nos *shots*. Considerados como uma “droga social”, são consumidos de forma *binge* para atingir a euforia já que permite um inebriamento rápido, resultados comprovados por Batista (2004) acerca do estatuto do *shot*. Importa destacar que a preocupação com os comportamentos de beber *binge* tem vindo a ser crescente, nomeadamente quando se verifica o crescimento deste fenómeno nos jovens portugueses entre os 15-16 anos (Hibell et al., 2009), alguns dos quais futuros estudantes do Ensino Superior.

Desta forma, crenças como “o fino para mim é bebida de café”, “o vinho tinto faz bem”, “bebemos traçadinho que é aquela tradição” “*shots* é a nossa droga social”, podem estimular os estudantes a ingerir bebidas alcoólicas, razão pela qual se consideram as opções de consumo como um factor predisponente.

A capacidade de saber gerir as próprias acções e de assumir o controlo do corpo são habilidades necessárias que estão relacionadas com a auto-eficácia, ou seja com a percepção dos **limites**. Para as não consumidoras o facto de não conhecerem a embriaguez não as preocupa pois essa foi uma decisão consciente que tomaram e da qual não abdicam. Também Calafat et al. (2003) se refere a esta situação, acrescentando que os não consumidores demonstravam uma resistência activa contra a cultura de consumo dominante, tinham motivos religiosos para permanecerem sóbrios ou de ordem pessoal, relacionados com a saúde.

Para os consumidores esporádicos as situações de embriaguez são pouco frequentes quando comparadas com os consumidores regulares, o que é corroborado por Preto (2002). Embora no segundo grupo, a percepção de ultrapassar os limites nem sempre seja respeitada, ambos referem retirar aprendizagens destas situações. Entende-se que a auto-eficácia pode levar à alteração de comportamentos quando alguns estudantes referem que, após determinadas situações de embriaguez, moderaram ou reduziram o seu consumo. Por outro lado, pode ajudar à adopção de estratégias de *coping*.

Todos os estudantes entrevistados, independentemente da sua tipologia de consumo, dão importância à capacidade do indivíduo reconhecer os seus limites. Quando tal não acontece,

o que surge associado para alguns ao facto de “não saber beber”, os prejuízos pesam sobre ambas as partes. Compreende-se daqui que a embriaguez é aceite por todos até certo ponto, sendo o limite do não aceitável quando estraga o momento de convívio dos outros. De salientar que apenas as estudantes manifestaram sentir-se preocupadas com as situações de embriaguez que colocam a saúde dos colegas em risco. Pode colocar-se a hipótese de o género feminino se sentir menos constrangido em manifestar as suas preocupações perante os colegas. Suls e Green (2003) iluminam esta questão quando concluem dos seus estudos, com amostras de estudantes do Ensino Superior, que os rapazes consideravam estar sujeitos a maior pressão social para beber e a experimentarem mais embaraço se expressassem preocupações em relação ao consumo. Também surgiram como tendo mais consequências sociais negativas se manifestassem grandes preocupações acerca do álcool.

Para alguns participantes o limite não aceitável é associado ao beber até cair ou a ter que recorrer a serviços de saúde. Já na investigação realizada por Batista (2004), utilizando a abordagem qualitativa, um dos indicadores mais representativos da categoria dos limites de consumo dos estudantes foi o beber “até cair”. Tendo em conta que existem comportamentos de risco associados ao consumo de álcool, como o caso da condução ou das relações sexuais desprotegidas (facto este comprovado num estudo de Lomba et al. (2008) sobre o consumo de substâncias psicoactivas e comportamentos sexuais de risco dos jovens frequentadores de locais recreativos nocturnos de Coimbra) torna-se premente a desconstrução de algumas crenças dos jovens estudantes.

É de salientar ainda que dois estudantes manifestaram nos seus relatos ter experienciado situações de consumo excessivo, em que ultrapassaram os seus limites, na primeira festa académica em que participaram. Considerando que Coimbra é um local de aprendizagens, por tudo o que já foi discutido, coloca-se a questão se os estudantes do primeiro ano estarão preparados para minimizar os danos decorrentes do consumo de álcool. Um estudo realizado nos EUA utilizando grupos *focus*, no qual foram recrutados 47 estudantes do primeiro ano, no início do primeiro semestre, verificou que os estudantes possuem um reportório de estratégias de *coping* que usam com o objectivo de se protegerem a si e aos outros dos danos resultantes do consumo de álcool. No entanto, estes também expressaram interesse em adquirir informação específica em temas relacionados com a toxicidade do álcool, estratégias de resistência à pressão, limites de consumo, como cuidar de alguém alcoolizado, actividades recreativas sem álcool, entre outras (Howard et al., 2007).

Acreditar que se é susceptível a um problema e perceber a sua gravidade são aspectos importantes a ter em consideração quando se fala de factores predisponentes e, neste caso

específico, na **percepção do risco**. Na amostra em estudo verificou-se que os relatos relacionados com este tema são pouco aprofundados. No entanto, demonstram a preocupação dos estudantes perante os efeitos nefastos do álcool, sendo os riscos a curto prazo os mais mencionados. Estudos sobre a percepção do risco relacionado com o consumo de álcool afirmam que a educação sobre o álcool leva os adolescentes a perceberem os riscos mais correctamente (Lundborg & Lindgren, 2002); e quanto mais elevada a percepção de controlo social dos problemas do álcool, menores os problemas comportamentais vivenciados pelos estudantes (Sequeira, 2006). Daí que proporcionar mais conhecimento sobre os efeitos do álcool poderá ser uma estratégia para alterar falsas crenças e atitudes face ao consumo abusivo de álcool.

6.5 – FACTORES FACILITADORES

As condições ambientais que interferem com a performance dos indivíduos e ainda as condições de vida e competências que os estudantes desenvolvem para fazer face às pressões sociais são aspectos relevantes a ter em consideração quando se estudam os comportamentos ligados ao consumo de álcool.

A **acessibilidade** às bebidas alcoólicas constitui um factor facilitador do consumo de álcool, identificada pelos estudantes nestes moldes. Apenas um estudante reflectiu sobre a venda de bebidas alcoólicas a menores de dezasseis anos que, na sua opinião, não é respeitada com frequência. No Plano de Acção Contra o Alcoolismo, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000, era sugerida a alteração da idade legal, da venda e consumo no local de venda de bebidas alcoólicas, dos 16 para os 18 anos, o que no entanto não foi tido em consideração aquando da elaboração do Decreto-Lei n.º 9/2002. Os restantes estudantes referem-se à acessibilidade no meio académico. Para alguns, a venda de bebidas alcoólicas dentro da instituição funciona como incentivo ao consumo. O Decreto de Lei 9/2002 foca, nos artigos 4º e 9º a 14º, a restrição da venda nos serviços e organismos da administração central e local e nas áreas adjacentes a estabelecimentos escolares, embora estes sejam apenas dos níveis básico e secundário. Seria pertinente reflectir sobre o acesso fácil às bebidas alcoólicas dentro das instituições de ensino, independentemente de estas estarem direccionadas para pessoas com idade legal para as consumirem. A Ministra da Saúde Ana Jorge admite que Coimbra tem alguma tradição nos pergaminhos do álcool. No Fórum Nacional sobre o Álcool, decorrido em 2008, defendeu um maior controlo da publicidade e da venda de bebidas alcoólicas, num trabalho conjunto das entidades comerciais e as autoridades da saúde, da educação e da política, com o objectivo de combater o consumo excessivo de álcool (Vicente, 2008).

Nos relatos, os participantes focam diversas vezes o contexto das festas académicas e o próprio ambiente académico dos locais, nos quais o apelo ao consumo é grande, estimulado ainda pelas publicidade e promoções constantes. De facto os estudos indicam que a existência destes factores em torno do *campus*, aquilo que os autores chamam de “ambiente molhado”, está relacionada com o consumo excessivo de álcool (Kuo et al., 2003). Em Coimbra as festas académicas são patrocinadas pelas Cervejeiras. Não poderá ser isto considerado um incentivo disfarçado ao consumo de álcool pelos jovens? A esta questão o presidente da AAC responde que as Cervejeiras cumprem o seu papel de marketing e promoção do produto e que, reconhecendo a sua responsabilidade social, têm vindo a esforçar-se por transmitir uma imagem de moderação. É ainda frequente a escolha dos locais de consumo em função das bebidas que servem e dos preços que praticam, o que é confirmado por um estudo realizado na Universidade de Caen que apurou que os lugares escolhidos para o consumo parecem reger-se por uma ordem económica (Beynier & Pellissier, 2000).

As **barreiras às saídas e ao consumo** parecem funcionar como factores que facilitam a adopção de comportamentos e estilos de vida saudáveis. As actividades académicas são as mais mencionadas, o que é compreensível pois uma das missões que os estudantes acarretam com a frequência de um curso superior é a finalização do mesmo. Estas actividades surgem, de uma forma pontual, como dificultadoras do consumo e de uma forma geral, sendo os participantes que passaram pela implementação do Processo de Bolonha os que mais ênfase dão a esta barreira. A adopção dos princípios da Declaração de Bolonha originou a alteração dos planos curriculares dos cursos e das metodologias de ensino/aprendizagem. Ao perspectivar os estudantes como centro e agentes do processo educativo, promovendo uma aprendizagem activa que caminha no sentido do desenvolvimento de competências proporcionadoras de uma autonomia cada vez maior, coloca nas mãos dos estudantes a missão de colaborar numa cultura de mérito e exigência, preconizada por esta Declaração (GE3E, 2009). Na perspectiva dos participantes, estas alterações no regime de ensino, que trouxeram grandes cargas de actividades académicas, implicaram uma reestruturação do seu quotidiano estudantil em todos os domínios sendo um deles as saídas e, por consequência, o consumo de bebidas alcoólicas. Poderá cogitar-se se a exigência deste regime, que encara o estudante como o principal agente da aprendizagem, poderá exercer alguma influência nos hábitos recreativos e de consumo dos estudantes.

As barreiras monetárias surgem igualmente com destaque expressivo. Uma vez que a maioria dos estudantes que constitui esta amostra pertence às classes média-alta e alta,

torna-se difícil compreender a associação entre os consumos e os obstáculos económicos referidos pelos estudantes, o que poderá ser alvo de investigações posteriores. Contudo, foi possível verificar algumas formas de contornar esta barreira, por exemplo a preferência da cerveja, por ser uma bebida acessível do ponto de vista económico (ainda que também o seja do ponto de vista físico). Este poderá ser um ponto menos negativo para a saúde dos estudantes, tendo em conta que alguns preferem as bebidas destiladas e acabam por não optar pela compra destas pelo motivo referido. Outra estratégia utilizada pelos estudantes antes das saídas à noite e especialmente antes da entrada no recinto das Festas é a compra de grandes quantidades de bebidas em estabelecimentos comerciais, que são ingeridas em casa na companhia dos amigos com o objectivo de ficarem alcoolizados o suficiente para não terem de despende muito dinheiro na noite. Este fenómeno, conhecido entre os estudantes norte-americanos como *prepartying*, foi alvo de um estudo realizado por Pedersen e LaBrie (2007), que verificaram que três quartos dos estudantes participavam neste comportamento, sendo que cerca de metade de todas as situações de consumo envolviam *prepartying* para ambos os sexos. Averiguaram ainda que nestes dias havia mais consumo de bebidas alcoólicas. Os motivos alegados (de ordem social) parecem diferir daqueles apontados pelos participantes deste estudo (de ordem económica), que no entanto coincidem com as razões apontadas pelos estudantes franceses que utilizam o *prepartying* antes das saídas nocturnas (Freyssinet-Dominjon & Wagner, 2006).

Relativamente às barreiras laborais, apesar deste item não constar da caracterização sócio-demográfica, foi possível identificar que os trabalhadores-estudantes referem não ter tanta disponibilidade para sair com os colegas e reforçam mais o sentido de responsabilidade e a diferença nos objectivos de vida. De acordo com as teorias do desenvolvimento psicossocial esta é uma tarefa que a frequência do Ensino Superior adia para muitos jovens. Como tal, para aqueles que a têm que cumprir mais cedo, parece antecipar padrões de consumo mais moderados. Numa meta-análise de estudos longitudinais, é afirmado que os jovens reduzem o seu uso de álcool por volta da metade da década dos vinte anos de idade, sendo que este declínio é associado à aquisição de papéis adultos como o casamento, a parentalidade e o estatuto de trabalhador (Maggs & Schulenberg, 2005). Também Chen, Dufour e Yi (2005) concluíram do seu estudo que os estudantes a tempo parcial apresentavam os níveis mais baixos de frequência de consumo, episódios de consumo excessivo, embriaguez e de situações de condução depois de ingerir três ou mais bebidas, quando comparados com jovens não-estudantes e especialmente com os estudantes a tempo inteiro, que manifestavam níveis superiores em todas as categorias.

Relativamente à utilização de transportes públicos, para algumas estudantes a inexistência de horários alargados em Coimbra dificulta as suas saídas. A condução é outro motivo que leva os estudantes a reduzirem ou a suprimirem o seu consumo. Devido à amostra reduzida

não é possível averiguar se este comportamento acontece frequentemente. De facto, analisando os horários dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC, 2009), certifica-se a inexistência de transportes públicos no período entre as 24 e as 6 horas, com excepção do período das festas académicas em que a SMTUC disponibiliza transporte gratuito. Resta indagar se apesar de tudo, mesmo durante este período e o restante ano lectivo, não haverá comportamentos de risco relacionados com a condução sob o efeito de álcool nos estudantes de Coimbra.

A imagem da pessoa alcoólica é vista de duas perspectivas diferentes, sendo que para todos os estudantes causa sentimentos de repulsa e afastamento. Para os estudantes que não vivem este problema no seio familiar o alcoólico é considerado como uma pessoa que tem necessidade de beber todos os dias e cujo álcool se reflecte na personalidade da pessoa e leva a uma vida de infelicidade. Para os estudantes que apresentam problemas de alcoolismo no seio familiar, os relatos são carregados de sentimentos negativos. Reconhecem que ter familiares alcoólicos é uma situação desgastante e que provoca grandes alterações na dinâmica familiar. Estes participantes são os únicos que parecem reflectir aprofundadamente sobre os próprios consumos (os outros tomam uma postura de distanciamento) e alterá-los em função desta situação. Isto leva a pensar que as condições de vida podem actuar como barreiras contra os comportamentos não saudáveis.

Por último, as competências desenvolvidas pelos estudantes para **resistir à pressão** poderão representar um factor que facilite a adopção de um consumo mais moderado ou, eventualmente, o não consumo. Os estudantes entrevistados recorrem ao estabelecimento de limites perante os colegas, pelo que o “não” poderá chegar para delimitar fronteiras. Esta estratégia revela-se eficaz para as estudantes não consumidoras, embora também refiram não serem habitualmente alvo de pressões por parte dos colegas. Os consumidores adoptam mais frequentemente outro tipo de estratégias, algumas das quais enquanto bebem. Sugarman e Carey (2007) realizaram um estudo sobre as estratégias utilizadas por estudantes do Ensino Superior face ao consumo de álcool, do qual concluíram que aquelas utilizadas durante o consumo estavam positivamente associadas ao uso de álcool, enquanto as estratégias de evitamento de situações de consumo excessivo (por exemplo, beber *shots* ou *prepartying*) ou as alternativas ao consumo (como festas sem álcool) tinham uma relação negativa com o consumo. Assim sendo, reforça-se a necessidade de compreender as perspectivas dos não consumidores já que estes conseguem encontrar estratégias eficazes para evitar o consumo de bebidas alcoólicas.

6.6 – FACTORES DE REFORÇO

Os factores de reforço tanto podem exercer contributos negativos como positivos. Este aspecto torna-se mais claro na análise da influência dos **pares**. Neste estudo verificou-se que este constitui um dos factores que mais contribui para o consumo, o que contraria os resultados de muitos estudos quantitativos que encontram no prazer de beber e no relaxamento e desinibição as principais razões para este comportamento. Uma das explicações que se poderá desenhar é o facto de a metodologia utilizada facilitar a livre expressão das ideias e sentimentos, pelo que naturalmente brota a importância do grupo. De destacar que os jovens fazem questão de salientar que não se sentem pressionados pelo grupo a beber e fazem-no de livre vontade, pelo que talvez seja essa uma das razões que os leva a não admitir esta possibilidade quando respondem a questionários sobre a temática do consumo de álcool nos jovens.

Para os consumidores, estar num grupo em que a maioria dos amigos bebe revela-se um factor preponderante. Os participantes expressam a necessidade de estar em sintonia dentro do grupo e de acompanhar os colegas no consumo de bebidas alcoólicas. Este dado é confirmado por Orford et al. (2004) que refere que pertencer a um grupo cuja maioria dos seus elementos consome álcool frequentemente e com abundância, facilita a adopção deste comportamento por parte do indivíduo. Outro aspecto relevante, e que já foi discutido anteriormente, é o facto de os participantes não se embriagarem sozinhos. Desta forma, destaca-se o consumo de álcool como um agente de coesão no grupo de consumidores e que põe em jogo os códigos de sociabilidade entre os estudantes.

Por outro lado, estar ou pertencer a um grupo no qual os seus elementos bebem pouco ou inclusive nem bebem, conduz a um movimento inverso. Os consumidores referem que nestas circunstâncias tendem a beber substancialmente menos. Já os não consumidores referem que o seu grupo de amigos é constituído essencialmente por pessoas que partilham a mesma posição. Calafat et al. (2003) constatou que entre os não consumidores, cerca de um quarto referiu que apenas alguns dos seus amigos bebem álcool. Mais uma vez se depreende que partilhar um momento ou pertencer a um determinado grupo influencia o comportamento adoptado perante o consumo. No entanto, apesar de o álcool ser um meio que facilita o relacionamento dentro do grupo só funciona como agente de ligação e cumplicidade quando há acordo dentro do mesmo sobre a forma como se consome.

A **família** representa um papel importante na aprendizagem de modelos sociais, ao mesmo tempo que exerce a sua função educacional para o consumo moderado e alertando para os perigos do álcool. Para os estudantes entrevistados, a figura da mãe é a que surge com maior destaque não só quando manifesta a sua posição perante os primeiros consumos,

mas também e principalmente diante dos consumos actuais. É ela que assume um papel mais activo na conscientização dos filhos e também na repreensão quando são constatados abusos, o que acontece habitualmente. Quando os participantes relatam que a embriaguez é reconhecida pelos pais, recebem *feedback* negativo, o que consolida a adesão a comportamentos de saúde mais saudáveis. Pode-se vislumbrar a continuidade do papel da mãe enquanto elemento responsável pela educação dos filhos nas famílias actuais, enquanto o pai assume um lugar secundário. Uma das justificações que os participantes dão para esta ocorrência é o facto do pai, sendo a pessoa que mais consome bebidas alcoólicas na família (as mães são mais frequentemente abstinentes), ter passado enquanto jovem pelas mesmas experiências. Assim sendo, será que o pai se sente numa posição ingrata para aconselhar os filhos quando também ele terá experimentado as virtudes do álcool? Será que receia apropriar-se do seu papel de pedagogo em questões da vida dos jovens que ainda continuam a ser tabu em muitas famílias? Nas famílias contemporâneas o pai tem vindo a assumir uma posição cada vez mais activa, não só participando nas tarefas domésticas como partilhando a responsabilidade da educação dos filhos. Segundo Gomes e Resende (2004) os movimentos que se observam em tempos de mutação e transição da paternidade darão ao pai a relação com os filhos, até aqui reservada à mãe. Ainda assim, a revolução paternal iniciou-se há apenas duas décadas e necessitará de várias gerações para se realizar em pleno.

Por outro lado, estudar em Coimbra é fonte de preocupação para alguns pais, sendo que os conselhos são habituais. Talvez devido ao processo de autonomização do jovem adulto, que cada vez mais se vai distanciando do ninho familiar para desenvolver as suas capacidades de voo na vida.

Para os autores consultados a família é ainda um local de aprendizagem importante no que respeita ao consumo de álcool. Nos seus estudos, a percentagem de jovens que bebem álcool é superior quando os pais são também eles consumidores (Calafat et al., 2003; Calvário, 1997; Cunha et al., 2005). White et al. (2000) acrescenta que os jovens modelam o seu comportamento de acordo com os padrões de consumo dos pais, o que inclui quantidade e frequência. No presente estudo salienta-se o hábito do consumo moderado de vinho à refeição pelos pais, gesto que é repetido por alguns participantes. Outro aspecto que ressalta é o convite explícito para beber, geralmente sob a forma de incentivo à prova de bons vinhos. Parece manter-se uma certa tradição dos países mediterrânicos no consumo de vinho associado à comida, valores que os pais tentam transmitir aos descendentes. A noção do consumo moderado é transmitida através da degustação de vinhos de qualidade, que devem ser bebidos no sentido de apreciar cheiros e sabores e não bebendo por beber.

Desta forma, a família é identificada por estes jovens como tendo uma função educativa, que alerta para os perigos do consumo excessivo e fomenta o consumo moderado, à refeição e com gosto. Já os pares facilitam o consumo no grupo de amigos quando este é o comportamento dominante, o que revela a importância das pessoas significantes como modelos para os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comportamentos relacionados com o consumo de álcool constituem um factor de risco para a população jovem e fazem emergir preocupações por parte das autoridades da saúde, que os consideram como um problema de Saúde Pública. Nos jovens, têm-se verificado alterações nos padrões e hábitos de consumo, que se enquadram numa sociedade consumista que preconiza a gratificação instantânea e o consumo hedonista.

Para caracterizar os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes do Ensino Superior de Coimbra, considerou-se a abordagem qualitativa como a mais adequada, procedendo-se à recolha de dados através de entrevistas semi-estruturadas a estudantes. Na constituição das categorias teve-se por base o modelo de intervenção em promoção da saúde PRECEDE-PROCEED, que divide os determinantes dos estilos de vida em três grandes grupos: factores predisponentes, factores facilitadores e factores de reforço. O ambiente físico e social também é considerado neste modelo como necessário para o desenvolvimento de actividades e condições que produzem melhor saúde.

Os resultados relativos ao padrão de consumo dos estudantes apresentam alguma similitude com outros trabalhos realizados nesta área. Apresentam-se assim aqueles os mais relevantes: a maioria dos participantes ingere bebidas alcoólicas, sendo os abstinentes apenas do sexo feminino; a maioria dos participantes bebe com regularidade; a idade com que os estudantes ingeriram uma bebida alcoólica pela primeira vez foi para a maioria entre os 11-15 anos de idade, maioritariamente no contexto de festividades (“festa”, “festa de aniversário” ou “passagem de ano”); a primeira embriaguez ocorreu com mais frequência depois dos dezasseis anos, na maioria das vezes em festas e com os amigos. Os amigos aparecem como a companhia preferencial nos consumos e exclusiva na embriaguez, o que sugere a importância da influência dos pares nas primeiras experiências e o álcool como meio facilitador da integração no grupo.

Em primeira instância, o consumo de bebidas alcoólicas surge simultaneamente como causa e consequência do ambiente. Ou seja, se por um lado, o ambiente pode proporcionar o consumo de bebidas alcoólicas (por exemplo, através dos momentos de convívio dos estudantes, festas académicas e rituais da *praxe*), por outro este consumo é muitas vezes entendido como sendo intrínseco ao próprio ambiente académico, isto é, como fazendo parte das vivências e da vida de estudante e das tradições académicas, influenciando o ambiente recreativo: mais consumo, mais diversão, mais consumo.

Os factores predisponentes motivam os estudantes para o consumo de bebidas alcoólicas. A experiência que os estudantes têm dos seus primeiros contactos com o álcool e das primeiras alcoolizações; os motivos que levam os estudantes a consumirem bebidas alcoólicas, muitas vezes influenciados pelas crenças acerca da importância da opinião das outras pessoas sobre esse comportamento (relembra-se o consumir pelo divertimento e desinibição, pelo ambiente e convívio e como uma questão de afirmação); as opções que fazem (influenciadas pelas crenças pessoais e valores); a capacidade de regular as suas acções, o que nem sempre acontece, ou seja, os limites que os estudantes estabelecem para os seus consumos; e ainda a percepção que têm dos riscos que correm com a adopção do comportamento, constituem um determinante do consumo de bebidas alcoólicas.

Os factores de reforço incluem as recompensas resultantes do comportamento e o *feedback* das pessoas significantes sobre o comportamento adoptado. Neste estudo verifica-se que a família transmite um *feedback* negativo quando são detectados excessos e *feedback* positivo em relação ao consumo moderado. Também o grupo de pares parece actuar no mesmo sentido, ou seja, estes factores surgem associados ao padrão de consumo dos pares. Deste modo, entre os pares que bebem existe um incentivo ao consumo, já quando o consumo é escasso ou inexistente, verifica-se uma influência dos pares junto daqueles que bebem, resultando na redução da sua ingestão de bebidas alcoólicas. Os factores de reforço surgem assim associados à influência da família e dos pares, logo das pessoas mais próximas dos estudantes. Por outro lado, os factores de reforço exercem influência nos factores predisponentes. Como se pôde constatar, a família cruza o caminho dos estudantes desde os primeiros consumos, que acontecem não tão raras vezes no seio familiar, nas escolhas que fazem, pois é também no núcleo da família que aprendem a apreciar algumas bebidas, nos limites do consumo, já que os estudantes evitam ultrapassá-los na presença dos pais e na percepção do risco, pois são os pais que mais os alertam para os perigos do consumo. Os amigos estão presentes nomeadamente nos primeiros ensaios, partilham as saídas, os consumos e as situações de embriaguez, são peça importante nas escolhas e nos motivos que levam os estudantes a beber, pois muitas vezes estão associados ao grupo e influenciam a auto-eficácia dos estudantes já que, como foi reforçado pelos participantes, o ultrapassar dos limites nunca ocorre num acto solitário. Em relação à percepção do risco não foram identificadas influências por parte do grupo de amigos o que se poderá dever ao facto de o álcool ser perspectivado de forma positiva e como elemento importante na coesão grupal e na construção identitária do estudante, não incluindo assim percepções ligadas aos aspectos menos favoráveis desta substância psicoactiva.

As condições ambientais que facilitam ou impedem o consumo de bebidas alcoólicas são a acessibilidade e as barreiras às saídas e aos consumos. Estes factores facilitadores fornecem ou afastam os meios para a acção. Assim, a acessibilidade às bebidas alcoólicas

nas instituições, nas festas académicas e nos locais onde os estudantes convivem, bem como a publicidade e as promoções praticadas nestes contextos é entendida como favorecedora do consumo de bebidas alcoólicas. Já as diversas barreiras, ao actuarem como obstáculos às saídas e aos consumos, facilitam a adopção de comportamentos saudáveis. Por outro lado, a oferta e as barreiras académicas influenciam o meio no qual estes jovens estudam e convivem. As interligações ocorrem ainda com os factores de reforço já que a capacidade de adquirir bebidas ou de participar nas festas académicas está intrinsecamente ligada às possibilidades económicas das famílias. As habilidades que os estudantes possuem para resistir à pressão dos pares podem enfraquecer o reforço destes e funcionar como um factor protector ou, caso estas competências não estejam desenvolvidas, podem facilitar a adopção do comportamento de beber.

Esta análise permite a identificação da prevalência e intensidade de cada factor, assim como a compreensão da complexa interacção entre os diferentes determinantes, nomeadamente as crenças enraizadas na tradição. Em última instância esta perspectiva tridimensional permite organizar as intervenções de *comunicação directa* (através da Educação para a Saúde) com a população alvo para actuar sobre os factores predisponentes; de *comunicação indirecta* com as redes de referência da população alvo (pais, pares, professores, líderes comunitários e outros) para intervir sobre os factores de reforço; e de organização comunitária, intervenções políticas e treino de competências para agir sobre os factores facilitadores. Entre as contribuições deste modelo está o facto de encorajar e facilitar um planeamento mais sistemático e compreensivo dos programas de Saúde Pública. Permite que o desenho das intervenções seja baseado não na especulação mas numa compreensão clara dos factores que influenciam a saúde e a qualidade-de-vida dos jovens estudantes do Ensino Superior.

Na compreensão, interpretação e descrição dos comportamentos de consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes, verificou-se que estes se relacionam com as vivências académicas. A saída de casa significa para muitos estudantes uma extensão da liberdade para dar largas às experiências de consumo. O primeiro ano corresponde, para a maioria dos participantes, ao período mais vincado por estas experiências, o que para alguns se associa a uma perspectiva irrealista da exigência do Ensino Superior. As vivências dos participantes são intensamente marcadas pelas muitas incursões nocturnas, consumo de bebidas alcoólicas e por excessos, aspectos que se distanciam em larga medida do período vivido no Ensino Secundário. A repercussão destes comportamentos mais mencionada é o absentismo escolar.

Coimbra foi pioneira na implementação de um projecto baseado na educação pelos pares, que contempla intervenções de minimização de danos e redução de riscos relacionados

com os consumos abusivos de bebidas alcoólicas nos estudantes participantes das festas académicas de Coimbra, o “Antes que te Queimes”. Seria pertinente investir na investigação das necessidades dos estudantes do primeiro ano, de forma a melhor adequar e/ou expandir este tipo de intervenções nas próprias instituições de ensino.

Com a entrada no segundo ano, as saídas diminuem substancialmente, tornam-se mais curtas, os consumos abrandam e os excessos tornam-se mais espaçados no tempo, movimento que é acompanhado nos anos seguintes. O motivo mais alegado é a necessidade da consecução dos objectivos escolares. Pelos resultados deste estudo, considera-se que existe uma trajectória crescente desde os primeiros ensaios de saídas nocturnas e do consumo de bebidas alcoólicas até ao primeiro ano do Ensino Superior. No final deste inicia-se uma inflexão negativa que acompanha os anos subsequentes, sendo que, nos últimos, este já se poderá assemelhar aos padrões de consumo que os participantes teriam antes do ingresso no Ensino Superior, ou seja, um consumo mais pontual, moderado, com menos situações de inebriamento, que condizem com um período de estabilização. De forma a compreender melhor este fenómeno, seria pertinente a realização de estudos longitudinais com estudantes de diversas instituições do Ensino Secundário que prosseguissem estudos superiores em instituições do Ensino Superior de Coimbra.

A confirmar que os comportamentos de beber destes estudantes se relacionam com o ambiente académico, estão os momentos de convívio com os colegas/amigos. Estes ocorrem nos dias úteis da semana, na maioria à noite e fora das instituições de ensino. Os jantares em casa de amigos são um momento ideal para confraternizar e beber, muitas vezes em excesso. No final da refeição, pode haver continuidade em jogos de beber, transparecendo uma vertente mais libertadora e de divertimento do que propriamente de socialização. Os jantares de curso são ocasiões em que todos os estudantes convivem e se divertem à volta da mesa. Constituem autênticas manifestações da tradição académica e reforçam a identidade do grupo, daquilo que é ser-se estudante, não só através dos símbolos da praxe, como a capa e a batina, os cânticos habituais, mas também através do consumo de álcool. É um comportamento entendido como fazendo parte destes ritos e assim como não existem jantares de curso sem álcool, dificilmente acontecem sem que muitos dos seus elementos ultrapassem os seus limites de consumo. Tendo em conta o consumo excessivo em curtos espaços de tempo nestes jantares, não poderá ser esta mais uma forma de consumo *binge* entre os estudantes? Seria pertinente estudar esta questão em futuras investigações, utilizando o espaço universitário de Coimbra, onde os jantares de curso são uma forma de convívio entre os estudantes tão frequente.

As saídas nocturnas também não são completamente desritualizadas, pois seguem um conjunto de regras e interditos. O percurso ou “ritual” da noite tem como fio condutor o

álcool. A trajetória da saída é definida de acordo com o consumo ou não (pois nem todos os estudantes bebem), pelo que a escolha de determinado local é feita em função das bebidas alcoólicas que servem.

As festas académicas são uma circunstância especial de socialização entre os estudantes e que deixa um forte cunho em todo o percurso académico. A Queima das Fitas é o ritual a que os participantes mais dão importância. Está carregado de elementos simbólicos que são partilhados, favorecendo o vínculo dos estudantes à comunidade académica. É encarada como uma festa de e para os estudantes, um espaço-tempo à parte em que os estudantes, não tendo responsabilidades académicas, podem conviver, divertir-se e consumir álcool. Esta forma de beber em “festa”, embora não sendo exclusiva deste evento pois assemelha-se a alguns momentos de comemoração entre os estudantes como os jantares de curso (e possivelmente até com outras situações festivas fora do contexto académico, como as Passagens de Ano), é perspectivada de uma forma distinta e seguida por códigos específicos. O beber é encarado como fazendo parte da festa e os inebriamentos são bem aceites.

De uma forma geral, verifica-se que os excessos não são condição comum a todos os momentos de socialização entre os estudantes, embora possam ser frequentes para alguns. O consumo de bebidas alcoólicas, apesar do padrão de consumo assumido pelos participantes, parece alterar-se em função da modalidade do momento festivo, com picos de maior consumo em eventos como as festas académicas. Como tal, crê-se ser necessário o investimento em estudos futuros, com uma abordagem quantitativa, nos quais sejam focados não só o padrão de consumo habitual mas também o padrão em função dos momentos de convívio.

Para além destes eventos festivos, também a *praxe* é um veículo de iniciação dos “caloiros” na cultura institucional e nas tradições. Os rituais da *praxe*, como verdadeiros rituais de passagem, procuram transmitir os usos e costumes aqueles que serão os novos elementos do grupo de estudantes, entre os quais se incluem os comportamentos de beber. Considera-se que a hierarquia da *praxe* é favorecedora de práticas apoiadas em relações de poder, pelo que os estudantes mais velhos auferem da sua posição hierárquica para impelir os mais novos a ingerir bebidas alcoólicas. E ainda que este comportamento não seja considerado como uma obrigação por parte dos “caloiros”, estes sentem-se no dever de cumprir as normas decretadas em nome de uma “qualquer” tradição.

Desta forma, tem-se que as oportunidades para conviver e beber, ou seja o contexto recreativo da noite e das festas de Coimbra, beneficiam as aprendizagens dos estudantes, principalmente dos mais novos, no que diz respeito aos comportamentos festivos e de consumo. Considera-se ainda que os momentos de convívio entre os estudantes, dos quais

se destacam os jantares de curso, as festas académicas e os rituais praxistas, pela forma como foram relatados pelos participantes, apoiam a construção de uma identidade estudantil que é favorecida por determinadas condutas, entre as quais se incluem os comportamentos de beber.

Nos factores predisponentes inclui-se a experiência prévia dos estudantes em termos de consumos e saídas. Já tendo sido explorados estes aspectos, importa apenas fazer uma ressalva para a proveniência dos estudantes. Verificou-se que parte importante provém de meios rurais. Havendo a possibilidade de o contexto e temporalidade das saídas e dos consumos poder ser afectada pelo meio em que os jovens habitam, seria relevante incluir nos estudos longitudinais grupos de estudantes diferenciados pelo local de habitação do agregado familiar.

A forma como os participantes descrevem e dão sentido às suas experiências de consumo relaciona-se mais com os efeitos produzidos por esta substância que com o gosto pelas bebidas. O ambiente dos convívios, a convivência e divertimento entre os estudantes são o garante da manutenção dos comportamentos de consumo, pois o álcool é parte importante das festas e da vida destes jovens enquanto estudantes. Assim, os motivos pelos quais os participantes referem beber estão ligados à interacção grupal, que perpetua o consumo de álcool ligado aos aspectos da convivialidade e da sociabilidade.

Já as participantes não consumidoras têm habilidades para se divertirem sem sentirem a necessidade de recorrer a esta substância psicoactiva. A compreensão das crenças e atitudes relativamente a um fenómeno são uma tarefa essencial no desenho de intervenções, que o confronto entre estes grupos pode ajudar a clarificar, o que seria possível através da utilização de grupos de *focus*. Tendo em conta que alguns programas de promoção da saúde se baseiam no divertimento sem o uso de substâncias psicoactivas, seria pertinente aprofundar as estratégias e os pontos de vista dos não consumidores pois estes poderiam trazer novas perspectivas para intervenções futuras.

Em relação às opções de consumo, a cerveja é a bebida mais consumida e na maioria das ocasiões. A razão mais apontada é o seu baixo custo, mas o facto de ser uma bebida muito ingerida pelas pessoas em geral e pelo grupo de amigos em particular também são motivos apontados. O vinho é a segunda bebida mais referida, sendo ingerido apenas à refeição, em especial nos jantares. Alguns estudantes mais velhos referem ter mudado os seus hábitos de consumo ao longo do percurso académico, considerando saber apreciar melhor os vinhos nesta fase da vida. Levando em consideração estes resultados, pensa-se que, para além da influência social e cultural enquadrar o consumo isolado de cerveja e do vinho à refeição, também o contexto académico poderá exercer preponderância ao facultar todos os

meios e condições para uma aprendizagem do “saber beber”, iniciado desde logo nas primeiras provas de resistência ao álcool, nos rituais da *praxe*.

As bebidas destiladas e os *shots* são as que suscitam mais significados negativos. No entanto, são considerados como uma “droga social” que facilita a euforia, sendo consumidos de forma *binge*. Sabendo pelos estudos epidemiológicos que o consumo *binge* tem vindo a atingir proporções alarmantes nos adolescentes portugueses, e considerando que parte deles serão estudantes do Ensino Superior, é urgente o desenvolvimento de pesquisas nos dois níveis de ensino, de forma a compreender melhor o fenómeno, para desenhar adequadamente programas de prevenção destes comportamentos.

A percepção dos limites constitui um aspecto importante das formas de beber dos estudantes. Os consumidores regulares relatam mais situações de embriaguez que os consumidores esporádicos e, apesar de no primeiro grupo haver estudantes a admitir que nem sempre respeitam os seus limites, ambos referem ter retirado aprendizagens após determinadas situações de consumo excessivo, o que resultou na moderação ou na redução de consumos posteriores. Realça-se ainda o facto de todos os participantes, independentemente da sua tipologia de consumo, considerarem essencial o reconhecimento dos limites individuais de cada um. Estes são dados a ter em conta no planeamento de intervenções pois a percepção da auto-eficácia é importante na mudança comportamental. Também a percepção do risco é relevante nesta mudança, colocando-se a questão se haverá alguma relação com o género, o que não foi possível descortinar nesta análise já que os relatos das estudantes são insuficientes.

São diversas as situações que remetem para o acesso fácil às bebidas alcoólicas, desde as ofertas, promoções e publicidade, à existência de bebidas alcoólicas nas instituições de ensino. Considera-se que qualquer uma se inclui nos factores facilitadores do comportamento de consumo. Para que um programa de promoção da saúde seja completo deve direccionar-se para os três grupos de factores determinantes dos estilos de vida saudáveis. Neste sentido, torna-se necessário cooperar e negociar com as instituições de ensino para modificar a facilidade com que os estudantes adquirem bebidas alcoólicas dentro da instituição, que preconiza o desenvolvimento dos estudantes e o sucesso escolar e não a aquisição ou agravamento de comportamentos de risco para a saúde.

Os estudantes também estão sujeitos a barreiras que dificultam ou impedem as suas saídas e consumos. As barreiras académicas são as mais mencionadas, sendo o Processo de Bolonha um dos obstáculos mais sentidos por quem passou por esta transição. As barreiras monetárias são igualmente valorizadas como dificultadoras dos consumos, ainda que os estudantes pertençam maioritariamente às classes socioeconómicas média-alta e alta. Para ultrapassar este obstáculo o *prepartying* é uma estratégia adoptada com frequência antes

das saídas nocturnas e das festas académicas. Em Coimbra o consumo de álcool nas festas académicas constitui por si só uma preocupação de Saúde Pública. Como tal, considera-se necessário averiguar a extensão do problema e aprofundar os motivos que levam os estudantes a fazê-lo.

As barreiras laborais, a imagem da pessoa alcoólica, a condução e a falta de transportes constituem outros factores que dificultam o consumo, ainda que menos referidos. A maximização dos recursos existentes seria uma medida importante na redução dos riscos associados à condução sob o efeito de álcool. Desta forma, o funcionamento dos transportes públicos num horário mais alargado, nas noites de terças e quintas-feiras, em período escolar, seria uma medida relevante.

A resistência à pressão é percebida neste estudo como as competências que os estudantes têm ou desenvolvem para superar a influência dos pares. Não foi possível, nem era esse o objectivo do estudo, avaliar se as estratégias descritas e adoptadas pelos participantes têm ganhos para a saúde. No entanto, reforça-se a necessidade de compreender as perspectivas dos não consumidores já que estes conseguem encontrar estratégias que parecem ser eficazes na recusa do consumo de bebidas alcoólicas.

De facto, os pares surgem como uma das mais importantes influências para a adopção ou não dos comportamentos de consumo, nesta investigação. Estar ou pertencer a um grupo em que a maioria dos elementos bebe, conduz os estudantes a adoptarem uma conduta semelhante, o que reforça a ideia do álcool como agente de coesão grupal. Quando os elementos do grupo bebem pouco ou não bebem, há de novo uma sintonia no comportamento, mesmo para os consumidores regulares. Conclui-se que o grupo de pares influencia o comportamento adoptado, o que contudo pressupõe a partilha de códigos de conduta no grupo.

A família constitui o outro factor de reforço encontrado, que encoraja a adopção de comportamentos saudáveis. A figura materna é a que dá mais *feedback* negativo, principalmente quando são denunciadas situações de excesso, manifestando a sua posição perante os consumos dos filhos, repreendendo em situações de embriaguez e alertando para os perigos. Os pais promovem a educação para os consumos moderados, dando a conhecer bons vinhos e incentivando à degustação. Dada a importância do contexto familiar, onde as aprendizagens dos consumos também têm lugar, os programas de promoção da saúde devem contemplar as intervenções com as famílias, pois, como se pode verificar, estas têm um papel essencial no reforço de comportamentos e estilos de vida saudáveis.

O presente estudo permitiu a abordagem da problemática do consumo de bebidas alcoólicas na população estudantil, relacionando-os com o seu ambiente académico. A utilização do

modelo de intervenção e promoção na saúde PRECEDE-PROCEED não só facilitou a inclusão dos dados nas quatro categorias definidas como permitiu a compreensão da interação entre os diferentes determinantes da saúde, entre os quais os aspectos relacionados com as vivências e a cultura académica. Por outro lado, a utilização do paradigma qualitativo e a abordagem hermenêutica-dialética revelaram-se eficientes na consecução do objectivo delimitado ao permitir que os estudantes se expressassem livremente e discorressem as experiências significativas da sua vida enquanto estudantes e enquanto jovens que interagem num meio e numa cultura dos quais o álcool faz parte.

A forma como os resultados são apresentados no esquema explicativo proposto pode facilitar o planeamento de programas de promoção em saúde direccionados para os estudantes do Ensino Superior. Esta análise poderá ainda ser uma contribuição para futuras investigações pois da mesma forma que houve uma expansão do Ensino Superior em todo o país nas últimas décadas, também as tradições académicas coimbrãs pulverizaram os novos estabelecimentos de ensino.

Contudo, esta investigação apresenta limitações que devem ser apresentadas. Em primeiro lugar, dada a dimensão do estudo não é possível a generalização dos resultados. Em segundo lugar, a assimetria da amostra em termos de género não permite a comparação, dentro do estudo, de alguns aspectos relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas. Em terceiro lugar, o estudo abrange apenas cursos ligados às Ciências e Tecnologias, pelo que seria importante a inclusão de cursos ligados às áreas das Letras, da Saúde e do Desporto em futuras investigações. Em quarto lugar, considera-se que os determinantes do consumo de bebidas alcoólicas não se cingem àqueles aqui apresentados, sendo por isso necessário dar continuidade e estender os resultados aqui encontrados. Por fim, a participação no projecto “Antes que te Queimes” permitiu uma proximidade privilegiada com o contexto das festas académicas e os estudantes. No entanto, a observação dos actores sociais e dos seus contextos não foi sistemática nem abrangente. Assim, com o objectivo de melhorar os métodos de colheita de dados, pensa-se que a observação participante em diversos contextos recreativos poderá ser um auxílio no aprofundamento do fenómeno.

Com este estudo almeja-se contribuir para a compreensão do consumo de bebidas alcoólicas pelos estudantes do Ensino Superior e incentivar estudos posteriores que dêem continuidade à identificação e caracterização dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas nesta população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adés, J., & Lejoyeux, M. (1997). *Comportamentos alcoólicos e seu tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ahlström, S., & Österberg, E. (2005). International perspectives on adolescent and young adult drinking. *Alcohol Research & Health*, 28(4), pp. 258-268.
- Albergaria, H. (2000). *O impacto do ensino superior público na região centro: os casos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Viseu, Guarda, Covilhã e Castelo Branco*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional.
- Almeida, L., Ferreira, J. A., & Soares, A. P. (2000). Transição e adaptação à Universidade: apresentação de um questionário de vivências académicas (QVA). *Psicologia*, 14(2), pp. 189-208.
- Alto Comissariado da Saúde (2009). *Número de mortes por acidente de viação atribuíveis ao álcool*. Recuperado em 21 Maio, 2009, de <http://www.acs.min-saude.pt/pns/pt/traumatismos/numero-de-mortes-por-acidentes-de-viacao-atribuíveis-ao-alcool/>.
- Amico, E. J., & McCarthy, D. M. (2006). Escalation and initiation of younger adolescents' substance use: the impact of perceived peer use. *Journal of Adolescent Health*, 39, pp. 481-487.
- Antunes, R., Machado, R., Monteiro, C., Tavares, A., & Gonçalves, B. (2005, novembro 5). Noites na Alta de Coimbra. *A Cabra*, 15(140), pp. 12-13.
- Antunes, R., Ferreira, A., & Picanço, J. (2007, novembro 6). Estudantes, latas e copos. *A Cabra*, 16(190), pp. 2-3.
- Astin, A. (1993). *What matters in college? Four critical years revisited*. San Francisco: Josse-Bass Publishers.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., & Pascueiro, L. (2008a). *Inquérito nacional ao consumo de substância psicoactivas na população portuguesa - 2007*. Recuperado em 20 março, 2008, de http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2008/12/inquerito_nacional_2.pdf.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., & Pascueiro, L. (2008b). *Inquérito nacional ao consumo de substância psicoactivas na população geral, Portugal 2007*. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicoddependência, I. P..

- Barroso, T. M. (2000, abril). Álcool e jovens estudantes - um estudo sobre expectativas e crenças pessoais acerca do álcool e locus de controlo. *Boletim: CRAC - MLMM*, 4(10), pp. 3-8.
- Barroso, T. M. (2003). *Álcool e jovens estudantes - um estudo exploratório sobre hábitos de consumo e percepção de riscos em estudantes de Enfermagem*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Batista, R. C. (2004). *Representação social do consumo de bebidas alcoólicas em estudantes do Ensino Superior de Coimbra*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Belcheir, M. J. (2000). *The National Survey of Student Engagement: Results from Boise State freshmen and seniors. Research Report 2000-04*. Recuperado em 21 Março, 2008, de [http://cpr.iub.edu/uploads/Belcheir, M.J. \(December, 2000\).pdf](http://cpr.iub.edu/uploads/Belcheir, M.J. (December, 2000).pdf).
- Beynier, D., & Pellissier, A. (2000, Décembre). Étudiants et conduites addictives: caractéristiques et facteurs explicatifs. *Revue de Sociologie et d'Anthropologie*, 8, pp. 131-146.
- Bocéno, L., & Valognes, C. (2000, Décembre). Les étudiants et la loi Évin: une application en pointillés. *Mana - Revue de Sociologie et d'Anthropologie*, 8, pp. 105-130.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Breda, J. (1994). Breve história do álcool, do alcoolismo e da abordagem dos problemas ligados ao álcool numa perspectiva de Saúde Pública em Portugal. *Revista Portuguesa de Nutrição*, 6(1), pp. 33-40.
- Brito, I. (2008). *Intervenção de conscientização para prevenção da brucelose em zona endémica*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Cabral, L., Farate, C., & Duarte, J. (2007, junho). Representações sociais sobre o álcool em estudantes do Ensino Superior. *Revista Referência*, 2(4), pp. 69-80.
- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Anttila, A., Arias, R., Bellis, M., Bohrn, K., Fenk, R., Hughes, K., Viktoria, A., Kokkevi, A., Kuussaari, K., Leenders, F., Mendes, F., Simon, F., Spyropoulou, M., Wijngaart, G., Zavatti, P., (2003). *Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation*. Palma de Mallorca: IREFREA.
- Calvário, M., Lizardo, M., Loureiro, M., & Santos, V. (1997). Estudo dos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas nos estudantes da Universidade da Beira Interior. *Boletim CRAC - MLMM*, 1(1), pp. 7-10.

Camacho, I., Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2008). Família: factor de protecção no consumo de substâncias. In M. G. Matos (Coord.). *Consumo de substâncias: estilo de vida? à procura de um estilo?*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodpendência.

Carpenter, R., (2007, December). After Unit 1421: an exploratory study into female students' attitudes and behaviours towards binge drinking at Leeds University. *Journal of Public Health*, 30(1), pp. 8-13.

Chen, C. M., Dufour, M. C., & Yi, H. (2005). Alcohol consumption among young adults ages 18-24 in the United States: results from the 2001-2002 NESARC Survey. *Epidemiological Bulletin*, 28(4), pp. 269-280.

Chickering, A. W., & Reisser, L. (1993). *Education and Identity* (2a ed.). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Chuche, D. (1990). Alcoolisation, esprit de corps et acculturation de classe dans une grande école d'ingénieurs: le cas de L'Ecole des Arts et Métiers. In G. Caro (Coord.). *De L'Alcoolisme au Bien Boire*. Paris: L'Harmattan.

Clapp, J. D., Reed, M. B., Holmes, M. R., Lange, J. E., & Voas, R. B. (2006). Drunk in public, drunk in private: the relationship between college students, drinking environments and alcohol consumption. *The american journal of drug and alcohol abuse*, 32, pp. 275-285.

Código da Praxe Académica da Universidade de Coimbra (2007). Recuperado em 10 Fevereiro, 2008, de <http://www1.ci.uc.pt/encontros/N10/CodigodaPraxe2007.pdf>.

Cortez-Pinto, H., Marques-Vidal, P., & Monteiro, E. (2004, September). Liver disease-related admissions in Portugal: clinical and demographic pattern. *European Journal of Gastroenterology & Hepatology*, 16(9), pp. 873-877.

Costa, A. B. (2000). *Currículos Funcionais: manual para a formação de docentes*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Cruzeiro, M. E. (1979, outubro - dezembro). Costumes estudantis de Coimbra no século XIX: tradição e conservação institucional. *Análise Social*, 15(60), pp. 795-838.

Cunha, S., Esteves, F., Sinde, S., Dias, P., & Bento, A. (2005, maio). Conhecimentos, comportamentos e atitudes de jovens, face às bebidas alcoólicas. *Revista Nutricias*, 22(5), pp. 66-71.

Dantzer, C., Wardle, J., Fuller, R., Pampalone, S., & Steptoe, A. (2006, September - October). International study of heavy drinking: attitudes and sociodemographic factors in university students. *Journal of American College Health*, 55(2), pp. 83-89.

Davies, P., & Walsh, D. (1983). *Alcohol problems and alcohol control in Europe*. New York: Gardner Press.

Dawson, D., Goldstein, R., Chou, P., Ruan, J., & Grant, B. (2008). Age of first drink and the first incidence of adult-onset DSM-IV alcohol use disorders. *Alcoholism, Clinical and Experimental Research*, 32(12), pp. 2149-2160.

Decreto Lei n.º 9/2002, de 24 de Janeiro de 2002. (2002). Recuperado de http://www.idt.pt/PT/Legislacao/Legislacao/Ficheiros/Álcool/dl_9_2002.pdf.

Delaney, L., Harmon, C. P., Milner, C., Sweeney, L., & Wall, P. (2007, May). Perception of excessive drinking among Irish college students: a mixed methods analysis. *UCD Geary Institute discussion paper series*. Recuperado em 15 Março, 2008, de <http://geary.ucd.ie/images/Publications/WorkingPapers/GearyWp200712.pdf>.

Dellile, R., & Ramos, R. (2004, maio 4). Escessos marcam relação entre estudantes e álcool. *A Cabra*, 13(13), pp. 12-13.

Direcção Geral de Saúde (2004a). *Risco de Morrer em Portugal 2002* (Vol I). Recuperado em 20 Março, 2008, de <http://www.dgs.pt>.

Direcção Geral de Saúde (2004b). *Plano Nacional de Saúde 2004-2010: mais saúde para todos* (Vol. II). Lisboa: Direcção Geral de Saúde.

Direcção Geral de Viação (2007). *Sinistralidade Rodoviária 2006 - Elementos estatísticos*. Recuperado em 20 Março, 2008, de http://www.mai.gov.pt/data/menu_esquerdo/prevencao_seg_rodoviaria/{993CB6D8-5A04-4599-A48B-317C15E2515D}RelatorioSinistralidadeRodoviaria-2006.pdf.

Edwards, G., Marshall, J., & Cook, C. (2003). *The treatment of drinking problems: A guide for the helping professions* (4a ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Engineer, R., Phillips, A., Thompson, J., & Nicholls, J. (2003). *Drunk and disorderly: a qualitative study of binge drinking among 18-to 24-year-olds*. London: Home Office Research, Development and Statistics Directorate. Recuperado em 15 Março, 2008, de http://drugsandalcohol.ie/5406/1/Home_Office_Research_Study_262_Drunk_and_disorderly.pdf.

Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Estanque, E. (2008, junho). Jovens, estudantes e 'repúblicas': Culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, pp. 9-41.

Estanque, E., Bebiano, R., Silva, A., & Dias, H. (2007). *Culturas juvenis e participação cívica: diferença, indiferença e novos desafios democráticos*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

Esteves, D. G. (2008, fevereiro). *A Festa da Queima das Fitas no processo de construção simbólica da comunidade académica*. Recuperado em 15 Setembro, 2008, de http://www.opl.com.pt/uploads/publicacoes_opl/13/ficheiro/artigodeniseformatado.pdf.

Eurobarometer (2007, March). Attitudes towards alcohol. Eurobarómetro 66.2: Special Eurobarometer 272b. Recuperado em 19 Abril, 2008, de http://ec.europa.eu/health/ph_determinants/life_style/alcohol/documents/ebs272_en.pdf.

European Monitoring Center for Drugs and Drug Addiction (2003). Annual report 2003: the state of the drugs problem in the acceding and candidate countries to the European Union. Recuperado em 5 Abril, 2008, de <http://candidates2003.emcdda.europa.eu/en/home-en.html>.

Feijão, F. (2008, abril). *Inquérito Nacional em Meio Escolar - 2006*. Recuperado em 18 Junho, 2008, de http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/2008/12/inquerito_2006_slides.pdf.

Ferreira, I. S. (2003). *Adaptação e desenvolvimento psicossocial dos estudantes do Ensino Superior - factores familiares e sociodemográficos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Ferreira, J. A., & Hood, A. B. (1990). Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do Estudante Universitário. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24, pp. 391-406.

Ferreira, J. A., Medeiros, M. T., & Pinheiro, M. R. (1997). A teoria de Chickering e o estudante do Ensino Superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 31(1, 2 e 3), pp. 139-164.

Figueiredo, M. M. (2006). *A Universidade e a Academia, no espelho das tradições académicas – o caso de Coimbra-Porto*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Fleming, M. (1992). Autonomia adolescente e atitudes dos pais. *Psicologia*, 8(3), pp. 301-315.

Fleming, M., & Aguiar, A. (1992). A saída de casa e o processo de autonomia em jovens universitários e seus pais. *Psicologia*, 8(3), pp. 329-337.

Foerster, M., Marques-Vidal, P., Gmel, G., Daepfen, J., Cornuz, J., Hayoz, D., Pécoud, A., Mooser, V., Waeber, G., Vollenweider, P., Paccaud, F., & Rodondi, N. (2009, February). Alcohol drinking and cardiovascular risk in a population with high mean alcohol consumption. *The American Journal of Cardiology*, 103(3), pp. 361-368. Recuperado em 21 Maio, 2009, de <http://www.AJConline.org>.

Fonte, C., & Manita, C. (2003). Consumo de drogas em estudantes da Universidade do Minho: construções de significados. *Toxicodependências*, 9(3), pp. 61-74.

- Freyssinet-Dominjon, J., & Wagner, A. (2006). *Os estudantes e o álcool* (1a ed.). Coimbra: Quarteto.
- Frias, A. (1998). La culture étudiante au Portugal. La praxe dos caloiros: un rite de passage. *Recherches en anthropologie au Portugal*, 5(1), pp. 11-39.
- Frias, A. (2003, outubro). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógica das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 81-116.
- Gadamer, H. (2004). Hermenêutica. In A. Ortiz-Osés, & P. Lanceros (Org.). *Diccionario de Hermeneutica*. Bilbao: Universidad de Duesto.
- Galhardo, A., Cardoso, I. M., & Marques, P. (2006). Consumo de substâncias em estudantes do Ensino Superior de Coimbra. *Revista Toxicodependências*, 12(1), pp. 71-77.
- Glindemann, K. E., & Geller, E. (2003, September). A systematic assessment of intoxication at University parties: effects of the environmental context. *Environment and Behavior*, 35(5), pp. 655-664.
- Glindemann, K., Wiegand, D., & Geller, E. (2007, May). Celebratory drinking and intoxication: a contextual influence on alcohol consumption. *Environment and Behavior*, 39(3), pp. 352-366.
- Goldberg, J. H., Halpern-Felsher, B. L., & Millstein, S. G. (2002). Beyond invulnerability: the importance of beneficts in adolescents' decisions to drink alcohol and smoke marijuana. *Biennial Meeting of the Society for Research on Adolescence*. Recuperado em 15 Março, 2008, de http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/1a/01/ba.pdf.
- Gomes, A., & Resende, V. (2004, maio - agosto). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), pp. 119-125.
- Gomes, F. A. (2003). Álcool, Tabaco e Jogo: factores psicossociais da dependência. In M. Clímaco & L. Ramos (Coord.). *Álcool, Tabaco e Jogo: do lazer aos consumos de risco*. Coimbra: Quarteto.
- Gomes, R. (2002). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. Minayo, *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (23a ed.). Petrópolis: Guanabara Koogan.
- Grupo de Estudo para o Espaço Europeu de Ensino Superior (2009). *Relatório de Concretização do Processo de Bolonha na Universidade de Coimbra*. Recuperado em 10 Junho, 2009, de http://www.uc.pt/UC/tomenota/docs/Processo_de_Bolonha_-_Relatorio_de_concretizacao.pdf.

- Hamrick, F., Evans, N., & Schuh, J. (2002). *Foundations of student affairs practice: how philosophy, theory and research strengthen education outcomes*. San Francisco: Wiley, John & Sons, Incorporated.
- Harper, S. R., & Quaye, J. S. (2008). *Student engagement in higher education: theoretical perspectives and practical approaches for diverse populations*. New York: Routledge.
- Heath, D. B. (2000). *Drinking occasions: comparative perspectives on alcohol and culture* (1st ed.). Philadelphia: Taylor & Francis.
- Henriques, F., Gomes, J., Lourenço, S., & Roque, J. (2003). Álcool e ritual: Os estilos de vida e a mudança num compromisso cultural. *Revista de Saúde Amato Lusitano*, 8(11), pp. 17-27.
- Herdeiro, M. F. (1996). *Comportamento dos jovens face ao consumo de álcool na Escola Secundária de Seia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Hibell, B., Guttormsson, U., Ahlström, S., Balakireva, O., Bjarnason, T., Kokkevi, A., & Kraus, L. (2009). *The 2007 ESPAD Report. Substance use among students in 35 european countries*. Stockholm: Swedish Council for Information on Alcohol and Other Drugs (CAN).
- Holt, M. P. (2006). *Alcohol: a social and cultural history*. London: Berg.
- Howard, D., Griffin, M., Boekeloo, B., Lake, K., & Bellows, D. (2007). Staying safe while consuming alcohol: a qualitative study of the protective strategies and informational needs of college freshmen. *Journal of the American of College Health*, 56(3), pp. 247-254.
- Hutchinson, S., & Wilson, H. (2007). Entrevistas de investigação e terapêuticas - uma perspectiva pós-estruturalista. In J. Morse (Coord.). *Aspectos essenciais de metodologia de investigação qualitativa*. Coimbra: Formasau.
- Institute of Alcohol Studies (2007, June). Binge Drinking – Nature, prevalence and causes. *IAS Factsheet*. Recuperado em 7 Março, 2008, de http://www.ias.org.uk/resources/factsheets/binge_drinking.pdf.
- Institute of Alcohol Studies (2000, January). *Youth, alcohol and the emergence of the post-modern alcohol order*. *IAS Occasional Paper*. Recuperado em 20 Março, 2008, de <http://www.ias.org.uk/resources/papers/brainpaper.pdf>.
- Instituto da Droga e Toxicoddependência, I.P. (2009). *Plano Nacional para a redução dos Problemas Ligados ao Álcool 2009 -2012*. Recuperado em 20 Fevereiro, 2009, de <http://www.idt.pt>.

- Instituto Nacional de Estatística & Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (2009). *Inquérito Nacional de Saúde (4º) 2005/2006*. Lisboa: INE, I.P. e INSA, I.P..
- Isralowitz, R. (2002). *Drug use, policy, and management* (2a ed.). Westport: Greenwood Press.
- Jernigan, D. H. (2001). *Global Status Report: Alcohol and young people*. Geneva: World Health Organization.
- Kaplan, H. I., & Sadock, V. A. (2007). *Kaplan and Sadock's synopsis of psychiatry behavioral sciences/clinical psychiatry* (10th ed.). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.
- Karam, E., Kypri, K., & Salamoun, M. (2007). Alcohol use among college students: an international perspective. *Current Opinion on Psychiatry*, 20, pp. 213-221.
- Kidorf, M., Sherman, M. F., Johnson, J. G., & Bigelow, G. E. (1995). Alcohol expectancies and changes in beer consumption of first-year college students. *Addictive Behaviors*, 20(2), pp. 225-231.
- Kuh, G. D. (2006). Making students matter. In J. C. Burke. *Fixing the fragmented university: decentralization with direction*. Bolton: Jossey-Bass.
- Kuh, G., & Schuh, J. H. (1991). *The role & contribution of students affairs in involving colleges*. Washington D.C.: National Association of Student Personnel Administrators Inc.
- Kuo, M., Wechsler, H., Greenberg, P., & Lee, H. (2003). The marketing of alcohol to college students - the role of low prices and special promotions. *American Journal of Preventive Medicine*, 25(3), pp. 204-211.
- Lamy, A. S. (1990). *A Academia de Coimbra: 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos* (2a ed.). Lisboa: Rei dos Livros.
- Leifman, H., Österberg, E., & Ramstedt, M. (2002). *Alcohol in Postwar Europe, ECAS II: A discussion of indicators on alcohol consumption and alcohol-related harm*. Stockholm: National Institute of Public Health - Sweden.
- Leininger, M. (2007). Critérios de avaliação e de crítica de estudos de investigação qualitativa. In J. Morse (Ed.). *Aspectos essenciais de metodologia de investigação qualitativa*. Coimbra: Formasau.
- Leite, R., Silva, P., Breda, J., Frazão, H., & Pinto, A. (1998, dezembro). Consumo de bebidas alcoólicas em estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. *Boletim do CRAC - MLMM*, 2(6), pp. 14-17.

- Lima, J. A. (2006). Ética na Investigação. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Org.). *Fazer Investigação - contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Lomba, L., Apóstolo, J., Loureiro, H., Graveto, J., Silva, M., & Mendes, F. (2008). Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra. *Revista Toxicodependências*, 14(1), pp. 31-41.
- Lopes, A. R. (1982). *A sociedade tradicional coimbrã - introdução ao estudo etnoantropológico*. Coimbra: Instituto de Cultura Gil Vicente.
- Lopez, A., Mathers, C., Ezzati, M., Jamison, D., & Murray, C. (2006). *Global burden of disease and risk factors*. New York: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank.
- Lundborg, P., & Lindgren, B. (2002). Risk perceptions and alcohol consumption among young people. *The Journal of Risk and Uncertainty*, 25(2), pp. 165-183.
- Maggs, J., & Schulenberg, J. (2005). Trajectories of alcohol use during the transition to adulthood. *Alcohol Research & Health*, 28(4), pp. 195-201.
- Maher, J. (1997). Exploring alcohol's effects on liver function. *Alcohol Health & Research*, 21(1), pp. 5-12.
- Malho, A. (2009). *Regulamento do Peddy-Tascas - Queima das Fitas 2009*. Recuperado em 18 Abril, 2009, de http://2009.queimadasfitas.org/down/regulamento_peddy_tascas.pdf.
- Mardones, J. M. (2004). Rázon Hermenéutica. In A. Ortiz-Osés & P. Lanceros (Org.). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Marques-Vidal, P. (2005, January). Trends and determinants of alcohol consumption in Portugal. Results from the National Health Surveys 1995 to 1996 and 1998 to 1999. *Alcoholism - Clinical and Experimental Research*, 29(1), pp. 89-97.
- Masse, B. (2002). Rites scolaires et rites festifs: les "manieres de boire" dans les grandes écoles. *Sociétés Contemporaines*, 47, pp. 101-129.
- Matos, M. G. (2008). Adolescências e seus contextos: o Estudo HBSC/OMS. In M. G. Matos (Coord.). *Consumo de substâncias: estilo de vida? à procura de um estilo?*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Matos, M., & Pinto, C. (2003, outubro 7). Humilhação ou tradição? *A Cabra*, 13(100), pp. 12-13.
- Mello, M., Barrias, J., & Breda, J. (2001). *Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde.

- Minayo, M. C. (2007). *O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Mukamal, K., & Rimm, E. (2001). Alcohol's effects on the risk for coronary heart disease. *Alcohol Research & Health*, 25(4), pp. 255-261.
- Negreiros, J. N. (1997). *Consumo de álcool e drogas nos jovens: estudo epidemiológico no Concelho de Matosinhos*. Matosinhos: Contemporânea.
- Observatório Português de Sistemas de Saúde (2003). *Saúde: que rupturas?* Lisboa: Escola Nacional de Saúde Pública.
- Orford, J., Krishnan, M., Balaam, M., Everitt, M., & Graaf, K. (2004, October). University student drinking: the role of motivational and social factors. *Drugs: education, prevention and policy*, 11(5), pp. 407-421.
- Osswald, W. (2001). *Relatório e Parecer 34/CNEV/2001 sobre a Declaração de Helsínquia modificada em Edimburgo (Out 2000)*. Recuperado em 18 Fevereiro, 2009, de http://www.cnev.gov.pt/NR/rdonlyres/405E9531-005B-4984-90A7_582BBF72CCB1/0/PO34_DeclHelsinquiaEdimburgo.pdf
- Pascarella, E., & Terenzini, P. (1991). *How college affects students*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Pederson, E., & LaBrie, J. (2007). Partying before the party: examining prepartying behavior among College students. *Journal of the American College Health*, 56(3), pp. 237-245.
- Peixoto, P. (2006). *Tradições universitárias e patrimonialização*. *Oficina do CES*, 263, pp. 1-8.
- Pinheiro, M. R. (2003). *Uma época especial: suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao Ensino Superior*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Pinto, A. F. (2001, abril). Álcool, entre o gosto e o desgosto, o drama português. *Cadernos de Bioética*, 25, pp. 63-75.
- Polizzotto, M., Saw N., Tjhung I., Chua E., & Stockwell, T. (2007, September). Fluid skills: drinking games and alcohol consumption among australian university students. *Drug and Alcohol Review*, 26(5), pp. 469-475.
- Prata, M. A. (2002). *A Academia de Coimbra: 1880-1926: contributo para a sua história*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Prazeres, V., & Laranjeira, A. (2005). *Mortalidade em idades jovens: Relatório 1992-2003*. Lisboa: Direcção Geral da Saúde.

- Preto, L. (2002). *Consumo de substâncias psicoactivas em estudantes do Ensino Superior: a influência dos factores psicossociais e do desenvolvimento da autonomia*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Rábago, M., & Navarro, R. (2001, Julio/Agosto). Valoración del consumo de alcohol en estudiantes de Derecho y de Medicina de la Universidad Complutense de Madrid. *Semergen*, 27(7), pp. 339-347.
- Ratzinger, J. C. (2005). *Homilia em Fátima* (1996, Outubro 13). Recuperado em 16 Dezembro, 2008, de <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=1602>.
- Rebelo, H. M. (2002). *Discursos de pais e filhos em torno da transição para o Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Rebelo, H., & Lopes, H. (2001). Vivências académicas e bem-estar psicológico dos alunos do primeiro ano - Resultados de um projecto de investigação. FEUP: Serviço de Educação Contínua e Desenvolvimento, Unidade para a Orientação e Integração - Área de Apoio Psicológico.
- Reifman, A., & Watson, W. (2003, September/October). Binge drinking during the first semester of College: continuation and desistance from High School patterns. *Journal of American College Health*, 52(2), pp. 73-81.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 166/2000*. (2000, Novembro 29). Recuperado de http://www.idt.pt/PT/Legislacao/Legislacao Ficheiros/Álcool/rcm_166/2000.pdf.
- Ribeiro, R. (2001). *As licções dos aprendizes. As praxes académicas na Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho.
- Rivière, C. (2005, Mai). *L'excès festif juvénile tempéré par le rite*. *Socio-anthropologie*, 14. Recuperado em 27 Fevereiro, 2008, de <http://socio-anthropologie.revues.org/index381.html>.
- Rodrigues, M. M. (2006). *Adaptação académica e consumo de substâncias psicoactivas em estudantes do Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Ruiz, M. M., & Llera, J. L. (Org.) (1998). *Los Jóvenes y el Alcohol: modelos de consumo. El consumo de alcohol e otras drogas entre los adolescentes y jóvenes de diez áreas de Aragón*. Aragón: Gobierno de Aragón. Departamento de Sanidad, Binestar Social e Trabajo.
- Santos, C. (2003, Maio 1). Um terço dos universitários falta às aulas devido à ressaca. *Diário de Coimbra*, pp. 4.

- Santos, L. T. (2000). *Vivências académicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Santos, M. C. (1996). *Desenvolvimento interpessoal dos estudantes do Ensino Superior - um estudo exploratório com alunos do Curso Superior de Enfermagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Schuckit, M. A. (2006). *Drug and alcohol abuse: a clinical guide to diagnosis and treatment* (6th ed.). New York: Springer.
- Sequeira, A. (2006, março). Consumo de álcool nos jovens estudantes e percepção de risco. *Nursing*, 16 (208), pp. 7-11.
- Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra - Rede Geral: horários (2009). Recuperado em 10 Junho, 2009, de http://www.smtuc.pt/geral/index_horarios.php.
- Settortobulte, W., Jensen, B., & Hurrelman, K. (2001). *European Ministerial Conference on Young People and Alcohol*. Recuperado em 20 Outubro, 2007, de <http://www.euro.who.int/document/E71921.pdf>.
- Silva, L., Malbergier, A., Stempliuk, V., & Andrade, A. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista Saúde Pública*, 40(2), pp. 280-288.
- Silverman, S., Aliabadi, S., & Stiles, M. (2008). Meeting the needs of commuter, part-time, transfer, and returning students. In S. Harper & S. Quaye. *Student engagement in Higher Education: theoretical perspectives and practical approaches for diverse populations*. New York: Routledge.
- Simonnet-Toussaint, C. (2004, Avril-Juin). Social representation of wine among young adults. *Journal International des Sciences de la Vigne et du Vin*, 38(2), pp. 97-108.
- Soares, A. P., Almeida, L. S., Diniz, A. M., & Guisande, M.A. (2006). Modelo Multidimensional de Ajustamento de jovens ao contexto Universitário (MMAU): Estudo com estudantes de Ciências e Tecnologias versus Ciências Sociais e Humanas. *Análise Psicológica*, 24(1), pp. 15-27.
- Oliveira, M., Soibelman, M., & Rigoni, M. (2007). Estudo de crenças e expectativas acerca do álcool em estudantes universitários. *International journal of clinical and health psychology*, 7(2), pp. 421-433.
- Sprinthall, N., & Collins, A. (2008). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (4a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Sugarman, D., & Carey, K. (2007, September). The relationship between drinking control strategies and College student alcohol use. *Psychological Addictive Behavior, 21*(3), pp. 338-345.
- Suls, J., & Green, P. (2003). Pluralistic ignorance and College student perceptions of gender-specific alcohol norms. *Health Psychology, 22*(5), pp. 479-486.
- Turner, V. W. (1969). *The ritual process: structure and anti-structure*. London: Routledge.
- Commission on Substance Abuse at Colleges and Universities (1994). *Rethinking Rites of Passage: Substance Abuse on America's Campuses*. Recuperado em 20 Junho, 2008, de <http://www.casacolumbia.org>.
- Van Gennep, A. (2004). *The Rites of Passage*. London: Routledge.
- Vicente, B. (2008, junho 26). Coimbra tem tradição nos pergaminhos do álcool. *Diário de Coimbra*, pp. 6.
- Vicente, S., Nunes, A., Viñas, C., Freitas, D., & Saraiva, C. (2001, janeiro/abril). Depressão, ideação suicida e desesperança em doentes alcoólicos. *Psiquiatria Clínica, 22*(1), pp. 85-93.
- Walsh, C., Larson, M., Evans, J., Djousse, L., Ellison, C., Vasan, R., & Levy, D. (2002, February). Alcohol consumption and risk for congestive heart failure in the Framingham Heart Study. *Annals of Internal Medicine, 136*(3), pp. 181-191.
- Webb, E., Ashton, H., Kelly, P., & Kamali, F. (1996, October). Alcohol and drug use in UK University students. *The Lancet, 348*, pp. 922-925.
- Wechsler, H., & Nelson, T. (2008, July). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: focusing attention on College student alcohol consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs, 69*(4) pp. 481-490.
- Weitzman, E., Nelson, T., & Wechsler, H. (2003, January). Taking up binge drinking in College: the influences of person, social group, and environment. *Journal of Adolescent Health, 32*(1), pp. 26-35.
- White, H., & Jackson, K. (2005). Social and psychological influences on emerging adult drinking behavior. *Alcohol Research and Health, 28*(4), pp. 182-190.
- White, H., Johnson, V., & Buyske, S. (2000). Parental modeling and parenting behavior effects on offspring alcohol and cigarette use: A growth curve analysis. *Journal of Substance Abuse, 12*, pp. 287-310.

White, H., McMorris, B., Catalano, R., Fleming, C., Haggerty, K., & Abbott, R. (2006, November). Increases in alcohol and marijuana use during the transition out of High School into emerging adulthood: the effects of leaving home, going to College and High School protective factors. *Journal of Study on Alcohol*, 67(6), pp. 810-822.

World Health Organization (1998). *IARC Monographs on the Evaluation of Carcinogenic Risks to Humans - Volume 44: Alcohol Drinking*. Recuperado em 20 Fevereiro, 2008, de <http://monographs.iarc.fr/ENG/Monographs/vol44/volume44.pdf>.

World Health Organization (2002). *The World Health Report 2002*. Recuperado em 19 Fevereiro, 2008, de http://www.who.int/whr/2002/en/whr02_en.pdf.

World Health Organization (2004). *Global Status Report on Alcohol 2004*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization (2006). *Death and DALY estimates by cause, 2002*. Obtido em 20 de Março de 2008, de WHO: <http://www.who.int/entity/healthinfo/statistics/bodgbdeathdalyestimates.xls>.

World Health Organization (2008). *European Health for All database (HFA -DB)*. Recuperado em 20 Março, 2008, de <http://www.euro.who.int/hfadb>.

Wilson, T. M. (2005). *Drinking cultures: alcohol and identity*. Washington, DC: Berg.

Yu, J., & Shacket, R. (2001). Alcohol use in high school: predicting student's alcohol use and alcohol problems in four-year colleges. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 27(4), pp. 775-793.

Zuckerman, M. (1994). *Behavioral Expressions and biosocial bases of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.

ANEXOS

ANEXO 1 – Guião da entrevista aos (às) participantes do estudo

Entrevista

Data: ___/___/___ Início: _____ Fim: _____

Dados sócio-demográficos:

Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Curso: _____

Ano que frequenta: _____

Número de matrículas: _____

Mudou de residência quando entrou para o Ensino Superior? Sim Não

Se **sim**, onde reside?

<input type="checkbox"/> Residência universitária/lar/república	<input type="checkbox"/> Apartamento com outros estudantes	<input type="checkbox"/> Apartamento sozinho(a)	<input type="checkbox"/> Casa/apartamento com familiares
---	--	---	--

Profissão dos pais: Pai _____ Mãe _____

Nível de instrução dos pais: Pai _____ Mãe _____

Fontes de rendimento _____

familiar: _____

Conforto do alojamento: _____

Padrão de consumo:

Bebe bebidas alcoólicas? Sim Não

Se **sim**, com que idade ingeriu pela primeira vez uma bebida alcoólica? _____

Em que contexto aconteceu? _____

Com que idade ficou embriagado pela primeira vez? _____

Em que contexto aconteceu? _____

Com que frequência consome bebidas alcoólicas?

<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Já bebeu mas deixou de beber	<input type="checkbox"/> Mensalmente ou menos	<input type="checkbox"/> Duas a quatro vezes por mês	<input type="checkbox"/> Duas a três vezes por semana	<input type="checkbox"/> Quatro ou mais vezes por semana
--------------------------------	---	---	--	---	--

Guião da Entrevista

Questão de partida: Observar, na ficha de caracterização, as respostas às perguntas sobre o “Padrão de consumo”. Iniciar com uma pergunta baseada nas respostas dadas, referindo-se ao tempo e contexto em que iniciou o consumo de bebidas alcoólicas.

(Exemplo: *Estou a ver que ingeriste a tua primeira bebida alcoólica com 16 anos, com os teus amigos. Fala-me um pouco acerca disso e de como eram as saídas nessa altura.*)

Temas	Questões a abordar	Notas e Observações
<ul style="list-style-type: none"> - Contexto e temporalidade do beber – antes da entrada no Ensino Superior 	<ul style="list-style-type: none"> - Os primeiros consumos. - As saídas: festas íntimas em casa de amigos? Bares? Noites nas discotecas? - Frequência das saídas e dos consumos: quantos dias por semana/mês? Em situações excecionais, festas especiais? 	
<ul style="list-style-type: none"> - Cultura, contexto e temporalidade do beber – depois da entrada no Ensino Superior 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudanças importantes desde a entrada no Ensino Superior? (Mudanças ligadas ao estatuto de estudante? Comparações dos hábitos de consumo enquanto estudante do Ensino Secundário). - Para as entrevistas dos estudantes em final de curso: as mudanças ligadas ao abandono do estatuto de estudante. - O local: em casa, em casa de amigos, restaurante, café, bar, convívios, discotecas, festas académicas? - Com quem: família, amigos, sozinho? 	
<ul style="list-style-type: none"> - Significados e motivações 	<ul style="list-style-type: none"> - Opções de consumo: O quê? Porquê? - Motivos: O gosto? O efeito? O grupo? A festa em si? - Os limites: em que circunstâncias? A partir de que quantidade? - Se não bebe: porquê? O que pensa dos que bebem? Como são as festas? - Importância/significado do álcool nos momentos de convívio e na integração dos estudantes no Ensino Superior. 	
<ul style="list-style-type: none"> - Família e o consumo 	<ul style="list-style-type: none"> - Os hábitos dos pais em termos de consumo de álcool, os seus princípios sobre a questão. - Como reage a família à embriaguez? 	

ANEXO 2 – Consentimento Informado

Caro(a) estudante,

Sou aluna do Mestrado em Saúde Pública, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, e estou a desenvolver uma pesquisa com o objectivo de caracterizar alguns dos determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra que possam estar relacionados com as suas vivências académicas.

Como instrumento de recolha de dados serão utilizadas entrevistas gravadas em registo áudio. As gravações serão transcritas para texto e serão destruídas após validação pelo informante.

As informações obtidas pelas entrevistas serão mantidas em absoluto sigilo, com garantia do anonimato de cada informante. Todos os relatos serão utilizados apenas para fins científicos e ficarão sob responsabilidade do pesquisador.

A sua participação é estritamente voluntária e a qualquer momento poderá desistir de participar. O participante terá todo o direito de esclarecer qualquer dúvida a respeito da pesquisa, sempre que julgar necessário.

Nesse sentido, solicito a sua autorização para entrevistá-lo(a).

Atenciosamente,

Joana Catarina Gonçalves Grácio.

Termo de Consentimento Informado

Diante dos esclarecimentos acima, eu, _____, aceito participar na pesquisa “Determinantes do consumo de bebidas alcoólicas dos estudantes do Ensino Superior de Coimbra”. Aceito ser entrevistado(a) pelo pesquisador, bem como autorizo a gravação da entrevista e a utilização das informações para fins científicos.

Coimbra, ___/___/ 2008.

Assinatura do participante: _____ .

Nome do pesquisador: Joana Catarina Gonçalves Grácio.

Telemóvel: 964254215

E-mail: joana.c.gracio@sapo.pt

Entrevista ao *Dux Veteranorum*

Sabe-se que, apesar de actualmente haver algum desinteresse pelas tradições académicas, estas continuam a ter um papel relevante nas vivências dos jovens, enquanto estudantes do Ensino Superior de Coimbra.

- 1) Na sua opinião, qual a importância de momentos de convívio, como jantares, convívios, festas académicas, para os estudantes?
- 2) Considera que o facto dos jovens que frequentam o Ensino Superior consumirem grandes quantidades de álcool em alguns desses momentos poderá estar associado ao estatuto de estudante?
- 3) Sendo a *praxe* realizada por estudantes mais velhos, que têm por função integrar os recém-chegados na vida académica, como analisa o facto de os praxantes promoverem actividades em que incentivam ao consumo de álcool, como é o caso dos *peddy-tascas* ou dos jantares de curso?
- 4) No sentido que os estudantes mais velhos podem funcionar como modelos para os mais novos, como podem estes apadrinhar uma maior moderação do consumo de álcool?

ANEXO 4 – Guião da entrevista ao Presidente da Associação Académica de Coimbra

Entrevista ao Presidente da AAC

A Queima das Fitas, emblema da Universidade de Coimbra e da cidade, é a festa académica que mais mobiliza os estudantes do Ensino Superior de Coimbra, bem como de todo o país.

- 1) O Cortejo da Queima é um dos momentos de comemoração mais altos da festa. No entanto, também tem vindo a ser associado ao consumo abusivo de álcool, facto que é amplamente noticiado pela comunicação social. Em que medida é que este facto pode afectar a imagem dos estudantes e da Queima das Fitas?
- 2) Na sua opinião qual o significado do álcool nas festas académicas?
- 3) Sendo esta festa, bem como a Latada, apoiada financeiramente pela UNICER, não considera que existe um incentivo latente ao consumo de bebidas alcoólicas, nomeadamente de cerveja?
- 4) A AAC é o órgão que representa os estudantes da Universidade de Coimbra e defende os seus interesses. Que acções poderá desenvolver, ou tem desenvolvido, de forma a reduzir o consumo abusivo de álcool por parte dos estudantes, ou de alertar para os perigos de tal consumo?